cepa Brasil

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DELEGADOS E AMIGOS DA CEPA - ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

V Encontro Nacional da CEPABrasil

Espiritismo: Metafísica e Questões Socais



4 a 6 de novembro de 2022 - Santos/SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DELEGADOS E AMIGOS DA CEPA - ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

V Encontro Nacional da CEPABrasil

Espiritismo: Metafísica e Questões Socais

4 a 6 de novembro de 2022
Santos/SP

Apoio:

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL
ASOCIACIÓN ESPÍRITA INTERNACIONAL
INTERNATIONAL SPIRITIST ASSOCIATION

Palavra do Presidente

Nós, da comissão organizadora do V Encontro Nacional da CEPABrasil, damos as boas-vindas a todos os participantes presenciais e virtuais de nosso encontro. Que nesses breves dias em que estaremos juntos possamos expor ideias, questionar, debater, duvidar e aprender em um clima de absoluto respeito ao livre- pensamento e em perfeito clima de amizade. Que, ao final desses dias, retornemos aos nossos lares com agradáveis memórias e com mais conhecimento e vontade de agir com vistas ao nosso aperfeiçoamento individual e coletivo. Recebemos a todos e todas com imensa satisfação e alegria, certos de que as reflexões e amizades adquiridas nesta ocasião contribuirão de alguma forma para a nossa formação de espíritas conscientes perante a vida e o mundo.

Ricardo de Morais Nunes
Presidente da CEPABrasil

Autores

Alessandra Buarque de Araújo Silva



- Servidora pública aposentada. Mulher espírita. Educadora. Ativista por Direitos Humanos e Justiça Social. Área de estudo: Políticas Sociais e Seguridade Social.
- Membra do IFEHP e Membra fundadora do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP - Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires. Membra do MOVMMESP e colaboradora da ABREPAZ.

Alexandre Cardia Machado



- Engenheiro Mecânico nascido em Porto Alegre, RS em 1° de maio de 1958. Graduado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1982, com pós-graduação em Engenharia de Manutenção pela Petrobras e UFRGS, Porto Alegre -RS e em Engenharia de Controle de Poluição – Universidade Santa Cecília – Santos-SP.
- Presidente do ICKS, sendo Chefe de Redação do Jornal de Cultura Espírita Abertura, editado pelo ICKS. Palestrante e escritor espírita.
- Como profissional trabalhou nas empresas: COSIPA – Companhia Siderúrgica Paulista de 1984 a 1985. Petrobrás – Refinaria Presidente Bernardes em Cubatão, SP de 1985 a 1996. ABB – Asea Brown Boveri – em São Paulo de 1996 a 2001. GE – General Electric do Brasil – Em São Paulo de 2001 a 2022.

Ana Claudia Laurindo de Oliveira



- Cientista Social, mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas.
- Professora. Escritora.
- Palestrante e pesquisadora espírita.

Arivaldo Telles Montalvão



- Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe.
- Professor de Sociologia e Filosofia da Rede pública e privada do Estado de Sergipe.

Carla Guerra Lourenço Gomes



- Colaboradora do SUS (Estatutária) há 28 anos.
- Formada em Ciências Biológicas - Pós Saúde Pública
- Especializações: “Educação e Comunicação em Saúde - UNIFESP”; “Preceptoria - Instituto Sírio Libanês de ensino”; “ Facilitador com Perfil de competência - Instituto Sírio Libanês de ensino”.
- Tia Avó da Luiza e do Gabriel.
- Tenho o Bianca (38a) & Olívia (18a) & Tea (01a) charmosos Jabutis.

Cintia Regina de Almeida Galatro



- Pedagoga, professora de língua portuguesa e jornalista, com pós graduação em Psicopedagogia, é servidora pública da prefeitura de Cubatão e atua como coordenadora pedagógica de uma escola de educação infantil.
- Espírita desde criancinha por influência de sua avó, conheceu o CEAK no início da pandemia participando de cursos online, e hoje é uma das monitoras da Infância neste centro espírita.

Eva Gonçalves de Almeida



- Assistente Social graduada pela PUCC Campinas, aposentada desde 2017.
- Faz parte da equipe de médiuns do GEJI; Integra a diretoria e componho o colegiado responsável pelos estudos e divulgação do acervo da casa.
- Delegada da CEPA desde 2009; Suplente da atual diretoria da CEPA Brasil.
- Tenho 68 anos, duas filhas e uma neta.

Fabio Henrique Diório



- Professor de História e Sociologia. Bacharelando em Filosofia. Também possui formação na área de Eletrônica Industrial.
- Natural da cidade de Jundiaí/SP, onde atuou nas áreas de Evangelização Infantil e Mocidade Espírita por mais de 25 anos.
- Reside atualmente na cidade de Rio Claro/SP, onde colabora na Casa dos Espíritas daquela cidade. Tem como sua companheira de vida e de ideal, Adriana Dias.

- É o criador e mantém o canal "Espiritismo em Ação" na plataforma do Youtube, para divulgar fatos e personagens do Espiritismo. É membro do grupo gestor do IFEHP – Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires.

Jacira Jacinto da Silva



- Advogada, espírita de nascimento, integrante do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires, do CPDoc e da CEPABrasil.
- Atual presidente da CEPA – Associação Espírita Internacional.
- Brasileira, casada, 64 anos de idade, mãe e avó.

Leonardo Guerra Lourenço Gomes



- 58 anos, casado com a Leda e dois filhos, André e Mariana. Protegido por três cachorrinhos (First, Pitoco e Peri)
- Contador com especialização em Administração na FGV
- Atualmente Controller em uma Comercializadora de Energia
- Buscador dos caminhos da Evolução... o CEAK é um grande provedor!!!
- E o mais importante... irmão da Carla Guerra!

Lídia Valesca Bonfim Pimentel Rodrigues



- Doutora em Sociologia.
- Membro do coletivo Girassóis Espíritas pelo Bem Comum.

Lindemberg Jackson Sousa de Castro



- Filósofo e Pedagogo
- Psicanalista com especialização em Saúde Mental
- Mestrando em Filosofia - UFC

Mauro de Mesquita Spínola



- É brasileiro, nascido em 1956. É casado com Jacira. Tem 5 filhos (Fernando, Maíra, Fernanda, Flávia e Francine) e 3 netos (Ana Carolina, Leonardo e Eduardo).
- Engenheiro e doutor em Engenharia.
- Professor e pesquisador da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (pro.poli.usp.br). Consultor em Tecnologia da Informação e Proteção de Dados.
- Diretor Administrativo da CEPA - Associação Espírita Internacional - 2016-2021 (cepainternacional.org / cepabrasil.org.br).
- Participante do CPDoc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (cpdocespirita.com.br).
- Diretor do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires (São Paulo).
- Autor dos livros: *Centro Espírita: uma revisão estrutural* (CPDoc,1997) e *Reencarnação: um revolucionário paradigma existencial* (CEPA/CPDoc, 2021). Coautor do livro: *Perspectivas contemporâneas da reencarnação* (CEPABrasil / CPDoc, 2016).

Sandra Regis



- Administradora e Gestora de Pessoas, Musicista.
- Espírita, membro do Centro Espírita Allan Kardec de Santos, Delegada da CEPA – Associação Espírita Internacional e membro do Movmmesp – Movimento Mundial de Mulheres Espíritas pelos Direitos Humanos e da Mulher.

Sergio Mauricio da Silva Pinto



- Graduado em engenharia elétrica e em filosofia, com mestrado em ciências sociais, é servidor público federal, autor do livro "Família de negros: entre a pobreza e a herança cultural", pesquisador pela Unesco do livro "Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade", organizador do livro "Espiritismo, sociedade e política: projetos de transformação".
- Tradutor do livro "Socialismo e espiritismo" de Léon Denis e coordenador do Espíritas à Esquerda.

Severino Alexandre de Oliveira Jr.



- Especialista em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica.
- Escritor, Pesquisador em Educação, Gênero, Sexualidades e Espiritualidades, Coordenador do Ágora Espírita.

Silvana Cecilia Simões



- Formada em Desenho Industrial (Faculdade Santa Cecília – atual UNISANTA - 1981) e Inglês (Proficiência na Língua Inglesa – University of Michigan/USA – 1996 e Complementação Pedagógica - Universidade Católica de Santos - 1999)
- 2º Grau - Técnica em Publicidade (Colégio São José)
- Cursos de especialização no exterior (2000/2001): Written Business Communication, George Brown College, Toronto/Canada – Interpersonal Communication, George Brown College, Toronto/Canada – English Pronunciation I, George Brown College, Toronto/Canada – Foundations of Teaching and Tranining, George Brown College, Toronto/Canada – Oral Business Communcations, George Brown College, Toronto/Canada
- Experiência profissional de 35 anos na área administrativa e secretariado
- Experiência profissional de 15 anos na área docente (inglês)
- Atualmente estou "terrivelmente" aposentada e fazendo somente atividades prazerosas, como trabalhos voluntários, cursos de línguas (Espanhol), caminhadas com o filho canino (Júnior, é o nome do meu cão, um Jack Russell Terrier) e administrando o próprio tempo sem interferências externas.
- Meu hobby é fotografia (desde os 10 anos de idade, quando meu pai me presenteou com uma câmera fotográfica Kodak "Xereta"). Meu primeiro salário, em 1981, foi gasto 100% para comprar uma câmera fotográfica Pratika MTL-3, a qual tenho guardada intacta até hoje.
- Adoro crianças e animais, por causa de sua pureza e transparência
- Monitora Infância Espirita CeakSantos

Indice Geral*

A Filosofia Espírita nos contextos da pós-modernidade na era do esvaziamento da metafísica e seus impactos na visão social-espírita - *Lindemberg Jackson Sousa de Castro* 13

Evolução Política dos Espíritos - *Ana Cláudia Laurindo* 29

Os lugares das Mulheres no Espiritismo: a experiência do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP - *Alessandra Buarque de Araújo Silva* 57

Uma Breve História do Espírito - *Alexandre Cardia Machado* 82

A Reencarnação: A busca por Igualdade e Justiça Social nas relações de Gênero e Sexualidades - Severino *Alexandre de Oliveira Júnior* 112

O Grupo Espírita "Judas Iscariotes" - GEJI e a contribuição para as Questões Sociais - *Eva Gonçalves de Almeida* 141

Questões Sociais e Cidadania Espírita - *Fábio Henrique Diório* 146

Como o estudo de um livro de Léon Denis "salvou" nossas noites de sábado na pandemia - *Carla Guerra, Cintia Galatro, Leonardo Guerra Lourenço Gomes e Silvana Cecília Simões* 158

Reencarnação: uma revisão da literatura - *Mauro de Mesquita Spinola* 166

Limites (criados ou mantidos) às propostas de aperfeiçoamento social - *Jacira Jacinto da Silva* 190

* Por ordem de apresentação dos trabalhos.

O CEAK E O MOVMMESP - O protagonismo feminino no Centro Espírita Allan Kardec (CEAK) e o Movimento Mundial de Mulheres Espíritas pelos Direitos Humanos e das Mulheres (Movmmesp) - *Carla Guerra Lourenço Gomes e Sandra Regis* 223

Núcleos Espíritas Populares: Uma proposta de renovação - *Sergio Maurício Costa da Silva Pinto* 247

Contribuições para um pensar espirita decolonial - *Lidia Valesca Pimentel* 275

Lei de Progresso: "ainda temos o mundo (reino) a ganhar? - *Arivaldo Telles Montalvão* 291

A Filosofia Espirita nos contextos da pós modernidade na era do esvaziamento da metafísica e seus impactos na visão sócio-espírita

Lindemberg Jackson Sousa de Castro
lindembergsousac@gmail.com

Introdução

Vivemos em plena era do esvaziamento da metafísica e do pensamento, o que atinge de forma variada as sociedades e seus contextos, atingindo também a todas as áreas do conhecimento que agora precisam lidar com problemáticas completamente novas que até o século XIX não existiam, incluindo a sua validação pela humanidade. Nos contextos do século XIX o Espiritismo surgiu no mundo pretendendo-se como filosofia científica e moral, e no mesmo século vimos o surgimento de diversos sistemas totalitários que dominaram as perspectivas do saber, mas falharam por se pretenderem detentores de saberes universais e irrevogáveis. Também falharam em parte em seus resultados práticos, como por exemplo: a ciência produziu a bomba atômica posteriormente já no século XX, sendo utilizada como arma de destruição em massa.

A própria razão foi instrumentalizada, passando a servir como instrumento de fomento capitalista, tornando-se meramente utilitária para o sistema capitalista. A razão iluminista teve sua derrocada na mesma medida da construção da irracionalidade instrumentalizada e fetichizada.

O Espiritismo, diferentemente desses sistemas supracitados, mostrou-se incompleto, progressivo e progressista desde o seu nascimento, não pretendendo dar conta da finalidade da história humana senão pela compreensão da reencarnação enquanto processo individual, coletivo e histórico, mas sem a pretensão de tornar-se um sistema universal e irrevogável. Mesmo assim, o

Espiritismo sofre com o esvaziamento da metafísica desde o início do século XX, o que notoriamente tem impacto na percepção dos espíritas acerca das questões sociais em geral e do próprio conhecimento espírita pensado a partir de sua epistemologia; as questões sociais são consideradas como pouco importantes para o movimento espírita religioso tradicional, com uma tradição ideológica fomentada por setores conservadores e pelo movimento federativo, este relegou os pensadores sociais espíritas, grandes intelectuais e suas obras, a condições secundárias e até mesmo desencorajando a leitura de suas obras. No lugar da metafísica espírita clássica foi instituída uma mística presente de diversas formas na cultura espírita, seja através de ideias correntes divulgadas por palestrantes, obras publicadas, fomentadas pelo movimento federativo, etc.

É assim que para parte considerável dos espíritas as questões sociais são estranhas e alheias à Filosofia Espírita, e notadamente vemos até mesmo um combate às ideias espíritas progressistas e sociais por parte do movimento majoritário.

No mundo pós-moderno, a espiritualidade mais procurada em geral é a mística em suas variadas formas de expressão, que pode aparecer na forma de uma religião qualquer ou mesmo em um neopentecostalismo autoritário e raivoso contra qualquer transformação a partir da mobilização social ou mesmo da educação. No trabalho que propomos, analisaremos os pormenores das reflexões acima, bem como faremos o detalhamento da bibliografia, e debateremos as possibilidades de intervenção a partir da análise de cenários.

Características do século XIX

Na impossibilidade de aprofundarmos uma análise ampla sobre os contextos que envolvem o século XIX, iremos aqui esboçar algumas características mais marcantes deste século, para contextualizar as suas relações com o surgimento do Espiritismo e

para entendermos como essas características foram profundamente modificadas posteriormente no século XX.

Marcado pelo surgimento de grandes sistemas de ideias que se pretenderam universais a respeito do ser humano, o século XIX mostrou-se campo fértil do desenvolvimento de filosofias sistemáticas. A maior parte desses sistemas possuía uma visão finalista da História, fazendo sumir o indivíduo, já que suas concepções em geral eram coletivistas e deterministas quanto à análise das forças que comandam o ser humano. A Ciência tornou-se o instrumento absoluto do conhecimento.

> "Assim, os sistemas inflados, dogmáticos, fechados e excludentes de outras verdades são reflexo dos homens que os criaram, fundadores de escolas, chefes de correntes, profetas de verdades inapeláveis. Todos eles foram críticos da religião dogmática, inquisitorial do passado, mas resvalaram para o mesmo comportamento: dogmatizaram a filosofia, alegando serem científicos; negaram a divindade absoluta, tornando suas ideias absolutas" (INCONTRI, p. 51, 2014).

Destacaram-se no século XIX figuras históricas como Comte, Marx, Freud e Hegel. Além desses pensadores, as religiões hegemônicas, sobretudo o cristianismo sacerdotal, também se apresentavam como doutrinas sistemáticas com a promessa de serem também insuperáveis, embora tenham sido alvo de extensas reflexões de Freud e Marx sobre os processos alienantes históricos presentes no seio das religiões.

A crítica à Religião já vinha sendo fomentada por outros dois grandes pensadores do século XIX, Feuerbach e Nietzsche. Ludwig **Feuerbach**, autor da *Das Wesen der Christentums*, fundamenta nesta obra sua crítica à teologia cristã a partir da consideração da alienação genérica que o homem promove a si mesmo, por se sentir limitado diante da natureza, submetendo-se à divindade com o intuito de superar suas limitações naturais. Nietzsche entende o Cristianismo enquanto negação da vida e/ou Religião da decadência. **A crítica de Nietzsche ao Cristianismo**

tem como alvo o sujeito enquanto agente moral. Todavia, não é necessariamente uma crítica a Jesus, o Cristo, visto que, Nietzsche considerava Paulo o verdadeiro fundador do Cristianismo.

Ou seja, com o espiritualismo em geral em crise de validação, o Espiritismo surge no mundo como uma tentativa de apresentar uma filosofia espiritualista capaz de estabelecer diálogos entre campos do conhecimento até então inexplorados para a metafísica. Portanto, podemos dizer que o Espiritismo inaugura uma nova metafísica, capaz de ao mesmo tempo possuir características ontológicas e teológicas em suas análises sobre a realidade, sobre a relação mente (espírito) e matéria, etc.

Apesar dos contextos totalitários do século XIX, o Espiritismo nasceu como uma doutrina inacabada, com uma robusta filosofia espiritualista e dialética, e um aspecto científico voltado para as experimentações espirituais, mas que não se pretendia como universal e nem como sendo detentor de toda a explicação sobre a vida e sobre o ser humano. Contudo, como fruto do tempo histórico em que surgiu, muito ainda se especula sobre as relações entre o Espiritismo e o Positivismo, uma vez que Kardec desenvolveu método científico próprio para lidar com os desafios de se pesquisar o fenômeno espiritual e suas consequências, e claro, devido às aproximações históricas também. Mas, as relações epistemológicas do Espiritismo vão mais além, estendendo-se a outros pensadores e escolas.

Dora Incontri (2014) aponta que na verdade o Espiritismo mantém relações epistemológicas com vários dos pensadores do século XIX, guardadas as características que os aproximam e que os afastam. Nesse sentido, ela aponta três aspectos que relacionam o Espiritismo com os pensadores que citamos até aqui, e outros localizados no século supracitado, a saber: 1) valorização do método científico, experimental, como fonte de segurança no conhecimento, 2) o evolucionismo em todos os setores, 3) e propostas de melhoria social.

Herculano Pires (2016) nos apontou que as religiões em geral falharam em desenvolver uma educação para a morte capaz de apresentar a realidade espiritual para o desenvolvimento da autonomia dos espíritos encarnados, ao contrário, os aprisionou em dogmas e poderes seculares; assim, a valorização do método científico por parte do Espiritismo significa o desvelar da existência espiritual de forma racional e através da pesquisa, permitindo inclusive que a pesquisa espiritual não fique localizada em mãos de iniciados, mas sim acessível a todos que quiserem conhece-la.

Valorizando o evolucionismo, o Espiritismo se apresenta como doutrina progressiva e progressista, que apresenta o progresso humano em duas principais frentes: a) o progresso individual do espírito, b) o progresso coletivo, o que envolve o desenvolvimento do bem-estar social na reencarnação; por si só o item "b" já é uma proposta de melhoria social, uma vez que ele incidirá sobre todos os aspectos da organização social, tendo em vista a transformação do mundo para um mundo justo e feliz.

Contudo, essas características descritas acima não resistiram ao tempo, no que tange o Espiritismo brasileiro, que ganhou contornos completamente diferentes ainda no final do século XIX com a fundação da Federação Espírita Brasileira e a "vitória" dos espíritas religiosos, e também ao longo de todo o século XX com o reforço da institucionalidade e com o crescimento da propagação roustanguista capitaneado pela própria FEB[1].

O misticismo religioso gestado no movimento espírita brasileiro corresponde a uma das fases de desagregação da metafísica, característica própria do século XX; na era da pós-modernidade os conhecimentos se desagregam, pois não há mais verdades universais nem para a vida e nem para os campos do saber.

[1] Sobre essa questão sugerimos a leitura do livro "Afinal, o espiritismo é religião? – A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira", da professora doutora Célia Arribas, da Universidade Federal de Juíz de Fora. Também indicamos o livro "Ponto final – o reencontro do espiritismo em Allan Kardec", do escritor e jornalista Wilson Garcia.

Século XX e Pós-modernidade: relativização da razão e destruição da metafísica e suas consequências para o Espiritismo

Frente a ineficiência dos sistemas totalitários e o fracasso de suas experiências práticas, o século XX é marcado por profundas rupturas quanto à construção do conhecimento humano e as possibilidades de se chegar à Verdade. Incontri (2014) nos diz que "(...) *a ciência criou a bomba atômica; o dogmatismo marxista criou o stalinismo soviético; as utopias hegelianas influenciaram o estado totalitário nazista*", ou seja, tais fracassos influenciaram em muito na derrocada dos grandes sistemas do passado, e junto a outros acontecimentos preparatórios, a pós-modernidade se desenhou ao longo de todo o século XX, para eclodir de vez na década de 1980.

Pós-modernidade pode ser descrita como o momento em que todas as grandes narrativas entram em crise, o que foi sendo gestado ao longo de todo o século XX, aprofundando a partir do final da Segunda Guerra Mundial. As grandes narrativas são as grandes explicações sobre o mundo, sobre a história, sobre a vida e sobre o futuro, entre as mais influentes: o marxismo, o cristianismo (e as religiões em geral), o iluminismo com o sonho da sociedade racional, etc. Essas narrativas só podem ser chamadas de narrativas na percepção da pós-modernidade, pois para si, elas são o fundamento e a finalidade do mundo, a estrutura última da realidade – a teoria da história marxista não é somente uma narrativa, mas uma tentativa de explicação universal da história, da mesma forma, o projeto iluminista visava a universalização da razão e o cristianismo a universalização de seu próprio Deus.

De modo geral, o pós-modernismo representa uma "ruptura" com os antigos modelos de pensamento linear defendidos na era moderna pelo Iluminismo. Estas se baseavam na defesa da razão e da ciência como parte de um plano de desenvolvimento da humanidade. No entanto, com os horrores da Segunda Guerra Mundial, um forte sentimento de descontentamento e desilusão

começou a crescer na sociedade à medida que todo o "plano" do Iluminismo foi incomodado.

Segundo Jean François Lyotard (1924-1998), um dos mais importantes filósofos do conceito de pós-modernidade, isso pode ser claramente exemplificado pelo completo fracasso de ideias que eram tidas como certas e verdadeiras pelos pensadores modernos no passado. A pós-modernidade interroga as grandes utopias e velhos certezas defendidas pelo Iluminismo. Então ele começou a considerar tudo como um conjunto de suposições ou suposições simples.

Podemos resumir e demarcar algumas características, para vermos a amplitude das questões pós-modernas e a sua reverberação, a saber:

1. Relativização do conhecimento, como vimos, incluindo todas as áreas do saber;
2. Quebra de todos os paradigmas considerados universais, pois questiona-se tudo quanto se apresenta como verdade;
3. Pós-verdade como princípio válido de saber, o que amplia o surgimento de narrativas descompromissadas com a verdade e com a pesquisa;
4. Ataques constantes e pensadores clássicos e teorias de todas as áreas, promovendo o seu "cancelamento";
5. Consequência do ponto anterior: as análises que constantemente caem em anacronismo quando se avaliam os pensadores clássicos, sem levar em consideração o seu tempo histórico-social;
6. Com a derrocada da razão iluminista, agora a razão passa a ser instrumentalizada principalmente pelo capitalismo que desenvolve uma espécie de razão tecnicista;
7. No campo moral também não há mais certezas, o que impacta poderosamente nas questões civilizatórias[2] e éticas;

[2] Sobre esse ponto sugerimos a leitura do texto "Educação após Auschwitz", do filósofo Theodor Adorno.

8. Crescimento do ateísmo e descrença nas religiões em geral, contudo e até contraditoriamente, há um fomento ampliado de misticismos que prometem soluções fáceis para problemas complexos;
9. Adoecimento psíquico em larga escala como consequência da "nadificação" engendrada pelo século XX, levando à sociedade do cansaço e à sociedade paliativa[3];
10. Morre Deus, Nietzsche o declara ainda no século XIX;
11. Declara-se o fim da História, que agora não tem mais finalidade.

O Espiritismo não teria como ficar a salvo do processo pós-moderno, mas é preciso destacar que o fomento do igrejismo espírita no Brasil acelerou e aprofundou a desagregação do conhecimento espírita a partir de sua epistemologia originária; no campo da sociologia das religiões o Espiritismo apresenta-se hoje como mais uma religião a ser pesquisada, embora o movimento espírita ainda evoque o paradigma do tríplice aspecto da doutrina.

Assim, podemos também pensar em alguns apontamentos para destacarmos como o Espiritismo foi atingido pelo processo duplo pós-modernista e fomento do religiosismo místico institucional, a saber:

1. Relativização do conhecimento espírita, ensinado de forma difusa e sem valorizar sua epistemologia original[4];
2. Relativização dos pensadores espíritas clássicos, que não mais servem de referência para os espíritas em geral, e por vezes até mesmo para os espíritas progressistas;

[3] Ambos os termos "sociedade do cansaço" e "sociedade paliativa" referem-se aos livros do filósofo sul coreano Byung Chul Han, os quais também indicamos a leitura.

[3] Uma editora espírita realizou uma pesquisa em 1999 envolvendo escritores, dirigentes, palestrantes e público leitor, acerca das 10 obras espíritas mais lidas em todo o século XX. O resultado foi bastante curioso e representa bem a preferência de leitura do movimento espírita tradicional. Dos 10 livros mais lidos, apenas dois não são romances mediúnicos, há o livro "O problema do ser, do destino e da dor", de Leon Denis, que figurou em 4º lugar; e em 7º lugar há o livro "O Espírito e o Tempo", de Herculano Pires.

3. Uso inadequado da decolonialidade para fomentar cancelamento de pensadores espíritas clássicos, essa é uma armadilha que inclusive muitos espíritas progressistas caem nela;
4. Misticismo presente nas obras psicografadas amplamente divulgadas, que não passam por processo de análise e trazem toda sorte de teorias bizarras sobre o mundo espiritual, sobre a moral, sobre contextos políticos, etc;
5. Razão espírita que passa a ser instrumentalizada pela institucionalização, desenvolvendo modos de pensar e agir entre os espíritas institucionalizados;
6. Invisibilização dos contextos sociais da reencarnação, voltando o olhar unicamente para a "vida futura" a ser conquistada através da "reforma íntima", de cunho individual e sem conexão com o tempo histórico-social;
7. Arquétipo do chamado "mundo de regeneração", questão de caráter profético que oferta consolo compensatório mas que aliena em relação à realidade objetiva da reencarnação;
8. Negacionismos que tomaram conta do movimento espírita tradicional nos últimos anos;
9. Ausência de pesquisas fomentadas a partir do movimento espírita tradicional, que fomenta seu conhecimento principalmente em obras mediúnicas;
10. Anacronismo em como os pensadores espíritas clássicos são lidos e divulgados, acarretando inclusive processos de "cancelamentos".

Necropolítica e Espiritismo: consequências do enfraquecimento da metafísica espírita na atualidade

A pandemia causada pelo novo coronavírus escancarou ainda mais diversas contradições a partir do mundo patologicamente considerado "normal", no qual, mesmo agonizando em inúmeras desigualdades sociais, estávamos "acostumados" a viver (ou

sobreviver). Com a ideia de um "novo normal", que para muitos parece uma realidade alternativa já instalada, vemos que o tal "novo normal" é ainda mais cínico em seus discursos, justificando as desigualdades sociais de toda ordem, movimentando vidas humanas como peças de uma engrenagem (o que surpreenderia até mesmo Foucault), e banalizando a vida, reificando o ser humano (exatamente como nos previu George Lukács). No processo de reificação a partir das atividades capitalistas e produtivas, o ser humano passa a ser identificado cada vez mais como objeto inanimado e seu valor está diretamente relacionado com uma medida quantitativa dentro da produção de objetos ou mercadorias circulantes, perdendo a sua autonomia, a sua autoconsciência e a consciência da realidade que o cerca.

A Necroplítica nunca esteve tão fortalecida, como em nossos tempos atuais! Passamos de uma normose da qual nos queixávamos pela falta de tempo, pela baixa qualidade de vida ou pelo excesso de trabalho, para uma normose amplamente difundida, aceita e justificada pelos discursos neoliberais, discursos de ódio, notícias falsas, e relativização da vida humana possivelmente vitimada em plena pandemia, mas não necessariamente uma vida chorável ao ser perdida, como nos lembra Judith Butler (dentro da necropolítica, nem todas as vidas perdidas são choráveis). O mal-estar da civilização atingiu patamares ainda maiores, que surpreenderiam até mesmo Freud, devido ao esforço contínuo do ser humano em normatizar todos os instintos e pulsões de morte a que nos alertou Herculano Pires em "Educação para a Morte" (2016).

Os discursos neoliberais, aliás, nunca estiveram tão em evidência em nosso país como no período pandêmico, pois, parcela considerável da população brasileira (incluindo parte dos espíritas) defendeu ações de austeridade do governo federal, apesar de não faltarem recursos disponíveis para o devido combate à pandemia, e mesmo sabendo que milhares de pessoas ou morreram na miséria e no abandono ou pelo vírus, ou pelos dois simultaneamente. Isso, quando não justificam a inoperância governamental, que,

indo além da ralitivização da gravidade da pandemia e com diversos discursos anticientíficos, demonstrou constante inação de prevenção e combate ao coronavírus, apesar da dramática situação do nosso país como um dos epicentros da pandemia no mundo. O Brasil já ultrapassou a marca de 686 mil mortos, e por mais que parte dos espíritas se apóie na lei de causa de efeito para justificar esses desencarnes, sabemos que a negligência governamental de fato foi muito mais letal do que o vírus.

Na perspectiva da necropolítica, não possuímos liberdade e nem autonomia, há uma rejeição à crença "romântica" da soberania como algo em "que o sujeito é o principal autor, controlador do seu próprio significado", Achille Mbembe (2018) preocupa-se, sob uma ótica inteiramente diversa com essas questões, "**com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas 'a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações**'.

Estamos ignorando o luto coletivo mesmo com nosso dramático cenário, mas um luto dessa magnitude, do ponto de vista psicanalítico, não pode simplesmente ser ignorado, e a seu tempo, deverá cobrar o seu pagamento frente à nossa indiferença. O estágio máximo da necropolítica espírita é justificar desencarnes, dos quais uma parte significativa poderia ter sido evitada com ações governamentais efetivas de proteção às pessoas.

Aprendemos com o Espiritismo que nem todos os acontecimentos durante a reencarnação estão determinados, uma vez que a Filosofia Espírita não admite nenhuma forma de fatalismo; em O Livro dos Espíritos entendemos que a sociedade é responsável por todos os que fazem parte dela, e esse ponto traz consigo a necessidade de cada vez mais lutarmos por condições dignas de existência, de modo que a cada geração o bem-estar social seja ampliado. Aceitar que em meio a uma pandemia, as ações governamentais de prevenção e cuidado com a saúde das pessoas não adiantariam em nada já que "todas" estavam destinadas a morrer, nos coloca no mesmo patamar dos indiferentes citados

por Gramsci, e nos conduz em uma perspectiva de alienação justificada pela necropolítica.

De que servem então os meios materiais para a qualificação da existência na carne, se não puderem ser utilizados para a ampliação de oportunidades educacionais, culturais, econômicas, sociais, e em favor da saúde física dos Espíritos reencarnados?! A filósofa nigeriana Sophie Oluwole nos lembra que o desenvolvimento humano depende diretamente da ampliação das liberdades em todos os âmbitos da existência: do aspecto econômico ao cultural, do educacional ao social, da qualidade de vida à saúde; quando estamos reencarnados em um país que funciona na base da necropolítica, a nossa liberdade, já limitada pelo progresso espiritual tímido que realizamos até aqui, se torna muito mais diminuta, uma vez que nos são interditadas, muitas vezes, as condições básicas da existência material.

Também vimos muitos espíritas reabrirem seus centros em plena pandemia, respaldados pelos decretos governamentais estaduais e municipais que permitiram uma porcentagem de frequentadores em templos religiosos. Mas, com a pandemia a pleno vapor à época (centros espíritas começaram a ser reabertos no Brasil ainda em maio de 2020), é o caso de perguntarmos: havia uma necessidade urgente em reabrir centro espírita, mesmo com todo o risco à saúde das pessoas? Bom, alguns justificaram sua decisão com base nas "ordens superiores da Espiritualidade maior" (seja lá o que signifique isso). Parece que parte dos espíritas esqueceu as recomendações de Kardec, na Revista Espírita de 1865, em que ele disserta sobre o papel dos espíritas durante a epidemia de cólera; Kardec afirma que desprezar medidas sanitárias frente a uma epidemia seria verdadeiro suicídio, e que cabe ao espírita velar pela saúde do seu corpo, para cumprir com seus deveres frente à reencarnação.

> Quem quer que tenha lido e meditado nossa obra *O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo*, sobretudo o capítulo sobre as apreensões da morte, compreenderá a força moral que os

> espíritas adquirem em sua crença, em presença do flagelo que dizima as populações. Segue-se que vão negligenciar as precauções necessárias em casos semelhantes e baixar a cabeça diante do perigo? Absolutamente não. Eles tomarão todas aquelas que são aconselhadas pela prudência e por uma higiene racional, porque não são fatalistas e porque, se não temem a morte, sabem que não devem procurá-la. Ora, desprezar as medidas sanitárias que podem preservá-los seria um verdadeiro suicídio, cujas consequências conhecem muito bem para a ele se exporem. Consideram como um dever velar pela saúde do corpo, porque a saúde é necessária à realização dos deveres sociais. Se buscam prolongar a vida corporal, não é por apego à Terra, mas para ter mais tempo para progredir, melhorar-se, depurar-se, despojar-se do homem velho e adquirir maior soma de méritos para a vida espiritual (KARDEC, 1865).

Urgentemente, seria fundamental que nós espíritas retomássemos o estudo aprofundado a partir da obra de Kardec, talvez isso nos tiraria da "paz de pantanal", para usar um termo de Herculano Pires. Adorno (1967), em "Educação após Auschwitz" já nos alertou que os processos civilizatórios não se dão de forma *a priori* e nem são universais, cabendo à "educação o fim último de que Auschwitz não se repita"; mas, infelizmente a história humana conta em seu inconsciente coletivo, com diversos episódios de desumanização, e ao que parece a normatização da tragédia que envolveu a pandemia é apenas mais um triste episódio do nosso processo de autoreificação.

Judith Butler, em entrevista concedida em 2020, nos lança as seguintes perguntas: "em que circunstâncias é possível lamentar uma vida perdida? **De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?** Quais são essas vidas que, se perdidas, **não serão consideradas em absoluto uma perda**? É possível que algumas de nossas **vidas sejam consideradas choráveis e outras não**"? Essas perguntas são absolutamente necessárias para todos nós que estamos reencarnados atualmente, quer sejamos espíritas ou não. Butler (2020) ainda explica que:

> Faço essas perguntas difíceis e perturbadoras porque eu, como vocês, me oponho à morte violenta; à morte por meio da violência humana; à morte resultante de ações humanas,

> institucionais ou políticas; à morte provocada por uma negligência sistêmica por parte dos estados ou por modos de governança internacionais.

Todos nós deveríamos nos opor a todas as mortes provocadas pela negligência sistêmica que apaga as diferenças, as diversidades, que instrumentaliza a vida das pessoas e elege quem pode viver e quem pode morrer! Esse mecanismo não corresponde a uma lei natural, tampouco compõe a Lei de Justiça, de Amor e de Caridade, é algo forjado pelos sistemas de opressão que comandam o mundo; em *O Livro dos Espíritos* vemos que os problemas sociais não são criados por Deus, logo, necessitam do nosso empenho coletivo para extirpa-los das sociedades.

Se tivéssemos o hábito de não invisibilizarmos as questões sociais, compreenderíamos facilmente que a Doutrina Espírita reafirma a preocupação com elas, conectando-as ao progresso espiritual. Para o Espiritismo não há divisão entre a realidade social e a realidade espiritual, uma vez que estamos encarnados, somos espíritos encarnados, portanto, somos convidados a atuarmos no mundo. Mariotti (1967) nos diz que "o progresso é uma sucessão de fatos morais e sociais determinados pelas relações entre o elemento espiritual e o elemento material".

Herculano Pires (2016) nos traz elementos filosóficos e psicanalíticos para compreendermos a indiferença ainda presente no ser humano e a frustração consequente. Herculano diz que a frustração transformou a morte na única herança possível que temos construído. A necropolítica, na visão de Achille Mbembe surge como um projeto de poder dos que detém os poderes político e econômico, contudo, ela se fortalece quando a frustração e a indiferença de todos aqueles que se deixam contaminar por elas.

Para encerrar essas breves reflexões que ora nos detemos, elencamos abaixo uma citação de Herculano Pires (2016) ainda sobre os resultados da nossa frustração e da nossa indiferença, que alimentam não somente a necropolítica mas todas as formas de opressão e desigualdades:

> Restaram em nossas mãos profanadoras apenas as heranças animais: a violência assassina que é o meio normal de que as feras se servem para afastar obstáculos do seu caminho; a astúcia da serpente para engolir e digerir os adversários mais frágeis; a destruição dos bens alheios em proveito próprio, no vampirismo desenfreado da selva social; a dominação arrogante dos que não dispõem de forças para se defender; a mentira, a trapaça, a perfídia de que os próprios selvagens se enojam, e que nós, os civilizados, transformamos, na alquimia da canalhice generalizada, em processos sutis de esperteza, que, para vergonha do século e da espécie, consideramos provas de inteligência. Nossos meios de fuga reduzem-se à covardia da fuga de nós mesmos (p. 63-64).

O Espiritismo nos convida à transformação de nós mesmos e das realidades sociais na reencarnação, a grande questão é: aceitaremos esse convite, ou continuaremos a reproduzir padrões de comportamento de violência, indiferença e negligência, alimentando a necropolítica?

Se por um lado a destruição da metafísica espírita original é um problema dos mais incômodos ao desenvolvimento cultural do Espiritismo, por outro lado temos hoje campos de análise abertos em que podemos desenvolver pesquisas e divulga-las para o conhecimento dos espíritas, resgatando conceitos importantes e a própria história do espiritismo e seus pensadores clássicos. Os valores espíritas permanecem ainda vivos, apesar dos influxos pesados da pós-modernidade, não podemos perde-los de vista, sob pena de sermos arrastados pela necropolítica e pela instrumentalização da razão e da fé espíritas.

O presente artigo é um breve ensaio que apenas pretende iniciar alguns debates filosóficos e tensionar algumas questões espíritas, não pretendemos com ele apresentar verdades irrefutáveis ou algo semelhante, mas antes, despertar o leitor para as possibilidades de análise filosófica sobre os contextos que envolveram e envolvem o Espiritismo no Brasil.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, Theodor. **Educação após Auschwitz**. Disponível em: https://rizomas.net/arquivos/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf. Acesso em 07 de novembro de 2021.

ARRIBAS, Célia. **Afinal, o espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2010.

BUTLER, Judith. **De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?** Disponível em: https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html. Acessado em 07 de novembro de 2021.

COLOMBO, Cleusa Beraldi. **Ideias sociais espíritas**. São Paulo: EDITORA COMENIUS, 2014.

INCONTRI, Dora. **Para entender Kardec**. 2ª ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2014.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: COMPANHIA DAS LETRAS, 2010.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 1ª ed. Petrópolis: VOZES, 2015.

GARCIA, Wilson. **Ponto final – o reencontro do espiritismo com Allan Kardec**. 1ª ed. Capivari-SP: Editora EME, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Odeio os indiferentes**. Tradução de Alvaro Bianchi. São Paulo: BOITEMPO, 2020.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de José Herculano Pires. 59ª ed. São Paulo: LAKE, 1998.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita: edição de 1865**. Tradução de Salvador Gentile. 1ª ed. São Paulo: IDE, 1993.

PIRES, José Herculano. **Introdução à Filosofia Espírita**. São Paulo: FEESP, 1993.

PIRES, José Herculano. **Educação para a Morte**. 1ª ed. São Paulo: PAIDEIA, 2016.

MARIOTTI, Humberto. **O homem e a sociedade numa nova civilização.** São Paulo: EDICEL, 1967.

MIGUEL, Sinuê Neckel. **Disposições políticas no Espiritismo brasileiro: entre neutralidade conservadora e aspirações socialistas**. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/50928. Acesso em 05 de outubro de 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 EDIÇÕES, 2018.

Evolução Política dos Espíritos

Ana Claudia Laurindo

A escrita sob a perspectiva da análise social espírita estimula o exercício do livre pensamento. Este pensar é político. Tal característica, contudo, não confronta a metafísica contida no discurso formal, considerando inclusive o quanto estas forças atuam na subjetividade humana, que se expressa também após o desencarne do espírito, em sua essência imortal. Assim atuam de braços e abraços a fé e a filosofia espírita, por entre muitas interpretações e formas de compreender o que existe para além do fenômeno mediúnico e outras práticas." Há mistério de fato em tudo o que não está devidamente explicado ou compreendido, mas a proporção maior de ignorância ainda é sobre nós mesmos!" (LAURINDO, 2021,p.24)

Sob este ângulo de percepção direcionado para a força da subjetividade sobrevivente ao desencarne, todos os comunicados mediúnicos trazem elementos culturais e políticos que incidem na forma com a qual os comunicantes compreendem a vida, estejam situados na Terra ou na erraticidade. "Os espíritos, pois, são apenas pessoas sem corpo, ou 'desencarnados', e coabitam os mesmos espaços dos vivos, os 'encarnados', vinculando-se entre si por via 'energética'. (SIGNATES, 2019, p.28)

Espíritos pensam e sentem, opinam e acreditam. Quando estes pareceres são repassados aos medianeiros, os desencarnados participam da história material com suas ideias, por esta razão acreditamos seja mais significativo observar o conteúdo político do que o religioso dos diálogos estabelecidos, quando se trata de espíritos encarnados ou não, para aclarar valores de contribuição no sentido evolutivo.

O Espiritismo nos permite este alcance dialógico ao revelar a sobrevivência espiritual ao corpo carnal, enquanto nos escla-

rece sobre a importância das aquisições culturais e o cultivo de princípios éticos humanitários que aqui podemos aprimorar como seres sociais, com vistas a melhorias conscientes das energias psíquicas, herança interdimensional adquirida através das experiências de renascimento.

> O renascimento, a encarnação, configuram oportunidades novas que são reconhecidas por todos os que admitem a migração espiritual. E as experiências reencarnatórias podem acontecer como pleno exercício de desenvolvimento da força moral, através de provas feitas em escolhas ou em amarras a situações de resgate, mas são possíveis os processos de amorização, como exercício de libertação em experiências fraternais, comunitárias. Todas as situações podem ser vividas à luz da espiritualização, sem negligenciarmos, contudo, os aspectos práticos, sociológicos, históricos, culturais e também econômicos, filosóficos na convivência global. (LAURINDO, 2021, p.55)

Partindo deste ponto, circunscrevemos a escrita dialógica ao fenômeno político/espírita brasileiro, por reconhecer o grande valor desta última hora, quando muitas pessoas estão menos ocupadas em utilizar máscaras de bonomia, no intuito de agradar a lideranças e/ou instituições nacionais. Há um inconteste vigor revolucionário no meio espírita, exigindo mudanças efetivas, mesmo que por hora estejam restritas a pequenas contribuições no âmbito do livre pensar.

No Brasil, o Espiritismo enveredou por caminhos distintos, embora não estejam facilmente postos quando o olhar comum busca apenas uma acolhida fenomênica no intuito de encontrar ajuda pessoal nos centros espíritas, seja esta, de caráter psicoemocional, mediúnico, salvacionista, ou até mesmo para amenizar a fome do corpo ou da razão.

O Brasil é um país economicamente desigual. Não podemos desconsiderar que neste contexto marcado pelas exclusões, criou-se um assistencialismo espírita brasileiro, e este se tornou hegemônico, colocando a compreensão do Espiritismo nos limites dos atendimentos fraternos, palestras motivacionais escoradas em

padrões moralizantes de timbre religioso, deixando minguar as discussões mais filosóficas, onde a Ciência adentra os patamares da fé raciocinada através das humanidades criticamente analisadas. "Assim, o espiritismo ganha a alma brasileira, como um movimento generoso e pacífico, determinado à caridade, como o modo luminoso como as classes altas passaram a se relacionar com as camadas baixas da sociedade brasileira". (SIGNATES, 2019, p.33)

Nem tudo o que versa sobre Espiritismo leva à crenças fantásticas, mas para o senso comum estas tomaram vigor em narrativas nascidas da busca de um tipo piedoso de consolo e de esperança que perpassam milhares de livros psicografados, que são geradores de olhares românticos, sobre o fenômeno da morte corporal e sobrevivência do espírito. Muitos indivíduos se ocupam em buscar sua alma gêmea, acreditando em romances interdimensionais. Contudo, cada experiência de renascimento proporciona milhares de encontros e reencontros, alargando possibilidades de exercícios relacionais, com vistas ao amadurecimento de cada ser.

Para alguns a vida corporal vale menos do que a espiritual, e a salvação do espírito tem mais importância do que a manutenção saudável e cuidadosa do corpo como ato político, projetando uma existência pós-desencarne baseada em merecimentos de acordo com os parâmetros utilizados no mundo das crenças caritativas, fomentando especial ideia de omissão da vivência política participativa nesta vida, que na maioria dos casos deveria figurar como exemplo de desinteresse pelas coisas do mundo. Este perfil, contudo, costuma ter afinidades com ideias conservadoras e hábitos classistas, provando que na prática, não há como fugir da política, mesmo quando se pretende. Porque neste caso, a política estrutural é mantenedora de diferenças e exclusões históricas.

> As lutas por cetros e vanguardas de sapiências afetam inúmeros resultados na busca da evolução, porque o egoísmo e o orgulho caminham lado a lado pelos átrios do poder. O que temos feito com o conhecimento adquirido além de utilizar para distinguir povos, localidades, grupos, segmentos? O que fazemos com a sapiência cultivada além de adorá-la em

> dourado altar de títulos? Se ainda sabemos tão pouco sobre nós e aquilo que acreditamos saber não usamos devidamente, em qual estágio evolutivo nos encontramos? (LAURINDO, 2021, p.25)

Assim, não será incomum encontrarmos defensores ferrenhos da concepção que aliena o espírita da vida social com militância política, repetindo frases contra "comunismo", "socialismo", "marxismo" e "esquerdismo", por associar os sentidos políticos às trevas e ao materialismo. No entanto "o indivíduo não pode plenamente se reformar sem agir eticamente no mundo político, sem a devida lucidez quanto às raízes dos problemas que temos de resolver em nossa vida de relação aqui na Terra". (MIGUEL, 2021, p.218)

A mistura de elementos e narrativas que redundaram neste perfil de abordagem que se reveste de características "conservadoras" de "direita", pode ser compreendida através de estudos históricos, econômicos, culturais, em contato com pensadores espíritas e com o próprio *Livro dos Espíritos*, que nos permitem elaborar diálogos muito próximos de uma sociologia espírita, por levar em conta o contexto sociológico macro e suas relações com as ações humanas, em sociedades compostas por espíritos encarnados em intenso convívio com desencarnados. "A percepção espírita, portanto, é a de que a vida humana é uma mistura de escola com oficina, onde se trabalha e se aprende visando o objetivo de todos, que é o processo evolutivo da alma em direção a Deus". (SIGNATES, 2019, p.29)

O Espiritismo, assim como tudo nesta vida organizada nas sociedades terrenas, tem aspectos políticos que interagem com o ser, abrangendo a totalidade relacional da existência humana, que inclui matéria corporal e subjetividade. Assim "os indivíduos vêm, atuam e se vão, deixando é certo, sua influência na sociedade e levando a influência que recebem". (PORTEIRO, 2008, p.51)

Pensar politicamente neste momento brasileiro pode incluir o gosto por ir além de qualquer partidarismo, assim como significa não condenar a existência de partidos políticos nem os cidadãos abertos

a este tipo de envolvimento social, já que a história econômica e cultural do povo está interligada aos fenômenos de natureza partidária e suas decisões, no sistema vigente em nosso país.

Nas sociedades humanas está a plataforma da experiência encarnatória na Terra. Fenômenos históricos estão interligados a todas as vidas, individualidades e coletividades, sendo para bem ou mal fazer, errando ou acertando, não podemos nos furtar de conviver. "O Espiritismo não considera seus adeptos desvinculados da sociedade". (PORTEIRO, 2008, p.03),

Como seres sociais buscamos elaborar convívios impulsionados pelas necessidades do corpo, da mente, do ser intrínseco ao qual chamamos alma. Sabemos que passamos por níveis distintos de aprendizado e desenvolvemos mentalidades também diferenciadas, a guiar nossas crenças e orientar atitudes, portanto também sabemos que somos influenciados por interesses e intencionalidades.

> Existimos em matéria e sutileza etérica, gerando um amálgama de forças, na morfologia corpórea e na resistência do espírito. Mas será o amor quem trará sentido a este ser pulsante, que foi resgatado desde as friezas minerais, e agora desenvolve relações profundas com o planeta, marcadas pelas pegadas deixadas nos caminhos existenciais. […] Como espíritos encarnados, apresentamos necessidades características ao que chamamos natureza humana e social, muitas delas como pontos de reconhecimento identitário. Considerados complexos, somos sempre instigados a conhecer mais sobre nós mesmos, ainda que parcela da humanidade vagueie, perdida nos apelos sensoriais, a essência é livre para o reconhecimento do que nos faz bem ou mal. (LAURINDO, 2021, p.48)

Ao falar como participantes do meio espírita, assumimos aqui o posicionamento progressista que nos faz apropriar de uma linha de pensamento sociológico em conexão com esta vivência, que se pretende libertária, abrindo possibilidades de questionamentos e aprendizados novos com importantes referenciais políticos e filosóficos. Buscamos perceber as construções relacionais indivi-

duais e coletivas, diretamente influenciadas pelas crenças no Espiritismo, porque nos interessa chegar mais perto das abordagens evolucionistas e analisar construções mitológicas sobre esta finalidade existencial. "Para o espírita, contrariamente às deduções dos críticos mal intencionados, o homem é a verdadeira causa atuante, consciente e propulsora da dinâmica social, o fator primordial e essência do desenvolvimento progressivo da sociedade, ao qual se subordinam os demais fatores de ordem material". (PORTEIRO, 2008, p.70)

Falar sobre evolução dos espíritos como ação derivada de escolhas e vivências terrenais políticas, em nosso caso, tem levado a uma abordagem paralela à narrativa evolucionista religiosista, e temos aqui consciência e convicção do quanto é necessário e ao mesmo tempo delicado passear a voz por estes caminhos tão plenos de vida quanto de morte, pela proliferação contínua de enganos e desenganos que aí brotam. "A evolução é um constante devir, um movimento contínuo em que o espírito, ser ativo por sua essência, muda constantemente em suas formas, ideias, hábitos, costumes e qualidades adquiridas e se renova e se aperfeiçoa sem cessar". (PORTEIRO, 2008, p.48)

Fique esclarecido então, que o propósito desta escrita não considera alienar o Espiritismo das crenças que lhe cercam, mas ampliar a mentalidade no intuito de amadurecer concepções, às quais identificamos como políticas e ao mesmo tempo intrínsecas aos objetivos elevados do existir.

Não apostamos na radicalidade que ergue barreiras intransponíveis ao bom convívio entre política e religiosidade, contudo, as experiências demonstram que o uso da religião enquanto fenômeno institucional pode abarcar sobremaneira os interesses das classes dominantes com tanta ênfase, que tem sido capaz de confundir o que se pensa sobre Deus com aquilo que pensamos sobre o poder, e vice-versa, comprometendo o entendimento comum sobre os sentidos da existência humana.

> Os que sustentam, fundando-se na lei de causalidade, que cada um ocupa na sociedade o lugar que lhe corresponde, ou são pobres de inteligência que não penetraram até o fundo moral de nossa doutrina, ou fazem desta um sincretismo, mesclando os piores elementos das religiões positivas e conservadoras ou, o que é pior, vêm nelas, de acordo com seu critério, o meio de justificar e ao mesmo tempo assegurar os privilégios que ao amparo da injustiça e da imoralidade estabelecidas, se têm criado na sociedade. No lugar da excelsa moral do Espiritismo, defendem seus próprios interesses e dão aos potentados da Terra uma arma filosófica formidável para que se defendam dos deserdados. (PORTEIRO, 2008, p.49)

Considerando esta fenomenologia que se revela imensa, restringimos o mais possível os estudos e análises aqui postas na circunferência espírita\espiritista brasileira, levando em conta os vieses evolutivos que abarcam sob o prisma renovador da reencarnação, admitindo assim os limites do debate antes mesmo de aprofundar considerações; para afastar todo risco de afetação ao fenômeno religioso em sua escalada diversa e milenar a qual respeitamos de modo inconteste.

O lócus imediato tem sido o meio espírita e suas práticas no território brasileiro, no qual por livre escolha nos encontramos inseridos, e por considerar valoroso apesar dos contraditórios existentes, tornamos motivo das análises e buscas de compreensão no intuito de contribuir com um debate progressista.

As divergências atuais sobre as interpretações e orientações políticas, filosóficas e ideológicas que levam o país a uma distopia política que afeta inúmeros conglomerados, inclusive os espíritas desde o ano 2014 aos presentes dias, exercem influência nas escolhas de condutas perfiladas no imo do que designamos como Movimento Espírita Brasileiro, e obviamente este fenômeno merece olhar atencioso. Prezando pelas definições trazidas pelas obras de Allan Kardec, tem sido importante questionar, aceitar olhares críticos, e entender que a história do Espiritismo não está encerrada nos desencarnados, e por isso, os encarnados possuem legitimidade para contribuir com a renovação do pensamento.

Pois "o mundo da existência física é integrado completamente à experiência do sagrado, no espiritismo". (SIGNATES, 2019, p.29)

Contudo, o livre pensar não é estimulado nem reconhecido como prática salutar no meio espírita tradicional brasileiro, e este silenciar também nos intiga a falar com mais propriedade científica sobre consequências socioculturais desta conduta.

Prender uma doutrina que considera corpo e espírito em referências estanques é também uma adesão política conservadora, e o caráter do trabalho que desenvolvemos na seara do livre pensamento é progressista, portanto, está aberto aos elementos novos, submetidos ao crivo de debates sérios, honestamente qualificados para tal posicionamento.

Sabemos que no Brasil, assim como em vários pontos do globo, ideias conservadoras batalham pelo convencimento das multidões. A história humana afirma que em todos os tempos existem direcionamentos políticos em luta pela legitimidade de conduzir o pensamento das sociedades, manuseando narrativas como instrumentos de poder. Nestas histórias estamos inseridos, sendo espíritas ou não, na condição de espíritos encarnados, herdeiros dos legados de erros e acertos humanos, razão pela qual possuímos legitimidade para opinar, pesquisar, elaborar conceitos em acordo ou não com o que pensa a maioria.

Pode, então, o espírita importar-se com as questões puramente sociais? "É um gravíssimo erro de lógica, quando não um sofisma, sustentar que o espírita, pelo fato de aspirar a planos de existência superiores, tenha necessariamente que sentir desprezo pelas coisas e assuntos deste mundo". (PORTEIRO, 2008, p.67) Assim sendo, o espírita pode importar-se, como também pode e deve interferir de maneira socialmente respaldada com temáticas e vivências que promovam benefícios individuais e coletivos.

Desgarrando da ideia egoísta de beneficiar apenas a si através de uma crença ufanista no salvacionismo da alma como dizem religiosos cristãos de vários perfis, o cidadão espírita pode

atuar legitimamente em favor de causas consideradas nobres para proteção, garantias, elevação da qualidade de vida no planeta, desde as bases da sobrevivência humana em condições menos hostis à sobrevivência da fauna, flora, em respeito aos reinos e biomas que como partes da criação, equilibram a totalidade daquilo que foi criado, pois o bom existir de todas as formas de vida e coletividades, é um conceito espiritualmente válido desde este planeta.

Este trabalho não tem pretensão de defender ou desenvolver nenhum tipo de doutrina, conteúdo programático ou linhas de convencimento de nenhuma natureza formal, mas, tão somente, fazer uso da escrita social espírita sob a perspectiva do livre pensar, com vistas a problematizar o caráter político da evolução espiritual, e para isto, firmamos diálogo com Manuel Porteiro e alguns autores contemporâneos, na convicção sobre o valor das obras destes e suas contribuições para uma sociologia espírita válida. Porteiro (2008, p.02) concorda que "somos evolucionistas, amamos a justiça, defendemos a verdade e trabalhamos ansiosos pelo bem, tanto individual como social: desejamos uma sociedade melhor e lutamos por seu pronto advento".

Nossas abordagens buscam evitar o uso intencional do timbre religioso devocional, abrindo exceções aos pontos de análises, ainda assim sabendo dos riscos que corremos de espontaneamente utilizá-lo, haja vista o quanto foi tornado comum esta inserção no vocabulário espírita/espiritualista brasileiro, sendo moralmente adicionado à nossa linguagem.

Simplificando as questões relativas à força que a vida em sociedade exerce sobre as nossas experiências terrenas, ainda que o espírita decida se importar unicamente com a metafísica e se preocupe irrestritamente com a vida do espírito na erraticidade, não conseguirá desligamento das consequências políticas e sociais do seu tempo sobre suas histórias e a dos demais presentes no momento, pois elas estão imiscuídas em toda as situações que lhe chegam através de decisões, leis, normas, regras, condutas e

hábitos, e os sopros do poder dominante na concretude existencial abarca as situações mais inusitadas, pois esta elasticidade política o torna hegemônico.

> Infelizmente, os detratores de nossa filosofia e os simplistas, sem lógica nem discernimento, que vegetam à sua sombra, creem, ou se empenham em fazer crer, que o Espiritismo é uma doutrina de conveniência, de acomodação ao meio social e econômico, de conformismo com todas as indecisões e circunstâncias da vida. (PORTEIRO, 2008, p.62)

As interferências dos pensamentos políticos na mentalidade humana alcança a concretude existencial de forma tão contundente que nos faz afirmar que seria possível viver sem religião, mas nunca sem política, embora consideremos a religião forte ponto de amparo das políticas do mundo. E esta constatação não visa elevar nem diminuir, mas apropriar discursivamente da plataforma de representação que a palavra possui, sempre muito menor dos que os seus efeitos.

Não considerando neste debate as polêmicas sobre Espiritismo ser ou não uma religião, embora seja muito explícito o teor religiosista que possui no Brasil, nosso foco é buscar uma afirmação para a maior margem de probabilidade da evolução dos espíritos ser resultado dos envolvimentos políticos destes com as causas sociais de cada época e/ou lugar, do que consequências de crendices atitudinais de moral religiosa, desmistificando para os que corroboram com a mesma compreensão as referências ufanistas de salvação.

A salvação para o espírita místico também mistura elementos fantásticos, muitos destes ilustrados em livros psicografados, a incentivar o imaginário sobre a erraticidade tomando as referências do mundo corpóreo, assim, de maneira geral pode ser designada como desejo de habitar em mundos felizes após o desencarne, já que a morte não desintegra a essência dos seres, e os que morrem na carne seguem vivendo em outras dimensões. Nestas ideias prevalecem as desigualdades de condições habitacionais,

designando lugares sombrios, escuros e frios para os maus (seriam os pobres da Terra?) na contrapartida de moradias amplas, cercadas de vergéis e prados floridos para os bons (algo parecido com os condomínios de luxo da Terra?) "Descrito dessa forma, o imaginário do sagrado espírita poderia ser denominado de "materialismo espiritualista", sem qualquer contradição nestes termos". (SIGNATES, 2019, p.129)

O comprometimento da tradição espírita voltada a uma barganha para a transição da Terra às colônias espirituais criou uma ritualística denominada prática da caridade, espécie de crédito que o espírito André Luiz denominou bônus-hora.

Acreditamos que não necessitamos, enquanto espíritos, de ritualísticas de fé e adesão institucional a nenhum grupo doutrinado religiosamente, para evoluirmos, melhorarmos enquanto seres participantes de um conglomerado cósmico que impulsiona compreensões, em benefício das individualidades em um caminhar coletivo. No entanto, não será preciso promover confrontos contra nenhum tipo de devoção, rituais de fé, mesmo aqueles mais ortodoxos e intolerantes a estas ideias, pois as necessidades e buscas humanas seguem o crivo da diversidade em seus movimentos de crescimento através do aprendizado e novas descobertas. "Os caminhos da existência por vezes parecem submetidos aos sistemas opressores com determinismo fatal, no entanto, outras alamedas estão abertas, mas para encontrá-las existem trilhas interiores que precisamos desbravar, libertando convicções". (LAURINDO, 2021, p.29)

O intuito do diálogo é libertar a mente das opressões institucionalizadas ou não, que sustentadas por falácias meritocráticas e fantasiosos jogos de poder mistificadores, afetam pessoas com suas narrativas punitivistas que também fortalecem a cultura da culpa, induzindo os seres a buscar negociações com o divino em forma de sacrifício e submissão, sustentando com isso as estruturas injustas, que perpetuam sistemas de exclusão e privilégios localizados.

> O espírita, dizem estes, não deve rebelar-se contra as injustiças sociais, contra os males da sociedade, contra as misérias e dores que afligem a seus semelhantes, porque cada um, de acordo com a lei de causalidade, ocupa neste mundo o lugar que lhe corresponde, a condição e posição social que conquistou. (PORTEIRO, 2008, p.65)

Como pensadores espíritas somos convocados ao raciocínio. Neste contexto a racionalidade assume importância amorosa, eis que estamos a trilhar pelo território da irmandade histórica. "O espiritismo é por excelência, agente da solidariedade humana". (REIS, 2021, p.30)

Sob a influência desta concepção histórica/política a ideia de virtude retorna ao nicho da filosofia espírita, com expressões menos espasmódicas, sem as pressões moralizantes. Ser espírita nos liberta do medo da morte, assim podemos atuar mais livremente entre os homens e mulheres com os quais convivemos ou não, por reconhecermos a necessidade de seguirmos alguns princípios convergentes para a formação de uma identidade humana espiritualizada, politicamente orientada para o bem viver das coletividades.

Somos em essência fruto das aprendizagens que somamos a cada existência como seres individuais, únicos, imortais, mas, também como seres coletivos. A sociedade, de maneira geral, reflete a mesma trajetória evolutiva: forja e ao mesmo tempo está condicionada aos avanços empreendidos pelas individualidades que a compõem. (REIS, 2021, p.20)

Mesmo se o espírita decidir importar-se apenas com as experiências transcendentais, abandonando a transitoriedade sensorial e as leis de convívio, não estará liberado deste mundo. A ignorância propositalmente plantada pelos interesses do poder dominante através da proibição aos direitos humanos básicos, que são fundamentais a todos os seres nascidos, continuará exibindo a carantonha miserável dos sistemas excludentes, denunciando a improdutividade das injustiças sociais para as encarnações.

Compreendermos que o propósito do renascimento é a libertação que felicita, é também fundamental para nossa evolução política." A encarnação é oportunidade de êxito marcando a essência espiritual. Os acontecimentos são fenômenos que cruzam sensações, emoções, pensamentos; a forma individual e coletiva de construirmos o teor vibracional que a todos nós envolve!" (LAURINDO, 2021, p.34)

Nas vias do cotidiano Deus e suas criações manifestam energia na dialética dos esquemas e sistemas sócio-históricos. Assumindo a participação formal neste território compreendemos ser possível o desenvolvimento dos saberes, exercitando relações, partilhando aprendizados e, assim interferirmos nas histórias do mundo sob uma ética humanizada, espiritualmente voltada para virtudes coletivas, sem necessariamente seguir orientações de conglomerados religiosos arcaicos e punitivistas, criadores de infernos nas mentes daqueles que se entregam a essas crenças.

O conservadorismo fundamentalista congela princípios que poderiam ter sido superados. Líderes tradicionais vestem tal roupagem, mesmo quando o Espiritismo não preconiza lideranças e hierarquias, podemos encontrar personalidades que as assumem em forma de médiuns, palestrantes, dirigentes de centro e outras instituições ligadas ao kardecismo. Nestes casos, "supõem que o Espiritismo é a ressurreição das velhas teologias, um sistema de degradante estoicismo, que prega a submissão a todas as imposições". (PORTEIRO, 2008, p.62)

Não é difícil encontrar indivíduos com emblemas evangelizadores, dentro do meio espírita brasileiro contemporâneo, com posicionamentos políticos ortodoxos reverberando além do conservadorismo classista, ideais patriarcais, homofóbicos, preconceituosos, em nome de Deus e da família, desconsiderando os efeitos colaterais das políticas liberais na realidade dos empobrecidos, banalizando o avanço machista no país com aumento nos casos de feminicídio, anulando a legitimidade das famílias homoafetivas e assemelhadas, a cristalizarem na

mentalidade comum espírita uma forma padrão de pensamento sobre estas e outras temáticas que urgem ser consideradas e debatidas, por amor.

A fatalidade existencial versada em palestras massificadoras absolve a sociedade injusta de todos os crimes cometidos contra os tornados vulneráveis sociais, aqueles que sempre perdem para os interesses das classes econômicas abastadas, mas que na ótica destes espíritas estão cumprindo um destino cósmico, do qual não poderiam fugir. Cumpri-lo nos moldes propostos significa aceitação, submissão e docilidade para com os opressores, e por isso estarão a comungar da glória eterna na outra vida, recompensados pelo sacrifício vivido nesta.

Apesar de parecer tratar-se apenas de moral evangélica dentro do Espiritismo de caráter hegemônico, estas atitudes representam adesão política conservadora afinada com o poder dominante que se expressa politicamente, e conduz econômica e culturalmente os destinos de um país que luta por liberdade, diversidade e democracia, no intuito de utilizar tais narrativas para facilitar o domínio de povos e crescer a riqueza de quem já é rico. Esta compreensão atrapalhada do fazer político no meio espírita, também é resultado do silenciamento imposto pelas organizações federativas.

> O debate social e político foi reprimido no movimento espírita, sobretudo após o processo de institucionalização, e sempre sob o pretexto de não envolver a doutrina com partidos ou ideologias, quando, na verdade, funcionou como sustentáculo do individualismo de viés psicológico que fundamenta praticamente toda a discursividade doutrinária que se tornou hegemônica na afirmação religiosa do espiritismo no Brasil. (SIGNATES, 2021, p. 156)

Se a instituição espírita que detém hegemonia autoproclamada no país, para tratar das questões formais, não emancipa a mentalidade política dos espíritos, e imita modelos de cúria, já começamos a sentir o peso das rédeas moralistas e seus apelos discriminatórios ao livre pensar. Na prática, nós os livres pensadores somos boicotados, perseguidos e julgados como obsediados.

Conduzido por tendências gerais religiosistas o meio espírita brasileiro se torna obstáculo ao livre questionamento, aos estudos aprofundados na busca filosófica das revelações traduzidas por Kardec, e induz grupos de repetidores a perseguir livres pensadores. Nesta guerra de sentido político, pela razão, pureza e verdade, o sentido amoroso se torna equidistante. A busca pela predileção do público ganha ares de objetivo maior, abastecida fartamente pelas redes sociais e suas burlescas estratégias de sobrevivência que inclui desde monetarização a prestígio político formal.

Tirar a legitimidade de fala e expressão, gerando castas autorizadas institucionalmente para representar o Espiritismo em um país como o Brasil, é ação política autoritária e arbitrária, considerando a não pertença de Allan Kardec e de suas obras a nenhuma instituição.

"A predominância da literatura de autoajuda e de viés psicológico é tão grande que a procura por obras que tratem de temáticas sociais ou políticas faz-nos chegar a uma disponibilidade muito pequena". (SIGNATES, 20221, p. 156) Este fenômeno se deve ao perfil erguido pelos dirigentes institucionais, direcionando uma doutrina inteira para um foco único: a ajuda aos necessitados. Tal compreensão desabona outras necessidades evolutivas de serem legitimadas pelo Espiritismo, como é o caso do desenvolvimento intelectual autônomo e outras manifestações cognoscentes.

Todas estas construções de poder atrapalham e confundem as ideias sobre evolução. Conservam pessoas em posturas passivas, curvadas sob hábitos que dificultam a percepção de amor divino em sua amplitude, porque repete caminhos culposos, devedores, punitivos, que terminam sendo úteis às estruturas de uma sociedade opressora.

Para quê e para quem pode ser útil uma prática espírita psicologizante, com timbre evangélico/religioso, voltada a uma ritualística de doações materiais embaladas em jargões morais irrefletidos por quem os reproduz?

> Moralismo religioso tem contribuído negativamente para a acumulação de sentimentos de culpa […] A culpa fomenta ideias de punição, fere, gera sofrimentos desnecessários. Este moralismo punitivo encobre a beleza da vida. Mascara o que nós somos em maior nível de verdade e sentencia ao atraso moral, pessoal e coletivo. (LAURINDO, 2021, p.35)

Caridade como barganha entre mundos, dará conta por si, de "salvar" espíritos? Transformar os conglomerados espíritas em locais apascentadores de ovelhas, não poderá significar que estaríamos falhando na perspectiva libertadora, impulsionadora de consciências altivas?

Reunir massas carecentes de pão e consciência sobre si mesmas, tem feito de instituições espíritas redis onde se apascentam seres cabisbaixos com as leituras evangélicas eivadas de tradicionalismos, nas quais o amor é aprisionado em assertivas.

Não haverá um suborno do livre pensamento onde os conceitos hierárquicos de moral superior e inferior jogam as armadilhas das narrativas meritocráticas?

Não será possível perceber neste esboço uma arquitetura política desenhada nas relações onde corroboram encarnados e desencarnados com vistas à práticas de domínio, subjugação?

> Kardec rejeitava os rituais religiosos, por considerá-los destituídos de conteúdo, apenas encenações sem espírito e, portanto, indesejáveis para quem pretendia que a postura mental e moral é fundamental para se efetuar contatos proveitosos com os espíritos – os quais se ligam energeticamente aos vivos pelas afinidades espirituais, sobretudo as morais, numa perspectiva evolucionista das regras sociais. (SIGNATES, 2019, p.30)

Nossas análises levam em conta a ação influenciadora de espíritos desencarnados afeitos ao mando, conservadores e preconceituosos em uma perspectiva estóica opressora, que possam vir a interferir nos trabalhos desenvolvidos nos centros espíritas, manipulando médiuns afins. Para isto nos resta o uso consciente do livre arbítrio como recurso de aceitação ou refutação de ideias que não colaborem para a maturidade política dos encarnados,

sabendo que o amor real se interliga aos olhares mais amorosos do que aos condenadores.

O louvor e admiração da autoridade e hierarquia, fartamente postos na literatura espírita brasileira, conferem condução carismática de grandes públicos a eventos e lautas palestras, principalmente quando as questões elaboradas se referem ao ser, estando sempre cercado pelas problemáticas da vida, envolvendo sentidos e sentimentos em uma narrativa psicologizante. Neste mesmo tablado, as ocupações e preocupações com as coletividades vitimadas pela ganância dos ricos são suavizadas pelas práticas caritativas, que emocionam milhares.

O sucesso das preleções psicologizadas e emocionais se deve também aos aspectos relativos aos conflitos existenciais humanos. Quem duvida das carências afetivas, famílias em desajuste de convívio e dificuldades de alcançar a felicidade ideal aos moldes do ocidente? A dor transita entre nós com variadas expressões. Mesmo que esta chegue às vidas do povo por vielas politicamente traduzidas em formas de relações, hábitos e condutas orientadas, tem sido muito fácil isolar tais características no vale da individualidade devedora.

Os médiuns que arrastam este tipo de "aura" hipnótica conseguem manipular multidões. Este caráter de público ufanista tende a lhes conferir autoridade inquestionável, em exemplo de fé cega e confiança infantil na tutela espiritual personalista, ignorando os meandros da mediunidade em suas complexas aparições vibratórias. As consequências políticas destas ocorrências poderão ser mensuradas? Talvez ainda não tenhamos desenvolvido tal equipamento de análise, porque os direcionamentos psíquicos se refletem sobre sociedades encarnadas, a partir das influências dos espíritos com os quais se assemelham em essência.

Crenças separatistas, intolerantes, combatentes da ciência, perseguidoras das liberdades individuais e formas de amar, entre outras, por mais "bem nascidas" que se anunciem não poderão

apagar o rastro de atraso moral deixado por quem as dissemina. Como evoluir espiritualmente aninhando tais violências contra outros seres? Quem se deixa guiar por líderes que orientam para este tipo de erro será mais ou menos culpado? Para nós a questão não se define por culpabilidade, mas por atraso evolutivo.

Não é somente na literatura que lideranças carismáticas, habituadas a dizer aquilo que o público quer ouvir manipulam atenções e lucram com as diversas formas de poder que circundam as relações neste mundo; apresentados como "escolhidos", tais missioneiros engolfam suas próprias ideologias no que reproduzem em consonância com influenciadores espirituais afins. O óbice para o crescimento verdadeiro está atrelado a este tipo de tradição, mesmo que seja aceita pelas sociedades humanas.

Sabemos que a responsabilidade dos espíritos apaixonados por médiuns envolventes também pode ser observada, já que o crivo da razão deveria ser aplicado com encarnados e desencarnados. Afinal, as explicações sobre mediunidade estão simplificadas nas obras básicas do Espiritismo. E os fenômenos de efeitos intelectuais ou físicos, não necessariamente estarão atrelados ao mérito do medianeiro ou do comunicante, por tratar-se de um aparato sensorial natural e, por isso mesmo, digno de mais estudo e responsabilidade no manejo.

O encanto pelo invisível é latente em todas as culturas. Ser médium popularizado não significa exatamente que este sirva ao povo, pois para chegar a esta referência se utiliza de públicos que lhes validem as aparições. Nunca será demais para o médium o exercício da coerência, pois os assédios também avançam de maneira mais elaborada a cada tempo.

Quando as influências dos padrões de méritos capitalistas guiam as opiniões comuns sobre espíritas famosos, também nos alertam para a proximidade destes parâmetros com entidades mundanas, poderes que movimentam desigualdades sociais e históricas no mundo.

As buscas pelos vencedores referendam os relacionamentos que alienam compromissos profundos de transformação do ser para a ética piedosa, mera consoladora de pobres, conservando incólumes elementos de manutenção estrutural, omitindo vertentes que poderiam levar a uma nova ética, baseada em relações equânimes, humanitárias, na assunção legitimamente voltada ao serviço amplo do bem comum.

A prática do bem comum é política, e questionadora, atuante, talvez por isso, evitada. Pois o desconforto do poder não está no rol das narrativas espíritas brasileiras em caráter hegemônico. No entanto, é o caminho prático do amor na sociedade dos homens. Esta é uma energia que eleva, alçando o espírito para outros patamares de compreensão sobre o valor da vida para a totalidade dos seres. Não é um ato religioso, mas retrata um amor que vai além de si, sem desprezar-se.

> Como espíritos encarnados, nos é benéfico sentir os pés no chão e conhecer os caminhos que estamos trilhando. A pertença a grupos sociais, características culturais tão diversas e ações próprias, nos apresenta o imperativo da pertença que reclama envolvimento e compreensão do mundo ao redor. Nossa humanidade é atravessada por valores externos, trazidos pelos interesses dos sistemas sociais, econômicos, culturais, de crenças e fé religiosa. (LAURINDO, 2021, p. 40)

Uma crença de caráter metafísico, que desloca da Terra o objetivo existencial, tem servido de caminho para o atraso político desde o chão onde a humanidade pisa, apesar das marcas de sangue e clamores impetrados por regimes de servidão e autoritarismos. Será isso o que torna o espírita brasileiro um conservador, tradicional, combatente de ideias progressistas?

A evolução política trafega entre aqueles que sustentam narrativas de benefícios concretos às coletividades e influem nesta dinâmica entre as forças dos interesses manipuladores e dos poderes terrenos, para a ampliação de direitos humanos, desde os básicos, materiais, aos subjetivos, culturais, que elevam a importância do ser, revelando traços espirituais.

O evangelismo espírita ortodoxo calca sua moral em explicações de rigores punitivistas, como se a pedagogia celeste copiasse à risca atitudes dos patriarcas humanos, condutores do medo como recurso educativo. O Deus que guarda registro de erros humanos leva sua mágoa através de mundos e encarnações, mapeando os percursos dos espíritos como método infalível que garante o alcance da cobrança onde quer que o espírito se esconda. Quem acredita nisso pode ser livre para acertar?

A crença em um livre arbítrio humano\espiritual regrado por uma estratégia semelhante a um mercado que envolve débitos e pagamentos, aliena o espírito de sua grandeza enquanto ser, potência energética de luz com objetivos maiores do que os comezinhos ditames de uma sociedade egóica, hedonista, autoritária, castradora, e injusta na forma de distribuir direitos à vida.

Porém, a mentalidade opressora tem investido na educação que assusta, condena, cobra dívidas e coloniza aspirações espirituais, deixando pendurados neste hiato eterno corpo humano e saúde mental. Se a narrativa religiosista demonstra não conseguir libertar o espírito para o amor sem medo e culpa, prova que não é a melhor escolha para o crescimento almejado, quando não se vincula a outras participações.

Este tipo de doutrinação costuma elencar atitudes individuais calcadas em impulsos sexuais, compulsões viciosas e muitas outras formas descritas de ignorâncias e atrasos morais capazes de promover indignações e desprezos pelos que são acometidos por estes tipos de 'fraquezas' no caráter. Uma narrativa de seleção foi criada, a mesma é mantida e de muitas maneiras surte efeito na vida de quem assimilou tal assertiva. Há uma elevação de violências fenomênicas primárias. Por outro lado, silencia genocídios, feminicídios e infanticídios como crimes políticos mantidos nas estruturas do poder mundano enquanto hierarquias politicas e econômicas seguem incólumes, travestidas entre insígnias de benemerência, faixas de agradecimento, togas cintilantes, medalhagens, etc.

Seria demais identificar no meio espírita tradicional certa inclinação ao louvor de pessoas privilegiadas, detentoras de posses materiais e prestígios na sociedade? Não seria, quando se parte da ideia de merecimento que assume fatores de privilégios geralmente herdados por políticas colonizadoras e excludentes como bençãos divinas.

Aos que se encontram nas bolhas assépticas das relações sociais padronizadas as narrativas evangelizadoras não desterritorializam com ameaças cármicas, pois justificam as posições sociais de elite com palavras meritocráticas. A estes raramente se atribuem responsabilidades pelas escolhas que prejudicam centenas de milhares de outros seres, pois compreende a subordinação como parte de um programa divino com efeito de cobranças.

Eis o entrave. O vórtice de maior gravidade. O ponto no qual a ideia de evolução adentra o envolvimento ilusório das figurações tradicionais, onde a conduta envernizada se torna critério de salvação, desconsiderando o âmago dos seres e o que resulta disso para as coletividades. Identificamos, então, os subterfúgios com efeitos anestésicos para as consciências e o prazer de pertencer a tais categorias políticas, se manifesta na defesa de personalidades vinculadas ao poder.

Quando o ser manifesta sensibilidade social, atua no tablado existencial para si e para os demais, compreendendo as políticas de plenitude, que motivam a sequência de movimentos pró-vida. Neste território material com efeitos espirituais, o trabalho é ininterrupto.

As religiões ou conglomerados religiosos de caráter punitivista costumam agraciar seus adeptos com sentimentos de preferência, ungindo com palavras e mentalidades de distinção os que aprendem a condenar outros e absolver a si mesmos, por seguirem cartilhas de "bondades" criadas pelos seguimentos ordenadores, institucionais. Esta prática pode criar profunda aridez no solo dos espíritos, que passam a não compreender o amor como prática comum, vivência partilhada, respeito à vida de todos.

Um dogma para amar e ser amado é por certo tudo o que o verdadeiro amor não pede. Esta compreensão instiga o espírito a libertar o amor dos limites humanos, e nesta aspiração de grandeza coletiva uma teia evolutiva é desenhada entre as dores com força de poesia humanitária e espiritual.

Religiosismo e Tradição na Vivência Espírita

A história do Espiritismo nas terras brasileiras não poderia ser tal qual se deu na França ou em qualquer outra parte do mundo, pelas especificidades das ocorrências políticas que fizeram deste país, um conglomerado de visões de fé. A proliferação da pobreza e o adoecimento que castigou corpo e mente, redundando em sofrimentos materiais e subjetivos, alinharam a oferta de alívio e cura a partir da parceria Terra e Céu. Entre uma população majoritariamente iletrada, os cultos e habilitados para a prática medicamentosa obviamente ganhavam destaques. A aproximação e envolvimento destas personalidades com as experiências espíritas foram neste caso, preciosas aos imperativos de surgimento de uma nova explicação para os fenômenos da vida e da morte, ainda tão aprisionados pelas explicações católicas, criadora de um inferno temido por aqueles que fossem ou se considerassem sem religião.

> A tradição cristã de surgimento das denominações religiosas sempre foi marcada pela emergência profética contra saberes, ritualidades e mundividências institucionalizadas, que, no momento seguinte, efetuam dura repressão simbólica.[…] Caso não realize a adequação ou absorção desses profetismos, a movimentação nova ganha espaço e, especialmente se houver a cooptação das camadas mais altas da sociedade ou de comunidades específicas, adquire e consolida nova identidade, momento em que se institucionaliza e assume feição conservadora, retomando o ciclo do qual inicialmente se liberta. (SIGNATES, 2019, p.25)

O nascedouro espírita brasileiro enfrentou tradicionalismos, mas depois de consolidado, o movimento espírita se tornou

tradicional. Ou seja, não houve quebra com um modelo de coerção de fé, mas apenas a criação de um novo perfil religioso.

Advindos, porém de outras raízes de relacionamentos sagrados com a medicina e os rituais africanos, o povo brasileiro e sua predisposição para o híbrido abraçou o Espiritismo com maior ou menor cautela a depender das circunstâncias, territórios e níveis de suas necessidades de última hora. Apesar da luta de caráter purista, impetrada por personalidades famosas do Espiritismo nascente seria inevitável a mistura de elementos, dada a ontologia espiritualista já presente nas terras do Brasil.

Em história humana, contudo, os fenômenos de natureza ampla jamais se dão aleatoriamente, pois nascem da conjugação de elementos favoráveis ao processo, antes mesmo do seu ápice ser percebido. A tradição cristã foi mais favorável à organização da doutrina espírita no Brasil do que teria sido o panteão africano, com seus multiformes arquétipos sugerindo o não-controle do ocidente colonizador sobre as energias de transcendência que operam na África, muito mais difíceis de serem subjugadas pelos interesses econômicos de cá.

Saído de um berço colonizador europeu, o Espiritismo que aportou no Brasil encontrou seu lugar mais ameno na prática de serviço caridoso, e este já era campo discursivo da religião católica. A evolução do pensamento nas linhas escritas pela humanidade, também não se vincula ao perfeccionismo teórico, e entre controvérsias e dialéticas, novas fronteiras são vencidas enquanto outros obstáculos são descortinados. Eis o fervor desperto pelo conhecer! Essa energia traduz esperança e movimento, outros canais de evolução espiritual.

Quando observamos com cuidado, percebemos que o religiosimos espírita brasileiro não foi exatamente um fenômeno nascido com as cartas recebidas através de Chico Xavier. Esta relação próspera se deu porque existia no Brasil a abertura necessária para o estabelecimento de um novo mistério de fé,

apostando na administração da esperança mediante o desespero e o medo. A voz de Francisco Cândido Xavier falou o que os espíritos encarnados e desencarnados estavam ávidos para ouvir e transmitir, na superação do limbo e da condenação eterna.

A mediunidade de Chico poderia ser encontrada em qualquer outro ambiente espiritualista? Por certo, mas sendo espírita carregou outro nível de profetismo, e aumentou as possibilidades de aceitação plena. Estes elementos convergiram para uma concepção religiosa de Espiritismo no Brasil, que se tornou hegemônica e a qual ousamos questionar em alguns dos seus aspectos, embora esta prática esteja restrita à insistência de livres pensadores, sempre contestados pelos escudos dogmáticos institucionais.

> Assim, considera-se dogma como sendo aquilo sobre o qual não se discute, isto é, o conformador ideológico típico da identidade religiosa enquanto pensamento ou mundividência, e, por ser como tal, tendente à incomunicabilidade; e denomina-se rito às práticas estandardizadas e reiteradas nos ambientes sagrados para exprimir as condições de manutenção e reatualização das dogmáticas, estabelecendo a identidade religiosa em suas condições de acesso, permanência e submissão dos adeptos. (SIGNATES, 2019, p.27)

Para Signates (2019, p.25) "A tradição cristã de surgimento das denominações religiosas sempre foi marcada pela emergência profética contra saberes, ritualidades e mundividências institucionalizadas". Levando a análise comparativa para a proliferação da teologia da prosperidade entre os evangélicos, percebemos o profetismo voltado aos benefícios econômicos da fé, concepção irreal por desconsiderar divisão de classes, o valor do trabalho, as desigualdades sociais forjadas pelo modelo econômico capitalista, e colocar nas decisões de Deus os privilégios de uns e pequenas concessões a outros, deixando a maioria na indigência existencial.

Deste surgimento político-religioso evangélico os fenômenos religiosistas midiáticos superaram expectativas. No Brasil, os representantes desta narrativa religiosa ocupam expressiva bancada na câmara federal, como um desígnio santo inquestionável.

> A cada eleição que passa, instituições religiosas fazem-se representadas mais significativamente na arena política, e consequentemente, mais presentes também na esfera pública. Pensar na associação entre religião e política no atual sistema político brasileiro é pensar em duas esferas que possuem linhas tênues em seus relacionamentos, e que constantemente sofrem modificações. (PY & REIS, 2015, p.136)

Se ainda não temos no Brasil a bancada espírita, é porque tem prevalecido no discurso comum o pudor do envolvimento direto com a política partidária, mas na essência, o meio espírita nunca deixou de fazer política, e com severa inclinação conservadora, como demonstrou ao apoiar de maneira explícita e significativa Jair Bolsonaro, que jamais passaria pelo crivo mais suave da razão, caso o interesse de manutenção classista perfilado nas zonas de privilégio da sociedade brasileira não estivesse afinado com as hierarquias espíritas.

Quanto ao dogmatismo encontrado no meio espírita brasileiro, apesar das veementes negativas sobre sua existência em palestras e outras declarações, é impossível não perceber sua força entre aqueles que consideram inquestionáveis suas ritualísticas discursivas e comportamentais.

Para não perder o nexo no raciocínio que aborda a transformação da adesão espírita no Brasil com os fundamentos de religião, para Signates (2019, p.28) "o fenômeno mediúnico é o modo espírita de manifestação profética". Assim, de um lado trouxemos o comparativo da narrativa de prosperidade como algo absolutamente atrativo, embora alienante; do lado de cá, tivemos e ainda mantemos as assistências como trunfos dos centros espíritas e ação distintiva entre médiuns, porque do pão material e do pão espiritual, nos tornamos todos precisados algum dia.

Vertente que consideramos importante analisar dentro de uma perspectiva renovadora no lapso existencial que aglutina ação e reação no tempo/espaço da jornada espírita, é a barganha da cura para os que submetem crenças aos jargões doutrinários, que também apresentam o planeta como hospital/escola feito para ser

habitado por espíritos doentes/aprendizes. No caso brasileiro é assombroso como os responsáveis por estes trabalhos de cura nos centros espíritas, em sua maioria se mantém totalmente indiferentes às políticas públicas ultraliberais que cortam significativas verbas para a saúde pública, pelo desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS) e desvalorização dos trabalhadores destas áreas, como enfermeiros e técnicos de enfermagem, por exemplo.

Será muito ousado questionar esta narrativa? A doença espiritual é condição sine qua non da existência terrena? Curas espirituais são mais importantes do que tratamentos de saúde em clínicas e hospitais públicos? Trazer o tema para este princípio de análise nos permite dialogar com mais sinceridade sem manifestar certezas arrogantes, pois esta conduta sempre atrapalhou os caminhos humanos, principalmente em períodos de mudanças. Sabemos que as compreensões de cunho patologizantes seguirão atribuindo aos espíritos que ainda se regozijam no mal proceder o rótulo de doentes.

Os centros espíritas, em maior proporção do que nos ambientes meramente espiritualistas, sustentam narrativas sobre adoecimentos e débitos que entrecruzam explicações sobre muitos dramas humanos que nem sempre estão relacionados apenas a uma suposição cármica. Mas, aparentemente, existem vantagens na manutenção retórica da saúde do espírito como bom proceder (inclusive sob os riscos dos modelos padronizados), assim como a sustentação da doença estigmatizando condutas.

Enquanto os centros espíritas forem percebidos como clínicas e hospitais entre mundos, atrairão espíritos encarnados e desencarnados que se reconheçam necessitados de cura. Não que isto seja em si uma coisa ruim, no entanto, existe um caráter limítrofe, que segundo a vigência destes parâmetros, aprisiona a identidade do espírita e até do Espiritismo no estreito dos atendimentos espirituais e remédios morais, desconsiderando o maior legado do existir que é o complexo de autonomia a reunir

razão, cognição, sentimentos e sensibilidade que se manifesta no psiquismo pleno sob a batuta da evolução, na participação política neste mundo.

A criação do vale de lágrimas é deprimente, pois a partir dos temores dos sofrimentos, apenas, não há estímulo evolutivo que se justifique a contento. Mas se pudéssemos naturalizar os processos evolutivos a partir das percepções responsáveis, amadurecidas e capazes de conduzir ações para além das divisões de migalhas ou subalternização dos sofredores, nossas chances aumentariam e talvez adiantássemos o tempo do amor verdadeiro, que também aprisionamos em romances e fantasias.

Quando entendermos os equívocos do arbítrio como ignorância cultivada, desde o rincão amaldiçoado pela ganância dos ricos aos próprios ambientes de permissividade que liberam os detentores de poder para condenar milhares à fome e analfabetismo espiritual, entre outros processos de abstinência, estaremos menos propensos a entender como doentes os que aprenderam menos sobre a vida eterna, lugar no qual podemos incluir os que se apropriaram dos tesouros do planeta e são reconhecidos aqui como poderosos.

O olhar diagnóstico para os doentes em espírito costuma fixar modelos entre criminosos vulgares, que também são carecentes de aprendizados renovadores, mas a percepção do comprometimento evolutivo sob o prisma do não-aprendizado sobre as leis da vida em proporções necessárias, identifica os crimes elaborados pelas estruturas, dos quais participam mentes astutas e inteligentes para o usufruto de vantagens econômicas, que instituem as desigualdades sociais na Terra.

A vida prospera na inquietude até que o saber nos traga outro tipo de paz, o da consciência em evolução.

Referências Bibliográficas:

LAURINDO, Ana Cláudia. *Deus e Política – Enredo da morte no Brasil*. Maceió: Aruá Cult, 2021.

_____. *Caminhos da Eterna Flama: espíritos em viagem*. Maceió: Aruá Cult.

2021.

_____. *Existência Humana: fenômeno espiritual e político*. In: LAURINDO, Ana Cláudia. Espiritismo, Sociedade e Política - Projetos de Transformação. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021, p. 48-60.

MIGUEL, Sinuê Neckel. *Sem revolução, não há salvação: espiritismo, emergência climática e colapso socioambiental*. In: MIGUEL, Sinuê Nekel. Espiritismo, Sociedade e Política - Projetos de Transformação. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021, p. 216-235.

PY, Fábio & REIS, Marcos Vinícius de Freitas. *Católicos e evangélicos na política brasileira*. 2015. < C:/Users/lauri/Downloads/Dialnet-CatolicosEEvangelicosNaPoliticaBrasileira-6342541.pdf

PORTEIRO, Manuel S. *Conceito Espírita de Sociologia*. Edição: PENSE -Pensamento Social Espírita. <www.viasantos.com/pense> Fevereiro de 2008.

REIS, Ademar Chioro dos. *Uma análise crítica do neoliberalismo sob a ótica espírita*. In: REIS, Ademar Chioro dos. Espiritismo, Sociedade e Política - Projetos de Transformação. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021, p.11-31.

SIGNATES, Luiz. A *mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista*. Caminhos, Goiania, v.17, n. 1 p. 123-141, jan/jun. 2019 <revistas.pucgoias.edu/index.php/caminhos/article/view/6968/3979>

_____. *O conservadorismo político no espiritismo brasileiro*. In: SIGNATES, Luiz. Espiritismo, Sociedade e Política - Projetos de Transformação. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021, p. 145-161.

Os lugares das Mulheres no Espiritismo: a experiência do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP

*Alessandra Buarque de Araújo Silva**

Esquecidas, silenciadas, invisibilizadas!?

Quais os lugares das mulheres no espiritismo?

É possível dizer que as mulheres foram esquecidas no registro histórico da formação do espiritismo brasileiro, a partir do século XIX? Qual o cenário atual do protagonismo feminino nos meios espíritas?

O texto inicia com as perguntas que me fiz ao constatar a "ausência" de mulheres nos registros das obras espíritas, bem como nas mais diversas falas e escritas nos meios espíritas; tanto no passado, quando do seu nascedouro no contexto do Brasil imperial e permanecendo ausentes no decorrer da implantação do espiritismo em solo brasileiro; quanto na atualidade, ainda com algumas poucas inserções de autoria feminina até mesmo no campo progressista do movimento espírita. Avalio que um processo de despertar segue em curso, com as mulheres espíritas assumindo um protagonismo nos lugares que desejam estar.

As ausências de temáticas femininas e feministas aguçam nossa curiosidade quando observamos que os registros históricos espíritas são predominantemente masculinos; nos causam incômodo e instigam a nossa vontade de pesquisar mais para conhecer as razões desse "esquecimento" e buscar, de forma coletiva, elaborar os próximos passos para que as ações futuras contemplem a

* Servidora pública federal aposentada. Mestra em Políticas Sociais e Cidadania. Pós-graduanda em Pedagogia Espírita. Especialista em Previdência Social, Educação a Distância e Dinâmica de Grupo. Graduada em Economia. Mulher espírita, atualmente integrante do Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires – IFEHP e membra fundadora do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP. Educadora. Ativista por direitos humanos e justiça social.

verve feminina em suas várias expressões, em seus vários lugares, no espiritismo e na sociedade; porque sabemos que o progresso humano acontece no movimento das relações sociais.

Vivemos em tempos de disputas de narrativas no campo simbólico que tentam minar a legitimidade das lutas das mulheres por seus direitos. Nós, do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP, acreditamos que a escrita feminina pode se tornar uma das formas de resistência efetiva ao cenário social e político. Assim como a escrita literária, também a escrita acadêmica carrega uma potência política de dar voz às mulheres em suas demandas específicas por igualdade e equidade. Nossa proposta é dar visibilidade aos conteúdos que estão sendo produzidos por mulheres no movimento espírita progressista e nos movimentos sociais em geral.

O nosso texto objetiva analisar e descrever, no campo das relações espiritismo e questões sociais, os lugares das mulheres no Espiritismo e nos meios espíritas brasileiros, tendo como expressão de ação prática a experiência do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP – Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires, onde sou uma das membras fundadoras.

Ainda não nos cabe escrever sobre um movimento feminista espírita, muito embora conheçamos os relatos de mulheres espíritas do século XIX e XX, que fizeram uma verdadeira revolução feminina nos seus contextos sociais e mulheres do presente (século XXI) que continuam fazendo essa revolução, nem tanto silenciosa.

Na organização de "O Livro dos Espíritos" (1857), parte III, das Leis Naturais, Allan Kardec estabelece as relações do espiritismo com as questões sociais, abrindo caminho para os desdobramentos do seu pensamento por homens e mulheres que o sucederam. Nessas autorias encontramos alguns lugares do feminino em fins do século XIX e início do século XX, por exemplo, nos relatos do Primeiro Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona, no ano de 1888, com a presença de delegações da Europa e América, com a participação de Amália Domingo Soler,

escritora espanhola e médium espírita, a quem homenageamos em uma edição do nosso Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP.[1] O movimento espírita espanhol, já muito expandido naquela época, tinha relações com militâncias feministas e Amália Soler foi uma das expoentes.

O espiritismo não tem uma teologia feminista, porém, podemos por analogia, concordando com Bueno (2009), fazer um exercício de buscar algumas conexões nas muitas expressões religiosas e de religiosidades, a partir dos estudos de gênero ou estudos feministas, em interface com o estudo das religiões, que vem sendo realizados pela corrente da Teologia Feminista. Uma teologia que nasceu para elucidar essas dentre outras questões, que dizem respeito às diferentes representações que o feminino e a mulher têm nas escrituras e no seio de diversas manifestações religiosas, fazendo uma crítica à visão androcêntrica das religiões, na construção de valores que fundamentaram os comportamentos humanos.

> Mas esses valores androcêntricos não estão somente presentes nos discursos religiosos. Estão perpetrados nas ciências em geral, e na história que registram as descobertas feitas pelos homens, e o julgamento que estes fazem a respeito do universo como um todo, em detrimento do saber e do fazer femininos. A história oficial foi – e em certa medida ainda continua – a ser escrita sob sua ótica e valor, não considerando milênios de cultura 'não oficial', acumulada pelas mulheres. (BUENO, 2009).

Souza (2009), em sua dissertação de mestrado, analisou as relações entre gênero e tecnologias de poder envolvidas na luta anarco-feminista de Maria Lacerda de Moura[2] (1887-1945) que foi espírita até um dado momento de sua vida; destacando a importante contribuição de suas ideias para a história do femi-

[1] Vídeo disponível no canal do youtube do IFEHP Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires. https://www.youtube.com/c/InstitutodeFilosofiaEsp%C3%ADritaHerculanoPires Acesso em: 10 out. 2022.

[2] Professora, escritora, anarquista e feminista brasileira. Espiritualista. Filha de pais espíritas e anticlericais. Cresceu na cidade de Barbacena, no interior de Minas Gerais.

nismo e do anarquismo no Brasil, segundo a perspectiva histórica e discursiva das relações entre tecnologia e gênero. Maria Lacerda de Moura foi uma das principais pensadoras da educação e da condição feminina, sob uma ótica libertária, conforme Galetti (2021). A autora Patrícia Lessa é uma das principais intérpretes de Maria Lacerda, e afirma que a trajetória e o trabalho intelectual daquela autora escancaram sua afirmativa de que mulheres dificilmente lutaram por uma coisa só.

> descortina o ideário patriarcal de que mulheres não podem se dedicar as mais diversas temáticas, pois a educadora libertária Maria Lacerda, dedicou sua vida em discutir e atuar em inúmeras frentes para pensar a condição feminina na sociedade. Lacerda abordou os perigos do fascismo e autoritarismo, a ciência, religião dentre outros assuntos que foram costurando seus incômodos e perspectivas. (LESSA, (2020), apud GALETTI (2021)

Compreender os papéis desempenhados pelas mulheres no seio do espiritismo e da sociedade é uma de nossas inspirações, tendo como perspectiva que o espiritismo dialoga com as várias áreas do conhecimento. Bueno (2009), avalia que o movimento feminista deixa uma herança muito positiva, porque abre possibilidades de ampliação dos estudos sobre o mundo feminino, com o qual concordamos. Não apenas as ciências se mostraram desde aquele momento interessadas em conhecer o universo a respeito do mundo feminino, mas igualmente as artes e as religiões.

No dizer de Bell Hookes[3], o feminismo foi e continua sendo um movimento de resistência que valoriza a prática espiritual. Nesse viés, entendemos que estamos vivenciando momentos de descobertas das possibilidades de conciliar feminismo e espiritualidade.

> O aumento do fundamentalismo religioso ameaça a espiritualidade progressiva. O fundamentalismo não só incentiva as pessoas a acreditar que a iniquidade é "natural"

[3] Escritora americana, teórica feminista, crítica cultural. Prefácio à edição de 2015 da obra "O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras". Edição original publicada em 2000 pela South End Press. Em 2015, a Routledge publicou a segunda edição em língua inglesa, na qual se baseia a tradução de Bhuvi Libanio.

> como também perpetua a noção de que o controle do corpo feminino é necessário. Daí o ataque aos direitos reprodutivos. Ao mesmo tempo, o fundamentalismo impõe em mulheres e homens noções repressoras de sexualidade, que validam a coerção sexual de várias formas diferentes. Ainda há, claramente, a necessidade de ativistas feministas destacarem a religião organizada, engajarem-se em críticas e resistência existentes (HOOKS, 2000).

Esse texto foi escrito no decorrer do mês de outubro de 2022, no momento histórico-político brasileiro das lutas pela manutenção da democracia e contra os perigos do fascismo, do autoritarismo e do fundamentalismo religioso, tendo as mulheres e grupos de representações minoritárias, como alvos principais das políticas necrófilas do grupo político no poder no Brasil.

O que está em construção é uma escuta e um diálogo que deverá aprofundar-se em práticas que visibilizem as mulheres e seus lugares, nos meios espíritas e na sociedade. Muitas mulheres deixaram seus legados no seio do espiritismo, mas, poucas são conhecidas e muito menos suas obras são partilhadas com o público espírita. O objetivo de nossa escrita é divulgar uma prática que vem tornando isso possível, a partir da experiência do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP, Coletivo de mulheres espíritas brasileiras, do campo progressista.

Os lugares das mulheres no Espiritismo e seus legados

Podemos dizer que Allan Kardec, com as obras espíritas, contribuiu para uma causa espírita da emancipação feminina? Terá sido um precursor? Bom, o que podemos afirmar é que em algumas passagens de suas obras o direito de igualdade atribuído à mulher pode ser considerado como um marco inicial para a sua emancipação. Na questão 817, Cap IX, Livro Terceiro, *O Livro dos Espíritos*, Lei de Igualdade, constata-se que sob a ótica espírita, o homem e a mulher são iguais perante Deus e tem os mesmos direitos.

Desde o seu início, na França do século XIX, as mulheres foram uma presença marcante no espiritismo. Houve uma predominância das mulheres na construção da obra kardeciana (médiuns mulheres que se comunicavam com os espíritos). Muitos grupos mencionavam o direito das mulheres à igualdade com os homens em seus estatutos. Nenhum grupo espírita excluía as mulheres de seus grupos e reuniões; entretanto, a proporção relativa dos espíritas em relação ao sexo, era 70% de homens e 30% de mulheres (Revista Espírita, janeiro de 1869:22, "Estatística do Espiritismo").

Kardec viveu na França do século XIX, em contextos sociais que influenciaram seus escritos. Muito embora não tenha definido o espiritismo como uma religião tal qual conhecemos (dogmas, culto a imagens, representações e hierarquias sacerdotais, entre outras), as práticas androcêntricas que também estavam arraigadas nas ciências como um todo, não deixaram de influenciá-lo. As argumentações de Kardec em suas obras e nas Revistas Espíritas onde havia sua chancela, podem ser vistas, no campo do social, como conservadoras ou liberais, a partir das perspectivas de análise.

> no texto "Papel da Mulher", descreve [...] o belo, a alma delicada, imagem da doçura; a cabeça dobrando-se diante das privações, sem se partir; simples no vestir, mãe zelosa e amorosa, sorriso nos lábios, bondade, caridade; o homem a cabeça, a mulher o coração [...]. (Revista Espírita, dez de 1858)

Fazendo a leitura na atualidade, essa descrição simboliza o esteriótipo da mulher submissa, recatada e do lar, que não nos representa.

Trouxemos para o texto alguns trechos da Revista Espírita de janeiro de 1866, do artigo "As mulheres tem Alma?", quando Kardec tratou mais especificamente da emancipação da mulher. Deixou claro que essa emancipação somente será adquirida por meios legais – leis humanas. Durante muito tempo as mulheres aceitaram essa inferioridade legal como uma coisa natural, tão poderosa é a força do hábito, diz Kardec. Ainda que a lei a tornasse menor, o progresso das luzes a resgatou para a razão e elas se

afirmaram pela inteligência e pelo gênio e as poucos a tutela foi se afrouxando. A mulher poderia considerar-se emancipada no aspecto moral, mas não legalmente. Foi uma libertação parcial - reconheceram que as mulheres tinham alma, e lhes reconheceram o direito à conquista dos graus da Ciência – foi autorizado à mulher obter o grau de bacharel. Até aí, em verdade, são concessões feitas pelos homens às mulheres, pois a igualdade de posição social entre homem e mulher deve ser um direito social e não uma concessão do homem, que a retiraria a qualquer momento ao seu bel prazer. Essa igualdade precisaria estar na Natureza, daí seria reconhecida pelo resultado do progresso e, portanto, imprescritível.

Neste mesmo texto apontamos algumas questões ali tratadas no campo da mulher e seus direitos, que podem fazer sentido para a época em que a obra foi escrita; entretanto, não mais contemplam os lugares das mulheres no espiritismo e na sociedade no século XXI e, para tanto, necessitam dialogar com outras áreas do conhecimento: quando Kardec trata da natureza do sexo feminino que foi feita mais fraca que o masculino porque os deveres que incubem a uns e a outros são específicos; por exemplo, que "o corpo da mulher necessita da delicadeza das formas e a finura das sensações apropriadas à maternidade" (as mulheres do século XXI não aceitam mais esse papel atribuído a elas. Querem dialogar sobre isso). Outro ponto são "os deveres especiais atribuídos a ambos, elementos que se completam um pelo outro", ora, esse é um tema discutível para as mulheres feministas do século XXI. Outra pauta que precisa ser dialogada nos meios espíritas.

Para o espiritismo, não existe diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, pois os espíritos não tem sexo. A igualdade entre homens e mulheres é um direito natural.

> Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade. (Allan Kardec, in Revista Espírita, 1866).

Na edição de junho de 1867 da Revista Espírita, encontramos um texto de viés um pouco mais progressista sobre a emancipação da mulher – "Emancipação das Mulheres nos Estados Unidos", quando noticia vários avanços no campo do feminino naquele país (admissibilidade das mulheres aos empregos públicos, direito de sufrágio às mulheres maiores de 21 anos, entre outros comentários). No comentário final, que é atribuído à Kardec, destacamos apenas alguns trechos, por conta da extensão do texto

> "Do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode, sucessivamente, revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, a igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. (KARDEC, 1867/2009, p.231).
>
> "Aplicando este princípio à posição social da mulher, diremos que de todas as doutrinas filosóficas e religiosas, o Espiritismo é a única que estabelece seus direitos sobre a própria Natureza, provando a identidade do ser espiritual nos dois sexos". (KARDEC, 1867/2009, p.231)
>
> "O pensamento da emancipação da mulher neste momento germina num grande número de cérebros, porque estamos numa época em que fermentam as ideias de renovação social e em que as mulheres, tanto quanto os homens, sofrem a influência do sopro progressivo que agita o mundo (KARDEC, 1867/2009, p.232).
>
> 'Provocada pela posição que lhe era dada, a mulher desenvolveu o germe que sentia em si; a necessidade de sair de seu aviltamento lhe deu o desejo de romper suas cadeias. Segui sua marcha; tomai-a desde a era cristã e observai-a: vê-la-eis cada vez mais dominante, mas ela não consumiu toda a sua força; conservou-a para tempos mais oportunos e aproxima-se a época em que chegará a sua vez de a exibir. Aliás, a geração que se ergue traz em seus flancos a mudança que nos é anunciada desde muito tempo, e a mulher quer ter, na sociedade, um lugar igual ao do homem". (KARDEC, 1867/2009, p.234).

De tudo até aqui dito; fica a certeza que, hoje, no século XXI, as mulheres reivindicam os seus lugares no mundo, no espiritismo e na sociedade. As mulheres não querem mais as concessões do patriarcado, mas os lugares definidos e escolhidos por elas. Dessas assertivas decorrem outras certezas: que as obras kardecianas, bases do espiritismo e fundamentais para os caminhos que apontam para o progresso moral do indivíduo, necessitam dialogar com outras áreas do conhecimento. E, para tratar das temáticas femininas e feministas, invisibilizadas e silenciadas nos meios espíritas, queremos o protagonismo e autoria das mulheres.

Interessa-nos realizar uma leitura histórica aprofundada dos pronunciamentos de Kardec sobre a questão da mulher, dialogando com outros teóricos do século XIX e XX, para compreendermos a dimensão da contribuição do espiritismo para as reflexões sobre a emancipação feminina; por hora, resta claro que é preciso dessacralizar as obras de Kardec, fugir do fundamentalismo religioso espírita, assumindo uma perspectiva política da leitura e da escrita. Kardec não considerava suas obras como fontes sagradas e inquestionáveis; não fechou as portas do Espiritismo para novas construções, interpretações e análises. A ideia de progresso e de progressividade do espiritismo, não nos permite fechar o diálogo sobre as questões da emancipação feminina, da igualdade, da liberdade, dos direitos reprodutivos, das questões de gênero e sexualidade, da interseccionalidade entre gênero, raça e classe, por exemplo; temáticas que não foram alcançadas por Kardec em seu tempo histórico.

Dora Incontri, analisando como se situa a questão do feminino e do feminismo no espiritismo de Kardec nos diz que

> na apreensão da filosofia espírita, em seus princípios fundamentais, há uma ideia clara, que salva o espiritismo de qualquer retrocesso de desigualdade: somos espíritos – e é no espírito que se radica o ser, a inteligência, a memória, a identidade, o sentimento, sendo o corpo apenas uma veste temporária – e como espíritos podemos reencarnar como homens, como mulheres, como brancos, negros, amarelos e em qualquer classe social e em qualquer nação. Ou seja, somos essencialmente iguais. (INCONTRI, 2021).

O que sabemos das mulheres espíritas? Qual legado deixaram? Por que somente homens são visibilizados nos meios espíritas?

Desconhecemos a contribuição intelectual e moral de inúmeras mulheres espíritas precursoras do espiritismo; assim como, frequentemente, nos deparamos com atitudes machistas e discriminatórias quanto ao papel das mulheres e a presença feminina nos vários espaços de atuação nos meios espíritas. Quem chegou ao espiritismo via instituições federadas brasileiras, desconhece o legado das mulheres espíritas a partir de Kardec. Por conta dessa invisibilização, somente após passados alguns anos no movimento espírita brasileiro, é que tomamos conhecimento da importância de Amélie Boudet para a história do espiritismo. A educadora, institutora de Belas Artes, mais tarde senhora Allan Kardec, responsável principal, arrisco-me a dizer, por influenciar o esposo em suas elocubrações que culminaram com a elaboração das obras espíritas.

Se podemos considerar que a emancipação feminina sob a ótica espírita tem seus primeiros sinais de afirmação no contexto francês do século XIX, é possível que nós, mulheres e homens espíritas no século XXI, possamos colocar em movimento o protagonismo feminino, iniciando pela necessária valorização e relevante visibilidade dos produtos elaborados sob inspiração feminina e feminista.

Nós, do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP, temos o compromisso de buscar conhecer os lugares que as mulheres ocuparam no passado para questionar o presente e criar novas possibilidades para o futuro. Mas, onde encontramos as mulheres no espiritismo brasileiro? Se as obras de Kardec inauguraram a era da emancipação da mulher, o que houve no Brasil com essa emancipação?

Em seu artigo, Bueno nos auxilia a pensar sobre o papel que as mulheres desempenham no seio da Doutrina Espírita, comparando-o com as principais denominações religiosas dentro do Cristianismo, concluindo que

> em analogia às demais crenças cristãs, para os adeptos do Espiritismo não há prerrogativas de um sexo sobre outro devido à crença na palingenesia (reencarnação), o que facultaria ao mesmo Espírito em evolução, encarnar em corpos de diferentes sexos; e pelo fato de que não há uma classe sacerdotal, prerrogativa de poder para os homens. (BUENO, 2009).

Ainda que não tenhamos no espiritismo uma classe sacerdotal, o espiritismo brasileiro cunhou algumas lideranças que falam pelo espiritismo, especialmente médiuns brasileiros homens. Um exemplo claro desse "falar pelas mulheres" nós identificamos nas diversas ações realizadas nos meios espíritas para tratar de temas como "maternidade" ou "o dia internacional da mulher", com bancadas exclusivamente masculinas sem que nenhuma mulher se sinta representada com isso.

O cenário brasileiro

Os meios espíritas brasileiros invisibilizam tanto as mulheres espíritas do passado, pensadoras do campo progressista, silenciando suas obras, seus legados e expressões; quanto as mulheres do presente. E essa não é uma constatação inerente apenas aos meios espíritas hegemônicos, pois, ainda nos meios espíritas ditos progressistas da atualidade, o silenciamento e o cancelamento da autoria feminina ainda acontece.

Nunca foi fácil. Sempre foi um fardo lidar com as questões de preconceitos e pensamentos retrógrados que afetam às mulheres. Se até hoje continuamos nesse embate o que dizer das mulheres espíritas do passado? Pouco conhecemos dos seus legados. Queremos insistir nisso. Sabemos, em algumas biografias conhecidas, que as mulheres espíritas resistiram e contribuíram significativamente para a evolução da humanidade.

Nosso trabalho no Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP, iniciou-se com a pesquisa sobre o legado daquelas mulheres e suas representações na história do espiritismo e dos feminismos.

O Fórum tem, também, a função de apresentar e promover os trabalhos autorais das mulheres do Fórum e convidadas, e pautar o diálogo das temáticas a partir das diversas perspectivas femininas e feministas, sob a ótica do espiritismo. Mulheres que dialogam com o espiritismo inserto nas questões sociais em suas ações cotidianas, pessoais e profissionais.

Analisando a historiografia da entrada do espiritismo no Brasil, no século XIX, vindo da França, em Arribas (2010) por exemplo, é forçoso reconhecer que a sua formação originária é prioritariamente masculina. As mulheres, se ali estavam auxiliando nessa construção, não foram devidamente registradas nos anais da história do espiritismo brasileiro e esse fenômeno impacta, por demais, o reconhecimento do protagonismo das mulheres nos meios espíritas nascentes e a representatividade feminina na implantação e divulgação do espiritismo.

O pesquisador da história do espiritismo na cidade de Goiás, Clóvis Brito, destaca que os registros iniciais do espiritismo naquela cidade e o nome de um de seus mais antigos precursores chegaram até nós graças à escrita de Cora Coralina[4]. O autor reafirma uma peculiaridade no caso da cidade de Goiás: a fundamental participação das mulheres na divulgação do espiritismo. De que forma? Pela leitura das obras espíritas. Uma plêiade de senhoras da sociedade goiana iniciou as primeiras sessões experimentais do espiritismo, afirma Brito em suas pesquisas.

> Essas mulheres foram fundamentais para a difusão da "nova" religião, de modo informal, e suas atuações contribuíram para o estabelecimento, na segunda década do século XX, do primeiro centro espírita na localidade. Esse recorte de gênero na gênese do espiritismo na cidade de Goiás se aproxima, em certa medida, das considerações de Lewgoy (2008) a respeito da matrifocalidade no espiritismo brasileiro: "predominou um espaço familiar antes que um espaço impessoal. Por isso, as

[4] Pseudônimo de Ana Lins. Escritora. Poeta goiana. Relata as primeiras experiências com as "mesas-girantes" na Fazenda Paraíso, Goiás, em 1908 e tornou-se colaboradora da Tribuna Espírita do Rio de Janeiro com crônicas relacionadas ao espiritismo.

> mães e mulheres, figuras centrais na mediação familiar, são tão importantes no desenrolar das sessões". (LEWGOY, 2008, p. 86, apud BRITO 2013).

O que podemos inferir dessa leitura é que as mulheres foram fundamentais para a difusão do espiritismo na cidade de Goiás, no início do século XX, visto que à predominância do espaço familiar, a mulher responde com o seu papel de figura mediadora do lar e da família. Por outro lado, de assíduas leitoras, as mulheres espíritas de Goiás que difundiram o espiritismo na região, não deixaram uma letra sequer de registro para a posteridade. Perguntamos: para onde esse conhecimento foi expandido? Onde estão os registros de seus feitos? Parece reforçar o papel que a elas é atribuído no âmbito social dentro de suas igrejas ou comunidades religiosas.

Outro registro de suma importância para a história do espiritismo brasileiro no século XX, foi resgatado em nosso trabalho de pesquisa no Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP – o legado de Anália Franco - a grande dama da educação brasileira[5].

As mulheres espíritas do século XXI, ainda que em menor número, já despertaram para os seus lugares no espiritismo e na sociedade. Aqui estamos nós, escrevendo para os Anais do V Encontro CEPABrasil[6]; entretanto, registramos que, ainda que lastreadas no pioneirismo de mulheres que escrevem, no Brasil; o primado da escrita ainda é masculino. Nem tanto a autoria da escrita, mas, a possibilidade de sua publicação/publicização. Quando nós mulheres iremos nos libertar dessas amarras que se encontram em nosso íntimo, primeiramente?

Sueli Carneiro, mulher negra, filósofa, ativista e uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil, diz em seu livro:

> "Nunca pensei ser escritora. Escrever sempre foi, para mim, uma chance ou condição de remover a trava que a timidez colocava em meu desejo de comunicar minha indignação

[5] Para conhecer o trabalho de pesquisa realizado pelo Fórum de Mulheres do IFEHP sobre Anália Franco, acesse o vídeo do canal do youtube disponível em https://www.youtube.com/c/InstitutodeFilosofiaEsp%C3%ADritaHerculanoPires

[6] Disponível em https://www.cepabrasil.org.br/portal/index.php

> frente às injustiças do mundo. Escrever me permitiu organizar e qualificar a reflexão que, na fala, se manifestava desconexa e irritadiça pela insegurança da oratória." (CARNEIRO, 2020)

Como retirar dos silêncios as participações dessas mulheres? Para trazer à tona os feitos dessas mulheres do passado, penso que se faz necessário um trabalho de pesquisa acadêmica de fôlego; entretanto, nós mulheres do aqui e agora podemos modificar esse percurso e nos fazer presentes nas audiências espíritas e nos escritos autorais, deixando nossas marcas nas práticas espíritas e na literatura contemporânea.

O machismo e as pautas invisibilizadas nos meios espíritas

Quais são os lugares que foram socialmente construídos para a mulher na sociedade capitalista, sexista, patriarcal?

Há pouco mais de 150 anos discutia-se, no âmbito espírita, se a mulher tinha alma. Somente no século XX, as mulheres tiveram o direito ao voto, no Brasil. No século XXI, as mulheres continuam sendo mortas e violentadas pelo fato de serem mulheres, e ainda dependendo de autorização do marido para fazer laqueadura de trompas e colocar dispositivo intrauterino como método contraceptivo. Gênero, raça e classe, são interseccionalidades que não podem ser invisibilizadas nos meios espíritas.

Falar sobre machismo no movimento espírita é, ainda, um tema tabu. Quantas mulheres espíritas brasileiras estão desenvolvendo pesquisas, escrevendo obras autorais e com atuações práticas de relevância, que ainda continuam sendo invisibilizadas e silenciadas nos meios espíritas? Concordamos com Guimarães (2021) quando afirma que 'a realidade é que existe um discurso de igualdade, mas, uma prática discriminatória", e essa discriminação contra as mulheres nos meios espíritas ocorre de diversas formas. A proposta desse texto é trazer, também, essa abordagem.

> "Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher e logo a verá alçar o seu voo, com grande vantagem para a sociedade. Ficai sabendo que

> a mulher, como todos vós, tem a centelha divina, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher". (KARDEC, 1867/2009, p.236)

Invisibilizar as pautas femininas e feministas ainda faz parte do cenário espírita no Brasil, nos meios espíritas tradicionais/institucionalizados bem como nos meios progressistas, uma das razões pelas quais a criação do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP tem a sua relevância; e assim como outros Coletivos de Mulheres que vem surgindo em vários cantos desse país, o Fórum de Mulheres se propõe a ser o lócus de encontros e ações femininas e feministas na busca da transformação da realidade social que invisibiliza, apaga e mata as mulheres.

No campo espírita, mulheres com convicções que se alinham com uma espiritualidade livre de amarras, que dialogam com outras espiritualidades; mulheres livres-pensadoras, que não se encaixam em determinados movimentos instituídos; mulheres com vozes que suplantam os ambientes predominantemente masculinos e que possuem habilidades para liderança e ocupar espaços de poder são, de alguma forma, silenciadas e invisibilizadas em suas práticas.

Pautar temáticas que nos são muito caras ainda é um desafio, mas, seguimos persistindo e queremos contar as nossas experiências. Queremos e necessitamos pautar, nos meios espíritas, temas que sejam caros às mulheres, suas lutas, angústias e sentimentos; estabelecer diálogos com o feminismo.

Em sua definição de feminismo, Hooks (2000) elaborou algo que pudesse ser compreendido por todas as pessoas, uma resposta que não fosse ligada nem a medo nem a fantasia; que tivesse uma simples definição para ler repetidas vezes: "feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão". Sendo assim, somos todas mulheres espíritas feministas, ainda quem nem saibamos disso, pois nossas lutas são permeadas por todos os enfrentamentos contra o patriarcado.

Inspirações espíritas do aqui e agora

Há uma mudança de cenário no movimento espírita brasileiro, hoje. Os meios espíritas, antes prioritariamente hegemônicos, disputam espaços e narrativas com o livre-pensar espírita, reforçados pelos Coletivos Espíritas do campo progressista, criados a partir do golpe parlamentar-jurídico-midiático de 2016. A tecnologia favoreceu a aproximação de pessoas com pensamentos convergentes com a leitura do espiritismo em diálogo com as questões sociais do cotidiano. Na busca por um livre pensar espírita, cheguei ao IFEHP, durante a pandemia da Covid-19, em 2020. Em agosto de 2021, criamos o Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP.

O Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires, IFEHP que nasceu como Instituto de Filosofia do Ceará, em 2007, homenageando o estado do Ceará, um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil; e em 2009 recebeu o nome de Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires, homenageando o filósofo Herculano Pires, completou em setembro do ano de 2022, 13 anos de fundação[7].

> Ao longo desses 13 anos experimentamos diversos cenários, mas um deles sempre esteve conosco: o desafio de se estudar e difundir a Filosofia Espírita em um país que já tem dificuldades em lidar com a Filosofia, e no seio de um movimento espírita institucionalizado, religioso e que não conhece os próprios pensadores espíritas clássicos. Por isso, o IFEHP está afeito desde a sua fundação às contracorrentes, fazendo o seu trabalho à revelia de condições favoráveis, criando as suas próprias condições. (Lindemberg Castro, membro gestor e fundador do IFEHP, 2022)

Foi no seio do IFEHP que surgiu o Fórum de Mulheres Espíritas. A experiência do Fórum de Mulheres do IFEHP nos levou aos lugares das mulheres no espiritismo, com a realização da 1ª Semana Amélie Boudet de Mulheres Espíritas, quando

[7] Para conhecer mais sobre a trajetória do IFEHP acesse o blog do IFEHP e os vídeos das playlists do canal do youtube disponível em https://www.youtube.com/c/InstitutodeFilosofiaEsp%C3%ADritaHerculanoPires e nas redes sociais facebook e instagram @ifehpherculanopires

dialogamos sobre temas que nos são muito caros; temas que ainda são pouco visíveis nos meios espíritas, trazendo mulheres de vários lugares: escritoras, educadoras, artistas, acadêmicas.

Os lugares das Mulheres no Espiritismo: a experiência do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP

O Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP[8] é uma ação prática dentro da mudança de cenário do movimento espírita brasileiro. Nasceu da necessidade das mulheres que participam do IFEHP, de terem um espaço próprio para estabelecer diálogos de temas femininos e feministas ainda tabus e invisibilizados nos meios espíritas e na sociedade em geral; promovendo diálogos com as referências nesse campo em suas relações com as demais áreas do conhecimento.

Nossas ações são pautadas pelo engajamento nas causas sociais e políticas do nosso cotidiano e da nossa vontade de contribuir para a transformação da sociedade. Mulheres espíritas que pensam o mundo na perspectiva da igualdade e equidade de gênero, da justiça social. Da garantia de uma sexualidade livre e de uma espiritualidade diversa. Da perspectiva da garantia dos direitos e do respeito à pessoa humana. Da liberdade de ser quem se é. Da possibilidade de expressar-se pela arte e pela cultura. Da perspectiva de utilizar a linguagem e a escrita, também, como instrumento político, tendo a educação e o letramento como o suporte e os meios para essa transformação.

Em 31 de agosto de 2021, foi realizada a primeira reunião de planejamento do Fórum, quando foi oficialmente lançado para o público; completando 1 ano de atividades em agosto de 2022. A proposta é trabalhar em *lives* mensais, inicialmente contemplando duas vertentes: 1. Os fóruns biográficos, a partir de pesquisas

[8] Para conhecer mais sobre o Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP acesse o blog do IFEHP e os vídeos das playlists do canal do youtube disponível em https://www.youtube.com/c/InstitutodeFilosofiaEsp%C3%ADritaHerculanoPires e nas redes sociais instagram @forummulheresifehp

elaboradas por membras do Fórum, apresentando o legado de pensadoras espíritas invisibilizadas nos meios espíritas brasileiros. 2. Os fóruns de diálogos entre mulheres com temáticas pautadas no universo feminino e feminista.

Nosso primeiro fórum biográfico foi em setembro de 2021, com uma homenagem especial a Anália Franco (mulher brasileira, espírita; a grande dama da educação brasileira) e Amália Soler (mulher espírita, espanhola, poetisa, escritora, oradora, grande expoente do espiritismo na Espanha). No mês seguinte, foi possível conhecer as relações entre gênero e tecnologias de poder envolvidas na luta anarco-feminista de Maria Lacerda de Moura, a partir da dissertação de Mestrado "Tecnologias políticas do gênero no Brasil – a contribuição do pensamento de Maria Lacerda de Moura" escrita por Tatiana Souza, membra fundadora do Fórum de Mulheres.

Pautando a relevância do protagonismo da escrita autoral feminina e a experiência de vivenciar os desafios de escrever no contexto do silenciamento da mulher, convidamos a escritora Ana Claudia Laurindo, mulher espírita, para o lançamento do seu livro "Caminhos da eterna flama, espíritos em viagem". Outro importante momento de nosso Fórum foi em dezembro do ano de 2021, quando trouxemos a mulher espírita, Isabel Guimarães, do Coletivo Espírita Maria Felipa, com uma vasta experiência no campo acadêmico e espírita, que esteve conosco para tratar sobre "O machismo estrutural na sociedade".

Em março de 2022, mês de homenagens às resistências femininas no dia internacional da mulher, pautamos o debate contemporâneo sobre "A equidade e igualdade de gênero na perspectiva espírita", com as convidadas Jacira Silva e Yolanda Polimeni, referências nos meios espíritas e em outras instituições, atuantes nas questões envolvendo a violência contra as mulheres; inclusive fundadoras do Movimento Mundial de Mulheres Espíritas pelos Direitos Humanos MOVMMESP, entre outras instituições às quais se dedicam. Jacira Silva é a atual presidenta da CEPA – Associação Espirita Internacional.

Dando continuidade às atividades dos fóruns biográficos, apresentamos a educadora Amelie Boudet com o tema "A mestra da arte de ensinar arte". O fórum de abril de 2022, foi sobre o legado de Berthe Fropo, mulher francesa, espírita, contemporânea de Amelie e Kardec; quando pautamos o tema "Uma voz de empoderamento e sororidade" compartilhando a rica experiência de Fropo na divulgação do espiritismo e do legado dos Kardec.

Neste ano de 2022, acompanhando a repercussão na imprensa brasileira dos últimos eventos de denúncias sobre abusos sexuais nos meios espiritualistas, o Fórum de Mulheres Espíritas, com apoio do IFEHP, deflagrou a campanha "Movimento de sensibilização sobre os abusos sexuais nos meios espiritualistas" (dizemos espiritualistas porque não somente nos meios espíritas elas ocorrem, mas em todos os segmentos religiosos e de cunhos espiritualistas). Foi elaborado um Manifesto com a proposição de algumas ações que começamos a realizar na sequência - participação no programa de entrevista "Manhã Boa Nova", da TV Mundo Maior, cujo tema foi "Abuso Sexual nos Meios Espíritas"; confecção de *cards* para divulgação nas redes sociais; elaboração de pesquisa sobre "A percepção dos espíritas sobre abuso sexual nos meios espiritualistas", divulgando os resultados[9], com a devolutiva para o público que nos acompanha e respondentes da pesquisa. Realização do minicurso "Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidade", em parceria com o escritor Alexandre Junior[10], autor do livro com o mesmo nome; com a participação de Tatiana Souza, membra do Fórum de Mulheres, que é pesquisadora de gênero.

Em julho último foi realizado o Fórum "Mulheres na Política" quando recebemos a professora emérita da Universidade Federal do Pará - UFPA, Zélia Amador de Deus; escritora, artista, educadora e militante. Uma das primeiras reitoras negras do país.

[9] Disponível no canal do youtube do IFEHP em https://www.youtube.com/c/InstitutodeFilosofiaEsp%C3%ADritaHerculanoPires

[10] Livro "Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades: um diálogo com as questões sociais". Recife: CBA Editora, 2022. Contato com o autor em @alexandrejuniorescritor.

Premiada com o Prêmio de Direitos Humanos da *BrazilFoundation*, em Nova York. A professora é uma das principais referências da luta antirracista brasileira.

Outra iniciativa do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP foi a criação, em agosto último, do Clube de Leitura "Cá entre nós". Definiu-se um título para leitura coletiva e agendamento para o mês de novembro/22, para o primeiro diálogo entre as mulheres leitoras do Clube. Por último, mas de grande relevância, realizamos a 1ª Semana Amélie Boudet de Mulheres Espíritas, fonte de inspiração para a escrita desse texto.

A 1ª Semana Amélie Boudet de Mulheres Espíritas – Os lugares da mulher no Espiritismo e na Sociedade: ontem, hoje e amanhã

A 1ª Semana Amélie Boudet de Mulheres Espíritas foi realizada de 08 a 13 de maio de 2022, com o tema "Os lugares da mulher no Espiritismo e na Sociedade, ontem hoje e amanhã"[11]. A Semana foi elaborada pelas mulheres do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP, como uma proposta de construção coletiva, com o objetivo de convidar cada mulher presente a identificar os seus lugares no espiritismo e na sociedade. A metodologia utilizada foi de Conferências e Mesas-redondas, trazendo as experiências e vivências pessoais e os saberes de cada mulher, convidando cada uma a somar nesse coletivo de mulheres pela transformação da sociedade: pela escrita, pelas artes, pela educação, pela espiritualidade, pelo feminismo, pela linguagem, e tantas outras possibilidades.

E por que a Semana recebeu o nome de Amélie Boudet? A intenção foi homenagear a mulher espírita de maior representatividade no nascedouro do espiritismo na França e cujo legado é totalmente desconhecido nos meios espíritas brasileiros. O eixo temático que norteou a programação da Semana de Mulheres

[11] Programação Disponível no canal do youtube do IFEHP em https://www.youtube.com/c/InstitutodeFilosofiaEsp%C3%ADritaHerculanoPires

Espíritas, teve como recorte o tempo histórico do nascimento do espiritismo com a publicação da obra "O Livro dos Espíritos", em 1857, e, ninguém melhor que Amélie Boudet, a educadora, professora de belas-artes e a maior colaboradora de Rivail no trabalho de elaboração e divulgação das obras espíritas. Foi a nossa homenagem a essa mulher espírita valorosa e tão invisibilizada nos meios espíritas.

Iniciamos a programação com a mesa de abertura composta por mulheres do Fórum do IFEHP (Alessandra Buarque, Heloísa Canali, Ruth Barros e Tatiana Souza), abordando o tema central da Semana: "Os lugares da mulher no Espiritismo e na Sociedade: ontem, hoje e amanhã", bem como apresentando ao público, o Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP e suas ações.

Recebemos convidadas muito especiais e com trabalhos relevantes nos meios espíritas e na sociedade, que trouxeram suas colaborações em reflexões sobre os lugares das mulheres no espiritismo e na sociedade. Na Conferência inicial, recebemos a historiadora e professora doutora em sociologia, Célia Arribas, que abordou a temática "Espiritismo, Gênero e Sexualidade". Em suas palavras iniciais, a professora Arribas parabenizou a iniciativa do Fórum pela realização da Semana de Mulheres Espíritas, bem como a iniciativa de tratar sobre o tema do abuso sexual nos meios espiritualistas: "são perspectivas alinhadas e compromissadas com a justiça social, trazendo temas que temos que tirar da invisibilidade", disse ela.

> emocionada de poder participar e pensar os lugares das mulheres no Espiritismo e na sociedade: ontem, hoje a amanhã. Um encontro de saberes, cheio de reflexões, uma iniciativa que aquece o meu coração. Feliz em estar ao lado de mulheres intelectuais, pensadoras, compromissadas, que vem se dedicando a refletir e problematizar e superar as várias desigualdades, as várias opressões, seja de classe, seja de gênero, seja racial e de sexualidade também. (ARRIBAS, 2022)

Nas mesas-redondas, recebemos um conjunto de mulheres espíritas que fazem história em suas áreas de atuação e que enten-

demos de grande relevância dialogar com suas experiências em seus lugares no espiritismo e na sociedade. São elas: Tatiana Souza, do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP, mestra em Tecnologia; e Isabel Guimarães, do Coletivo Espírita Maria Felipa, doutora em ciências da saúde, para dialogar sobre o tema "O Espiritismo e o patriarcado – o machismo no Espiritismo". Na sequência da programação, nosso encontro foi para a abordagem do tema "Autoria espírita feminina – a experiência do trabalho autoral no cenário de invisibilização da mulher", com a escritora Ana Cláudia Laurindo, mestra em educação brasileira, cientista social, livre-pensadora; e a professora Lídia Valesca Pimentel, doutora em sociologia, cientista social, integrante do Coletivo Girassóis Espíritas pelo Bem Comum.

Recebemos para dialogar na mesa-redonda "Movimentos de mulheres espíritas para a transformação social", Joyce Cabral, educadora, mestra em agronomia, mediadora em projetos de educação ambiental e educação inclusiva, membra da Associação Brasileira Espírita de Direitos Humanos e Cultura de Paz – ABREPAZ; Klycia Fontenele, professora, mestra em educação, escritora, integrante do Coletivo Girassóis Espíritas pelo Bem Comum; e Sandra Régis, administradora, musicista e regente de coral, Diretora de Comunicação do CEAK - Centro Espírita Allan Kardec de Santos em Santos-SP, delegada da CEPA - Associação Espírita Internacional e integrante do Movimento Mundial de Mulheres Espíritas pelos Direitos Humanos – MOVMMESP.

A Semana de Mulheres Espíritas encerrou com a conferência "Espiritualidade feminina: existe uma espiritualidade negada à mulher?"[12] ministrada pela professora Heloísa Canali, mestra em educação e membra fundadora do Fórum de Mulheres Espíritas.

A 1ª Semana Amélie Boudet de Mulheres Espíritas foi uma experiência prática de partilhas dos lugares femininos em suas expressões autorais. Tivemos a oportunidade de refletir e

[12] Texto disponível no Blog do IFEHP em https://institutoherculanopires.blogspot.com/

dialogar sobre os diversos lugares das mulheres no espiritismo e na sociedade, bem como suas atuações no campo da autoeducação e do progresso social à luz de uma espiritualidade ativa, amorosa e emancipadora. Entendemos, portanto, que, a melhor forma de partilhar essa experiência foi registrando a memória da Semana neste texto e apresentando em um evento espírita do porte do V Encontro da CEPABrasil.

Sabemos que cada vez mais mulheres estão participando ativamente das ações que convergem para uma transformação da sociedade, proclamando uma mundialização que leve em consideração os princípios da justiça social, da paz, da igualdade, da fraternidade, da interdependência dos povos e desenvolvimento sustentável. Numa visão mais ampla, nós entendemos que a transformação social pode ser viabilizada por meio da política, do ecofeminismo, da comunicação, da literatura, das artes, da educação, da espiritualidade, entre outras. No espaço do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP nos propomos a estabelecer diálogos, buscar respostas e construir alternativas, a partir das ricas experiências e vivências e dos referenciais dos lugares de todas as mulheres que desejarem expressar-se e construir de forma coletiva e colaborativa espaços de referências e expressões diversas, nos meios espíritas e na sociedade.

> Nós espíritas somos convidados pelas circunstâncias trazidas pela vida em sociedade para atuarmos com consciência de alerta junto aos outros irmãos de romagem; abraçarmos nossas escolhas interpretando as orientações que nos foram enviadas, religando conhecimento e progresso, pelo exercício da vivência fraterna onde o amor não é ornamento de discurso, mas a base do respeito mútuo, nas largas margens da liberdade de sermos o que somos. Este é um compromisso antigo ao qual estamos ligados. Um amor-cuidado que soe desde a profundidade das nossas consciências com estampas coletivas chamativas e firmes. (Laurindo, 2021).

Por fim, encerramos esse texto agradecendo às mulheres do Fórum de Mulheres Espíritas do IFEHP e a todas as mulheres parceiras desse trabalho, por acreditarem e partilharem da do

Fórum de Mulheres, trazendo à tona as pautas sociais, políticas, culturais, espirituais, femininas e feministas, invisibilizadas nos meios espíritas brasileiros; produzindo conteúdos, registrando memórias e reforçando subjetividades na luta coletiva.

Referências Bibliográficas:

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, Espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. São Paulo: Alameda, 2010.

BRITO, Clóvis Carvalho. D**o Século XIX ao século XXI: as mulheres ou os "silêncios da história" do espiritismo na cidade de Goiás**. Fragmentos de Cultura (online), Goiânia, v. 23, n. 1, p. 17-38, jan./mar. 2013. Disponível em http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/2710 Acesso em: 10 out. 2022.

BUENO, Cléria Bittar. **A Doutrina Espírita e as Mulheres**. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, n. 3, Jan. 2009 - ISSN 1983-2859. Dossiê Tolerância e Intolerância nas manifestações religiosas (online). Disponível em https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/issue/view/986. Acesso em: 10 out. 2022

CANALI, Heloísa. **Espiritualidade feminina: existe uma espiritualidade negada à mulher?** In. Blog do Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires. Fortaleza, 09 jun. 2022. Disponível em https://institutoherculanopires.blogspot.com/ Acesso em: 10 out. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

GALETTI, Camila Carolina Hildebrand; LESSA, Patrícia. **Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Editora Entremares, 2020 (201 págs.).

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libânio. – 18 ed. – Rio de Janeiro/: Rosa dos Tempos, 2022.

INSTITUTO DE FILOSOFIA ESPÍRITA HERCULANO PIRES. **Fórum de Mulheres Espíritas do Instituto de Filosofia Espírita Herculano Pires**. Disponível em https://institutoherculanopires.blogspot.com/. Disponível em https://www.youtube.com/c/InstitutodeFilosofiaEsp%C3%ADritaHerculanoPires. @forumdemulheresdoifehp. Acesso em: 04 out. 2022.

INCONTRI, Dora, Sergio Mauricio (org). **Espiritismo, anarquismo e não violência**. In. **Espiritismo, Sociedade e Política - Projetos de transformação.** Bragança Paulista, Editora Comenius, 2021.

INCONTRI, Dora, Sergio Mauricio (org). Machismo no Espiritismo: a experiência do feminino em uma cultura machista. In. **Espiritismo, Sociedade e Política - Projetos de transformação.** Bragança Paulista, Editora Comenius, 2021.

KARDEC, Allan. Papel da Mulher. In. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos: Ano primeiro - 1858. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

KARDEC, Allan. As mulheres tem alma? In. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos: Ano nono - 1866. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

KARDEC, Allan. Emancipação das Mulheres nos Estados Unidos. In. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos: Ano décimo - 1867. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

KARDEC, Allan. Estatística do Espiritismo. In. **Revista Espírita**: jornal de estudos psicológicos: Ano décimo segundo - 1869. Tradução Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

KARDEC, Allan. **A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo**. Tradução de Carlos de Brito Imbassahy. – Guarulhos (SP): Fundação Espírita André Luiz, 2019.

LAURINDO, Ana Cláudia. **Deus e política: enredo da morte no Brasil**. Maceió: Aruá Cult Editora, 2021.B

SOUZA, Tatiana de. **Tecnologias Políticas de Gênero no Brasil**. A contribuição do pensamento de Maria Lacerda de Moura. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paraná, p.75. 2009.

Uma Breve História do Espírito*

Alexandre Cardia Machado

Síntese do livro



O livro contém o seguinte índice:

- Agradecimento
- Índice
- Prefácio

1. Introdução
2. Modelo Cosmológico Espírita Possível
3. A Caminhada Terrestre
4. O Ser Humano e a Evolução, uma Análise Pré-Histórica
5. Existe a Necessidade de Recorrermos à Exobiologia, para Explicar o Desenvolvimento das Civilizações na Terra?
6. A trajetória espírita - de ciência ao conhecimento
7. Considerações Finais
8. Explicações Adicionais
9. Índice de figuras
10. Referências Bibliográficas
11. Sobre o ICKS
12. Sobre o Autor

Introdução

Será a primeira obra de uma série chamada Abrindo a Mente, a ser oferecida inteiramente grátis como e-book.

* Vejam detalhes no livro completo - envie um e-mail para: ickardecista1@terra.com.br para receber seu exemplar.

Série – Abrindo a Mente



Sou um aficionado por Cosmologia desde sempre, após muitos anos de estudos, diversos artigos escritos e trabalhos publicados em anais do Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita organizados pelo Instituto Cultural Kardecista de Santos - ICKS, no Blog do ICKS[1], no jornal Abertura e em edições de revistas internacionais achei por bem consolidar parte deste material na forma de um e-book.

A forma como pensava e agia Allan Kardec em seu tempo foi a nossa maior motivação, como ele buscamos fazer esta análise tendo sempre ao nosso lado o conhecimento científico. Desta forma neste livro integraremos os seguintes princípios espíritas e científicos, são eles, os conceitos espíritas da Existência de Deus, da Lei de Progresso, da imortalidade da alma, do desenvolvimento do espírito, da Lei de Reencarnação de um lado e os integrando aos conhecimentos científicos do século XXI nas áreas da cosmologia, biologia genética, arqueologia, paleontologia, física e química entre outras ciências.

O ponto de partida retrocede a 1997, em Cajamar, São Paulo, no V SBPE – Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita onde os colegas do GPCEB, Reinaldo di Lucia e Marcelo Coimbra Régis - apresentam os trabalhos – *Cosmologia, Exobiologia e Espiritismo um estudo sobre a Vida e o Universo, e Evolução Global – Darwin e Allan Kardec constroem o futuro* respectivamente. No mesmo evento, apresentei o trabalho – *O Ser Humano e a Evolução, uma Análise Pré-histórica*. Coincidimos no enfoque e na importância deste tipo de conteúdo. Neste livro, todos estes temas se entrelaçam.

Para entender a proposta do livro considerem também que minha inspiração advém destes dois parágrafos de Allan Kardec que reproduzo a seguir:

[1] Blog do ICKS - https://icksantos.blogspot.com/

> "A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada produto de uma concepção humana." (Kardec – A Gênese)[2].
>
> "Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; é, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. (Kardec – A Gênese)[3].

Modelo Cosmológico Espírita Possível
Existência de Deus, espírito e matéria

Vamos iniciar discutindo uma proposta de Teoria Cosmológica, que denominamos de Modelo Cosmológico Espírita Possível, este modelo deve contemplar a visão Kardecista.

Veremos como podem ter sido criados e qual trajetória de transformação passaram, espírito e matéria em sua jornada rumo ao cumprimento da Lei do Progresso.

A Doutrina Espírita parte do princípio da existência de Deus, do espírito e da matéria, esta última representada desde as mais diversas formas de energia até a menor partícula subatômica, passando por todos os estados em que ela pode se apresentar (sólido, líquido, gasoso, plasma ou energia). Reinaldo di Lucia[4] apresenta o sistema clássico:

---

[2] Kardec, Allan - A Gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo ed. FEB página 14 – Ponto 3. 27ª Edição

[3] Kardec, Allan - A Gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo ed. FEB página 20 – Ponto 14. 27ª Edição.

[4] Lucia, Reinaldo – III SBPE – Relações Matéria – Espírito: Uma discussão Teórica -1993. - http://www.espiritnet.com.br/Sbpe/relmat.exe

"Esta cosmovisão própria do Espiritismo baseia-se num tripé conceitual que se estrutura assim:

1. Existência de Deus
2. Existência da Criatura, denominada Universo que se compõem de:
   a. Um princípio inteligente, agente chamado espírito.
   b. Um princípio não-inteligente, passivo, chamado matéria.
3. Existência de um processo de desenvolvimento da criatura, baseado na Evolução Infinita."

Modelo Cosmológico Espírita Possível, portanto, seria:

1. A existência de Deus;
2. A matéria e o espírito foram criados ao mesmo tempo no que se denomina Big Bang, a melhor descrição do momento de criação que existe hoje e aceita pela ciência;
3. A matéria em suas mais diversas formas e o espírito tem um tempo para se transformarem, se desenvolverem, existem em potencial, mas que para a sua expressão, o Universo precisa se resfriar como explicaremos abaixo.

Existência de Deus

Sobre a existência de Deus, assunto bastante polêmico para muitos não espíritas, que para nós espíritas não cabe discussão. Uma vez que a hipótese oposta, ou seja, de que tudo o que existe é meramente decorrência do acaso nos parece muito menos provável. Eliseu da Motta Júnior, em seu livro *O que é Deus* apresenta um cálculo de probabilidade feito por cientistas de que a existência de um Universo, como conhecemos, com todas as leis já descobertas, constantes universais e tantas outras relações complexas possa ter sido formado por acaso é de 1 sobre 10 elevado a 200, ou seja quase ZERO[5].

Assim, nós espíritas somos Deístas, acreditamos que o Universo foi criado por Deus. O avanço da ciência, no campo da astronomia, permite-nos identificar este momento de criação.

[5] Júnior, Eliseu f. da Mota – Que é Deus? – Editora O Clarim – 2a Edição 1998 – página 33.

As observações do Universo levam à conclusão de que a hipótese do Big Bang seja a mais provável para o surgimento do Universo, sendo esta, a marca mais clara da ação do Criador.

O próprio Stephen Hawking assim se refere a Deus "Um universo em expansão não exclui um criador, mas oferece limites quanto ao tempo em que ele teria realizado sua tarefa!"[6].

A matéria e o espírito foram criados ao mesmo tempo no Big Bang

Apresentamos dois pontos importantes que suportam a tese do Big Bang:

1. Existência de uma radiação de fundo de micro-ondas no espaço.
2. O Universo está em expansão – se está em expansão em algum momento todas as galáxias estiveram numa singularidade – o que se propõe seja o Big Bang.

Explicaremos a seguir cada um destes pontos e como tudo isto se encaixa no Modelo Cosmológico Espírita Possível.

Existência de uma radiação de fundo de micro-ondas no espaço

Ruido do Big Bang (radiação de micro-ondas) correspondente a uma temperatura do vácuo de 3K[7] que segue o princípio de uniformidade – Princípio de Copérnico, ou seja, em qualquer direção do Universo que se observe esta temperatura é praticamente igual. Dados mais recentes provenientes do satélite WMAP (*Wilson Microwave Anisotropy Probe*) que substituiu o COBE (*Cosmic Background Explorer Satellite*) nos mostra que a variação na temperatura do espaço profundo é de 2,7249 Kelvin em determinado lugar do espaço, e de 2,7250 K em outro, ou seja apenas 0,0001 Kelvin (que neste caso significa 0,0001 °C)[8].

---

[6] Hawking, S – Uma breve história do Tempo.

[7] K – Representa graus Kelvin ou temperatura absoluta, zero graus Centígrados equivale a 273,15 K.

[8] Greene, Brian – O Tecido do Cosmo – O espaço, o tempo e a textura da realidade – Ed. Companhia das Letras, 2004 – página 358

Esta temperatura remanescente do Universo é compatível com os cálculos dos cosmólogos a partir das equações da relatividade de Einstein[9].

O Universo está em expansão

Este fato proposto através da descoberta, por um astrônomo americano chamado Edwin Hubble[10], nos anos de 1920 ao fazer um estudo do desvio para o vermelho que os comprimentos de ondas de luz das estrelas distantes apresentavam, desvio chamado de efeito doppler. Ele descobriu que fora da nossa galáxia, todas as estrelas se afastavam de nós e por consequência as galáxias também.

Esta observação acaba com a plácida noção de um Universo calmo, estático e nos demonstra um Universo ativo em constante movimento e em expansão. O físico brasileiro, materialista, Marcelo Gleiser captou bem este ponto e nos remete a mais uma reflexão, não estamos no centro do Universo, o Sol não gira em torno da Terra. O nosso Sol é uma estrela pequena, na periferia da nossa galáxia, a via Láctea, que por sua vez é uma galáxia satélite da galáxia Andrômeda que por sua vez também não está no centro do Universo[11].

Desde que Hubble propôs em 1920, uma série de outras medidas tem sido feitas, buscando os denominados faróis do espaço, tais como cefeídas, novas, supernovas e quasares[12] que nos permitem aplicar o efeito doppler. E, portanto, confirmar a velocidade de deslocamento de cada galáxia. Isto confirma o fenômeno da expansão do Universo.

---

[9] Hawking, Stephen – O Universo numa casca de noz – Editora Mandarim, página 78.

[10] Revista Astronomy – Brasil - Editora Duetto, maio 2007, página 21 – www.revistaastronomy.com.br

[11] Gleiser, Marcelo – A dança do Universo – dos mitos de Criação ao Big-Bang - Ed. Companhia das Letras, 1997 – página 356.

[12] Hawking, Stephen W. Hawking – Uma breve história do Tempo – do Big-Bang aos buracos negros; Editora Rocco, 1988 –Rio de Janeiro – RJ – página 61

Medindo estes deslocamentos e suas velocidades e considerando que todas as galáxias estejam se afastando de um ponto central é possível calcular a idade do Universo, em cerca de 14 bilhões de anos, mais precisamente 13,7 bilhões de anos.

A Existência da matéria

Stephen Hawking no livro *O Universo Numa Casca de Noz*[13] demonstra quais teorias estão sendo aprofundadas na busca do entendimento de como eventualmente as "forças" fundamentais da natureza se interrelacionam. As Teorias que têm as maiores probabilidades de sucesso são as das cordas, a dos branas, e a mais última evolução das mesmas as supercordas[14], neste contexto, matéria e espírito se assemelhariam, pois tudo não passaria de uma grande rede de interações. Isto aproxima as novas teorias, que descrevem o "tecido do cosmo" com a ideia espírita da existência do Fluído Cósmico Universal[15] a seguir discutimos as limitações disto. Estas teorias buscam explicar matematicamente o Universo através de vibrações e de múltiplas dimensões, somente por isto já pareceria espiritismo puro, mas na verdade, isto está sendo pesquisado por físicos de múltiplas nacionalidades e credos que na sua maior parte desconhece completamente a Teoria Cosmológica Espírita Possível[16].

Muitos estudiosos do Espiritismo, entre eles, eu me encontro, sempre se antepôs à ideia da existência do Fluído Cósmico Universal[17], na forma como foi apresentado à Allan Kardec pelos Espíritos envolvidos na Codificação.

---

[13] Hawking, Stephen – O Universo em uma casca de noz - Ed. Mandarim –São Paulo 2002, página 178.

[14] Machado, Alexandre C – Abrindo a sua mente – O que são supercordas e a sua relação com o espiritismo – Jornal Abertura. Editora ICKS - outubro 2004 – Santos. SP.

[15] Kardec, Allan – A Gênese os milagres e as predições segundo o espiritismo – 1868 - página 240.

[16] Machado, Alexandre C – Abrindo a sua Mente – abril 2006.

[17] Machado, Alexandre –C – Abrindo a sua Mente - O que significa Fluído Espiritual? Abril de 2005.

À época a ciência admitia a existência do Éter entendido aqui como um fluído que se estendia por todo o espaço e através do qual toda a energia eletromagnética – em especial a luz – se utilizava para percorrer o espaço entre as estrelas e o nosso planeta, penetrando em todos os locais, como a atmosfera, apenas para citar um exemplo. Os Espíritos então diziam que este éter da física, não o elemento da tabela periódica Éter, era uma das formas de manifestação do Fluído Cósmico Universal[18]. Posteriormente, no fim do século XIX e início do século XX a ideia do éter como meio de transmissão da onda eletromagnética foi totalmente abandonada[19].

A Matéria é imortal

Sabemos da existência da Lei de Lavousier. (Antoine Laurent Lavoisier – 1743-1794)

"Na natureza, nada se cria, nada se perde tudo se transforma"[20]

Einstein acabou por expandir este conceito para as questões de transformação de massa em energia e nos brindou com a equação mais conhecida do mundo:

$E = m.c^2$

Ou seja, não só a matéria se transforma em matéria, como matéria é igual a energia, multiplicada por uma constante que, neste caso é a velocidade da luz ao quadrado.

A matéria uma vez criada ela é imortal. Sempre se transformará em uma nova forma de matéria ou energia. Este conceito se aplica às partículas subatômicas, à antimatéria e mesmo ao Universo como um todo.

---

[18] Kardec, Allan – A Gênese os milagres e as predições segundo o espiritismo 1868 – Ed FEB – página 111.

[19] Hawking, Stephen W. Hawking – Uma breve história do Tempo – do Big-Bang aos buracos negros; Editora Rocco, 1988 –Rio de Janeiro – RJ – página 41.

[20] Ronan, Colin A. – História Ilustrada da Ciência – Universidade de Cambridge, volume III Círculo do Livro -1987 – página 96.

A existência do Espírito

O espírito e a matéria têm uma trajetória de evolução extremamente interligada, para que o espírito possa evoluir ele precisa encarnar, portanto é preciso que a vida surja no Universo. Enquanto isto não ocorre o espírito, o princípio espiritual, sede da inteligência, interage com a matéria na forma que didaticamente aqui denominaremos de Princípio Espiritual Arcaico.

Mas como os processos naturais levam aos estados de menor energia, aumentando a entropia, conforme a Segunda Lei da Termodinâmica, só mesmo com a participação, deste princípio espiritual arcaico, que é o componente do Universo que tem a capacidade de desenvolver a cognição, ou o potencial de aprendizado, para fazer com que a matéria bruta, quando atingir a fase orgânica, baixo algumas condições desenvolva a vida. Sendo a matéria o laço que prende o espírito[21], enquanto princípio espiritual, passemos então a analisar que outros passos na jornada de evolução este princípio espiritual, e a matéria terão que passar.

Evolução do espírito

De acordo com a Doutrina Espírita o espírito é criado simples e ignorante[22] como princípio espiritual arcaico, admitindo que o espírito vá se tornando mais complexo desde a sua criação até um momento qualquer que o analisemos. Algo que evolua, que seja imortal e sede da inteligência, deverá necessariamente desenvolver-se ou seja passar de simples e ignorante a algo complexo e inteligente.

Da Natureza do Espírito

1. É um ser criado potencialmente, perfectível, como se fosse um projeto em si mesmo.

[21] Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos 1858 Ed. FEB – questão 22.
[22] Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos 1858 Ed. FEB – questão 115.

2. É imortal, um ser realizável, possui como qualidade própria a capacidade de permanecer individualizado para sempre.
3. É necessário a presença de um elemento externo, adequado ao seu desenvolvimento e que intermedia a sua ação na matéria, ou seja, o perispírito extraído do mundo material[23].

O que é o espírito, como princípio então?

A resposta imediata para qualquer espírita é: "é o princípio inteligente do Universo"[23] – esta é a resposta do Livro dos Espíritos, mas poderíamos dizer também que é algo que está preso à matéria por um laço[25] Este laço é tão importante ao ponto de não ser possível ao espírito se expressar senão ligado à matéria.

Quando surge e onde se localiza o princípio espiritual?

Pensando em "Big Bang" por volta de 0,000006 segundos após o início da expansão do Universo o elétron foi criado, por consequência o Princípio Espiritual Arcaico estaria, neste momento iniciando a sua jornada enlaçado a matéria e vamos explicar por quê.

O físico francês Jean Charon chega à conclusão de que o espírito se localiza em um "micro buraco negro" encontrado junto ao elétron – por ser este um elemento da natureza criado, como já explicado nos primeiros momentos após o Big Bang, e que migra por todo o Universo. Partindo desta ideia – na *Teoria Cosmológica Espírita Possível* estaríamos falando aqui da criação e aparecimento do princípio espiritual arcaico.

Por que o elétron?

Porque na região do elétron, segundo as equações da relatividade, passaríamos a vivenciar uma situação nega-entrópica. Isto é possível porque algo que esteja nesta região não segue uma

[23] Régis, Jaci - Do Homem e do Mundo – Ed. Licespe – Santos SP –1994 - página 39
[24] Kardec, Allan – O livro dos Espíritos - questão
[25] Kardec, Allan – O livro dos Espíritos - questão

lógica normal, segundo Charon eventos que ocorrem ao seu redor, demonstram buscar uma nova ordem, uma organização. Teríamos então, aí os microconstituintes da situação nega-entrópica que caracteriza a inteligência e a vida em potencial[26].

Entendendo os tijolos da vida

A composição da química da vida, em todas as formas de vida que conhecemos hoje, dependem da presença de alguns elementos químicos principais, são eles: Hidrogênio, Oxigênio, Carbono e Nitrogênio. Todos os outros elementos químicos juntos representam menos de 1% da massa dos diversos seres vivos. Não é à toa que os quatro elementos principais fazem parte dos seis elementos mais comuns do Universo, os outros dois elementos mais comuns no Universo são Hélio e Neon.

Curiosamente, estes quatro elementos básicos para a vida não são tão presentes na Terra, como o são no espaço, ou seja, a incidência destes elementos na Terra, onde sabidamente há vida, é menor do que na média dos outros locais do Universo.

Este aspecto nos permite pensar que, havendo disponibilidade destes tijolos, ou elementos químicos necessários ao aparecimento da vida, que são muito comuns no Universo estando presentes condições ambientais favoráveis, nos diversos planetas, a vida poderia, ou poderá se originar sob estas condições, em qualquer destes lugares no espaço[27].

O Universo em seu princípio está em expansão, mas ainda muito concentrado e a alta temperatura, sendo assim, durante os primeiros 400 mil anos após o Big Bang, todo o Universo era formado por um plasma constituído de matéria em alta temperatura e de baixo peso atômico.

---

[26] Charon, Jean E. - Espírito este desconhecido – Ed. Melhoramentos, 1977

[27] Tyson, Neil DeGrasse e Goldsmith, Donald – Origins Fourteen Billion Years of Cosmic Evolution – Norton & Company – 2004 – página 234

Considerando ainda que o Carbono e todos os elementos mais pesados que o Lítio, não foram criados durante o Big Bang, ou seja, tiveram que ser formados no núcleo de estrelas[28], sendo que as estrelas só começaram a ser formadas 400 mil anos após o Big Bang e seu ciclo de vida é relativamente longo.

Como toda a vida até hoje detectada, está baseada no Carbono e na química orgânica, podemos pensar que nos primeiros bilhões de anos após o Big Bang, nenhum princípio espiritual arcaico tenha tido nenhuma possibilidade de evoluir.

Entendam que o processo de formação de uma estrela até a sua destruição não é muito rápido e está na casa de bilhão de anos. Acredita-se que a primeira geração de estrelas não tenha durado mais que 500 milhões de anos. Assim é provável que nos primeiros 1 ou 2 bilhões de anos pouco ou quase nenhum Carbono estivesse disponível.

Passado portanto esta primeira etapa órfã de Carbono, começam novos ciclos de vida de estrelas, e neste aspecto é importantíssimo o caos a que se segue a uma explosão de uma nova ou de uma supernova, pois ela espalha nas regiões interestelares, uma nebulosa, repleta destes elementos mais pesados, como Carbono, Silício, Ferro, Níquel misturados a uma quantidade enorme de gases, como Hidrogênio, Oxigênio, Hélio e Neon.

A Caminhada Terrestre - O que é vida?

Este é um ponto fundamental para o entendimento de como se dá o processo de evolução do espírito.

- Vida segundo Aurélio[29] – Estado de incessante atividade funcional, peculiar à matéria orgânica, animal ou vegetal;

[28] Morris, Richard – O que sabemos sobre o Universo; Jorge Zahar Editor, 2001 Rio de Janeiro – página 48

[29] Ferreira, Aurélio B. de Hollanda – Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa –11ª edição Gamma editora -

- Vida – para Allan Kardec seria tudo aquilo que possui princípio vital[30], sendo este uma propriedade da matéria – divergindo assim do conceito de vida espiritual.

A vida, nada mais é do que um sistema autônomo, capaz de evoluir por seleção natural, pelo mecanismo de transferência de genes aos descendentes. É um sistema termodinâmico aberto, nega-entrópico, capaz de se autorregular, capaz de trocar matéria e energia com o meio externo, capaz de realizar algumas funções básicas, como comer, metabolizar, excretar, respirar, mover, crescer, reproduzir e reagir a estímulos externos. Reinaldo Di Lucia, simplifica dizendo "Vida é uma propriedade da matéria que confere a seus possuidores a capacidade de metabolismo e replicação"[31].

Notem que esta definição prescinde, ou seja, não depende de um princípio vital, depende sim de reações físico-químicas complexas. A vida é algo material, no entanto é desta propriedade material que o princípio espiritual arcaico irá se aproveitar para evoluir a princípio espiritual vital. Entendendo sempre que o espírito ao ser criado, simples e ignorante é denominado de princípio espiritual por Allan Kardec, nós aqui estamos propondo uma escala evolutiva para o espírito.

1. Enquanto ligado à matéria, sem condições de vida – chamamos **princípio espiritual arcaico**;
2. Quando surge a vida - chamamos **princípio espiritual vital**;
3. Quando surge a vida no Reino Animal- chamamos **princípio espiritual propriamente dito**;
4. Quando surgem os hominídeos - chamamos de **espírito ou alma**.

[30] Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos – Introdução II.

[31] Lucia, Reinaldo – Cosmologia, Exobiologia e Espiritismo um estudo sobre a vida e o Universo.

O desenvolvimento da vida na terra

Allan Kardec[32] contou com a participação de diversos espíritos de todas as ordens de saber, que se comunicaram através de diversos médiuns, ver a introdução do *Evangelho Segundo o Espiritismo* no item *controle universal do ensino dos Espíritos*. Para a montagem da teoria Espírita, Allan Kardec destaca que "sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade".

> LE: questão 613 - "O ponto de partida do espírito é uma dessas questões que estão nos segredos de Deus. Não é dado ao homem conhecê-la de maneira absoluta"[33].

Passaremos agora a verificar o que segue valendo atualmente de tudo os que foi proposto ao tempo de Allan Kardec a respeito do ponto de partida do espírito.

Livro dos Espíritos

No próprio *O Livro dos Espíritos* Allan Kardec nos propõe na questão 21[34] de que Deus esteve sempre ativo e neste caso refere-se à criação da matéria, em seguida na questão 22, nos diz que a matéria é o laço que prende o espírito. Na questão 25 – "são distintos uma do outro, mas a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria". Na questão 27 – Deus espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe".

Hoje temos condições de determinar com alguma precisão o momento do Big Bang, podemos assim determinar com a mesma precisão o momento em que Deus criou a matéria e por consequência o espírito para todos os fins práticos isto se deu no momento do Big Bang.

---

[32] Kardec, Allan – O Evangelho segundo o espiritismo – FEB - Introdução.

[33] Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos – questão 613.

[34] Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos – questão 21, 22, 25 e 27

Os reinos da natureza no século XIX e agora[35]

Os reinos da natureza à época de Allan Kardec:

Onde se dariam os processos reencarnatórios terrestres - Terminologia Espírita tirada do *Livro dos Espíritos*[36].

- Seres Inanimados:
  corpos brutos – minerais - não tem princípio vital nem inteligente.
- Seres Animados não pensantes:
  vegetais – tem princípio vital, mas não tem inteligência.
- Seres animados pensantes:
  animais – tem princípio vital e princípio inteligente.

A classificação dos seres vivos em Plantas e Animais vem dos tempos de Aristóteles.

Hoje em dia a vida animal é classificada como abaixo, sendo estes três primeiros Reinos da lista sido definidos a partir do ano de 1866[37], quando o biólogo alemão Ernst Haeckel foi responsável pela criação do reino Protista e em 1956 Herbert Copeland organizou o reino Monera. Por fim, só em 1969, o biólogo R.H. Whittaker propôs também a inclusão do reino dos fungos.

Os reinos da natureza como classificados hoje:

- Reino Monera – bactérias
- Reino Protista – protozoários e algas
- Reino Fungo – cogumelos
- Reino Planta – vegetais
- Reino Animal – animais

Além destes reinos existem os vírus que não são classificados como seres vivos, por não possuírem células, tratando-se de um parasita intracelular e formados por uma carga de DNA e uma molécula de proteína. Talvez fósseis vivos remanescentes dos primeiros passos para a criação da vida.

---

[35] Amabis, José Mariano & Martho, Gilberto Rodrigues – Fundamentos da Biologia Moderna – editora moderna, Belenzinho _ SP 2002 – página 173

[36] Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos – questão 46.

[37] https://www.todamateria.com.br/reinos-dos-seres-vivos/.

Nossa tese é de que no mineral, até melhor dizendo, em qualquer elemento material que tenha em seu constitutivo físico a presença de pelo menos 1 elétron, lá já teremos, como já explicamos anteriormente a participação do princípio espiritual arcaico.

Não é tão fácil assim determinar quando iniciam os processos inteligentes, não é possível dizer com certeza que os componentes dos reinos Monera, Protista, Fungo e Planta não tenham qualquer indício inicial de inteligência, posto que o princípio espiritual que está atuando nestas fases está atuando, se preparando, potencialmente para a próximas fases da vida na Terra quando do aparecimento dos animais. Certamente muito mais complexas.

Nos Reinos Monera, Protista, Fungo e Planta este princípio espiritual, como explicado anteriormente denominamos de princípio espiritual vital que já conta como o desenvolvimento do instinto e dispõe de algum tipo de sensibilidade, reagindo ao ambiente, seja com a luz solar, a chuva, o vento ou a temperatura, para citar alguns exemplos.

Vida animal

Nesta fase de desenvolvimento da vida na Terra aparece aquele que viria mais tarde na sua jornada evolutiva se transformar no Espírito dos homens, na vida animal o Princípio Espiritual goza de quase todas as suas propriedades como diversas vezes referenciado na codificação. Nesta fase denominamos os princípios espirituais como princípios espirituais propriamente ditos.

Entendendo como se formou a vida na Terra

As experiencias dos cientistas Stanley e Urey[38]demonstram como se dá a formação de aminoácidos, conforme a proposta

[38] Amabis, José Mariano & Martho, Gilberto Rodrigues – Fundamentos da Biologia Moderna – editora moderna, Belenzinho _ SP 2002 – página 8

de Oparin. Desta forma podemos propor também com bastante precisão como a vida surgiu na Terra[39].

1. Formação da crosta sólida no planeta (desta crosta todos os elementos químicos serão extraídos;
2. Formação de grandes oceanos (existência de água no estado líquido que se deveu muito provavelmente a uma série de choques de cometas contra o nosso planeta[40]);
3. Existência de uma atmosfera rica em CO2, CH4 e vapor d'água que favoreceu o aparecimento do efeito estufa que tanto nos incomoda hoje, mas que provocava grandes convecções na atmosfera e como consequência tempestades e raios elétricos -estas condições permitiram a sintetização de aminoácidos;
4. Existência de um satélite de proporções planetárias[41]– a Lua, que a 3,5 bilhões de anos estava a 1/3 da distância atual da Terra e provocava marés nove vezes mais altas e vulcanismos na superfície da Terra. Com isto os oceanos varriam a superfície da Terra com força colossal, trazendo e misturando os elementos químicos necessários para o surgimento dos primeiros sistemas autônomos[42] (vida) provavelmente no fundo dos oceanos, adsorvidos às conhecidas pedras pome – formadas pela solidificação da lava vulcânica nos oceanos ou nos corpos aquáticos.

Há 150 anos atrás não tínhamos nenhuma ideia, hoje, no entanto, já podemos desenvolver uma hipótese, na qual o princípio espiritual se desenvolveu na interação com a matéria a 14 bilhões de anos e vem desenvolvendo-se desde então, conforme demonstramos na **Figura 1** a seguir.

[39] Amabis, José Mariano & Martho, Gilberto Rodrigues – Fundamentos da Biologia Moderna – editora moderna, Belenzinho _ SP 2002 – página 6

[40] Tyson, Neil DeGrasse e Goldsmith, Donald – Origins Fourteen Billion Years of Cosmic Evolution – Norton & Company – 2004 – página 233

[41] Hubble – 15 anos de descobertas – Scientific American Brasil - DVD

[42] Origens da vida – a Evolução das Espécies – National Geographic - DVD

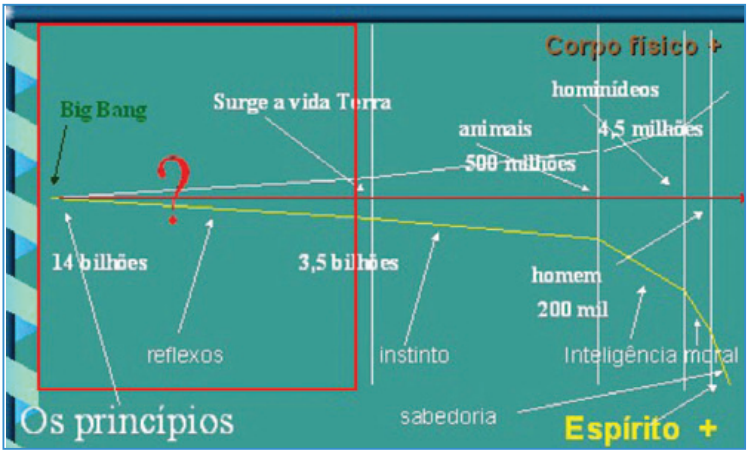


Figura 1 - A evolução anímica (Universo) e espiritual - com enfoque final na Terra. Na parte superior à flexa central mostramos a evolução anímica, em branco, e na inferior a evolução do princípio Espiritual, em amarelo, até o surgimento do Espírito, na fase hominal.

Resumindo até aqui, teríamos as seguintes fases que o espírito passaria, desde a sua criação até a fase de sabedoria:

1. Do Big Bang até o surgimento da vida há 10,5 bilhões de anos, existe apenas o PRINCÍPIO ESPIRITUAL ARCAICO, este evolui pouco absorvendo os reflexos de suas interações com a matéria; (predomínio do PRINCÍPIO ESPIRITUAL ARCAICO).
2. Ao surgir a vida na Terra, há 3,5 bilhões de anos, por cerca de 2 bilhões de anos o Princípio Espiritual desenvolve-se em seres vivos primitivos dos reinos Monera, Protista, Fungo e Planta. Nesta fase este Princípio receberá o nome didático de Princípio Espiritual Vital – PEV, onde o PEV aprende por reflexos e por instinto e torna-se o agente da manutenção da própria vida; (Predomínio do PEV sobre o PRINCÍPIO ESPIRITUAL ARCAICO que segue interagindo com a matéria). Ver *condições ambientais favoráveis à vida* neste capítulo.
3. A cerca de 500 milhões de anos, surge a vida animal, muito mais complexa. Esta é a fase na qual Allan Kardec costuma chamar o espírito de Princípio Espiritual propriamente dito - PE. O PE aprende por reflexo, instinto e inteligência rudimentar; (predomínio do PE, o PEV e o PRINCÍPIO ESPIRITUAL ARCAICO seguem atuando cada um em sua área).O PE estagiou, desde os primeiros organismos

unicelulares até os animais de hoje. Através da análise do DNA de todos os seres vivos podemos determinar que o primeiro animal a surgir na Terra foi a Esponja marinha (DNA)[43].

4. Há cerca de 4,5 milhões de anos o PE evolui para a forma de Espírito, encarnando em corpos de hominídeos onde o senso moral inicia a sua jornada. O Espírito aprende por reflexo, instinto, inteligência e por interação moral.

A partir deste primeiro animal, os mecanismos já citados de evolução, fizeram em 500 milhões de anos, evoluíssemos até as formas hominídeas e bem mais perto de nós, nos últimos 500 a 250 mil anos evoluir até o Homo sapiens como descreveremos no próximo capítulo.

O Ser Humano e a Evolução, uma Análise Pré-histórica

A Figura 1 no capítulo anterior, demonstra claramente como se deu no tempo, a evolução da vida na Terra, desde a sua formação. Uma vez que a vida surge, são 1,5 bilhões de anos de evolução até que nos últimos passos entorno de 5 milhões de anos, começa o desenvolvimento de animais, mamíferos, primatas que resultaram no aparecimento do ser humano. Neste capítulo analisaremos estes últimos 50 milhões de anos.

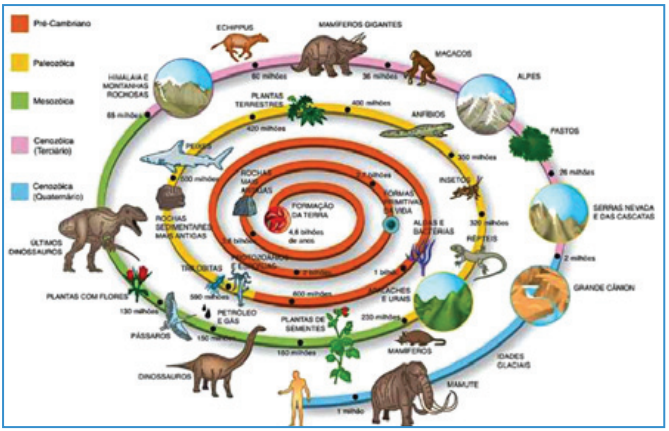


Figura 2 – Escala Cronológica da vida na Terra – fonte Pinterest.

[43] Revista National Geografic – Origens da vida – A evolução das Espécies – Filme O início de tudo.

A primeira pessoa a tratar do evolucionismo foi Aristóteles[44], na sua *Physicae Auscultationes* que proclamava a evolução de todos os seres, desde a matéria ao pensamento. O tema teve posteriormente a contribuição de personalidades como Buffon, Lamarck, Saint-Hilaire, Wallace, Darwin e Haeckel, a exceção de Aristóteles que provavelmente não foi afetado pela Bíblia, todos de alguma forma tentaram se contrapor à ideia bíblica de que todas as espécies foram "especialmente criadas". O fato é que gostemos ou não, o homem e o macaco têm um ancestral em comum.

A determinação da espécie exata que deu origem ao homem moderno tem ocupado a atenção mundial, no campo da Paleontologia. Allan Kardec, em *A Gênese*, tratou do assunto nos capítulos X (Gênese Orgânica), XI (Gênese Espiritual – Princípio espiritual), aqui procuramos estabelecer um paralelo entre a posição de Allan Kardec, que se sustenta nos ensinamentos dos espíritos e na ciência humana entre 1855, ano em que o professor Rivail[45] entra em contato com as mesas girantes e 1869 ano da desencarnação do mestre em 31 de março daquele ano, com os conhecimentos científicos do século XXI.

Os humanos têm uma estrutura semelhante à dos chimpanzés e gorilas, possuímos a mesma estrutura anatômica básica e constituição genética similar, provavelmente herdadas de um ancestral comum que deve ter vivido há cerca de 10 milhões de anos. Existe até alguns cientistas que preferem incluir os chimpanzés e bonomo no gênero Homo[46]. Sabe-se que[47] o primata mais antigo descoberto até o momento foi um lêmure, pequeno animalzinho que vive até hoje, na ilha de Madagascar, no entanto, seus ancestrais já estavam por aqui a cerca de 50 milhões de anos.

[44] DARWIN, CHARLES; A origem das espécies, 387p.
[45] Hippolyte Leon Denizard Rivail – nome de Allan Kardec que é um pseudônimo.
[46] Revista IstoÉ de 28 de maio de 2003.
[47] Revista Superinteressante, abril de 1991, página 91

Um interessante artigo foi publicado na revista Superinteressante[48], destacamos que: "Charles Darwin afirmou que os homens e os macacos têm a mesma origem, o que a ciência pode reforçar hoje, com a descoberta do Aegyptopithecus de 35 milhões de anos. Até recentemente, porém, não se acreditava que a família dos humanos se confundia com a de chimpanzés e gorilas", esta posição sempre foi um tabu, principalmente no século XIX.

> "Hoje os cientistas tendem a aceitar que todos fazem parte de um único grupo, no qual homem e chimpanzé são parentes próximos, ao passo que gorilas e orangotangos são primos evolutivos mais afastados do gênero Homo."[49].

A seguir apresento um quadro comparativo de Homologia bioquímica, estabelecendo a relação entre proteínas presentes nos mamíferos, entre eles o homem.

Homem	100%
Chimpanzé	97%
Gorila	92%
Gibão	79%
Balbuíno	75%
Macaco Aranha	58%
Lêmur	37%
Porco	8%

Esta tabela demonstra a relação entre os DNAs de diversos mamíferos.

A posição de Allan Kardec

Com o objetivo de orientar o raciocínio do leitor, vamos expor, de forma simplificada, os principais pontos da Doutrina Espírita, segundo Allan Kardec, sobre a evolução do homem, extraídos das obras básicas:

1. Aceitação da existência de diversos ramos de primatas, que deram origem a diversas árvores (homem, chimpanzés, gorilas etc.).

[48] Revista Superinteressante, setembro de 1988, página 88
[49] Revista Superinteressante, setembro de 1988, página 88

2. Aceitação do princípio, ainda que à nível de hipótese "de que o homem tenha se utilizado da vestimenta do macaco" na fase de elaboração do envoltório definitivo.
3. O Espírito modela o seu envoltório, talha-o de acordo com a sua inteligência.
4. Os mundos progridem, fisicamente, pela elaboração da matéria e, moralmente, pela purificação dos Espíritos que o habitam.
5. Existência da raça Adâmica.
6. Os selvagens também fazem parte da humanidade, evoluirão, mas sem dúvida, não será em corpos da mesma raça física.
7. Existência de dois tipos de seres, os que não são procriados (geração espontânea) e os que se propagam por reprodução, dando origem a novas espécies (teoria da evolução de Darwin).

A seguir apresentaremos como a ciência atual interpreta a evolução humana e sempre que couber, faremos uma comparação com a posição de Allan Kardec.

Existe a Necessidade de Recorrermos à Exobiologia, para Explicar o Desenvolvimento das Civilizações na Terra?

Neste capítulo, nos dedicaremos a coletar e analisar a bibliografia espírita que recorre a migrações de espíritos de outros planetas como explicação para os "saltos" da humanidade. Acreditamos que os saltos evolutivos humanos sejam explicados perfeitamente e de forma bem mais simples, sem a necessidade de migração de espíritos de outros planetas.

Como piloto deste estudo como forma de demonstrar a hipótese da gênese terrestre, analisaremos o desenvolvimento de três civilizações em três continentes, os Sumérios, os Egípcios e os Maias, respectivamente Ásia, África e América Central, outras civilizações poderão ser citadas apenas, como suporte para a argumentação.

Serão usados como referência espírita as seguintes obras: *A Gênese os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*; *Revista Espírita* – 1862 ambas de Allan Kardec; *A Caminho da Luz*, de Emmanuel psicografado por Francisco Candido Xavier e *Exilados da Capela* de Edgard Armon além de alguns trabalhos de Gabriel Delanne.

Allan Kardec, no livro *Obras Póstumas*, Constituição do Espiritismo, nos fala como devemos atualizar o conteúdo da Doutrina, de onde extraio dois pontos[50]:

1. Não fechar as portas a nenhum progresso;
2. Não sair do círculo das ideias práticas.

Assim devemos estar alertas para não nos deixarmos levar pelo encantamento e andemos de par com a ciência.

Ícone de desenvolvimento da humanidade - a agricultura

Do livro *A Aurora da Humanidade*, parte da coleção História em Revista nos permite redigir os parágrafos seguintes, por dois milhões de anos, o ser humano vagara, alimentando-se do que lhe oferecia a natureza. A 10.000 anos atrás, com o desenvolvimento da região do vale dos rios Tigres e Eufrades, iniciou-se o assentamento humano em vilas.

Este período coincidiu com o fim da última era glacial, em decorrência do recuo da área coberta por gelo, grandes áreas se abriram para o pasto e para a agricultura. A 10.000 anos a população da terra era de cerca de 10 milhões de pessoas. Para que tenhamos uma ideia, uma pequena família nômade de 25 pessoas precisava de 650km^2 para garantir o seu sustento, uma vila ou assentamento, nesta mesma área podia confinar milhares de pessoas[51].

Não foi uma revolução repentina. Os hábitos estabelecidos eram abandonados com dificuldade, no início, os antigos métodos de caça e coleta conviveram com o novo estilo de vida. Mas o padrão da existência humana estava sendo alterado de maneira irrevogável. Esses primeiros lavradores fizeram mais do que apenas incrementar os suprimentos alimentares. Deram a si mesmos a oportunidade – controlando as colheitas e as doenças – de viver em maior segurança e aumentar sua expectativa de vida[52].

[50] Kardec, Allan – Obras póstumas página 260.
[51] História em revista - A aurora da humanidade
[52] História em revista - A aurora da humanidade.

A 8.000 a.C. já se cultivavam cereais no México e a 7.000 a.C. a técnica chegou ao Peru, demonstrando que a transmissão de conhecimento de tribo a tribo se deu da mesma forma na América como na Ásia. A este movimento de transmissão de conhecimento o historiador e escritor Yuval Noah Harari, denominou de Revolução Cognitiva[53].

Uma abordagem sobre o desenvolvimento da humanidade na bibliografia Espírita

Exobiologia

Demonstraremos que relatos de espíritos não correspondem às observações da ciência, bem como os conhecimentos atuais de geologia.

Como um princípio geral, vamos encontrar referências bem parecidas em 3 textos: por questões didáticas iniciaremos com Edgard Armon, citando Emmanuel em livro psicografado por Chico Xavier, quando necessário e finalizamos com Allan Kardec. É preciso dizer que nenhuma destas referências tem a menos validação em evidências científicas.

Abaixo extraio alguns dos pontos mais importantes destes relatos inspirados por comunicações espirituais, que claramente não estamos de acordo.

Agrego um comentário do Engenheiro Marcelo Régis, com o qual concordo inteiramente[54]; "cabe aqui um breve comentário sobre o não entendimento da força da teoria darwiniana pelos espíritas. Espíritos como André Luiz e Emmanuel pregaram que a evolução biológica era determinada pelos espíritos superiores, sob a supervisão do Cristo nas altas esferas espirituais... Vemos aqui que alguns autores retornam aos antigos padrões inflexíveis e dirigistas do cristianismo, não assimilando a ideia libertadora de Darwin e colocando o Espiritismo à margem do conhecimento".

[53] Harari, Yuval – Uma breve história da Humanidade.

[54] Régis, Marcelo - Evolução Global – Darwin e Kardec constroem o futuro.

Iniciamos as análises tomando como base os relatos de Edgard Armon, pois ele trata em seu livro *Exilados da Capela* de diversas migrações. Nos permitindo então intercalar as contribuições de Emmanuel do livro *A Caminho da Luz*.

Primeira Raça Emigrada

Segundo Edgard Armon[55] seriam, na verdade várias as migrações, a primeira migração de espíritos teria ocorrido, no final do terceiro período geológico, como Pitecantropo (o terciário, corresponde ao período compreendido entre 65 milhões de anos a 2 milhões de anos).

Observação: Neste ponto o autor comete o primeiro engano cronológico, localizando a 1ª raça emigrada em um período geológico posterior ao da 2ª raça emigrada, mesmo que isto não tenha sido a sua intenção, as referências não se cruzam na ordem certa. Ou, admitindo-se que a referência ao continente esteja certa, ela teria ocorrido no Cretáceo – ver observação 2 abaixo.

Agora se nos apegarmos ao nome Pitecantropo, esta é uma denominação dos Australopitecos que viveram entre 4 e 2,5 milhões de anos atrás, este sim no final do período terciário.

Sobre a Raça Branca

Emmanuel também trata da origem da raça branca, dizendo:

> "A natureza ainda era, para os trabalhadores da espiritualidade, um campo vasto de experiências infinitas, tanto assim que, se as observações do mendelismo fossem transferidas àqueles milênios distantes, não se encontraria nenhuma equação definitiva nos estudos de biologia. A moderna genética não poderia fixar, como hoje, as expressões dos "genes", porquanto, no laboratório das forças invisíveis, as células ainda sofriam longos processos de acrisolamento, imprimindo-se lhes elementos de astralidade (sic), consolidando-se lhes as expressões definitivas, com vistas às organizações do porvir."

[55] Os Exilados da Capela – Edgard Armon.

Observação: As técnicas de datação por DNA são utilizadas hoje normalmente na pesquisa arqueológica e a afirmação de que não se encontraria "nenhuma equação definitiva nos estudos de biologia" não faz sentido – tratando-se assim de um engano de Emmanuel.

Sobre a origem da raça branca "em sua maioria, estabeleceram-se na Ásia, de onde atravessaram o istmo de Suez para a África, na região do Egito, encaminhando-se igualmente para a longínqua Atlântida" Com relação à questão da lembrança desta imigração Emmanuel explica que esta memória foi passada de geração a geração até ser gravada nas páginas da Bíblia, seguindo neste ponto, a mesma linha de raciocínio de Allan Kardec e que posteriormente também seria seguida por Edgard Armon.

Observação: Por que citar Atlântida? Não existe nenhum indício de que este povo tenha existido novo engano de Emmanuel - e ao que tudo indica a migração do Homem Moderno se deu ao contrário da África para a Ásia há cerca de 130 mil anos.

Sobre os povos formados por estes exilados na Terra, "teriam sido os Árias (indo–europeia, os celtas, os gregos e os germânicos e eslavos), a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da índia". No livro aprofundamos este e outros assuntos correlatos.

Finalmente Gabriel Delanne

Gabriel Delanne em seu livro *A Evolução Anímica* esquiva-se de qualquer hipótese extraterrestre para explicar o desenvolvimento do ser humano, desde seu ancestral mais antigo, recorrendo apenas ao desenvolvimento do espírito e a lei da reencarnação.

"Nenhuma teoria filosófica pode, como o Espiritismo, explicar todos estes fenômenos. Graças à lei de reencarnação e ao conhecimento da natureza da alma, fácil se torna compreender o progresso do Espírito, desde a modalidades mais rudimentares até as suas manifestações mais altas. O princípio pensante percorreu, lentamente, todas as escalas da vida orgânica, e foi por meio de uma ascensão ininterrupta, em transcurso de séculos inumeráveis, que ele pode pouco a pouco, demoradamente, fixar no invólucro fluídico todas as leis da vida vegetativa, orgânica e psíquica."

No Livro A *Alma é Imortal*, Delanne dedica um capítulo completo ao estudo das sociedades antigas, como os egípcios, os hindus, os chineses e gregos, sem recorrer em momento algum à hipótese extraterrestre. Demonstra por exemplo que o culto aos mortos era comum em todas as regiões "verifica-se, com efeito, que os homens da época pré-histórica, a que se deu o nome de megalítica, sepultavam os seus mortos, colocando-lhes nos túmulos armas e adornos". Ou ainda, referindo-se aos Egípcios que estes a 5000 a.C. já faziam referência ao culto aos mortos e na crença na sobrevivência.

No livro A *Reencarnação*, ele diz "a ciência formulou certo número de hipóteses, para explicar as mutações dos seres. Lamarck e Darwin imaginaram teorias sedutoras, que as de Quinton e De Vries completaram até certo ponto. Mas, a verdadeira causa da evolução deve ser procurada, segundo penso, nos esforços que o princípio inteligente tem feito para se ir desprendendo das faixas da matéria".

A trajetória espírita - de ciência ao conhecimento

Há uma ciência espírita? Teria havido em algum momento, no tempo de Allan Kardec? Qual método da ciência espírita? Qual o seu objeto? Como o Espiritismo é visto pelas instituições cientificas? Estas questões serão analisadas neste capítulo. Não temos a pretensão de trazer a última palavra sobre o assunto. Ao contrário, queremos iniciar um debate que reacenda a chama da busca do conhecimento nas fileiras espíritas.

Os princípios básicos do Espiritismo são apresentados na Introdução de "*O Livro dos Espíritos*". Estes princípios podem ser considerados como os alicerces de uma Ciência Espírita ou Conhecimento Espírita. Analisaremos os mesmos não pelo seu inegável valor, mas, considerando-os sob o ponto de vista da Filosofia Espírita.

Poderíamos resumir os princípios espíritas nos seis que se seguem:

1. Existência de Deus, Espírito e Matéria.
2. O Homem é formado por corpo físico, perispirito e Alma.
3. A Alma é imortal.
4. A Alma evolui.
5. Pluralidade das existências e dos mundos habitados.
6. Comunicabilidade entre encarnados e desencarnados - Mediunidade.

Sob o ponto de vista da Ciência, um princípio só é científico se puder ser provado, ou seja, é necessário que se submeta essa afirmação a provas e testes cientificamente controlados.

Desta forma podemos afirmar que até o momento não foi possível submeter a nenhum tipo de comprovação cientifica alguns desses princípios espíritas. São eles: *Existência de Deus* (afeto à Religião e a Metafísica, ainda que não é possível provar tão pouco que ele não exista); a *existência da Alma* enquanto essência (como é definida no Espiritismo é de difícil comprovação); a *Imortalidade da Alma*; a *evolução infinita do Espírito*. Tais hipóteses não permitem montar uma experiência em que se possa aferir esta evolução em nível individual, ao longo de diversas encarnações, nem tão pouco provar a imortalidade infinita.

Os demais princípios, sem sombra de dúvida, podem e têm sido provados ao longo do tempo, sem, no entanto, sensibilizar a comunidade científica, mas pelo menos, permitem reunir dados de experimentação que fatalmente resultarão na aceitação como prova no futuro.

Vejam detalhes no livro completo - envie um e-mail para: **ickardecista1@terra.com.br** para receber seu exemplar.

Considerações Finais

O Espiritismo é um conhecimento que deve andar passo a passo com a ciência. Os espíritas devem estar preparados para a mudança constante, ao menor sinal do progresso, devemos estar aptos e preparados para usar, e muito, o critério da razão. Se

pensarmos como a ciência pensa, ficaremos sempre com a solução mais simples para os problemas.

É extraordinário avaliar que Allan Kardec, já em 1868 pudesse antecipar uma série de desenvolvimentos científicos que só se consolidaram muitos anos após a sua morte. No entanto, alguns de seus pontos não encontraram guarida na ciência, poderão argumentar alguns, que a ciência poderá lá chegar algum dia. Não é bem assim, algumas áreas já possuem suficiente conhecimento acumulado para que uma base sólida possa ser montada, permanecendo, é claro, espaço para mudanças posteriores em seus detalhes.

São exemplos disto a Teoria da Origem das Espécies, publicada por Darwin em 1859 dez anos antes da publicação do livro A *Gênese* de Allan Kardec. A proposta de Darwin permaneceu em discussão até que a série de descobertas de fósseis viessem a lhe dar a validação. O que nos faz estranhar é o fato dos Espíritos que se comunicavam em Paris, com Allan Kardec jamais terem se posicionado a favor da Teoria de Darwin, já que eles opinavam sobre quase tudo à época de Allan Kardec, como podemos ver na leitura da *Revista Espírita*.

O porvir

Como nossa proposta é falarmos de evolução, não podemos deixar de falar no futuro, evoluiremos como espécie? Muitos pensadores têm debatido este ponto, algumas condições que impulsionaram a nossa espécie, não estão mais presentes, não temos áreas isoladas no planeta, no entanto temos sim, muita miscigenação e com isto nossos genes estão sendo cada vez mais compartilhados. Acreditamos também que seguiremos evoluindo como Espíritos.

Explicações adicionais

Haverá um capítulo destinado a esclarecimentos adicionais. Sua leitura é complementar aos capítulos anteriores, destinadas

àqueles que querem abrir mais a sua mente e mergulhar no assunto, todos os itens aqui, apareceram no texto do livro em sua primeira utilização de forma sublinhada.

Vejam detalhes no livro completo - envie um e-mail para: ickardecista1@terra.com.br para receber seu exemplar.

Referências Bibliográficas;

1. Ao todo o livro faz referência a 99 obras.

A Reencarnação: A Busca por Igualdade e Justiça Social nas Relações de Gênero e Sexualidades

Alexandre Júnior[*]

No campo do conhecimento e na produção dos saberes, convém perceber que a busca não é por igualdade no sentido de tornar todas, todos e todes iguais uns aos outros. É compreendermos a diversidade que nos forma. Concebermos que se faz necessária uma discussão a partir do espiritismo que trate as questões que envolvem reencarnação, gênero e sexualidades suscitando as diferenças que nos formam, e seja capaz de fomentar o debate sobre políticas públicas que tenham como objetivo a busca constante por equidade e justiça social.

Os espiritismos têm tratado as referidas temáticas, invariavelmente, por uma interpretação religiosa, sistematicamente obediente à opressão da norma social vigente, que tem em sua gênese uma prática social machista, patriarcal, racista, LGBTQIAP+fóbica, heteronormativa, misógina, xenofóbica e que regularmente não costuma levar em consideração o que a ciência estabelece como princípios teóricos.

O objetivo, no entanto, deve ser a produção da inquietude provocada pelas reflexões que problematizam as questões, nos tirando da zona de conforto e nos convidando incessantemente a pensar. Que este pensar motive uma ação, e que essa ação resulte em estímulo a uma práxis coletiva, socialmente engajada e política.

Do ponto de vista educacional, pedagógico, essa prática deve ser precedida de uma busca pelo bem comum.

O espiritismo tem uma perspectiva educadora, pedagógica, libertadora e libertária, que deve ser oferecida de forma transversal,

* Especialista em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica, Escritor, Pesquisador em Educação, Gênero, Sexualidades e Espiritualidades, Coordenador do Ágora Espírita

interdisciplinar e interexistencial. É sua vocação ser uma ferramenta capaz de produzir processos que, partindo do sujeito em questão, questionem o seu locus, a sua atuação neste locus, que é social em seu próprio devir; processos que analisem este Ser social, questionando o seu vir a Ser no mundo, viabilizando o seu Aparecer como uma ação política e capazes de produzir formações de assembleias que possam oferecer os espaços seguros e necessários para os sujeitos Serem e Aparecerem exatamente como são, sem temor de represálias em forma de violências desde as simbólicas e/ou as que exterminam a vida.

A doutrina espírita é capaz de produzir, de forma metodológica e sistemática, uma práxis que leve este Ser a se reconhecer e, em se reconhecendo, ele possa vir a Ser, e vindo a Ser, ele possa Aparecer, e, Aparecendo, ele reconheça o locus do qual faz parte, e sendo este Ser empoderado e Aparecido, possa mudar o locus social a qual pertença, propondo uma ação que vise igualdade e justiça social.

Nas palavras de Freire, "Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Este pensamento de Freire sedimenta as nossas digressões no sentido de nos fazer entender do que se trata o "Vir a Ser". Numa perspectiva pedagógica, seria o processo de nos munir de recursos para que possamos entender as nossas demandas, aptidões e limites, no âmbito integral do que seja o Ser, tratado e compreendido pelos aspectos social, espiritual, cognitivo, físico e emocional. Dentro deste panorama, estabelecer uma práxis que ofereça a este Ser - que é espiritual, mas obedece a imperativos materiais - uma compreensão do seu lugar no mundo, e do mundo no qual está inserido, entendendo-se, respeitando-se e agindo independentemente do plano em que se encontre.

A produção desta autonomia, a partir de uma perspectiva espírita, é ampliada, pois sujeitamos este sujeito a uma perspectiva imortalista, reencarnacionista e interexistencial. A discussão neste sentido, obviamente, não deve ficar restrita apenas ao campo

espiritual ou ao campo físico; deve sempre levar em consideração a integralidade deste Ser. Entendendo a importância da autonomia para que este Ser, Sendo possa Aparecer, nos valemos mais uma vez de Freire.

> A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo de vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.(...) É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo, ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (Freire, 2011)

Vale salientar que a ação que fomenta a formação do sujeito em um Ser ciente de suas potencialidades e em condições de Aparecer no mundo não se dá sem a produção de espaços onde as experiências respeitosas de liberdade possam ser vividas. Os espaços espíritas carecem de ser transformados em ambientes de debates francos, honestos e respeitosos como em centros sociais, escolas e universidades, onde se entenda que os processos de produção dos saberes e a instituição dos conhecimentos só de darão em locais onde a problematização e o contraditório estejam sempre presentes.

Uma vez que este Ser desenvolve a consciência do seu existir em uma perspectiva interexistencial, dentro deste processo encontrar-se-á um modelo constituído a partir da identidade espiritual. A discussão e utilização deste conceito no processo formador do sujeito ampliará o entendimento de mundo. Descortina-se então a vida futura. Este Ser aprende e apreende que, mesmo estando em uma condição transitória de materialidade ou no mundo dos espíritos na condição de desencarnado, o seu compromisso com o aprendizado e com o desenvolvimento e eclosão de suas aptidões para a produção de uma sociedade mais justa e mais igual será ininterrupto. Neste sentido, a reencarnação faculta as possibilidades, os acessos e as expertises necessárias para o processo de ensino e aprendizagem deste sujeito.

> A reencarnação tem uma ação educativa em vez de punitiva. Divina e diametralmente oposta a demoníaca; libertadora e antagônica a qualquer tipo de postura aprisionante. Sua ação sobre nós é de possibilidades de aprendizado através de sucessivas oportunidades, nas quais vamos, por intermédio dos embates sociais, concordando e discordando, formatando-nos como cidadãos cósmicos, seres universais, criaturas divinas, constituindo-nos naquilo que somos. É dessa forma que vamos compondo as diferenças que nos formam, isto é, a reencarnação pode ser tida como a responsável pela suscitação em nós daquilo que nos torna diferentes uns dos outros. (Júnior, 2022)

Imperioso entendermos a função da reencarnação como um processo educativo, democrático, justo e igual, pois nos possibilita assimilar com mais justeza as relações identitárias e as questões que envolvem gênero e sexualidades, bem como nos faculta uma visão amorosa do sujeito e do seu futuro. E esta compreensão nos aproxima muito mais de Deus, de Jesus de Nazaré e da perspectiva de amor, justiça e caridade apresentado por Kardec e os espíritos que compuseram a doutrina espírita.

Daí em diante, dar-se-á a compreensão sobre o que venha ser Aparecer e a ação política em sua gênese. Aparecendo, este Ser compreende a sua existência como um que fazer político, estabelecido a partir de sua ação no mundo.

Este Aparecer consiste, em Sendo, este Ser possuir consciência das ações políticas que envolvem a produção de um mundo social capaz de lhe permitir usar os recursos adquiridos no vir a Ser, na produção de sua felicidade e de um mundo capaz de respeitá-lo enquanto Ser Aparecido. Acontece que este Aparecer é político e invariavelmente faculta a descoberta de que o mundo não está operacionalizado para nos receber e que nós não somos compatíveis com o modelo de mundo instituído pelas normas sociais.

> Em outras palavras, ninguém sofre de falta de moradia sem que exista uma falha, sem que haja um fracasso social no sentido de organizar a moradia de um modo que ela seja acessível a toda e qualquer pessoa. E ninguém sofre com

> desemprego sem que exista um sistema ou uma economia política que fracasse em salvaguardá-lo dessa possibilidade. Isso significa que em algumas das nossas experiências de maior vulnerabilidade em termos de privação social e econômica, o que se revela não é apenas a nossa precariedade como indivíduos - embora isso também possa ser revelado -, mas também os fracassos e as desigualdades das instituições socioeconômicas e políticas. (Butler, 2019).

A partir das percepções discutidas até aqui, entendemos que o Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado produz uma justiça das reencarnações que não leva em consideração o sujeito histórico, dentro de sua realidade social, permeado dos seus enredos de realidade de vida, de vulnerabilidades, de privações, precariedades e dos meandros que envolvem a sua existência.

Em linhas gerais, precisamos refletir sobre a forma de vida social à que cada ser vive submetido, senão vejamos:

Exemplo 01:

O sujeito nasce em um bairro periférico, sem acesso a afeto, alimentação, saúde, segurança, moradia digna. Os pais são dependentes químicos e já herdaram esta mesma condição de seus pais. Incapazes de darem conta de suas próprias demandas de vida, sofrem o peso da precariedade social e da miséria - miséria esta que estabelece uma verdade nua, crua e dura da periferia brasileira.

Exemplo 02:

O sujeito nasce no seio de uma família financeiramente ajustada, com pais emocionalmente capazes e dotados de todas as condições de humanidade garantidas, com alimentação, moradia, educação, e sem históricos de abusos de drogas.

Avaliando os parâmetros estabelecidos em cada família, se faz necessária uma análise da conjuntura social de cada quadro que contemple as precariedades, vulnerabilidades, acessos, negações e possibilidades. O referido Movimento Espírita utiliza-se da causa e

efeito, do carma, da expiação, da prova e da própria reencarnação para produzir o destino dos sujeitos - e desconsidera a inferência sobre os fatos sociais.

Em suma, exige-se dos dois sujeitos de realidades distintas as mesmas ações, reações, sentimentos, práticas, hábitos e costumes, mesmo que se saiba que para o Exemplo 01, os acessos são negados e a norma social não colabora para a sua existência; que não conhece as condições mínimas de sobrevivência e que tem seus direitos negados (quando não, até o direito à vida lhe é tirado, invariavelmente de forma terrivelmente violenta). Conhece a dor de perto e vive mergulhado em um universo que dificilmente lhe faculta alguma esperança.

O Exemplo 02 tem as suas demandas respeitadas em essência. Possui uma família que busca repartir com ele noções de cidadania, de compromisso ético-comportamental, e que se esforça verdadeiramente para que ele possa viver um ambiente de exemplos de dignidade e respeito.

O julgamento instituído pelo referido Movimento exige, de forma injusta, que os dois sujeitos, mesmo Sendo diferentes no mundo, Apareçam com a mesma propriedade, ao ponto de algumas pessoas dizerem "nós somos o que desejamos; se ele hoje vive nestas condições, boa coisa não foi". Ignora-se, assim, amplamente as necessidades e relações que se estabelecem entre nós e o contexto social em que estamos inseridos.

Chamo essa ação de "meritocracia da reencarnação". Se do ponto de vista material a meritocracia é uma falácia, do ponto de vista espiritual não seria diferente. Sendo assim, as reflexões de ordem social precisam e devem ser estabelecidas para que tenhamos a possibilidade de entendermos de forma coerente a realidade que assola o sujeito e viabiliza ou não a sua condição de Ser e Aparecer no mundo. É preciso analisar se o indivíduo teve em sua vida a possibilidade de fazer eclodir as suas mais íntimas, belas e amorosas tendências ou, se pelo açoite da desigualdade e

da injustiça social, foi compelido a fazer eclodir o que há de mais animal em sua intimidade, que é tocado quando as suas condições de viver o amor e o bem são espoliadas e as humanidades que o formam são tratadas de forma secundária.

> Não digais, portanto, ao vedes um irmão ferido: "É a justiça de Deus, e é necessário que se siga o seu curso", mas dizei, ao contrário: "Vejamos que meios nosso pai Misericordioso me concedeu, para aliviar o sofrimento de meu irmão. Vejamos se o meu conforto moral, meu amparo material, meus conselhos, poderão ajudá-lo a transpor esta prova com mais força, paciência e resignação. Vejamos mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer cessar este sofrimento; se não me deu, como prova também, ou talvez como expiação, o poder de cortar o mal e substituí-lo pela bênção da paz". (Kardec, 2018)

Essa visão amplia a nossa perspectiva, nos mostrando haver uma função socioeducativa na nossa trajetória reencarnatória. Permite-nos discutir de maneira a formatar um entendimento de mundo social ao nosso derredor, tornando necessário os questionamentos sobre quem somos e em que mundo vivemos. E, a partir de uma ação diálogica, participativa, intervencional, coletiva e social, não sermos apenas observadores de um destino já construído e estabelecido. Fala-se em programação reencarnatória e não em pré-determinismos. Aquilo que acontece e influencia a vida social pertence a uma responsabilidade coletiva.

Perguntamos então: em que momento iremos produzir um espiritismo engajado com as questões sociais? Que seja capaz de proposições e intervenções no plano social? Que seja capaz de colaborar no vir a Ser e no Aparecer das pessoas?

Dessa maneira, o espiritismo assumiria caráter produtor de uma filosofia interexistencial, apta a propor uma prática que possa munir de recursos os Seres que vieram a Ser, tornando-os capazes de darem contas de suas próprias demandas íntimas, intelectuais, afetivas, cognitivas, humanas, espirituais e sociais.

De que serve um espiritismo que não seja capaz de produzir uma autonomia para o Ser? Que não o habilite a vir a Ser? E que

não colabore no seu Aparecer no mundo? E, em Aparecendo, como produzir uma sociedade que não o mate por isso?

Que sejamos capazes, de forma dialética, de produzir um espiritismo que, em contato com as ciências sociais e humanas e com as culturas de nosso tempo, ofertar essa prática humana, espiritual, social, libertadora e libertária.

Assim, apresentamos uma visão que norteará a nossa escrita, no que tange à aproximação das temáticas espíritas às questões sociais e apresentará suas relações com gênero e sexualidades.

Damos continuidade as nossas proposições com as palavras de Kardec, na Revista Espírita de 1858:

> Diremos, entretanto, para os acalmar, que a doutrina espírita, sobre a reencarnação, não é tão terrível quanto eles pensam e que se a tivessem estudado a fundo ela não lhes infundiria tanto pavor; saberiam que as condições de uma nova existência dependem de si mesmos; esta será feliz ou infeliz, conforme o que hajam feito aqui na Terra; e que, já desta vida podem elevar-se tanto que não devem temer a queda no lamaçal. (Kardec, 2017)

Essa fala de Kardec enriquece o universo do nosso debate, pois se estabelece no sentido de desmistificar a reencarnação e não apresentá-la como vilã nos nossos processos de vida, com o propósito exclusivo de punir, provar, expiar e expurgar. A nossa visão nos aproxima de uma perspectiva social da reencarnação, numa proposta educativa e não punitivista em seu próprio fim.

Pensando dessa forma, questionamos uma "reforma íntima" que, de tão íntima, beira o egoísmo. A reprodução desse conceito pelo Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado leva uma parte significativa de seus adeptos a uma compreensão apolítica e antissocial da doutrina espírita e consequentemente de seus conceitos, incluindo nessa ação a reencarnação.

Questionamos o conceito de reencarnação que não leva em consideração a condição social nas implicações das escolhas

produzidas pelos Seres em suas trajetórias de espíritos encarnados, e que simplesmente atribuem ao carma ou a causa e efeito as consequências dos caminhos trilhados por estes mesmos espíritos, desconsiderando a situação sociopolítica de um povo, ou deixando de observar a cultura deste mesmo povo.

Somos individualidades e não deixamos de Ser dependendo de que plano estejamos vivenciando no momento de nossas existências. Ou seja, não Somos apenas quando estamos na condição de espíritos desencarnados. Há um conceito trabalhado pelo Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado ao qual somos diametralmente contrários: o conceito de "verdadeiro mundo". A propagação dessa forma de pensar institui o mundo espiritual como o verdadeiro mundo e visa preparar as pessoas para esta vivência, ignorando as questões sociais. De acordo com essa compreensão, é o mundo espiritual o nosso verdadeiro mundo, um processo dicotômico e, segundo a nossa pesquisa, sem respaldo kardeciano.

Não somos dois espíritos, um em cada estágio de nossa trajetória. As reencarnações vão nos facultando oportunidades de aprendizados que se dão à medida em que vamos experienciando e, consequentemente, formatando as nossas humanidades. Esse fenômeno se dá não importando a condição em que nos encontremos em momentos específicos. Quer dizer: não importa se estamos encarnados ou desencarnados. Poderíamos pontuar as especificidades que são peculiares a cada momento. Porém, nunca num sentido de desabonar, desqualificar, diminuir ou ignorar cada uma das ocasiões que se estabelecem no nosso caminho e que devem servir de ferramentas pedagógicas e momentos de aprendizado com o objetivo de nos facultar maturidade espiritual, humana, social, cognitiva, emocional e afetiva.

Fica evidente que o referido Movimento acaba por distanciar as questões sociopolíticas das suas discussões, num processo de marginalização das temáticas sociais, sob pena de que elas levem a discussão político-partidária para dentro dos espaços espíritas.

Deixamos registrado que não devemos fazer dos espaços espíritas verdadeiros comitês político-partidários, mas a não discussão das temáticas pertencentes à cultura de nosso tempo colabora na formação de pessoas alienadas e distantes da realidade social e da cultura de seu povo.

A consequência da prática da "política da não política" é não entendermos ou não procurarmos entender do que se tratam as questões sociais incluindo as relações de gênero e sexualidades. A partir de uma perspectiva espírita, poder-se-ia colaborar para a produção de um mundo que não seja racista, LGBTQIAP+fóbico, sexista, misógino, xenofóbico e que esteja amplamente preparado a não comungar com a necropolítica exterminadora das minorias sociais alimentadas pelo neoliberalismo e pelo capitalismo nosso de cada dia - ferramentas sacramentais da extrema direita.

Sobre isso nos fala Kardec, no livro *A Gênese*,

> Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raça e de casta, já que o mesmo Espírito pode renascer, rico ou pobre, grande senhor ou proletário, mestre ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravatura, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não existe nenhum que supere em lógica, o fato material da reencarnação. Desse modo, assim como a reencarnação fundamenta numa lei da natureza o princípio da fraternidade universal, também fundamenta na mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade. (Kardec, 2018)

Essas palavras de Kardec oxigenam as nossas reflexões sobre aquelas pessoas que de alguma forma se utilizam da ideia de que não deveria existir por exemplo, o Dia da Consciência Negra ou da Visibilidade LGBT, e sim o "Dia da Consciência Humana". Do ponto de vista das percepções espiritualistas e espiritistas, a teoria não se sustenta. Enfatizamos a ideia de que não somos iguais e precisamos reverenciar a diversidade que nos torna plurais e humanos. Não produzimos uma "humanidade igual", que não leve em consideração as especificidades de cada povo. Por isso,

a necessidade de políticas públicas de produção de igualdade e justiça social.

Uma vez compreendida as diferenças que nos formam, precisamos entender como elas se manifestam, e a partir destas manifestações, como nos reunimos em assembleia para podermos Aparecermos coletivamente.

> Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é - ou não - natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, consequentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas, As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (Louro, 2019)

Devemos estabelecer algumas discussões. Se somos espíritas e consequentemente espiritualistas, devemos instituir juízo de valor a gênero e sexualidades a partir do corpo? Não é o corpo o instrumento do qual o espírito se utiliza para a sua relação com o mundo? A resposta que obtivermos a estas perguntas estabelecerá a nossa relação com as referidas temáticas.

Louro é feliz quando nos aponta o caminho da construção sociocultural na formação daquilo que os corpos são e os papéis que estes mesmos corpos executam neste mundo social. Ao nascermos, a partir de que corpos ocupamos a sociedade nos exige posturas, hábitos, comportamentos e gostos. Antes de sermos reconhecidos pelas subjetividades e espiritualidades que nos formam, somos reconhecidos e exigidos pela nossa "corporização".

Quando nos referimos à sociedade brasileira, estamos tratando de uma composição social que tem em suas origens estruturais o machismo e o patriarcado. Assim, os corpos são

exigidos a partir de uma ação cisheteronormativa. Cobra-se que os corpos se comportem mediante a genitália que possuam, ou seja, espera-se que as fêmeas possuidoras de vagina sejam a expressão literal da feminilidade. Essa expressão exigida não atende apenas a comportamentos no campo do gestual, mas a posições no mundo social e sentimentos. Exige-se submissão, subserviência, conformação com ações que vão da violência simbólica, violência patrimonial, violência emocional, violência física e assassinato. Estas ações são comprovadas quando observamos que segundo dados da pesquisa 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2022) retirados em pesquisa ao Portal Geledés, a violência contra mulher cresce vertiginosamente.

Quando nos referimos aos corpos machos, possuidores de pênis, esses precisam obedecer à virilidade que se espera deles: viris, atléticos, fortes e insensíveis, já que "homem não chora". Produzimos o que hoje chamamos de masculinidade tóxica. A inabilidade em cuidar de suas próprias emoções permeia esse tipo de construção masculina, o que vem aumentando vertiginosamente o nível de mulheres vitimadas pela violência. Um fator que não colabora para a construção dos números do feminicídio são as subnotificações.

Ainda sobre as questões da cisheteronormatividade, falamos que as opressões nascem com os corpos e não identificam as subjetividades dos sujeitos e não os reconhece como espíritos. Precisamos dizer que essa exigência social também não espera que nos tornemos adultos para que as opressões possam ser estabelecidas. Frases como: "Menina brinca de boneca", "Menino brinca de carro", "Menina veste rosa" e "Menino veste azul". Perguntamos: onde estão estabelecidas as leis que designam que cores ou com que brinquedos meninos e meninas podem brincar? Quem em sã consciência pode admitir cientificamente que uma menina que brinque com um carrinho ou uma bola de futebol se tornará lésbica? Ou que um menino que brinque com bonecas e que goste de rosa se tornará homossexual ou transsexual?

Seria o caso de acreditarmos que a condição física precede as subjetividades e as espiritualidades que nos formam? Dessa maneira não estaríamos desvirtuando a compreensão espírita que, insisto, vê no corpo o veículo do espírito para as suas relações com o mundo e a produção de suas experiências para a fomentação de um Ser que atue no mundo de forma consciente, capaz de intervir no mundo social ao qual pertence?

Quando fazemos essas digressões, percebemos o quanto precisamos avançar nas percepções das questões que envolvem gênero e sexualidades, tendo no espiritismo a fonte de inspiração para a suas compreensões.

Para discutirmos as questões de gênero e sexualidades a partir do espiritismo, precisamos, de forma transversal, dialogar com as ciências humanas e assim propormos discussões que fomentem a produção de saberes e o estabelecimento de novos conhecimentos.

> Entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contato humano, porém relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção. (Cesaire, 2008)

Olhar para o mundo com a visão decolonial é imperioso para que possamos reposicionar o espiritismo dentro deste mesmo mundo. Não é possível em pleno século XXI produzir pensamentos, reflexões, saberes e conhecimento que desprezam a ciência e não reconhecem a luta de classes, bem como a ideia de que essa luta de classes não seja precedida de uma perspectiva de Raça e Gênero.

Quando fazemos as leituras dos signos estabelecidos pelos corpos, nos aproximamos de uma realidade dura, violenta, desigual, injusta, capitalista e predatória na formação dos significados que cada corpo possui dentro das relações sociais estabelecidas pelo

sistema ditador de normas. Esse sistema é montado pelo processo colonizador e robustecido por uma política de Estado capitalista, alimentador de uma lógica que insiste em montar-se de forma predatória, precarizando o mundo social e produzindo sujeitos vulneráveis e mortificados pela necropolítica.

O Estado institui os estereótipos sociais que dão valor a cada sujeito. Os investimentos desse mesmo Estado são proporcionais a essas prerrogativas, que são construídas a partir da validação de culturas preconceituosas, racistas, LGBTQIAP+fóbicas, sexistas, xenofóbicas, e também a partir do fundamentalismo religioso. Essas inferências denotam o valor de cada corpo. Podemos entender que existem vidas que importam e possuem valor capital, e consequentemente são cuidadas pelo Estado. E há vidas que não possuem valor capital, e por conseguinte não são dignas de investimento.

> Minha preocupação é com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas "a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações". Tais forma de soberania estão, longe de ser um pedaço de insanidade prodigiosa ou uma expressão de alguma ruptura entre os impulsos e interesses do corpo e da mente. De fato, tal como os campos da morte, são elas que constituem os nomos do espaço político em que ainda vivemos. Além disso, experiências contemporâneas de destruição humana sugerem que é possível desenvolver uma leitura da política, da soberania e do sujeito, diferente daquela que herdamos do discurso filosófico da modernidade. Em vez de considerar a razão a verdade do sujeito, podemos olhar para outras categorias fundadoras menos abstratas e mais palpáveis, tais como a vida e a morte. (Mbembe, 2018)

Pensemos em como o espiritismo poderia colaborar na produção de uma visão humanista, ofertar uma reflexão que contraponha os campos da veracidade de morte, imposta pela cruel realidade social de nossos tempos e com posturas que dialogam com fascismo, que desconsideram a vida. O espiritismo poderia, de forma transversal, contribuir com uma perspectiva espiritual,

reencarnacionista, imortalista, interexistencial, porém, social, fraterna e solidária. Como nos diz Butler, "Esse impasse pode se tornar a condição paradoxal de uma forma de **solidariedade social** ao mesmo tempo triste e alegre, uma reunião representada por corpos sob coação ou em nome da coação, quando a própria reunião significa persistência e resistência." Refletindo sobre essas palavras da filósofa estadunidense Judith Butler, em seu livro *Corpos em Aliança* e as *Políticas das Ruas*, essa "triste alegria" citada por ela nos invade, mostrando que talvez exista um desgaste no conceito "caridade" estabelecido pelo Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado. Neste caso, a solidariedade social traria um compromisso com essas demandas, uma preocupação com práticas que suscitem igualdade e justiça social. Percebemos que encontramos, em certos momentos, mais espiritualidade nos conceitos trazidos pela autora citada do que em muito livro de caráter mediúnico.

Em nome dessa espiritualidade engajada social, cultural e politicamente, capaz de amar sem criar expectativas sobre o retorno dos sentimentos investidos, capaz de compreender a intimidade de cada sujeito, saber de suas limitações e, mesmo assim, manter-se disponível à prática da produção do afeto, do acolhimento e da solidariedade social - em nome dessa realidade os sujeitos que vieram a Ser e agora conseguem entender todas essas realidades sociais desiguais e injustas Aparecem e não aceitam mais voltar para o anonimato da História. Não serão mais embotados dentro dos armários do silêncio e da opressão. Não serão silenciados ou tratados como aberrações dentro dos templos religiosos, ou considerados impuros ou demonizados.

Para nos ajudar nestas reflexões, convidamos Zygmunt Bauman, em seu livro Identidade:

> Mas mesmo as pessoas a quem se negou o direito de adotar a identidade de sua escolha (situação universalmente abominada e temida) ainda não pousaram nas regiões inferiores da hierarquia de poder. Há um espaço ainda mais abjeto -

> um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de "subclasse": exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade - fora daquele conjunto no interior do qual as identidades (e assim também o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. O significado da "identidade da subclasse' é a ausência da identidade, a abolição ou negação da individualidade, do "rosto" - esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas. (Bauman, 2004)

Nestas palavras de Bauman, ficam evidentes as dificuldades encontradas para que as identidades que não estejam em conformidade com as normas sociais estabelecidas encontrem espaço na esfera das relações.

Os sujeitos insatisfeitos com a negação dos espaços de Aparecimento - e consequentemente a negação de suas próprias existências - criam tensão nas organizações sociais e se organizam num processo que tem como objetivo o reconhecimento do Estado e da sociedade. Como nos fala Butler, "Assembleias populares se formam inesperadamente e se dissolvem sob condições voluntárias ou involuntárias, e essa transitoriedade está, eu gostaria de sugerir, relacionada à sua função crítica".

As assembleias surgem por uma análise conjuntural crítica e na dinâmica da vida social. Elas podem ir adequando-se às novas demandas de novos tempos e a novas realidades sociais. Podem unir-se a outras assembleias e aumentar a quantidade de

interseccionalidades; podem dividir-se, pois novas necessidades foram descobertas; podem deixar de existir ou podem simplesmente se manterem ativas e combativas em suas propostas de reivindicação social iniciais.

É assim que surgem os Movimentos Sociais Organizados, e também os guetos, os points, os espaços onde há uma espécie de permissão do Estado para que as pessoas possam se reunir em assembleia e comemorarem o fato de que neste ambiente e naquele momento específico podem Ser quem são, Aparecerem para o mundo e, ao menos nesses encontros, suas integridades estarão teoricamente em segurança. Afinal de contas, nunca se sabe! Nos dias e nas horas marcadas nesse território, é provável que não sofram violência.

É a partir desses reconhecimentos de si mesmo, do Vir a Ser e da necessidade de Aparecer no mundo que as Identidades vão se formando, e em se procurando formam as assembleias. A luta não é pela busca de conformidades espelhadas no mundo. Ou seja, não é um pedido, ou uma permissão por existir. Trata-se de lutas para que o Estado e a sociedade os reconheça, e em a sociedade não reconhecendo, que o Estado produza as políticas públicas que tragam reconhecimento a estes Seres em suas peculiaridades e especificidades mais íntimas. Não é uma luta simples, onde se pleiteia o respeito. É uma luta contra a necropolítica, uma luta pela própria existência.

> Por isso que, para estudar Kardec em pleno século XXI de maneira não dogmatizada, é preciso desenvolver uma abertura de pensamento e uma visão crítica que permitam ao estudante compreender as ideias e visões de mundo presentes na obra Kardequiana, buscando o entendimento espiritual em torno das questões e dos temas ali colocados para além dos limites que o século XIX e a sociedade europeia estabeleciam. (Morais,2020)

Essa fala de Elias Morais em seu belo livro *Contextualizando Kardec do Século XIX ao XXI* ilustra os nossos pensamentos.

Entendemos que Kardec não aborda todas as questões que compõem a realidade social do século XXI. Compreendemos também não se tratarem de discussões para o século XIX. Dessa maneira, o Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado compõe a sua ideia de espiritismo entendendo que, se não estiver em Kardec, não é espiritismo. Esse pensamento acaba por limitar filosófica e cientificamente o espiritismo brasileiro, além de torná-lo acrítico e alimentado pela produção literária mediúnica, mesmo que essa mesma literatura, em vários pontos específicos, seja diametralmente contra o que Kardec oferece de conhecimento espírita.

Esse fato se dá justamente por entendermos que Kardec não falou sobre tudo, e nos dias atuais, vários temas carecem de ser trabalhados a partir de um olhar espírita, não de um olhar espírita religioso dogmático fundamentalista, facilmente cooptado por programas de governo de extrema direita, sob o convite de pautas morais, como a "defesa da família tradicional brasileira", "ideologia de gênero" etc.

Trabalhamos a partir da perspectiva de que Kardec, e consequentemente o espiritismo, não seja capaz de pôr ponto final em todas as discussões propostas pela sociedade contemporânea. Inclusive não deve ser esse o papel da doutrina espírita. Partimos da ideia de que Kardec não fechou a porta e apagou a luz. Muito pelo contrário: ele abriu a porta e acendeu a luz. A partir dele e em diálogo constante com as ciências sociais e humanas de nosso tempo, seremos capazes de, aí sim, colaborarmos na formação de uma sociedade mais justa, mais igual, enfim, uma sociedade que se ame.

O espiritismo não fala sobre gênero, mas oferece caminhos teóricos para que, juntos com autores das ciências humanas da atualidade, possamos propor algum pensamento eminentemente Kardeciano, porém, em total dialogicidade com a contemporaneidade. É o que tentamos fazer quando escrevemos e publicamos o livro, *Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades:*

Um Diálogo com as Questões Sociais. E é o que novamente nos esforçamos para fazer com a escrita deste artigo.

Usaremos este pensamento de Kardec, na *Revista Espírita de 1866*, para podermos ilustrar o que estamos falando.

"As almas ou Espíritos não tem sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria". Embora este pensamento se repita na pergunta 200 de *O Livro dos Espíritos*, "200) Os Espíritos tem sexo?" e os espíritos respondem, "Não como o entendeis, porque os sexos dependem da constituição orgânica. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos."

Ora, se os espíritos não têm sexo, e se nas duas oportunidades, tanto Kardec, como os Espíritos respondem e se prendem verdadeiramente as questões das afinidades e dos sentimentos, é simples compreender que os corpos não amam, não simpatizam e não são simpáticos. Nesta linha de entendimento deveriam ir os espíritas. Isso nos faz perguntar: por que o corpo físico, segundo a compreensão espírita, é o instrumento do qual o espírito se utiliza para poder construir as suas experiências no mundo dos encarnados, exceto quando o assunto é gênero e sexualidades?

Por que insistimos em teorias que não se sustentam do ponto de vista científico, como a ideia de que as pessoas encarnam homens durante muito tempo e quando reencarnam mulher, desenvolvem algum tipo de dificuldade, daí nascerem lésbicas, e o contrário disso, quando nascem gays, para tentarmos explicar e justificar as questões de gênero e sexualidades? Por que a ideia da naturalidade dos gêneros e das sexualidades nos assusta tanto? Por que precisamos de uma teoria que justifique o fato de encarnarmos pertencentes a população LGBTQIAP+, mas quando encarnamos heterossexuais essas mesmas teorias não são constituídas?

Porque precisamos obedecer à norma social machista e patriarcal na construção do que venha a ser gênero e sexualidades,

tornando natural a heterossexualidade e marginalizando todas as outras formas de expressão de gênero e/ou orientação sexual!

> Há alguma maneira de vincular a questão da materialidade do corpo à performatividade de gênero? Como a categoria "sexo" figura no interior da relação? Consideremos primeiramente que a diferença sexual é muitas vezes invocada como uma questão de diferenças materiais. Entretanto, a diferença sexual é sempre uma função de diferenças materiais que são, de alguma forma, marcadas e formadas por práticas discursivas... Nesse sentido, então, "sexo" não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força regulatória é evidenciada como um tipo de poder produtivo, um poder de produzir - demarcar, circular, diferenciar - os corpos que controla. (Butler, 2020)

A partir desta fala de Judith Butler em seu livro *Corpos que Importam os Limites Discursivos do "Sexo"*, refletimos sobre a construção da materialidade do corpo e seu evidenciamento, e do poder constituído por estes corpos. Traremos à conversa Lélia Gonzalez, com seu livro *Por um Feminismo Afro Latino Americano*, por entendermos como esses valores atribuídos aos corpos determinam aquilo que chamamos de povo. "Todos eles falam do "povo", dos interesses e necessidades do "povo". Mas o "povo" de quem falam nada tem a ver com aqueles que a gente conhece, porque nunca chegaram perto dele. Por conseguinte, nunca viram que ele é pobre, "feio", desnutrido porque faminto, marginalizado e negro". Trouxemos a Lélia para o debate para instituirmos a seguinte pergunta: Afinal de contas, o que é o povo? Baseado naquilo que apresentamos até agora, fica evidentemente fácil descobrir que a definição de "povo" tem a ver com a estética produzida por quem detém o poder. A estética é branca, heterossexual, classe média e não reconhece como "povo" quem foge a este padrão. É dessa maneira que as várias formas de opressão vão sendo "legalizadas" pelo Estado, esta "legalização" do Estado que valida as referidas violências e determina quais corpos merecem e serão incluídos como "povo" nas políticas públicas produzidas por esse mesmo Estado.

Caminhamos até aqui num propósito nada velado de tentarmos nos encontrar no mundo, sabermos quem somos, que lugar ocuparmos na esfera das relações de Estado, imbuídos deste Vir a Ser pedagógico. Precisamos Aparecer no mundo, subverter as normas sociais que insistem em nos matar. Nos diz Conceição Evaristo: "A gente combinamos de não morrer... Eu sei que não morrer, nem sempre, é viver".

Uma vez cientes dessa realidade, precisamos discutir como fazer isso, como não morrer! Nos diz Hanna Arendt: "Trata-se do espaço da aparência, no mais amplo sentido da palavra, ou seja, o espaço no qual eu apareço aos outros e os outros a mim; onde os homens existem não meramente como as outras coisas vivas ou inanimadas, mas fazem explicitamente seu aparecimento". (Arendt, 2020)

Entendemos gênero e sexualidades como uma questão de performance social e espiritual, de forma concomitante. Não acreditamos que as encarnações pertencentes as populações LGBTQIAP+ sejam apenas uma forma de expurgar, expiar ou provar algo durante a nossa trajetória de espíritos encarnados. Defendemos que o Ser LGBTQIAP+ é apenas mais um espírito vivenciando as experiências que juntas facultam o seu processo de construção de vivências, assim como os sujeitos heterossexuais.

Insistimos na discussão com relação ao Ser a ao Aparecer por entendermos que o Brasil é um país formatado para que as populações LGBTQIAP+ não Sejam e não Apareçam, e consequentemente, os espaços ofertados pelo Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado não estão fora desta realidade.

Convidamos à nossa conversa a socióloga Heleieth Saffioti, em seu livro *Gênero, Patriarcado, Violência*, para robustecermos a nossa discussão sobre gênero e entendermos a necessidade da produção de ambientes saudáveis para a Aparição da vida e de sua consequente diversidade:

> Embora aqui se interprete gênero também como um conjunto de normas modeladoras dos seres humanos em homens e em mulheres, normas estas expressas nas relações destas duas categorias sociais, ressalta-se a necessidade de ampliar este conceito para as relações homem-homem e mulher-mulher, como, aliás, já se mencionou... A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. (Saffioti, 2015)

Entendemos que gênero e sexualidades são questões que envolvem as performances espirituais e sociais e de forma concomitante, ou seja, na nossa trajetória não nos apartamos daquilo que nos forma, fortalecemos a ideia de que as expressões de gênero e as orientações sexuais não são uma questão de escolha.

Quanto mais estudamos as questões que envolvem gênero, sexualidades e espiritualidades, mas compreendemos ser o espírito o elo a esse pertencimento das nossas subjetividades, bem como das espiritualidades que nos formam, mais compreendemos que naturais são todas as expressões de gênero, identidades e orientações sexuais, e que não obedecemos apenas aos imperativos biológicos sem nenhum comprometimento com o espiritossocial.

Falamos do espiritossocial como uma relação que está completamente intrínseca à nossa forma de vida e à nossa composição no mundo, dentro das perspectivas formadoras do humano. Não podemos deixar de acentuar que os compromissos instituídos pela chamada "pauta moral" não levam a ciência em consideração em boa parte de seus argumentos. Portanto, a moralidade que valida e alimenta os preconceitos não se robustece pelos princípios espíritas que têm em suas bases epistemológicas a filosofia moral, como a prática social e cotidiana dos princípios éticos que formam o espiritismo.

Lembramos que as performatividades não são ações apenas do campo individual, mas ações coletivas, dentro das vivências das identidades. Durante suas trajetórias, os sujeitos vão se reconhecendo, e à medida em que este reconhecimento se dá,

se organizam em assembleias. Na realidade, acabam por ser o conglomerado de identidades, que se buscam pelas convergências que as lutas para manterem-se vivos depreendem. Embora não encontremos reuniões que contemplem todas as nossas demandas, nos organizamos para podermos demarcar territórios, exigir, lutar e propor direitos.

As questões que envolvem as lutas sociais demarcam um posicionamento político, marcado e caracterizado pela luta pelo existir. Lembramos que os governos de extrema direita possuem uma prática econômica neoliberal e de exceção. Consequentemente, as políticas públicas não trazem direitos e benefícios às chamadas minorias sociais. Quanto maior é o descaso do governo, maior é a luta pela manutenção dos direitos adquiridos, bem como a obtenção de novos direitos.

Nos valemos de Judith Butler: "Há formas de sexualidade para as quais não existe um vocabulário adequado precisamente porque as lógicas poderosas que determinam como pensamos sobre desejo, orientação, atos sexuais e prazeres não permitem que elas se tornem legíveis?". Importante esse questionamento da Butler: quando não consideramos possíveis determinadas sexualidades, não consideramos legíveis, não validamos o existir destes sujeitos. As assembleias suscitam que eles se permitam estar vivos.

Quando ressaltamos a importância da discussão dentro dos ambientes espíritas das questões que envolvem gênero e sexualidades é pela necessidade preeminente de transformarmos os referidos ambientes em espaços de Aparecimento, de reconhecimento - verdadeiros centros sociais, recintos sadios, acolhedores e afetuosos, onde reine a verdadeira **Solidariedade Social**.

Quando fazemos referência a violência que permeia a população LGBTQIAP+, precisamos falar das interseccionalidades que a compõem. Quando nos referimos por exemplo ao alto índice de assassinatos, existe um perfil a ser discutido. Nos valemos dos dados do GGB - Grupo Gay da Bahia que há mais de 40 anos é

quem trabalha os dados estatísticos da violência LGBTQIAP+ no Brasil. Lembramos que os dados apresentados são parciais de 2021:

> Dentre os segmentos analisados, a população de homens gays foi a que mais sofreu com mortes violentas, representando 49,28% do total (102 mortes), seguida de perto pela população de mulheres trans e travestis, com 41,55% (86 mortes). As mulheres lésbicas representam 3,86% (oito mortes), os homens trans correspondem a 0,97% (duas mortes) e as pessoas bissexuais dizem respeito a 0,48% (uma morte). Há, ainda, cinco pessoas cuja orientação sexual ou identidade de gênero não foram identificadas, representando 2,42% do total , além de três pessoas heterossexuais (1,45%) mortas por serem confundidas com LGBTI+. (Dados do GGB - Grupo Gay da Bahia)

Percebemos que a violência maior é sobre os corpos homens gays, geralmente corpos instituídos como afeminados e as mulheres Transsexuais e Travestis. Trazemos à discussão a tipificação das mortes: "A tipificação das mortes identificadas aponta para uma maioria expressiva de casos de homicídio, que correspondem a 82,61% do total (171 mortes), enquanto o restante das mortes decorreu de suicídios (8,70% - 18 casos), latrocínios (7,73% - 16 casos) e overdose (0,97% - 2 casos)" (Dados do GGB - Grupo Gay da Bahia).

Estas informações são importantes para que tenhamos uma noção do que falamos quando nos referimos a violência contra a população LGBTQIAP+:

> Por não se enquadrarem em um padrão socialmente referenciado na heteronormatividade, na binariedade e na cisnormatividade, pessoas LGBTI+ têm sido vitimadas por diferentes tipos de mortes violentas no Brasil, o que caracteriza o país como extremamente inseguro para essas pessoas. Os dados acumulados nas últimas três décadas apontam para uma tendência de crescimento no número de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. Em 1990, ano do primeiro levantamento, foram computadas 153 mortes. Em 2020, último ano com dados completos, foram registrados 237 casos de mortes violentas. Nesse interstício, o ano mais violento foi 2017, quando foram registrados 445 casos. Em 2021, até o mês de agosto, foram notificadas 207 mortes. (Dados do GGB - Grupo Gay da Bahia)

Ilustramos o que discutimos até aqui com os dados do GGB - Grupo Gay da Bahia. Trazemos agora uma informação da ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transsexuais: a perspectiva de vida de uma pessoa transsexual no Brasil é de 35 anos de idade, e se esta pessoa for preta, 32. Se todos esses dados não forem maiores que os nossos preconceitos, precisamos rever os verdadeiros motivos que nos fazem estarmos com os nossos centros espíritas abertos.

Tratamos gênero e sexualidades como performances naturais do espírito em sua trajetória. A nossa forma de entendermos a reencarnação não faz com que tratemos as bissexualidades, as homossexualidades, as transsexualidades, e/ou toda e qualquer orientação sexual, expressão ou identidade de gênero, como um processo punitivista, uma ação moralizante, que tende a conceder ao sujeito heterossexual a outorga de grande Ser, de maioral, ou de instituidor de comportamento moral.

As sexualidades não caracterizam ou denotam caráter. Precisamos combater todas as teorias que fundam e justificam os preconceitos, e é possível um espiritismo que, dialogando com a ciência do seu tempo, seja capaz de colaborar diretamente para que esses números alarmantes de violência sejam atenuados, bem como a produção e vivência de um espiritismo eminentemente humanista, espiritualista, socialmente solidário, capaz de propor acolhimento, entendimento, e acima de tudo a naturalização da diversidade de gêneros, sem espantos, assombros, com afeto e muito amor.

Recorremos a Alexandre Júnior e seu livro, *Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades: Um Diálogo com as Questões Sociais*, para darmos continuidade as nossas reflexões,

> São todas, todos e todes aqueles que em nome de seus subempregos suportam calados as dores de serem desrespeitados em suas intimidades; são todas, todos e todes aqueles que em nome de não sofrerem violências em suas existências negligenciam e escamoteiam o seu próprio "Eu" e vivem papéis, performances daquilo que não são, para agradar a sociedade que precisam fazer parte. São todas, todos, e todes aqueles que tombam com seus corpos mortos, mas a única

> performance que conseguem fazer é viver e serem quem são; são interrompidos em seus papéis de vida porque a sociedade não aceita os seus corpos como protagonistas das suas próprias histórias. (Júnior, 2022)

Traremos a esta conversa a filósofa estadunidense Angela Davis e seu livro Mulheres, Cultura e Política: "Ao colher o fruto de lutas do passado, vocês devem espalhar a semente de batalhas futuras." Quando dizemos que é por todas, todos e todes, é com o objetivo de enaltecer as pessoas que encampam a luta da contra-hegemonia e por algum motivo foi ou é vítima de violência.

Mas pensemos: serão todos os números e estatísticas que apresentamos aqui com os dados do GGB e da ANTRA exatamente números e estatísticas? Não são. São pessoas, vidas humanas violentadas pelo simples fato de serem quem são, de existirem e de desejarem Aparecer, sair do anonimato, serem protagonistas de suas próprias histórias.

Não devemos concordar, silenciar ou colaborar para que as questões de gênero e sexualidades sejam tratadas pelo Movimento Espírita Brasileiro Federativo Institucionalizado como algo pertencente ao campo do dogmatismo religioso ou sejam tratadas como pautas morais, exploradas pelas campanhas políticas e tão facilmente usadas por quem flerta com as percepções da extrema direita.

Pela memória dos que já tombaram, pelos que são diariamente violentados em nosso país, não apenas pela violência física, mas pela violência da fome, do abandono, da solidão, e obviamente pela violência simbólica, patrimonial, física e exterminadora de vidas!

O espiritismo nos propicia campo vasto para a produção de saberes que dialoguem com as ciências humanas, se insiram nas pautas humanistas e humanitárias e se congracem com o amor na sua mais simples expressão. Recordaremos as palavras de Kardec, na Revista Espírita de 1867:

> Em sua concepção mais larga, o livre-pensamento significa: livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; simboliza a emancipação intelectual, a independência moral,

> complemento da independência física; não quer mais escravos do pensamento, quanto não os quer do corpo, porque o que caracteriza o livre-pensador é que pensa por si mesmo, e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria. Assim, pode haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre-pensamento eleva a dignidade do homem; ele dela faz um ser ativo, inteligente, em vez de uma máquina de crer. (Kardec, 2018)

Por um Espiritismo que seja livre pensador, que não institucionalize as nossas consciências e nos faculte a possibilidade de, em Kardec abrindo a porta e acendendo a luz, não nos façamos de rogado, e de pronto, aceitemos o seu convite para desvendarmos filosófica, científica e moralmente os caminhos da vida humana e as relações espirituais que se estabelecem. Que não institucionalizemos o direito de pensarmos e de expormos, com compromisso respeitoso e ético, os conhecimentos e saberes que deles possam verter. Que não institucionalizemos ações e comportamentos a partir de inferências rasas sobre o outro, levando a que, mesmo sendo espíritas e espiritualistas, causemos dores à intimidade alheia por acharmos que seus corpos nos devem comportamentos e posicionamentos sociais que vão além da boa razão. Que não institucionalizemos a ignorância e a arrogância de acharmos que o espiritismo é capaz de responder a todas as perguntas e que sozinho dará conta de todas as demandas sociais de nosso tempo.

Por fim, que democratizemos o amor, que ele seja pungente e pulsante. Que democratizemos os afetos a ponto de ele chegar em nós e partir de nós a todas, todos e todes os nossos irmãos de jornada. Que democratizemos a coragem de levantarmos a nossa voz de forma altiva, respeitosa, amorosa, corajosa, possante, socialmente política, socialmente engajada, e socialmente solidária.

Por todos os corpos silenciados pela dor da miséria, do preconceito, da morte e do abandono.

Por fim, qualquer mundo de regeneração, sem igualdade e justiça social, é falácia!

Referências Bibliográficas:

A **Condição Humana**. P. 246. ARENDT, Hannah. Editora Forense Universitária. 2020.

A Gênese (Kardec, 2018) p. 58 KARDEC, Allan. Editora FEAL, 2018.

Contextualizando Kardec do Século XIX ao Século XXI. p. 34. MORAES, Elias. Editora AEPHUS, 2020

Corpos em Aliança e a Política das Ruas – Notas Para uma Teoria Performativa de Assembleia - pp. 27,28, 29, 45 BUTLER, Judith. Editora Civilização Brasileira, 2019.

Corpos que Importam - Os Limites Discursivos do "Sexo", p. 15 BUTLER, Judith. Editora n-1 edições, 2020.

Discurso sobre o Colonialismo, p. 24 CÉSAIRE, Aimé. Editora Veneta. 2008

Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades. Um diálogo com as Questões Sociais. P. 35 JÚNIOR, Alexandre, Recife: CBA Editora, 2022. p.19.

Gênero, Patriarcado, Violência, p.p 74,75 SAFFIOTI, Heleieth. Editora Expressão Popular. 2015.

Identidade entrevista a Benedetto Vecchi. p.p. 45, 46. BAUMAN, Zygmunt. identidade: Editora ZAHAR, 2004.

Mulheres, Cultura e Política. p.151 DAVIS, Angela. Boitempo Editorial, 2017

Necropolítica, p.p 10,11. MBEMBE, Achile. Editora n-1. 2018

O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. P.12. LOURO, Guacira Lopes. Editora Autêntica, 2019.

O Evangelho Segundo o Espiritismo. p.96 KARDEC, Allan. Editora LAKE. Tradução José Herculano Pires, 2018.

Ohos d'água. p.p. 107,108. EVARISTO, Conceição. Editora Pallas, 2021.

O livro dos espíritos: princípios da doutrina espírita. p.112. KARDEC, Allan. Editora LAKE, 2007.

Pedagogia da Autonomia. p.p. 25, 47, 105 FREIRE, Paulo. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

Por um Feminismo Afro Latino Americano. P. 180. GONZALES, Lélia. Editora Zahar, 2020.

Revista Espírita – 1858. pp.309 KARDEC, Tradução de Julio Abreu Filho Editora Cultural Espírita Edicel. 2019.

Revista Espírita – 1866. p.2. KARDEC, Allan. Tradução de Julio Abreu Filho. Editora, LAKE, 2018.

Revista Espírita – 1867, p.38. KARDEC, Allan Tradução de Julio Abreu Filho. Editora, LAKE. 2018.

16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2022) ao Portal Geledés, https://www.geledes.org.br/estudo-sobre-homicidio-de-mulheres-coloca-brasil-em-7-lugar-no-rankingmundial/?gclid=Cj0KCQjwnPZBhDiARIsAH3FSRcBQYMizA0V0yluxrTBqM_91y2j73IiLdAEINEbC_omFOTDNaaejJMaAgXrEALw_wcB

Relatório Parcial Violência LGBTQIAP+ 2021 - GGB - Grupo Gay da Bahia, https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/parcial-2021/

Perspectiva de vida das pessoas transsexuais no Brasil.

https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional

http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2312-a-transfobia-adoece-e-mata-temos-que-nos-comprometer-com-a-vida-diz-conselheiro-de-saude-no-dia-nacional-da-visibilidade-trans#:~:text=O%20dossi%C3%AA%20indica%20que%20as,%C3%A9%20de%2074%2C9%20anos

O Grupo Espírita Judas Iscariotes e a contribuição para questões Sociais

Eva Gonçalves de Almeida

O Grupo Espírita "Judas Iscariotes", completará 53 anos de existência em 01/12/22, data da sua fundação legal. Está localizado no km 113 da Via Anhanguera, no distrito de Nova Veneza, cidade de Sumaré, Estado de São Paulo, Brasil; a população da cidade era de 22 mil habitantes e hoje está em torno de 290 mil. Como inúmeras casas espíritas, iniciou suas atividades com um pequeno grupo de pessoas, na residência do Sr. Ernesto Lira, médium, morador de Nova Veneza e os atendimentos eram basicamente tratamento espiritual com receituário que seguia algumas regras, cirurgias à distância, cirurgias no local de atendimento e demais orientações mais individualizadas, contando com uma pequena equipe de auxiliares entre médiuns e ajudantes. Esta forma de atendimento durou meses e por sua inconveniência, pois com a repercussão dos resultados altamente promissores, a afluência de pessoas à residência do médium, a dezena de carros estacionados à porta, numa época do duro regime militar, que proibia aglomerações e punia duramente os agentes que se envolviam em eventos considerados contra o governo. Um pequeno grupo de 9 pessoas fundaram o GEJI, construindo num terreno doado por uma vizinha do Sr. Ernesto. Os atendimentos, aos sábados iniciavam às 7 horas da manhã e encerravam às 19 horas, com o médium atendendo individualmente cada uma das pessoas que buscavam o GEJI. Logo após a sua fundação, foi criada uma linha de atendimento assistencialista das famílias do entorno, como ainda hoje é comum aos centros espíritas brasileiros; espaço para atividades de desenvolvimento mediúnico; agendamento de cirurgias comuns e especiais; havia então uma série de comunicações mediúnicas que instruíam a equipe responsável pelos atendimentos, de como proceder em cada atividade. Havia

um calendário de funcionamento abrangendo toda a semana e mensalmente era realizada uma reunião, à noite, para um encontro fraterno e nestas ocasiões o médium Ernesto Lira através de comunicações mediúnicas, na maioria das vezes identificada pelos espíritos comunicantes. As orientações eram registradas, gravadas, datilografadas e repassadas aos trabalhadores do Grupo. Os conteúdos das comunicações apresentavam grande valor filosófico e enfatizavam que o objetivo não era a cura do corpo físico, mas sim lembrar a nós encarnados as **verdades do espírito**, a imortalidade, a reencarnação, a evolução, o espiritismo não religioso, laico e outros temas caros a quem milita no espiritismo e efetivamente cooperar com a implantação da **Escola Reencarnacionista Evolucionista**, sendo um Centro Irradiador de Cultura Espírita. Os conteúdos e o próprio médium que os traziam, foram duramente atacados e criticados por parte dos trabalhadores do GEJI na ocasião. O médium foi tachado de obsidiado e outros adjetivos não muito fraternos e parte dos trabalhadores saíram do GEJI em razão da discordância das idéias. Os trabalhadores que decidiram ficar, passaram a estudar profundamente os textos e identificar a coerência, a beleza e a contribuição que poderiam trazer para a renovação do pensamento espírita reencarnacionista evolucionista, não religioso, laico. Entre 1978 e 1982 as comunicações foram registradas, datilografadas, corrigidas e divulgadas numa publicação em forma de jornal, de nome LIBERTAS. Este material foi enviado para diversas instituições espíritas do Brasil e do mundo. O Jornal LIBERTAS, é reconhecido pelo seu pioneirismo na renovação do pensamento espírita. Outro diferencial da instituição GEJI, que se mantém até hoje é não estar atrelado a nenhuma federação ou qualquer outra instituição. desde o início das suas atividades. A equipe de estudos do GEJI se identifica, pela maneira de pensar, com o movimento do CEAK, com as ideias debatidas no Jornal Abertura e com o trabalho desenvolvido pela CEPA. O GEJI participou de vários Simpósio em Santos, dos Congressos em Porto Rico, Santos e do último em 2021, de modo virtual. Participou de todos os Encontros Nacionais e de um Encontro na Argentina.

JESUS - Uma Missão Unicamente Social

Também trazia uma nova visão e interpretação da missão de Jesus – ou seja, deixava o Mestre de ser o divino, o distante, o pregado na cruz, o salvador, o avatar, para ser o reestruturador da sociedade, com uma **missão unicamente social**.

O Grupo Espírita "Judas Iscariotes" é um dos Centros Irradiadores de Cultura, dentro da "Escola Reencarnacionista Evolucionista", que só agora começa a ser introduzida no planeta Terra e que tem como tarefa trazer a verdadeira interpretação dos ensinamentos contidos no Novo Testamento; o GEJI reconhece no intercâmbio a conjugação de esforços dos dois estados da mesma humanidade, fato que em sociedades mais evoluídas, fazem parte do cotidiano, tendo como meta única o progresso e bem estar material, dentro de elevados padrões de moral, progresso científico e moralização dos costumes.

Podemos dizer que a meta evangélica não está circunscrita ao planeta Terra, mas destina-se a milhões e milhões de orbes que se interligam, os quais oscilam em evolução desde os primórdios da razão até a condição máxima de amor, ponto final do ciclo reencarnatório; As religiões interpretam o evangelho, colocando o amor com o causa, enquanto a evolução o determina como efeito "frutificação" - vide a Parábola do Semeador;

Evolução é a eterna busca de si mesmo, no sem tempo nem espaço, ou seja, na eternidade e no infinito. Nada é acrescentado e nem subtraído ao espírito em se tratando de sua evolução, porque esta nada mais é do que o desabrochar do que em potencial já existe, perfeito e completo; o espírito foi desvinculado, desmembrado, num estado de ignorância, mas não um ser ignorante; o homem é impulsionado pela lei de saturação, que o leva a superação, tornando-se cada vez mais senhor de si; é um ser autodidata, que através do esforço para vencer o "agressivo do habitat" em que vive, desenvolve a sua inteligência, não sendo acrescentado um côvado, ou milímetro, que significa

que a evolução através das reencarnações é lenta e obedece a leis universais. A reencarnação aparece como instrumento dessa mutação constante, entre a vida terrena e a vida extra física, em rotatividade contínua, cíclica, embora o homem ainda não cogite que já é "filho do homem", permanece no estado consciencial de "raposa" ou "aves do céu".

O homem expressão é um potencial de valores incalculáveis, quer quantitativos quer qualitativos, cuja exteriorização depende do "grau" de evolução a ser desabrochado na eternidade (em termos de tempo) e no infinito (em termos de espaço); a este constante aflorar de valores é que dizemos evolução, o que de pronto nos indica o resultado de um processo EDUCATIVO, desvinculado de corretivos e adendos, o "penalógico";

Fluxo do Atendimento ao Público

As orientações pertinentes ao atendimento do público foram padronizadas ao longo de mais de 50 anos de funcionamento e hoje estão simplificadas, quanto ás rotinas e procedimentos da equipe de médiuns, auxiliares e demais frequentadores. As principais informações são: alimentação sem carne de nenhuma espécie nos dias de atendimento; os trabalhadores do GEJI não usarem imagens, crucifixos ou outros símbolos; proibição da ingestão de álcool; proibição de quadro com imagens ou homenagens nas paredes, somente avisos; restrição a qualquer forma de ritual, preces de abertura e de encerramento, sessão de passes aberta ao público, vestimentas diferenciadas; não destacar, enfatizar qualquer trabalhador do grupo, médium ou não, desencarnado ou não (estrelismo); não usar o espaço para transações comerciais (a livraria que funcionou na década de 70/80 foi extinta), também em função da literatura espírita tradicional, com conteúdos questionáveis, muitas vezes em conflito com as orientações adotadas pelo GEJI. Hoje o GEJI continua com os seus atendimentos presenciais aos sábados a partir das 13h, tem o

seu site, onde estão disponibilizados cerca de 60 textos, com temas diversos, recebidos por via mediúnica; Há um livro intitulado "Libertas", em fase final para publicação. Há vários grupos de estudos presenciais e um virtual, atualmente interrompidos em razão da pandemia de 2020 e 2021, o atendimento às famílias do entorno, o trabalho de aperfeiçoamento mediúnico, serão todos retomados em 2023.Desde a sua fundação em 1969 no distrito de Nova Veneza - Sumaré/SP, teve por meta além de estudar e difundir a doutrina espírita no conceito da escola reencarnacionista evolucionista, enfatizar o desabrochar do potencial que todo o ser humano possui, mostrando e orientando que somente com a busca do conhecimento, com determinação e autodisciplina, ele consegue vencer o meio, mostrando suas habilidades e valorizando seu eu interior.Nosso grupo trabalha com famílias em vulnerabilidade desde a fundação. Atividades simples, comuns como o Bazar da Pechincha estiveram presentes desde o início com a ajuda de voluntários do grupo e das pessoas que doavam e adquiriam roupas e outros utensílios. No início dos anos 2000, surgiu o primeiro desfile. Com a participação de adultos, jovens e crianças e com seleção das melhores roupas do bazar foi proposto um desfile. Um sucesso uma animação contagiante. Esta atividade e outras sempre foram alvo da equipe espiritual que assessora a Casa, com afirmações que demonstram a relevância das questões sociais com afirmações atemporais vinculadas ao Evangelho, intitulado como Carta Magna da humanidade, que tem como meta permanente levar o coletivo para o nível da "mansuetude". Avançando no cooperativismo, na reciprocidade, tirando o Evangelho dos espaços religiosos e colaborando para o entendimento deste mesmo Evangelho como ciência.

Fontes consultadas: Apostilas de Estudos GEJI; Reencarnação – Instrumento da Lei de Evolução; O Evangelho; Progresso Espiritual; Pena de morte; Consciência Evolutiva

Questões sociais e cidadania espírita

Fabio Henrique Diório

> "São muitas as questões geradas pela desigualdade social e a falta de oportunidades de modo equitativo em nossa sociedade e é certo que não podemos e não devemos ficar felizes ou entender que estamos cumprindo com o nosso papel de cidadãos, apenas realizando ações assistencialistas em nossas casas espíritas. Podemos e devemos buscar uma participação mais ativa nas decisões sociopolíticas presentes em nosso campo de ação, para dessa maneira buscarmos debelar o mal pela raiz, agindo diretamente nas causas dos problemas, e não simplesmente "enxugando gelo", trabalhando com os efeitos."
> Fábio H. Diório (Rio Claro/SP)

Propomos um exercício inicial para pensarmos com mais clareza nas questões sociais e o quanto nós, enquanto cidadãos e cidadãs espíritas, podemos contribuir para a sociedade na qual estamos inseridos e que faz parte de nossas vidas como espíritos em evolução. Primeiro, alguns conceitos importantes e que nos ajudarão nas reflexões.

Justiça social consiste no compromisso do Estado e das instituições não governamentais em buscar mecanismos para compensar as desigualdades sociais geradas pelo mercado e pelas diferenças sociais e tem como um dos seus principais objetivos promover o crescimento de um país para além das questões econômicas. É um mecanismo que busca fornecer o que cada cidadão tem por direito: assegurar as liberdades políticas e os direitos básicos, oferecer transparência na esfera pública e privada e oportunidades sociais.

Os caminhos para a justiça social passam também pela garantia de igualdade de raça, gênero, orientação sexual etc. Para diminuir essas desigualdades, é fundamental existir políticas públicas de proteção a mulheres, negros, homossexuais, entre outras minorias. Para isso, é importante a elaboração de leis que

assegurem direitos para essa parcela da população, além de se incentivar a participação desses segmentos na vida pública e promover a cidadania de todos os indivíduos da sociedade.

A cidadania constitui o exercício dos direitos civis e políticos que o indivíduo dispõe, juntamente com as prerrogativas sociais para salvaguardar seu bem mais valioso: a Vida. E numa outra concepção, podemos dizer que, segundo Vianna:

> O surgimento do conceito moderno de cidadania se deu com a carta da ONU de 1945 e com a declaração Universal dos direitos do Homem de 1948. É a partir desses dois documentos internacionais que surge o princípio da cidadania, sendo que ela já era assegurada pela declaração dos direitos do Homem e o do Cidadão 1789 (Revolução Francesa). (VIANNA, 2009).

Partindo dessas premissas de justiça social e cidadania, e buscando uma relação direta com o movimento ao qual estamos vinculados, poderíamos perguntar: qual a relação entre espiritismo e cidadania?

Afinal, nós, os espíritas já não cumprimos nosso papel de cidadãos, realizando nossos trabalhos assistenciais em nossas Casas Espíritas e ajudando aos mais pobres e necessitados?

Ao coletarmos alimentos nas palestras e grupos de estudo e montarmos as cestas básicas que suprirão as necessidades daquelas famílias que vêm até a Casa Espírita, não estamos praticando a caridade e exercendo a cidadania?

Todos esses questionamentos que parecem ter uma resposta bem simples e óbvia, são mais complexos e difíceis quando pensados por um olhar mais amplo e sob uma perspectiva socio-política de cidadania.

Isso nos coloca em uma posição crítica sobre a visão assistencialista que se criou acerca das atividades desenvolvidas pelas casas e instituições espíritas, quando o assunto é "dar o pão a quem tem fome".

Então, vamos por meio deste artigo, tentar refletir sobre essas questões que insistem em comparecer em nossos meios, mas, que

de alguma maneira, acabam sempre ficando em segundo plano, pois o mais importante é concentrarmos nossa atenção no trabalho da sopa ou na arrecadação dos recursos para as cestas básicas. Não queremos aqui dizer que essas e outras atividades realizadas não tenham importância e não mereçam a atenção do trabalhador que está vinculado aos trabalhos de assistência social. Bem o sabemos, ainda vigora em nossa sociedade um quadro de falta de recursos e de uma má distribuição de renda que supera, infelizmente, situações já vividas em anos passados.

E quando mencionamos falta de recursos, estamos nos referindo mesmo a um quadro de fome e insegurança alimentar, que atualmente voltou a assombrar parte das famílias brasileiras. E nesse ponto, não nos resta dúvidas de que a casa espírita tem um grande papel a desempenhar na comunidade na qual atua, pois com seu poder agregador e sustentado pela premissa de que "fora da caridade não há salvação", ela pode e consegue em muitos casos realizar o trabalho que caberia ao poder público.

Vamos problematizar um pouco mais. Falamos apenas aqui do auxílio às pessoas que procuram a instituição espírita por causa da falta de alimentos, mas podemos também relacionar o papel desempenhado pelos espíritas com as crianças órfãs e desamparadas, nas centenas de instituições espalhadas em todo o território nacional. Parece ser uma missão das casas ter algum trabalho voltado para esse fim, pois essa atividade é muito comum nos centros e instituições espíritas. Devemos, sim, valorizar e creditar todo o mérito que existe nessa assistência à infância que, não tendo o amparo em seu lar nos anos iniciais, encontra nos braços e nos corações dos espíritas, os pais e mães que lhe faltaram no início de suas tenras vidas.

Exemplos dessa ação social para com a infância desamparada não nos faltam nos meios espíritas e, de modo algum, é nosso papel aqui fazer uma crítica ácida a qualquer trabalhador ou instituição que desenvolva essa atividade tão necessária em nossa atual condição de sociedade. Muitas vezes torna até a casa espírita

uma referência em sua localidade, suplantando o poder público, que deveria ser o responsável direto por essas ações.

Outra questão social frequentemente vivenciada nas casas espíritas são as mães e gestantes que abandonadas pelos seus maridos e pelas suas famílias se veem em situação de extrema vulnerabilidade em um momento muito delicado de suas vidas: o nascimento de um filho. Não são poucos os trabalhos de amparo às mães e gestantes desenvolvidos nessas instituições, contribuindo com uma educação para o parto e com a confecção dos enxovais para os bebês em etapa de reencarne. Aqui também, a casa espírita preenche um vácuo deixado pelo Estado, que deveria agir com políticas públicas mais eficientes no cumprimento de seus deveres.

E quando falamos da velhice desamparada? Não é incomum encontrarmos grupos formados atuando em asilos e lares de idosos, levando o pão material e o carinho afetivo àqueles que, depois de uma vida inteira de trabalho e dedicação, são abandonados por seus filhos e sem o amparo de leis que os protejam nessa difícil e derradeira fase de suas vidas.

No entanto, se citamos aqui vários exemplos de ações e formas pelas quais os espíritas contribuem com a sociedade, e acabam até suprindo brechas deixadas por autoridades cujo dever constitucional é olhar para todas essas situações sociais; onde reside então a dúvida sobre o nosso dever como cidadãos?

Tentemos então pensar na situação de modo mais amplo e fora dos limites das ações da assistência social. Todos os problemas aqui relacionados e que concorrem para a assistência, não só dos espíritas, mas de toda a sociedade civil, estão diretamente vinculados à falta de políticas públicas atuantes na prevenção, visando a uma melhor equidade entre classes e evitando grandes dificuldades para toda a sociedade. Vejamos:

O problema da fome passa diretamente por falta de programas que favoreçam a geração de empregos, principalmente para as famílias de classes C, D e E, de modo a conseguirem suprir

suas necessidades alimentares básicas e não precisarem ficar numa fila de uma instituição para receber a cesta básica, nesse caso, mais parecido com uma esmola.

A questão da criança desemparada está diretamente relacionada ao problema do sucateamento do sistema educacional em nosso país. Verdadeiramente parece existir um projeto bem planejado para que nossas crianças não recebam a educação devida e garantida também na Constituição, mas que na prática não ocorre. E um dos reflexos de todo esse processo é a criança abandonada e sem amparo por parte de quem deveria cuidar dela.

Outro tópico aqui levantado, o qual certamente ressente a falta da ação do poder público, é o excesso de mães e gestantes que não conseguem se manter ou sustentar uma gravidez e quando nascem os pequeninos, acabam sendo despejados em instituições que, com muitas dificuldades, procuram realizar a tarefa pertencente ao Estado e prescrita em nossa carta magna. Nesse caso, temos ainda o agravante por parte dos governos que se omitem em desempenhar um papel na educação das adolescentes para a prevenção de gravidez indesejada, ou ainda, que contribuem de maneira desastrosa para o número alarmante de abortos clandestinos, não assumindo o tema como um problema de saúde pública, com consequências dolorosas em todo o território nacional.

São muitas as questões geradas pela desigualdade social e a falta de oportunidades de modo equitativo em nossa sociedade e é certo que não podemos e não devemos ficar felizes ou entender que estamos cumprindo com o nosso papel de cidadãos, apenas realizando ações assistencialistas em nossas casas espíritas. Podemos e devemos buscar uma participação mais ativa nas decisões sociopolíticas presentes em nosso campo de ação, para dessa maneira buscarmos debelar o mal pela raiz, agindo diretamente nas causas dos problemas, e não simplesmente "enxugando gelo", trabalhando com os efeitos.

Allan Kardec, no item 888 de "O Livro dos Espíritos" pergunta:

Que se deve pensar da esmola?

E a resposta nos serve como um guia, para a compreensão do papel de cada ator dentro de uma sociedade em evolução.

"Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. ***Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco****, sem que haja para ele humilhação. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à mercê do acaso e da boa vontade de alguns."*

Os grifos aqui são nossos, exatamente para ressaltar a importância de que a palavra "sociedade" representa não só os cidadãos, mas também o poder que os gere, o Estado é o maior representante de qualquer sociedade quando se trata de políticas públicas; sendo assim, na visão trazida pelos Espíritos, é o maior responsável em prover a vida do fraco.

Colocamos ainda esse questionamento de Allan Kardec, no objetivo de suscitar o incômodo que a palavra "esmola" possa causar nos trabalhadores das lides assistenciais das casas espíritas, que normalmente associam sua atividade à prática da caridade material. Todavia, quando estamos buscando suprir a necessidade pelo alimento material do outro, por falta de ações políticas que promovam uma justiça social e permitam a esse outro ter o mínimo necessário à sua sobrevivência; não estamos dando uma esmola?

O pensador argentino Manuel Porteiro (2008), em sua obra "Conceito Espírita de Sociologia" vem trazer-nos a ideia de que para avançarmos a uma sociedade verdadeiramente justa, devemos trabalhar com a educação dos indivíduos e que nós, espíritas, temos um papel importante nesse processo:

> [...] Para chegar à realização mais rápida desta finalidade social, nós espíritas nos vemos impelidos, por força dos mesmos acontecimentos que se desenvolvem no mundo neste momento transitório da história, a intensificar nossa ação moralizadora e transformadora dos valores sociais, ação construtiva e ao mesmo tempo destrutiva, esta no sentido de neutralizar a falsa educação, a moral interesseira e discordante,

> que se dá ao homem desde sua infância e o ensina a cumprir deveres e a respeitar direitos que não são senão disposições arbitrárias, que estão em conflito com a justiça e com o direito natural e, por conseguinte, com os princípios morais do Espiritismo. É uma educação que se inculca com o propósito de manter esta sociedade de privilégios, fonte de ódios, de guerras, de roubos e imoralidades. Uma ação destrutiva, enfim, no sentido de criticar e combater, franca e abertamente, todas as injustiças, crimes e prerrogativas sociais, ensinando a não reconhecer outras riquezas nem outros títulos de superioridade senão aqueles que tenham sido adquiridos com o esforço próprio e sem prejuízo de outrem. Uma ação construtiva no sentido de ensinar a moral espírita em toda sua força, que se sobrepõe a todas as ambições materiais, a todos os egoísmos e orgulhos – que formam o fundamento do privilégio –, o amor, a igualdade e a fraternidade [...] (PORTEIRO, 2008, p. 14).

Percebemos, nesse trecho, que Manuel Porteiro convoca, todos nós, espíritas, a tomarmos uma atitude mais ativa no processo social, não compactuando com políticas que mantenham privilégios, roubos e imoralidades e que trabalhemos em uma ação construtiva no bem para contribuir com uma sociedade onde possa existir o amor, a igualdade e a fraternidade.

Exercer a cidadania, nesse caso, é

> criticar e combater, franca e abertamente, todas as injustiças, crimes e prerrogativas sociais, ensinando a não reconhecer outras riquezas nem outros títulos de superioridade senão aqueles que tenham sido adquiridos com o esforço próprio e sem prejuízo de outrem (PORTEIRO, 2008, p. 14).

Não compactuar com as políticas públicas que segregam e estimulam a continuação das diferenças e desigualdades sociais significa:

> [...] intensificar nossa ação moralizadora e transformadora dos valores sociais, ação construtiva e ao mesmo tempo destrutiva, esta no sentido de neutralizar a falsa educação, a moral interesseira e discordante, que se dá ao homem desde sua infância e o ensina a cumprir deveres e a respeitar direitos que não são senão disposições arbitrárias, que estão em conflito com a justiça e com o direito natural e, por conseguinte, com os princípios morais do Espiritismo (PORTEIRO, 2008, p. 14).

Criou-se no meio espírita um sofisma absurdo de que "o espiritismo não se envolve com política", dessa maneira afastando muitos adeptos das questões que dizem respeito à justiça social e à própria política em seu sentido mais puro, na definição de Aristóteles, quando assevera que o homem é um animal político, ou seja, é um sujeito de cidadania, considerando aqui sua ação na sociedade, suas responsabilidades e consequências, bem como sua inclusão e o acesso aos meios justos para exercer essa mesma cidadania. Segundo o entendimento de Aristóteles, a política é ciência da felicidade humana, uma ciência prática que busca o conhecimento como meio para a ação. O objetivo dessa ciência é refletir sobre as formas de governo e as instituições políticas capazes de assegurar o bem comum.

E isso foge do objetivo do espiritismo? Assegurar o bem comum? Devemos, como cidadãos e espíritas, esforçarmo-nos para valorizar a política como espaço para a defesa da cidadania e a representação de nossas vozes e, acima de tudo, como um ato de luta pela justiça social. Nos afastarmos da política, alegando que não devemos nos envolver por sermos espíritas, se torna um ato de omissão: omissão em relação às milhares de pessoas que morrem por não terem condições de se alimentarem; omissão em relação ao grave problema de insegurança alimentar que afeta 6 em cada 10 domicílios brasileiros na atualidade.

Citando novamente Allan Kardec em "O Livro dos Espíritos", na questão 930, temos: "Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome"; dessa maneira, se nos torna urgente a conscientização do movimento espírita de que os princípios, valores e ideais que defendemos não se concretizarão sem a nossa ação política e cidadã efetivamente comprometidas com um mundo melhor.

E quando mencionamos ação política e cidadã, não estamos nos limitando a dizer apenas de nossa participação nos processos de eleições, quando saímos de nossas casas para digitarmos nossos votos nas urnas eletrônicas. Estamos falando da importância de nos

colocarmos como espíritas diante de tantas injustiças que ocorrem e nos têm levado a esse estado, no qual estamos vendo nossos semelhantes perderem suas vidas por falta de alimentação. Como tem sido nossa ação frente a esse quadro de fome e insegurança alimentar implantado lenta e progressivamente nos últimos anos em nosso país? Será que estamos agindo como verdadeiros cidadãos espíritas e trabalhando com todas as nossas forças para que ninguém morra de fome no Brasil?

A cidadania é um dos cinco fundamentos da República Federativa do Brasil, determinados no artigo 1º da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2016) e compreende os direitos e deveres do indivíduo, que vão muito além do exercício do voto e da possibilidade de ser votado. Isso coloca a importância da participação ativa da sociedade, o que implica necessariamente o envolvimento de todos os seus cidadãos no processo de governança e cooperação global frente à gestão e à administração das questões públicas na nação.

A sociedade civil, devido à sua capilaridade e fluidez, consegue chegar a espaços em que o poder público, por sua burocracia e dimensão, não conseguem chegar. Daí, a importância de não nos omitirmos em todas as questões que envolvem os problemas sociais relacionados ao domínio do poder público, pois essa omissão pode nos custar muito caro, se pensarmos que fazemos parte de um organismo social em que todos estão ligados, como uma grande e complexa colcha de retalhos, onde os mais distantes pontos se ligam uns aos outros, para formarem um grande cobertor. O simples fato de elegermos nossos representantes não nos tira a responsabilidade de continuarmos participando ativamente do processo de gestão dos recursos e bens públicos e de fazermos o papel de vigilantes das políticas públicas e tomadas de decisões praticadas por aqueles representantes em nosso nome.

Diversos meios existem para a efetiva participação da sociedade na gestão pública, como por exemplo: leis, emendas e

regimentos determinados pelo próprio poder executivo, consultas e audiências públicas promovidas pelas casas legislativas, marco civil e ouvidorias públicas, onde os cidadãos e cidadãs podem expressar sua opinião ou reclamar direitos lesados. Diante dessas e de outras possibilidades de participação na gestão pública, é imperioso que a sociedade civil ocupe esses espaços de fala e de expressão, para que eles não sejam diminuídos e invisibilizados quando as decisões são tomadas e que eles exprimam verdadeiramente a opinião de todos os representantes da sociedade.

Novamente nos utilizando de Manuel Porteiro, na mesma obra "Conceito Espírita de Sociologia", vemos:

> [...] O Espiritismo, ao enfrentar o problema social, não se limita a explicar as injustiças sociais tomando-as como efeitos de causas remotas, porque o determinismo espírita, ou seja, a lei de causalidade moral, não é fatalista. O espírita pode e deve influir na sociedade para que a injustiça econômica e os males que origina desapareçam ou, pelo menos, diminuam, demonstrando que a verdadeira sociedade exige justiça, solidariedade e amor e que onde estes existem, não pode existir a exploração do homem pelo homem, o privilégio e o monopólio da riqueza social, nem as leis que os protegem nem a falsa moral que os ampara. Pois não é possível conciliar a riqueza com a miséria se esta não renuncia a suas pretensões de estabelecer prerrogativas iníquas que tornam infelizes a maioria dos seres humanos [...]. (PORTEIRO, 2008, p. 22).

O emérito pensador nos conclama, neste trecho, a refletir que todos nós, espíritas, podemos e devemos influir na sociedade a fim de que a injustiça econômica e os males que dela se originam desapareçam, ou, pelo menos, diminuam. Não estaremos próximos de um mundo melhor ou de uma sociedade mais evoluída enquanto convivermos com irmãos nossos em situação de fome ou miséria. Se a Doutrina Espírita nos diz sobre um mundo de regeneração, no qual a vida deve ser mais plena e mais justa, e que nosso planeta está a caminho desse mundo, é urgente e necessário trabalharmos para acabar com as injustiças e desigualdades sociais e econômicas presentes de maneira tão evidente na atualidade.

Um assunto que entendemos ser de extrema importância e relevância e que utilizamos aqui para encerrar essas reflexões é o seguinte: "Antes de sermos espíritas, somos cidadãos e cidadãs". O fato de nos considerarmos espíritas e trazermos conosco alguns conhecimentos sobre a relação do mundo espiritual com o plano corpóreo e das consequências que essas relações têm em nossas vidas, só aumenta mais ainda o compromisso de cumprir o nosso papel enquanto cidadãos e cidadãs na sociedade em que vivemos. O espiritismo nos amplia de maneira significativa os horizontes e perspectivas, impulsionando-nos de modo acelerado para um crescimento espiritual, de acordo com nossas escolhas e ações. Seria uma negligência de nossa parte não contribuir com a sociedade de nosso tempo, buscando igualdade de oportunidades e justiça social, se ignorássemos essa chance de aliar a nossa educação dentro da Doutrina Espírita ao nosso dever de cidadãos e cidadãs perante nossos irmãos de sociedade.

Longe de esgotar aqui o tema, nosso objetivo é suscitar reflexões e a curiosidade daqueles que tomem contato com essa leitura, de modo a buscarem o aprofundamento no assunto e procurarem desenvolver outros materiais que fomentem sempre esse debate, tão necessário e urgente em nossos dias. E que essas linhas consigam despertar a sensibilidade de todos aqueles que não conseguem enxergar no espiritismo uma militância de cidadania solidária e participativa dentro da sociedade em que vivemos.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 05 set. 2022.

Brasil com fome: pandemia e desmonte do Estado agravam drama dos trabalhadores. Com desemprego e preços dos alimentos nas alturas, necessidades da população são cada vez mais básicas. 2021. Disponível em: https://www. brasilsemfome.org.br/blog/brasil-com-fome-pandemia-e-desmonte-do-estado-agravam-drama-dos-trabalhadores. Acesso em: 18 ago. 2022.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2004 – perguntas 888 e 930.

OLIVEIRA, Clara M.B e TROTTA, Wellington. **A Dimensão Política Segundo Platão e a crítica de Aristóteles**. 2006. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/32/clara_e_trotta_32. Acesso em: 25 jul. 2022.

OLIVEIRA, Maílson Rodrigues. **Justiça Social: Conceito e importância**. [S. l.]: 2017. Disponível em: https://www.politize.com.br/justica-social-o-que-e/. Acesso em: 02 ago. 2022.

PORTEIRO, Manuel S. **Conceito Espírita de Sociologia**. Pense-Pensamento Social Espírita, edição digital, 2008.

VIANNA, Selma de Moura Galdino. **O que se entende por cidadania e quando surgiu seu conceito moderno?** [S. l.]: 2009. Disponível em: https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/2025545/o-que-se-entende-por-cidadania-e-quando-surgiu-seu-conceito-moderno-selma-de-moura-galdino-vianna. Acesso em: 15 ago. 2022.

COMO O ESTUDO DE UM LIVRO DE LÉON DENIS "SALVOU" NOSSAS NOITES DE SÁBADO NA PANDEMIA

Carla Guerra, Cintia Galatro, Leonardo Guerra
Lourenço Gomes e Silvana Cecília Simões

Gênero textual:

Conversa

(Uma vez que este trabalho será apresentado na data do Encontro por quatro pessoas, escolhemos este gênero de texto tanto para a parte escrita quanto para a exposição oral.)

Introdução:

Um vídeo de aproximadamente 5 minutos, elaborado pelo grupo, será exibido no telão com fotos, charges, textos, áudios e música, contextualizando historicamente a pandemia do coronavírus no Brasil e no mundo. Após o vídeo, imagens dos encontros virtuais promovidos pelo CEAK sobre o estudo do livro "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", de Leon Dénis, serão exibidas no telão enquanto os quatro participantes sobem ao palco, sentam-se em semicírculo e iniciam uma conversa.

– Olá! Apesar da pandemia da Covid-19 ainda não ter acabado, o cenário mundial e brasileiro, felizmente, é hoje bem diferente daquele que acabamos de assistir nesse vídeo, né? *(Carla)*

– Sim, Carla! Graças à Ciência e à vacinação, acredito que estamos perto de vermos decretado o fim da pandemia. *(Silvana)*

– Tomara, Silvana! Mas é fundamental relembrarmos esse passado recente. Afinal, a pandemia nos trouxe medo, insegurança, ansiedade, perdas e saudade, mas acabou nos trazendo também uma série de questionamentos profundos e de todas as ordens, reflexões muito importantes para toda a humanidade: Qual o sentido de tudo isso? Por que estamos aqui? Para onde vamos? *(Leonardo)*

– Verdade, Leonardo. Para mim também foi bem difícil assimilar o que estava acontecendo, e muitos questionamentos me vieram à mente, embaralhados com o medo do desconhecido. Lembro que, bem no início - quando nossa vida "normal" deu lugar para uma normalidade diferente da que estávamos acostumados -, fiquei desesperada. Primeiro, fiz um estoque de comida e em seguida comecei a escrever um "diário da pandemia", colocando no papel tudo o que eu estava vivendo, sentindo e pensando. E, nesse diário, eu escrevia justamente sobre algumas dessas questões filosóficas e metafísicas que você mencionou, reflexões que normalmente eu não estava acostumada a fazer. Achei que seria praticamente o fim da humanidade e eu queria deixar ao menos um registro pessoal sobre como foram esses dias de medos e incertezas. Sinceramente, eu imaginei que morreríamos quase todos, e que meu diário seria descoberto por alguém depois de muito tempo e aí seria transformado em um best seller para ser lido pelos sobreviventes da pandemia. *(Cintia)*

– Nossa, Cintia! Que loucura, né? Hoje a gente até consegue lembrar disso com um certo senso de humor, mas imagino como foi terrível para quem vivenciou a doença na própria pele ou na própria família, para quem teve aqueles sintomas terríveis e as sequelas da Covid, para quem foi parar em hospitais, UTIs lotadas, e sofreu com a falta de ar, com as dores, com o isolamento e a saudade dos parentes, e para aqueles que perderam pessoas queridas. Eu também me lembro bem desse começo da pandemia: em fevereiro de 2020, tivemos a notícia do primeiro caso de Covid-19 no Brasil; em março o governador de São Paulo decretou o fechamento do comércio e das escolas. Não podíamos andar pelas ruas, a não ser em casos de extrema necessidade. Enfim, iniciamos uma situação nunca vivida por nós. O que fazer sem poder sair de casa? No meu caso, que trabalho no setor de Saúde, saía apenas para trabalhar e voltava. Foi bem complicado lidar com o desconhecido, não é verdade, Silvana? *(Carla)*

– Sim, para mim também foi assustador. Penso que para todos nós. Estávamos no "olho do furacão" da pandemia da Covid-19 e

tivemos que nos enclausurar em nossas casas, besuntados dos pés à cabeça com álcool em gel, usando máscaras faciais e mantendo distanciamento social, numa rigidez de higiene incomum ao nosso cotidiano normal, o que poderia ocasionar um "surto psicótico" em qualquer ser humano. *(Silvana)*

– Nem fale, foi bem difícil para mim também e, no meio de tantos questionamentos que fiz a mim mesmo, percebi que muitos movimentos ditos "espiritualistas", diante do desafio, se fecharam, se afastaram das pessoas que estavam iniciando alguns estudos. Eu vivi uma experiência dessas e foi muito frustrante, mas esclarecedor para constatar qual era a essência desses movimentos. E aí surge o CEAK – Centro Espírita Allan Kardec, um espaço laico, estudioso da doutrina espírita, livre pensador, que toca fundo na minha história de vida. Um espaço que fez parte da vida de pessoas muito queridas da minha família – Tio Mario, Tia Nilce, Paulo, Renata, Muniz, Elenir, Carlos e Fabio –, que sempre comentavam de forma muito carinhosa sobre o centro, mas, por minha opção, fiquei distante por mais de 50 anos desse local. E foi aí que, após ficar desapontado com o afastamento de grupos que eu achava serem próximos, minha irmã começou a comentar sobre os cursos do CEAK, sobre as reuniões, as palestras. Me aproximei lentamente, assistia às palestras de forma tímida e um tanto quanto anônima. Mas fui tomando gosto, e participando cada vez mais. E eis que surge o primeiro módulo do curso sobre um dos livros de Léon Denis, chamado "O problema do ser, do destino e da dor", sob a coordenação e mediação do filósofo Ricardo Nunes. *(Leonardo)*

– Isso mesmo, Leonardo. O primeiro módulo começou em maio de 2020. Estávamos nós naquele início de pandemia, cada qual confinado em suas casas, com muita ansiedade e sem noção do que estaria por vir. Aí recebemos o convite para estudarmos esse livro de um escritor espírita que, pelo pouco que ouvi falar dele, seria um sucessor de Allan Kardec. Para ser bem sincera, eu não sabia nem o que seria exatamente o que faríamos, mas, como adoro desafios, aceitei. Para minha surpresa, várias outras pessoas também

toparam, e lá estávamos nós todas as noites de sábado falando pela plataforma Zoom sobre as ideias de Léon Denis. O livro é dividido em três partes, sendo a primeira denominada "O PROBLEMA DO SER". O Capítulo I (A evolução do pensamento) foi lido antecipadamente por todos e o Ricardo Nunes o resumiu na primeira reunião virtual do curso, sempre frisando que essa parte inicial deveria ser sempre uma exposição fiel do pensamento de Léon e, na segunda parte do encontro, discutiríamos as ideias e explicaríamos se concordávamos ou não com elas. E assim foram os capítulos seguintes, cada qual sob a responsabilidade de um dos participantes do curso, até que me aventurei a fazer o resumo do Capítulo V (A alma e os diferentes estados do sono). Devo admitir que fiquei bem nervosa em fazer a explanação, afinal havia várias pessoas no grupo com uma bagagem muito maior que a minha com relação ao conhecimento espírita. Mas, como já tínhamos criado o hábito de sermos fiéis ao conteúdo na apresentação do resumo aos colegas, e depois de falarmos sobre as nossas impressões e se discordávamos ou não das idéias do texto, isso facilitou a minha participação. *(Carla)*

– Que interessante, Carla! De nós quatro, você foi a única que participou ativamente do primeiro módulo e, depois, nos incentivou a participar do segundo e terceiro. *(Cintia)*

– Pois é, o grupo foi crescendo, e enquanto isso a pandemia ia ficando cada vez pior, muitas mortes, muitas pessoas conhecidas adoecendo, muitas incertezas, negligência e despreparo de alguns governantes, muitos sofrimentos. Só que tínhamos o sábado, que era o momento em que "esquecíamos" de tudo isso e mergulhávamos nos pensamentos e ensinamentos de Denis, bem como nos saberes e reflexões dos nossos colegas. As semanas foram passando e, três meses depois, quando menos esperávamos, o primeiro módulo terminou. Ué, como assim? Que faríamos nos sábados à noite? E nossas risadas? Nossas reflexões? Nosso deslocamento no pensamento crítico? Nossa dose de endorfina semanal? Já cobrávamos o Ricardo Nunes: queremos o próximo módulo! Quando vai começar? Até

que, no início de 2021, em meio a um aumento de casos de Covid, das perdas, de muita dor, veio o módulo 2 para nossa alegria (ou seria para amenizar nossa agonia?) *(Carla)*

– Pois é, Carla. Você sabe que eu, ainda anônimo, vi o primeiro módulo inteiro pós-curso ao vivo, nos vídeos gravados. Achei muito interessante e desafiador: estudar sobre um autor que conviveu com Allan Kardec, aprofundou suas ideias e propôs discussões, outras visões, complementos para o recém-apresentado Espiritismo. Resolvi me inscrever para o módulo 2, e aí os sábados à noite não foram mais os mesmos! Me preparar durante a semana para me reunir virtualmente na noite de sábado com um grupo maravilhoso, dedicado, estudioso, animado e sentindo uma energia muito intensa de amor, carinho, isso representava um bálsamo para aliviar a tristeza que estávamos passando naquele momento tão delicado da pandemia. *(Leonardo)*

– Então, Leonardo, esse curso veio num momento conturbado, mas, ao mesmo tempo, veio no momento certo. Tínhamos que preencher nosso tempo com coisas produtivas e que nos fizessem crescer intelectual e moralmente, posto que havia muitas informações falsas em meios de comunicação, redes sociais e internet em geral. Geralmente, em "épocas normais", sábados à noite seriam tempos para "ir pra balada"; mas, como estávamos em pandemia e dispostos a acrescentar conhecimento às nossas vidas, aquelas noites foram usadas para ler, debater e compreender essa obra de León Denis, com a brilhante coordenação e mediação do Ricardo Nunes. *(Silvana)*

– Verdade, Silvana! Eu também sentia essa necessidade de aprimorar meus conhecimentos e de buscar respostas para tantos questionamentos e dúvidas sobre o sentido da vida, sobre a existência de Deus, sobre a nossa jornada nesse planeta, sobre o porquê de tantas tristezas e dores e perdas. Essas e outras tantas questões passaram a povoar minha mente durante aqueles meses sombrios em que os casos da Covid-19 aumentavam no mundo e, especialmente no Brasil, que passou a ocupar o epicentro da

pandemia, com um número alarmante de infectados e milhares de mortes. E foi aí, em meados de 2020, que a Carla me apresentou um curso virtual do CEAK sobre os fundamentos do espiritismo, baseado num livro de Jon Aispúrua, também coordenado pelo filósofo Ricardo Nunes. Conheci virtualmente um pessoal muito bacana de várias cidades da Baixada Santista, de São Paulo capital e até de outras partes do país, e pensei: que maravilha a internet, nestes tempos de pandemia, está nos proporcionando. Tantas pessoas do bem, tão distantes fisicamente, mas conectadas com um mesmo propósito de evolução moral e espiritual, e ali me encontrei! Amei o curso, as reflexões dos colegas, o acolhimento de todos, a simpatia e a condução perfeita do Ricardo. E aí, logo no comecinho de 2021, em janeiro, fiquei sabendo que se iniciaria o módulo 2 do estudo de um livro de Léon Denis e não tive dúvidas: mesmo sem ter feito o módulo 1, me inscrevi. E, como disse o Leonardo, minhas noites de sábado também nunca mais foram as mesmas. A semana inteira eu ficava estudando e aguardando os "embalos de sábado à noite" em frente à telinha do computador. Com você também foi assim, Silvana? *(Cintia)*

– Sim, eu havia terminado o curso básico de Espiritismo com o Cavour Chrispim Neto, terminado também o CEM - curso de estudos da mediunidade, e creio que isso me deu condições para entrar no grupo de estudos da obra "O problema do ser, do destino e da dor", escrita por Monsieur Denis. Eu não tinha participado do módulo 1, mas devido aos cursos anteriores, fui convidada a participar do grupo a partir do módulo 2, o que me deixou muito feliz – e intrigada: como seria esse estudo? O grupo que atendia às reuniões virtuais era composto por pessoas interessadas, estudiosas, muito participativas e de profissões diversas; os debates aconteciam de maneira muito agradável e isso aumentava, a cada semana, o vínculo entre os participantes, que eram de diversas cidades e até mesmo de diferentes Estados brasileiros. Semanalmente, um participante do grupo, espontaneamente, se oferecia para preparar e apresentar o capítulo a ser discutido, sempre sob a coordenação

do Ricardo Nunes, que arrematava com as considerações finais. Foram dois meses de curso e em outubro iniciou-se o módulo 3. Numa das aulas desse módulo, eu tive a "brilhante" ideia de me voluntariar para apresentar o Capítulo XXI – A consciência. O sentido íntimo, sem saber que era um (se não "o") dos capítulos mais longos e difíceis do livro. Justo eu, que sou racional e uso muito a lógica para tirar as minhas conclusões, teria que falar de temas subjetivos como "alma", "exame íntimo", "introspecção", dentre tantos outros, os quais considero inexplicáveis. E o mais difícil: como eu iria "assimilar" todos esses temas para "explicar" a todos os participantes? A trilha sonora do filme "Missão Impossível" soava nos meus ouvidos o tempo todo. *(Silvana)*

– Ahh, eu lembro, Silvana! Sua apresentação foi marcante, você realmente trouxe elementos diferentes, como gráficos e imagens, para sua exposição e isso facilitou nosso entendimento. *(Carla)*

– Pois é, resolvi utilizar a minha maneira lógica e racional, e preparei um material totalmente baseado na minha estratégia de "como eu fiz para que EU MESMA compreendesse esse capítulo tão difícil, rico e intenso". O resultado foi maravilhoso e consegui, enfim, transmitir aos amigos do grupo o que havia entendido a respeito. O mais motivador, para mim, foi que, ao final da minha apresentação, eu recebi vários comentários positivos, acenando com a compreensão do capítulo baseado na minha apresentação, dentre eles, o da Dra. Alcione, com palavras eufóricas dizendo que minha maneira de explicar o capítulo havia feito com que ela o compreendesse de uma forma mais simples, o que muito me alegrou. Enfim, essas noites de sábados pandêmicos na agradável companhia de Monsieur Denis, resultaram, para mim e creio que para todos do nosso grupo de estudo, em uma abertura em nossas mentes para preciosos conhecimentos e evolução. *(Silvana)*

– Olha, foram meses deliciosos de estudo sério da filosofia espírita, repletos de leituras, explanações e discussões, que geraram aprendizados, reflexões, conhecimentos e – por que não dizer? – também muitas risadas. Nós estudávamos, ficávamos nervosos

no dia em que tínhamos que apresentar um capítulo, mas nós sempre nos divertíamos. Afinal, o estudo tem que ser prazeroso – não é mesmo? – para gerar aprendizagem e crescimento. De tudo isso, o mais importante para mim foi o autoconhecimento, a oportunidade de, ao me conhecer melhor, buscar ser uma pessoa melhor, em todos os sentidos. Devo isso à energia desse grupo composto por gente realmente interessada em crescer intelectual e moralmente, algumas pessoas que se conheciam e outras totalmente desconhecidas, mas todas abertas para uma perspectiva de livre pensamento com responsabilidade teórica, como dizia o Ricardo. Aliás, a sabedoria, a humildade e – acima de tudo – o incentivo do Ricardo, a valorização que ele dava a cada comentário nosso, a cada pergunta, por mais básica que fosse, foi isso que nos motivou a querer aprender mais e mais. E esse curso online, que era inicialmente para preencher nosso tempo, foi tomando corpo e transformando nossas vidas. Muitos de nós estávamos literalmente à beira de um ataque de nervos, quando esse curso trouxe alívio para nossas mentes e corações agitados, novos saberes para nossas almas cheias de incertezas e, mais do que isso, prazer e alegria para nossas noites de sábado. *(Cintia)*

– Isso mesmo, Cintia. A energia do grupo fez toda a diferença. Como foi dividido em três módulos, com intervalos de alguns meses entre eles, o curso ia recebendo novos integrantes a cada recomeço. E uma coisa que me chamou muito a atenção foi a harmonia do grupo: opiniões às vezes distintas, mas sempre respeitosas e acolhendo as divergências. Uma última observação que gostaria de fazer é que me pareceu que o Plano Espiritual estava se ajustando às novas tecnologias, aos novos tempos e desafios. Através do mundo virtual, nos foi proporcionado um encontro de almas afins, cada qual com seu estilo, com sua bagagem, mas todas fundamentais para nos trazer equilíbrio, paz e uma força muito importante para seguir em frente. É isso, pessoal! Obrigado a todos pela paciência em ouvir nossos relatos dessa experiência incrível e transformadora. *(Leonardo)*

REENCARNAÇÃO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

*Mauro de Mesquita Spinola**

Resumo

Em trabalho anterior, apresentado no 15º Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, foi discutida a aplicação do método Revisão Sistemática da Literatura (RSL) como instrumento de pesquisa com temática espírita. Crescentemente utilizado nas várias áreas da ciência, a revisão sistemática contribui para compreender o estado da arte de uma área ou um tópico de conhecimento, com base em pesquisas qualificadas já realizadas e publicadas. Naquele trabalho, além de apresentar o método, foi desenvolvida uma aplicação, com foco no tema Experiências de Quase Morte (EQM). No presente estudo é realizada uma revisão da literatura sobre reencarnação e lembrança de vida passada. Presente em uma grande gama de filosofias e religiões das mais diversas civilizações, o tema reencarnação passou a ser estudado com maior rigor científico a partir das pesquisas realizadas por Ian Stevenson e seus parceiros, nos anos 1970. Este trabalho busca identificar, analisar e classificar essas contribuições, oferecendo uma base para melhor compreensão do estado da arte sobre o tema.

1 Reencarnação: um objeto de pesquisa

Entre os temas fundamentais do espiritismo, a reencarnação está entre os mais pesquisados, desde o século XX (Reis & Nunes, 2016; Spinola, 2021; Spínola, 2021). As pesquisas sobre esse tema não estão restritas aos contextos da espiritualidade e da

* Engenheiro e Doutor em Engenharia, Professor da Escola Politécnica da USP (São Paulo), Conselheiro da Fundação Vanzolini e da Fundação Porta Aberta, Autor do livro Introdução à automação (Elsevier). Diretor de Geração de Conteúdo da CEPA – Associação Espirita Internacional (gestões 2016-2021 e 2021-2024), Participante do CPDoc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (Santos), Diretor do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires (São Paulo). Autor dos livros Centro espírita: uma revisão estrutural (CPDoc) e Reencarnação: um extraordinário paradigma existencial (CEPA/CPDoc). Co-autor do livro Perspectivas contemporâneas da reencarnação (CPDoc/CEPABrasil)

religião, sendo encontradas em vários segmentos científicos, com destaque para a psiquiatria e a psicologia. As hipóteses estudadas, por sua vez, não estão atreladas estritamente à de existência e/ou sobrevivência da alma.

A partir dos estudos de Ian Stevenson, nos anos 1960 em diante (Stevenson, 1970), reencarnação passa a ser um explícito e reconhecido objeto de pesquisa. Núcleos de pesquisa avançada se desenvolveram nos vários continentes e as contribuições científicas se proliferaram. Revistas científicas de alto impacto têm publicado artigos desde lá, com destaque para a Journal of Scientific Exploration (www.scientificexploration.org/journal), que já publicou artigos de pesquisadores de todo o mundo, em sua maioria da área da saúde, incluindo vários do próprio Stevenson e seus continuadores.

Este estudo busca identificar, analisar e classificar as publicações científicas sobre reencarnação, oferecendo uma base para melhor compreensão do estado da arte sobre esse tema. Para atingir esse objetivo, realiza uma revisão da literatura. Os próximos tópicos descrevem o método utilizado e os resultados preliminares obtidos.

Este trabalho parte dos resultados da dissertação de mestrado denominada Análise bibliométrica das publicações científicas sobre experiências relacionadas à possibilidade da autonomia da consciência além do cérebro, defendida por Jorge Cecílio Daher Júnior, sob orientação de Giancarlo Luchetti e Alexander Moreira-Almeida (Daher Júnior, 2016). Esse pesquisador levanta larga bibliografia sobre "memórias de vidas passadas", entre outros temas relacionados à hipótese de autonomia em relação ao cérebro.

Com foco específico em reencarnação e lembranças de vida passada, este trabalho refina este levantamento e busca criar um repositório com essa finalidade para uso da comunidade de pesquisadores.

2 Método: revisão sistemática da literatura

Em trabalho anterior apresentado no 15º Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, este autor apresentou a Revisão

Sistemática da Literatura (RSL) como instrumento para pesquisa com temática espírita (Spinola, 2017). Naquele trabalho, foi desenvolvida pesquisa sobre Experiências de Quase-

Morte (EQM), mostrando que esse tipo de levantamento é essencial para elucidação do estado da arte e consequente identificação de potenciais focos de investigação de um tema escolhido.

Recentemente, com o advento de ferramentas que exploram o grande desenvolvimento e a ampla disponibilização tanto da internet quanto das técnicas de pesquisa em bancos de dados de publicações científicas, o método de revisão sistemática da literatura tem ganhado destaque pela sua capacidade de permitir, com muito maior rapidez e eficácia que antes, o mapeamento das pesquisas desenvolvidas em determinadas áreas ou mesmo sobre tópicos específicos.

Naquele artigo são apresentados a metodologia, suas principais características e etapas típicas. São também propostos alguns critérios relevantes para sua aplicação em pesquisa espírita, aqui resumidos (Spinola, 2017):

- Relacionamento com outras áreas. As pesquisas com temática espírita estão, em geral, fortemente relacionadas com pesquisas realizadas em outras áreas. Apesar das dificuldades, o claro diálogo entre as pesquisas é o caminho que se apresenta como mais adequado.
- Terminologia. Como consequência do relacionamento acima exposto, vários termos utilizados em várias áreas necessitam ser visitados e fazer parte do levantamento, tomando sempre o cuidado de compreender e explicitar os significados que possuem em cada contexto. Assim, se vai ser elaborada uma questão sobre certo tema, é necessário deixar claro qual o significado que se atribui para cada termo utilizado.
- Acesso a pesquisas já realizadas. É obrigatório o acesso a publicações recentes e antigas necessárias à compreensão do conhecimento já construído sobre a questão em foco. Para

isso, a utilização de ferramentas de busca que permitam o acesso a material digital é essencial.Destacam-se as seguintes bases a ser utilizadas, entre outras: Webofscience (webofknowledge.com), Scopus, Scielo (scielo.br), Google acadêmico (scholar.google.com). Dependendo da área de pesquisa, outras bases são também adicionadas a esta lista, com PubMed para Medicina.

- Acesso a pesquisas já realizadas. Para uma consistente pesquisa de temas relacionados ao espiritismo, devem ser consideradas as produções já realizadas por pesquisadores desses temas, buscando acesso a elas por todos os meios possíveis. É fundamental, no entanto, mapear devidamente os vários estudos, analisando sua validade e os vários vieses e riscos que possuem.
- Diferenciação e qualificação das publicações. As publicações de revistas científicas com identificação clara de seu fator de impacto ou outra medida equivalente (https://en.wikipedia.org/wiki/Journal_ranking#Measures) oferecem maior confiança aos pesquisadores.

2.1 Definição de termos

Os seguintes termos exigem clara definição para realização da pesquisa:

	Português	Espanhol	Inglês
1.	reencarnação	reencarnación	reincarnation
2.	lembrança de vida passada	recuerdo de vida pasada	past life memory

Se for necessário e útil, várias outros termos podem e devem ser definidos.

Para efeito deste estudo, serão utilizadas as seguintes definições, baseadas em estudos anteriores relevantes.

1. Reencarnação (reencarnación, reincarnation). Este estudo adota a definição proposta por Ian Stevenson, em um de

seus primeiros trabalhos:

> "Reincarnation, briefly defined, includes the idea that men [and women] consist of physical bodies and minds. At a person's death, his [her] physical body perishes, but his [her] mind may persist and later become associated with another physical body in the process called reincarnation. Some persons find the word "mind" in this definition unclear or otherwise unattractive. They may certainly substitute another word such as "soul" or "individuality." I intend only to indicate a component of human beings not comprised in our present understanding of their physical bodies, which component may persist after physical death.
>
> (Tradução livre: A reencarnação, brevemente definida, inclui a ideia de que os homens [e as mulheres] consistem em corpos físicos e mentais. Na morte de uma pessoa, o seu corpo físico perece, mas a sua mente pode persistir e mais tarde tornar-se associada a outro corpo físico no processo chamado reencarnação. Algumas pessoas consideram a palavra "mente" nesta definição pouco clara ou pouco atrativa. Podem certamente substituir outra palavra tal como "alma" ou "individualidade". Pretendo apenas indicar uma componente dos seres humanos não compreendida na nossa atual compreensão dos seus corpos físicos, que componente pode persistir após a morte física.)" (Stevenson, 1977)

2. Lembrança de vida passada (recuerdo de vida pasada, past life memory). Este estudo adota o conceito utilizado por Haraldsson, um dos mais ativos pesquisadores do tema:

> "(...) cases in which children, usually at the young age of 2-5 years, report memories of experiences they claim to be from a former life span.
>
> (Tradução livre: (...) casos em que crianças, geralmente na tenra idade de 2-5 anos, relatam lembranças de experiências que afirmam ser de um período de vida anterior.)" (Haraldsson, 1991)

2.2 Questão de pesquisa

A questão de pesquisa proposta é:

Quais são e como se caracterizam as pesquisas realizadas sobre reencarnação e lembrança de vida passada?

Para escolha das palavras-chave a utilizar na busca, este estudo se limitou aos seguintes termos em inglês:

- reincarnation
- past-life memory

A limitação ao idioma inglês visou a buscar prioritariamente publicações em revistas científicas de impacto. O autor reconhece essa escolha como uma limitação da pesquisa, cabendo, para pesquisas futuras, incluir também esses termos em língua portuguesa e espanhola.

Todas as pesquisas que utilizem pelo menos uma dessas expressões têm interesse. As aspas são usadas para capturar estritamente os estudos que utilizam essas expressões (não apenas as palavras isoladas). Os próprios artigos pesquisados podem auxiliar na descoberta de sinônimos que podem ser utilizados em novas buscas, de maneira que o processo progrida para os resultados desejados.

Portanto, a string (chave de busca) utilizado para essa pesquisa é:

> "reincarnation" OR "past-life" OR "past-lives" OR "previous life" OR "previous lives"

Visando a evitar incluir pesquisas que adotam essas expressões em contextos do conhecimento não vinculados às definições dadas para esses termos neste estudo, foi incluída a restrição de menção a um dos seguintes pesquisadores: Stevenson ou Kardec.

Assim, a string completa de pesquisa utilizada foi:

> (Stevenson OR Kardec) AND (reincarnation OR "past-life" OR "past-lives" OR "previous life" OR "previous lives")

2.3 Bases utilizadas

As bases seguintes foram escolhidas neste exemplo:

- PubMed (ncbi.nlm.nih.gov/pubmed)
- Google Acadêmico (scholar.google.com)
- Scopus (scopus.com)

Numa primeira busca, só essas bases foram utilizadas, podendo depois ser incluídas outras, tais como Web of Science, Scielo, trabalhos apresentados em congressos científicos e outras. Nesta busca, há já a expectativa de compreender o desenvolvimento desses estudos no tempo, levantando principais contribuições e autores. Há também a expectativa de obter material suficiente para responder à questão proposta.

3 Primeiros resultados

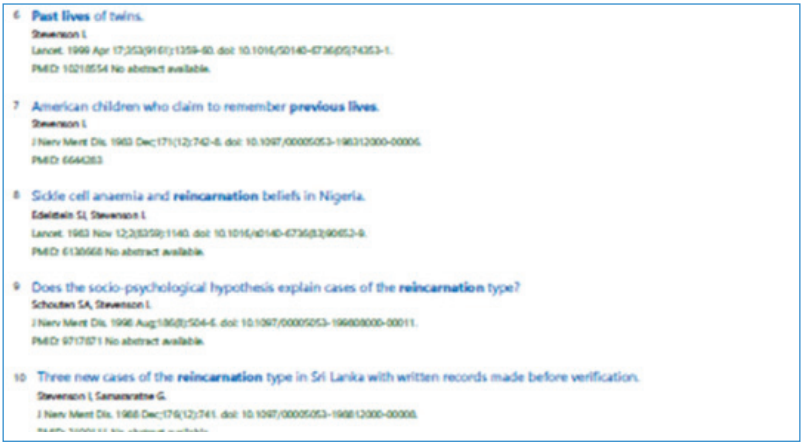
Seguem alguns resultados obtidos nas bases utilizadas.

3.1 Base PubMed

A base PubMed, com grande importância na captura de publicações de alto impacto científico na área de saúde, apresenta 13 publicações. São artigos que representam as pesquisas avançadas realizadas por pesquisadores da área e devem ser estudados para elaboração da revisão.

Figura 1 - Tela com os resultados da busca completa no PubMed

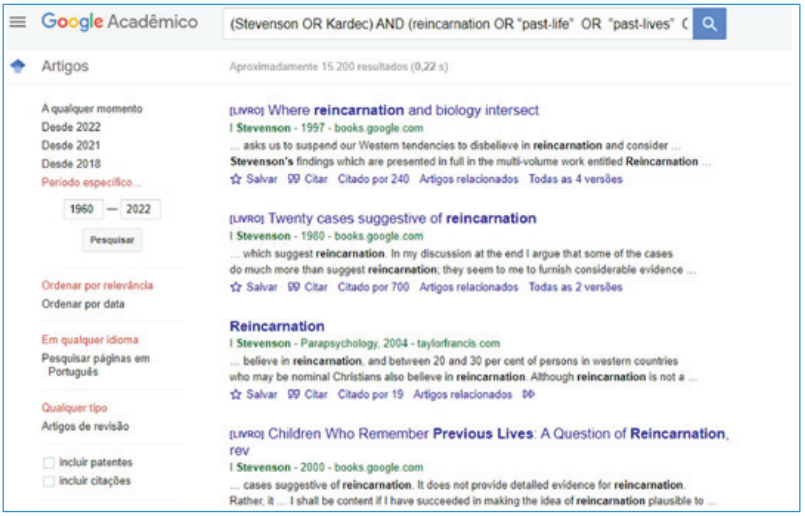




3.2 Base Google Academico

A busca na base Google Academico apresenta ma1s de 15 mil publica<;oes. E uma quantidade expressiva, que requer pesquisa mais refinada para encontrar os artigos de maior relevancia e focalizar neles a revisao. Uma avalia<;ao a ser feita e a de qualifica<;ao das publica<;oes.

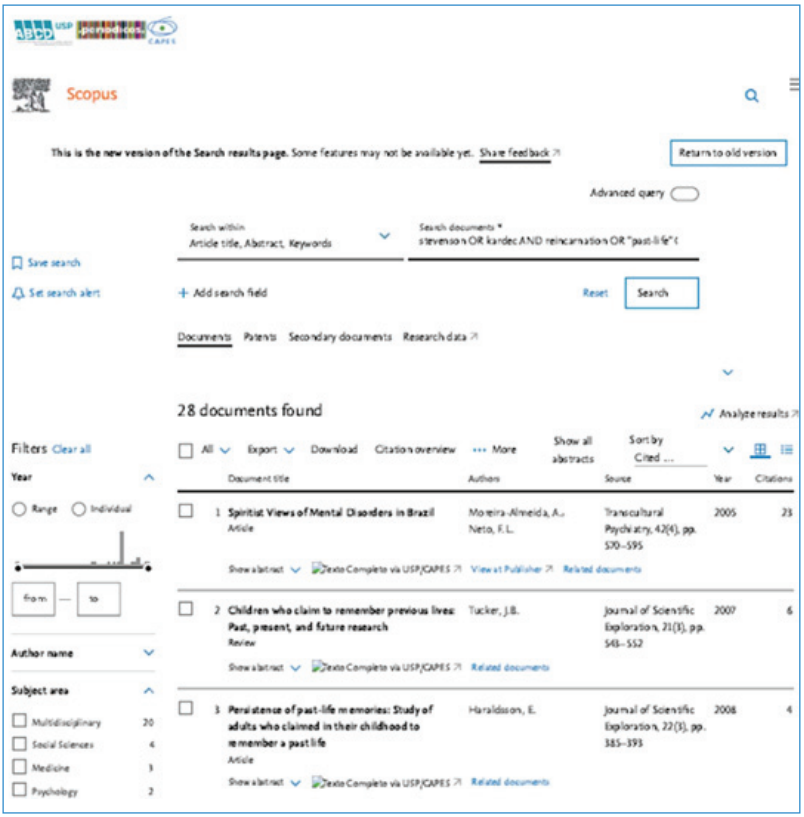
Figura 2 – Tela com os resultados da busca completa no Google Acadêmico (extrato)



3.3 Base Scopus

A busca realizada na base Scopus apresenta 28 artigos. Essa base reúne pesquisas relevantes em várias áreas do conhecimento e permite a avaliação das fontes utilizadas.

Figura 3 – Tela com os resultados da busca completa na base Scopus (extrato)

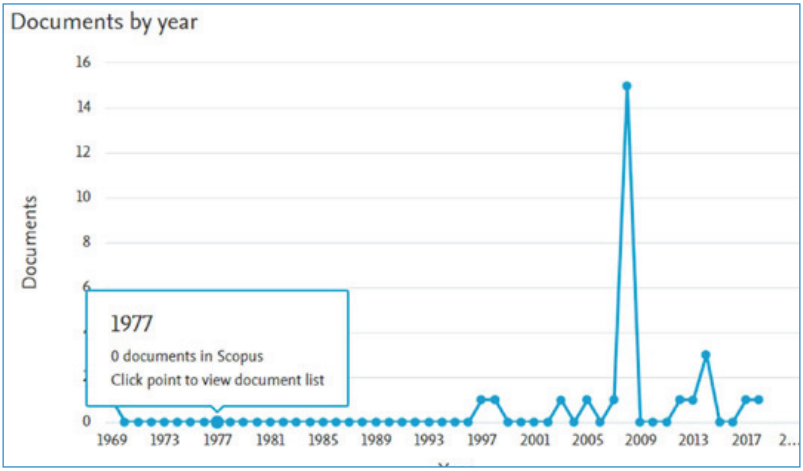


Refinadas as buscas e identificadas publicações relevantes para o estudo, é hora de estudar seu conteúdo. Seguem nos próximos tópicos as análises iniciais, que deverão ser complementadas em estudos posteriores.

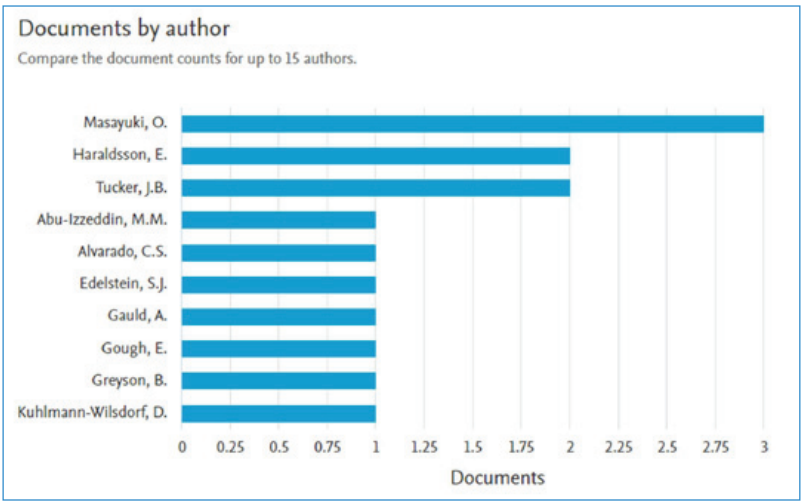
3.4 Análises da base Scopus

A base Scopus, em particular, oferece algumas ferramentas de análise. Elas permitem avaliar o conjunto de publicações identificadas nesta base. Análises análogas são apresentadas nos tópicos seguintes para um conjunto maior de publicações.

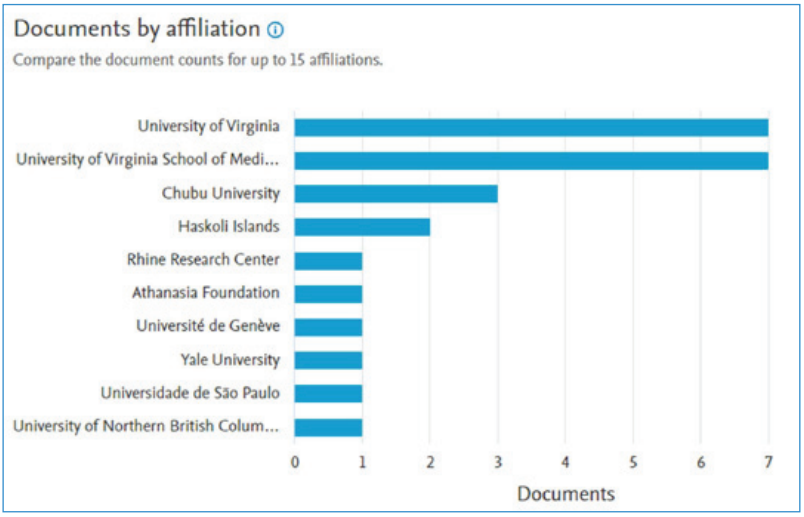
1. Anos das publicações. A maioria das publicações deste conjunto ocorreu em 2008.



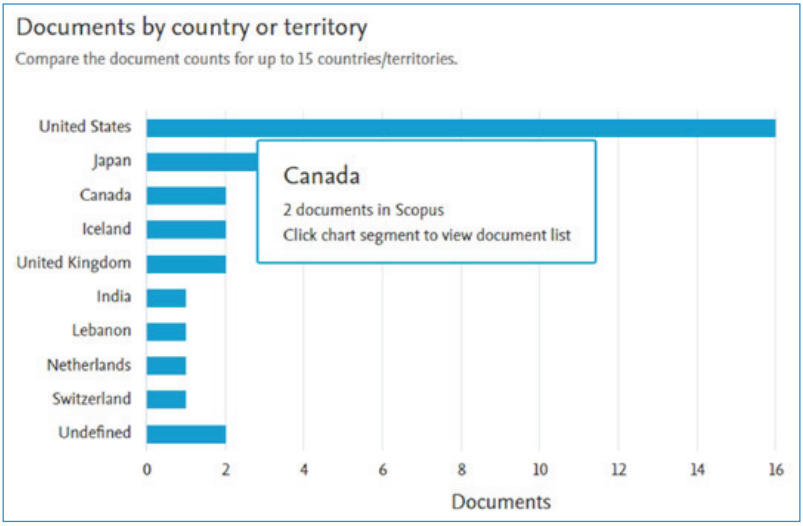
2. Autores. O japonês Ohkado Masayuki, o islandês Erlendur Haraldsson e o americano Jim Tucker são os autores com maior número de trabalhos encontrados. Chama a atenção o fato de, nesta base, não terem sido encontrados, com a string proposta, trabalhos de autores relevantes como Ian Stevenson.



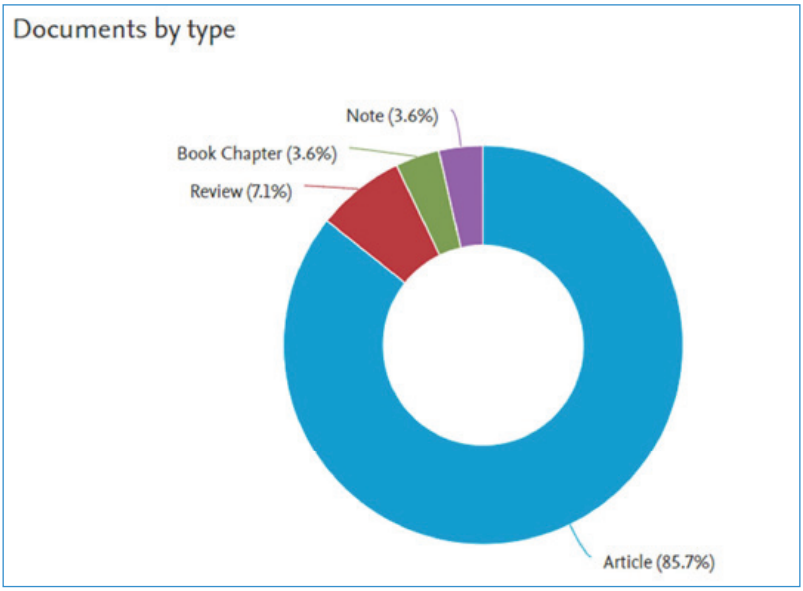
3. Institutos. Neste levantamento, a Universidade de Virginia é a mais presente, com 14 publicações.



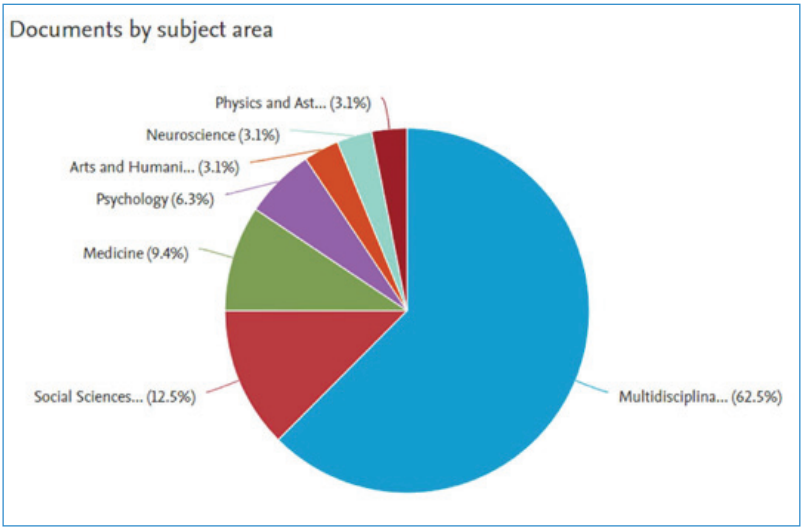
4. Países. As publicações encontradas nesta base são, majoritariamente, produzidas nos Estados Unidos da América (16 publicações).



5. Tipos de publicações. Os artigos científicos compreendem a grande maioria dos documentos encontrados nessa base (aproximadamente 86%).



6. Áreas de conhecimento. A grande maioria das publicações dessa base é identificada como multidisciplinar (aproximadamente 63%), seguida de Ciências Sociais e Medicina.



4 Ampliação da revisão: primeiros resultados

O levantamento feito nas bases citadas contribui para ter uma base mais geral de pesquisas sobre o tema, mas exige análise das publicações encontradas.

Visando a obter uma base ampliada confiável, que contribua com futuros estudos relacionados ao tema, foi feito um levantamento mais amplo, combinando as diversas bases e analisando a pertinência de inclusão de cada uma das publicações. O critério principal foi o de o estudo claramente apresentar e utilizar uma metodologia de pesquisa científica.

Este trabalho é preliminar e exige continuidade, além de análise crítica para futuras revisões. O quadro a seguir apresenta todas as publicações, distribuídas pelas décadas de ocorrência. Nota-se o consistente crescimento do número de publicações.

Figura 4 – Conjunto completo de publicações, por década de ocorrência

Anos	Publicações	Quantid.
1970-1979	(Barker & Pasricha, 1979; Parejko, 1975; Parejko et al., 1975; Stevenson, 1970, 1977)	4
1980-1989	(Baker, 1982; Chadha & Stevenson, 1988; Kandy & Lanka, 1988; S. K. Pasricha & Murthy, 1980; Stevenson, 1983, 1985, 1986, 1989)	8
1990-1999	(Almeider, 1997; Haraldsson, 1991, 1997; Hubbard, 1996; Keil, 1996; Keil & Stevenson, 1999; Medicine, 1990; Mills et al., 1994; S. Pasricha, 1992; S. K. Pasricha, 1998; Robertson & Gow, 1999; Roth, 1998; Schouten & Stevenson, 1998; Scripta Fulgentina, 1992; Stevenson, 1993, 1994, 1999; Wheatley, 1997)	18
2000-2009	(Bernet, 2007; Bishai, 2000; Haraldsson, 2000, 2002, 2003a, 2003b, 2006, 2008; Haraldsson et al., 2000; Haraldsson & Abu-Izzeddin, 2004; Moreira-Almeida & Neto, 2005; S. K. Pasricha, 2001; S. K. Pasricha et al., 2005; Rivas, 2003; Stevenson, 2000a, 2000b, 2001, 2005, 2006; Stevenson & Haraldsson, 2003; Stevenson & Keil, 2000; Sturrock, 2008; Tucker, 2000, 2007, 2008; Valea, 2002; Waterhouse & Walter, 2003)	27
2010-2019	(G. Andrade, 2017; Curcio & Moreira-Almeida, 2019; Daher Júnior, 2016; Dossey, 2015; Haraldsson, 2014a, 2014b; Haraldsson & Abu- Izzedin, 2012; Irwin, 2017; Keil, 2010; Lucchetti et al., 2013; Majeed, 2012; Malkovsky, 2017; Masayuki, 2013, 2014a, 2014b, 2016, 2017; Nagaraj et al., 2013; Pandarakalam, 2018; Pehlivanova et al., 2018; Peres & Incontri, 2010; Petkova Sofia University & Kliment Ohridsky, 2018; Reis & Nunes, 2016; Rocha, 2018; Siegers, 2013; Slavoutski, 2012a, 2012b; Spínola, 2021; Tucker, 2016; Tucker & Jürgen Keil, 2013; Tucker & Nidiffer, 2014; Visoni, 2010; White, 2017)	33
2020-2022	(H. G. Andrade, 2021; Masayuki, 2022; Matlock, 2022; Moraes et al., 2022; Onwuka, 2022; Sousa & Pimentel, 2021; Spinola, 2021)	7
	TOTAL	97

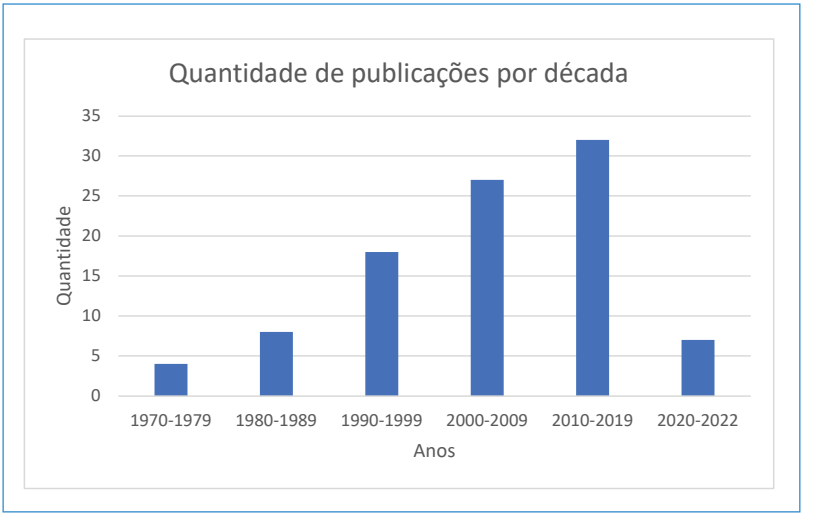


Figura 5 – Principais autores (por número de publicações)

	Autor	Publicações	Quantid.
1	Ian Stevenson (University of Virginia Health System)	(Chadha & Stevenson, 1988; Keil & Stevenson, 1999; S. K. Pasricha et al., 2005; Schouten & Stevenson, 1998; Slavoutski, 2012a; Stevenson, 1970, 1974, 1977, 1983, 1985, 1986, 1989, 1993, 1994, 1999, 2000a, 2000b, 2001, 2005, 2006; Stevenson & Haraldsson, 2003; Stevenson & Keil,2000)	22
2	Erlendur Haraldsson (Haskoli Islands - Iceland)	(Haraldsson, 1991, 1997, 2000, 2002, 2003a, 2003b, 2006, 2008, 2014a, 2014b; Haraldsson et al., 2000; Haraldsson & Abu-Izzeddin, 2004; Haraldsson & Abu-Izzedin, 2012; Mills et al., 1994; Stevenson & Haraldsson, 2003)	15
3	Jim Tucker (University of Virginia School of Medicine)	(Moraes et al., 2022; S. K. Pasricha et al., 2005; Pehlivanova et al., 2018; Tucker, 2000, 2007, 2008, 2016; Tucker & Jürgen Keil, 2013; Tucker & Nidiffer, 2014)	9

	Autor	Publicações	Quantid.
4	Ohkado Masayuki (Chubu University – Kasugai Aichi, Japan)	(Masayuki, 2013, 2014a, 2014b, 2016, 2017, 2022)	6
5	Satwant K. Pasricha (National Institute of Mental Health and Neuro Sciences – Bengaluru, KA India)	(Barker & Pasricha, 1979; S. Pasricha, 1992; S. K. Pasricha, 1998, 2001; S. K. Pasricha et al., 2005; S. K. Pasricha & Murthy, 1980)	6

Figura 6 - Principais fontes (revistas científicas)

	Fonte	Publicações	Quantid.
1	Journal of Scientific Exploration (www.scientificexploration.org/journal)	(Almeider, 1997; Bishai, 2000; Haraldsson, 1991, 1997, 2008; Keil, 1996; Keil & Stevenson, 1999; Masayuki, 2013, 2014a, 2014b, 2016; S. Pasricha, 1992; S. K. Pasricha, 1998, 2001; S. K. Pasricha et al., 2005; Stevenson, 1989, 1993, 2000b, 2005, 2006; Stevenson & Haraldsson, 2003; Stevenson & Keil, 2000; Sturrock, 2008; Tucker, 2000, 2007; Tucker & Nidiffer, 2014; Visoni, 2010)	27
2	Explore(www.sciencedirect.com/journal/explore)	Dossey, 2015; Lucchetti et al., 2013; Masayuki, 2022; Matlock, 2022; Moraes et al., 2022; Tucker, 2008, 2016)	7

5 Continuidade do estudo

Os resultados obtidos até aqui permitem afirmar a reencarnação constitui-se em consistente e presente objeto de pesquisa.

As próximas etapas desta pesquisa estarão voltadas para caracterizar as metodologias aplicadas e disseminar os padrões desenvolvidos, visando a fomentar o desenvolvimento de novas pesquisas.

Os interessados no desenvolvimento da pesquisa podem entrar em contato com o CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (www.cpdocespirita.com.br) ou a CEPA – Associação Espírita Internacional (www.cepaintenacional.org, www.cepabrasil.org.br) e todos os interessados estão convidados a participar.

Referências bibliográficas:

ALMEIDER, R. (1997). A *Critique of Arguments Offered Against Reincarnation (Essay)*. Journal of Scientific Exploration, 1(4), 499–526.

ANDRADE, G. (2017). *Is past life regression therapy ethical?* In J Med Ethics Hist Med (Vol. 10). Andrade, H. G. (2021). Reencarnação no Brasil. Casa Editora O Clarim.

BAKER, R. A. (1982). *The Effect of Suggestion on Past-Lives Regression*. American Journal of Clinical Hypnosis, 25(1), 71–76. https://doi.org/10.1080/00029157.1982.10404067

BARKER, D. R., & PASRICHA, S. K. (1979). *Reincarnation Cases in Fatehabad: A Systematic Survey in North India*. Journal of Asian and African Studies, 14, 231–240. https://doi.org/10.1177/002190967901400304

BERNET, W. (2007). *Setting Criteria for Ideal Reincarnation Research*. Journal of Consciousness Studies, 14(12), 92–101. https://www.researchgate.net/publication/250396110

BISHAI, D. (2000). *Can population growth rule out reincarnation?* A model of circular migration. Journal of Scientific Exploration, 14(3), 411–420.

CHADHA, N. K., & STEVENSON, I. (1988). *Two Correlates of Violent Death in Cases of the Reincarnation Type*. Journal of the Society for Psychical Research, 55(811), 71–79.

CURCIO, C. S. S., & MOREIRA-ALMEIDA, A. (2019). *Who Does Believe in life After Death?* Brazilian Data from Clinical and Non-clinical Samples. Journal of Religion and Health, 58(4), 1217– 1234. https://doi.org/10.1007/s10943-018-0723-y

DAHER Júnior, J. C. (2016). *Análise bibliométrica das publicações científicas sobre experiências relacionadas à possibilidade da autonomia da consciência além do cérebro*. Universidade Federal de Juiz de Fora.

DOSSEY, L. (2015). *Birthmarks and Reincarnation*. Explore, 11(1), 1–4.

HARALDSSON, E. (1991). Children Claiming Past-Life Memories: Four Cases in Sri Lanka. Journal of Scientific Exploration, 5(2), 233–261.

HARALDSSON, E. (1997). *A Psychological Comparison Between Ordinary Children and Those Who Claim Previous-Life Memories*. In Society for Scientific Exploration (Vol. 1, Issue 3).

HARALDSSON, E. (2000). *BIRTHMARKS AND CLAIMS OF PREVIOUS-LIFE MEMORIES: I. THE CASE OF PURNIMA EKANAYAKE*. Journal of the Society for Psychical Research, 64(858).

HARALDSSON, E. (2002). *Development of Certainty About the Correct Deceased Person in a Case of the Reincarnation Type in Lebanon: The Case of Nazih Al-Danaf*. In Journd ofkientr~ic E,~plorcrtion (Vol. 16, Issue 3).

HARALDSSON, E. (2003a). *Children who speak of past-life experiences: is there a psychological explanation?* Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice, 76, 55–67.

HARALDSSON, E. (2003b). *Children who speak of past-life experiences: Is there a psychological explanation?* Psychology and Psychoterapy: Theory, Research and Practice, 76(1), 55–67. www.bps.org.uk

HARALDSSON, E. (2006). P*opular psychology, belief in life after death and reincarnationin the Nordic countries, Western and Eastern Europe*. Nordic Psychology, 58(2), 171–180.

HARALDSSON, E. (2008). *Persistence of past-life memories: Study of adults who claimed in their childhood to remember a past life*. Journal of Scientific Exploration, 22(3), 385–393.

HARALDSSON, E. (2014a). *Memories of a previous life?* Revista de Psiquiatria Clinica, 41(1), 21–26. https://doi.org/10.1590/0101-60830000041216

HARALDSSON, E. (2014b). *Memories of a previous life?* Revista de Psiquiatria Clinica, 41(1), 21–26. https://doi.org/10.1590/0101-60830000041216

HARALDSSON, E., & ABU-IZZEDDIN, M. (2004). *Three randomly selected Lebanese cases of children who claim memories of a previous life*. Journal of the Society for Psychical Research, 68.2(875).

HARALDSSON, E., & ABU-IZZEDIN, M. (2012). *Persistence of "past-life" memories in adults who, in their childhood, claimed memories of a past life*. Journal of Nervous and Mental Disease, 200(11), 985–989. https://doi.org/10.1097/NMD.0b013e3182718c51

HARALDSSON, E., FOWLER, P. C., & ERIYANNANPILLAI, V. P. (2000). *Psychological Characteristics of Children Who Speak of a Previous Life: A Further Field Study in Sri Lanka*. Transcultural Psychiatry, 37(4), 525–544.

HUBBARD, T. L. (1996). *Consciousness and cognition beyond the body: Functionalist cognitive science and the possibility of out-of-body experiences and reincarnation (Review)*. Journal of the American Society for Physical Research, 90(3), 206–220.

IRWIN, L. (2017). *Reincarnation in America: A brief historical overview. Religions*, 8(10). https://doi.org/10.3390/rel8100222

KANDY, G. S., & Lanka, S. (1988). *Three New Cases of the Reincarnation Type in Sri Lanka With* Written Records *Made Before Verifications*. In Journalof Scienfific Exploration (Vol. 2, Issue 2).

KEIL, J. (1996). *Cases of the Reincarnation Type: An Evaluation of Some Indirect Evidence with Examples of "Silent" Cases*. Journal of Scientific Exploration, 10(4), 892–925.

KEIL, J. (2010). *Questions of the Reincarnation Type*. In Journal of Scientifi c Exploration (Vol. 24, Issue 1).

KEIL, J., & Stevenson, I. (1999). *Do cases of the Reincarnation Type Show Similar Features Over Many Years? A Study of Turkish Cases a Generation Apart*. Journal of Scientific Exploration, 13(2), 189–198.

LUCCHETTI, G., Santos Camargo, L. dos, LUCCHETTI, A. L. G., SCHWARTZ, G. E., & NASRI, F. (2013). *Rare medical conditions and suggestive past-life memories: A Case report and literature review. Explore: The Journal of Science and Healing*, 9(6), 372–376. https://doi.org/10.1016/j.explore.2013.08.003

MAJEED, H. M. (2012). *An examination of the concept of reincarnation in African Philosophy*. University of South Africa.

MALKOVSKY, B. (2017). *Belief in reincarnation and some unresolved questions in catholic eschatology*. Religions, 8(9). https://doi.org/10.3390/rel8090176 Masayuki, O. (2013). A case of a Japanese child with past-life memories. Journal of Scientific Exploration, 27(4), 625–636.

MASAYUKI, O. (2014a). *Children with Life-between-Life Memories*. Journal of Scientific Exploration, 28(3), 477–490.

MASAYUKI, O. (2014b). *Facial features of Burmese with past-life memories as Japanese soldiers*. Journal of Scientific Exploration, 28(4), 597–603.

MASAYUKI, O. (2016). *A Same-Family Case of the Reincarnation Type in Japan*. Journal of Scientific Exploration, 30(4), 524–536.

MASAYUKI, O. (2017). *Same-Family Cases of the Reincarnation Type in Japan*. In Journal of Scientifi c Exploration (Vol. 31, Issue 4).

MASAYUKI, O. (2022). *A Japanese case of the reincarnation type with written records made before verifications: A child claiming to have fought on the battleship Yamato*. EXPLORE, 1–7. https://doi.org/10.1016/j.explore.2022.07.006

MATLOCK, J. G. (2022). *Congenital physical anomalies associated with deceased persons in reincarnation cases with intermissions of less than nine months*. In Explore. Elsevier Inc. https://doi.org/10.1016/j.explore.2022.08.019 Medicine, B. (1990). Moslem Cases of the Reincarnation Type in Northern India: A Test of the Hypothesis of Imposed Identification Part I: Analysis of 26 Cases. Analysis, 4(2).

MILLS, A., HARALDSSON, E., & KEIL, H. H. J. (1994). *Replication Studies of Cases Suggestive of Reincarnation by Three Independent Investigators*. The Journal of the American Society for Psychical Research, 88(July).

MORAES, L. J., BARBOSA, G. S., CASTRO, J. P. G. B., TUCKER, J. B., & MOREIRA-ALMEIDA, A. (2022). *Academic studies on claimed past-life memories: A scoping review*. In Explore (Vol. 18, Issue 3, pp. 371–378). Elsevier Inc. https://doi.org/10.1016/j.explore.2021.05.006

MOREIRA-ALMEIDA, A., & NETO, F. L. (2005). *Spiritist Views of Mental Disorders in Brazil. Transcultural Psychiatry*, 42(4), 570–595. https://doi.org/10.1177/1363461505058916

NAGARAJ, A., NANJEGOWDA, R., & PURUSHOTHAMA, S. (2013). *The mystery of reincarnation. In From: Indian* Journal of Psychiatry (Vol. 55, Issue 6).

ONWUKA, M. E. (2022). *Reincarnation: a problem of personal identity*. https://www.researchgate.net/publication/358959331

PANDARAKALAM, J. P. (2018). *Do reincarnation-type cases involve consciousness transfer?* NeuroQuantology, 16(11), 30–43. https://doi.org/10.14704/nq.2018.16.11.1882

PAREJKO, J. (1975). 100 *Cases of reincarnation?* Journal of the American Institute of Hypnosis, 16(4).

PAREJKO, J., GAINES, G., & KATARZYNSKI, D. (1975). 100 *Cases of reincarnation?* II. Journal of the American Institute of Hypnosis, 16(5), 206–207.

PASRICHA, S. (1992). *Are reincarnation type cases shaped by parental guidance? An empirical study concerning the limits of parents' influence on children*. Journal of Scientific Exploration, 6(2), 167–180.

PASRICHA, S. K. (1998). *Cases of the Reincarnation Type in Northern India With Birthmarks and Birth Defects*. Journal of Scientific Exploration, 12(2), 259–293.

PASRICHA, S. K. (2001). *Cases of the reincarnation type in South India: Why so few reports?* Journal of Scientific Exploration, 15(2), 211–221.

PASRICHA, S. K., KEIL, J., TUCKER, J. B., & STEVENSON, I. (2005). *Some Bodily Malformations Attributed to Previous Lives*. Journal of Scientific Exploration, 19(3), 359–383.

PASRICHA, S. K., & MURTHY, V. N. (1980). *The scientific investigation of rebirth cases: Problems of field work and in the analysis of data. Indian* Journal of Psychiatry, 22(2), 206–210.

PEHLIVANOVA, M., JANKE, M. J., LEE, J., & TUCKER, J. B. (2018). *Childhood Gender Nonconformity and Children's Past-Life Memories*. International Journal of Sexual Health, 30(4), 380–389. https://doi.org/10.1080/19317611.2018.1523266

PERES, J., & INCONTRI, D. (2010). *Implicações pedagógias e terapêuticas da reencarnação*. In D. (org.) Incontri (Ed.), Educação e Espiritualidade: Interfaces e Perspectivas. Editora Comenius.

PETKOVA Sofia University, D., & KLIMENT Ohridsky, S. (2018). *Death, After-Life and Rebirth: Cultural Transfusion of Ideas*. In Journal of narratives and social sciences (Vol. 2).

REIS, A. A. C., & NUNES, R. de M. (org.). (2016). P*erspectivas contemporâneas da reencarnação*. CPDoc/CEPABrasill.

RIVAS, T. P. M. (2003). *Three Cases of the Reincarnation Type in the Netherlands*.

ROBERTSON, S., & GOW, K. M. (1999). *Do fantasy proneness and personality affect the vividness and certainty of past-life experience reports?* Australian Journal of Clinical and Experimental Hypnosis, 27(2), 136–149.

ROCHA, R. E. (2018). *Natureza e sociedade no pensamento de Thoreau: do Trancendentalismo ao Ambientalismo*. Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, 10(1), 66–76.

ROTH, C. F. (1998). *Reincarnation and biology*: *A contribution to the etiology of birthmarks and birth defects*. Anthropology of Consciousness, 9(2–3), 64–68. https://doi.org/10.1525/ac.1998.9.2- 3.64

SCHOUTEN, S. A. D., & Stevenson, I. M. D. (1998). Does the Socio-Psychological Hypothesis Explain Cases of the Reincarnation Type? In The Journal of Nervous & Mental Disease Issue (Vol. 186, Issue 8).

SCRIPTA Fulgentina. (1992). Dialnet-LaCriticaDelReencarnacionismoEnAlgunosAutoresConte-5807882. Scripta Fulgentina, II(4).

SIEGERS, P. (2013). R*eincarnation Revisited. Question format and the distribution of belief in reincarnation in survey research (Survey?* Methods: Insights from the Field). http://surveyinsights.org/?p=2016

SLAVOUTSKI, S. (2012a). *Is the reincarnation hypothesis advanced by stevenson for spontaneous past- life experiences relevant for the understanding of the ontology of past-life phenomena?* International Journal of Transpersonal Studies, 31(1), 83–96. https://doi.org/10.24972/ijts.2012.31.1.83

SLAVOUTSKI, S. (2012b). *Is the reincarnation hypothesis advanced by stevenson for spontaneous past- life experiences relevant for the understanding of the ontology of past-life phenomena?* International Journal of Transpersonal Studies, 31(1), 83–96. https://doi.org/10.24972/ijts.2012.31.1.83

SOUSA, R. F. de, & PIMENTEl, M. G. (2021). *Raça e reencarnação no Espiritualismo norte-americano: uma visão a partir da crítica de Allan Kardec (1857-1869)*. Diálogos, 25(3), 111–137.

SPINOLA, M. de M. (2017). R*evisão sistemática da literatura e sua aplicação em pesquisas com temática espírita*. 15º Simpósio Brasileiro Do Pensamento Espírita.

SPÍNOLA, M. de M. (2021). *Reencarnação: um revolucionário paradigma existencial* (A. A. C. dos Reis, R. de M. Nunes, & M. de M. Spinola, Eds.). CEPA/CPDoc. www.cepainternacional.org

SPINOLA, M. de M. (2021). *Reencarnación: un revolucionario paradigma existencial* (A. A. C. dos Reis, R. de M. Nunes, & M. de M. Spinola, Eds.). CEPA/CPDoc. www.cepainternacional.org Stevenson, I. (1970). Vinte casos sugestivos de reencarnação (1st ed.). Editora Difusão Cultural.

STEVENSON, I. (1974). Twenty Cases Suggestive of Reincarnation (2nd ed.). University Press of Virginia.

STEVENSON, I. (1977). The Explanatory Value of Idea of Reincarnation. The Journal of Nervous and Mental Disease, 164(5), 305–326.

STEVENSON, I. (1983). *American children who claim to remember previous lives*. The Journal of Nervous and Mental Disease, 171(12).

STEVENSON, I. (1985). *The Belief of Reincarnation Among the Igbo of Nigeria*. Journal of Asia and African Studies, XX(1).

STEVENSON, I. (1986). *Characteristics of Cases of the Reincarnation Type in Turkey among the Igbo of Nigeria*. Journal of Asian and African Studies, XXI(3), 204–216.

STEVENSON, I. (1989). *A Case of Severe Birth Defects Possibly Due to Cursing*. Journal of Scientific Exploration, 3(2), 201–212.

STEVENSON, I. (1993). *Birthmarks and birth defects corresponding to wounds on deceased persons*. Journal of Scientific Exploration, 7(4), 403–410.

STEVENSON, I. (1994). *A case of the Psychotherapist's fallacy: hypnotic regression to "Previous Lives" (Guest Commentary)*. American Journal of Clinical Hypnosis, 36(3).

STEVENSON, I. (1999). *Past life of twins*. The Lancet, 353, 1359–1360.

STEVENSON, I. (2000a). *The phenomenon of claimed memories of previous lives: Possible interpretations and importance*. Medical Hypotheses, 54(4), 652–659. https://doi.org/10.1054/mehy.1999.0920

STEVENSON, I. (2000b). *Unusual Play in Young Children Who Claim to Remember Previous* Lives. Journal of Scientific Exploration, 14(4), 557–570.

STEVENSON, I. (2001). ROPELIKE BIRTHMARKS ON CHILDREN WHO CLAIM TO REMEMBER PAST LIVES. Psychological Report, 89, 142–144.

STEVENSON, I. (2005). *Children of Myanmar Who Behave like Japanese Soldiers: A Possible Third Element in Personality*. Journal of Scientific Exploration, 19(2), 171–183.

STEVENSON, I. (2006). *Half a Career with the Paranormal (Essay)*. Journal of Scientific Exploration, 20(1), 13–21.

STEVENSON, I., & HARALDSSON, E. (2003). *The Similarity of Features of Reincarnation Type Cases over Many Years: A Third Study*. Journal of Scientific Exploration, 17(2), 283–289.

STEVENSON, I., & KEIL, J. (2000). *The stability of assessments of paranormal connections in reincarnation-type cases*. Journal of Scientific Exploration, 14(3), 365–382. http://www.scientificexploration.org/jse/abstracts/v14n3a3.html

STURROCK, P. A. ; K. E. W. A. C. S. , ed. (2008). *The Life and Work of Ian Stevenson (Special Edition)*. In Journal of Scientific Exploration (Vol. 22, Issue 1, pp. 1–140).

TUCKER, J. B. (2000). *A Scale to Measure the Strength of Children's Claims of Previous Lives: Methodology and Initial Findings*. Journal of Scientific Exploration, 14(4), 571–581.

TUCKER, J. B. (2007). *Children who claim to remember previous lives: Past, present, and future research*. Journal of Scientific Exploration, 21(3), 543–552.

TUCKER, J. B. (2008). *Children's Reports of Past-Life Memories: A Review. Explore: The Journal of Science and Healing*, 4(4), 244–248. https://doi.org/10.1016/j.explore.2008.04.001

TUCKER, J. B. (2016). *The Case of James Leininger: An American Case of the Reincarnation Type. Explore: The Journal of Science and Healing*, 12(3), 200–207. https://doi.org/10.1016/j.explore.2016.02.003

TUCKER, J. B., & JÜRGEN Keil, H. H. (2013). *Experimental Birthmarks: New Cases of an Asian Practice*. In Journal of Scientifi c Exploration (Vol. 27, Issue 2).

TUCKER, J. B., & NIDIFFER, F. D. (2014). *Psychological Evaluation of American Children Who Report Memories of Previous Lives*. Journal of Scientific Exploration, 28(4), 585–596.

VALEA, E. (2002). *Reincarnation and Christianity: a Possible Marriage?* The Journal of Religion and Psychical Research, July.

VISONI, V. M. (2010). *How To Improve the Study and Documentation of Cases of the Reincarnation Type? A Reappraisal of the Case of Kemal Atasoy (Essay)*. Journal of Scientific Exploration, 24(1), 101–108.

Waterhouse, H., & WALTER, T. (2003). *Reincarnation Belief and the Christian Churches in Contemporary England*. Theology, 106(829), 20–28.

WHEATLEY, J. M. O. (1997). *Reincarnation - How it stands, what it entails: Reflections on Paul Edwards' Reincarnation*. Journal of the American Society for Physical Research, 91(3), 232– 236.

WHITE, C. (2017). *Who Wants to Live Forever? Explaining the Cross-Cultural Recurrence of Reincarnation Beliefs*. Journal of Cognition and Culture, 17, 419–436.

Limites (criados ou mantidos) às propostas de aperfeiçoamento social

*Jacira Jacinto da Silva**

Resumo

O livro *Espiritismo, ética e moral*, de Jacira Jacinto da Silva e Milton Medran Moreira, publicado por CEPA/CPDoc em 2021 (disponível em cepainternacional.org/site/pt/ebooks), apresenta, em seu último capítulo, um "Manifesto espírita por um mundo melhor". São dez propostas objetivas, calcadas na visão espírita laica e livre-pensadora. Convocam para a defesa de direitos humanos, de causas humanistas, da justiça, da educação e dos demais valores da filosofia espírita. Enuncia uma agenda a construir, em sintonia e em parceria com os mais diversos segmentos humanistas da sociedade. Há, no entanto, uma clara dificuldade para sua implementação: limites, ou mesmo barreiras que os seres humanos insistem em manter, incluindo os próprios espíritas.

Poder-se-ia pontuar obstáculos seculares, como as fronteiras, os idiomas, os regimes políticos, as seitas religiosas, dentre outros, todos sistematizados coletivamente. Mas não são menos importantes aqueles que desenvolvemos, ou alimentamos, em nós mesmos, individualmente. Tendo o egoísmo como carro chefe, custa-nos entender o valor da humildade, do conhecimento e de outros patrimônios intelectuais e morais, muito potentes para implicar mudanças profundas nos relacionamentos sociais.

Este estudo busca identificar esses limites e suas diversas formas de manifestação (nem sempre explícitas). Analisa suas causas e suas bases. Discute, por fim, alguns caminhos (passando por revisão de conceitos e por ações efetivas) que nos permitam

* Advogada, espírita de nascimento, integrante do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires, do CPDoc e da CEPABrasil. Atual presidente da CEPA – Associação Espírita Internacional. Brasileira, casada, 64 anos de idade, mãe e avó.

superá-los. Busca contribuir desta forma para que aquelas propostas sejam efetivamente implementadas.

Palavras-chave: Manifesto, direitos humanos, espiritismo, limites, obstáculos, aperfeiçoamento social, coletivo, conhecimento, egoísmo, mudanças, caminhos.

Introdução

Parece razoável relacionar os conceitos de sociedade justa/igualitária à garantia dos direitos humanos; contrariamente, não se pode imaginar o aperfeiçoamento social num contexto de autoritarismo, concentração de renda, trabalho escravo, desigualdade e diversas outras injustiças sociais.

Este trabalho está sendo desenvolvido a partir do manifesto contido no livro *Espiritismo, ética e moral*, cujos autores estão bem convictos das dificuldades atuais para se alcançar um Estado Democrático de Direito, palco das sociedades desenvolvidas, para as quais, todos merecem dispor de mecanismos garantidores dos direitos fundamentais.

O Espiritismo, nascido em pleno iluminismo, na metade do Sec. XIX, no berço da civilização europeia, contemplando valores indispensáveis à construção de uma sociedade justa, antecipou-se quase um século à própria Declaração Universal dos Direitos humanos. Esperar-se-ia que os seus seguidores estivessem unidos em torno das causas libertárias, igualitárias, humanistas, à quais, infelizmente, nem mesmo seus adeptos aderem com convicção e altivez.

A despeito da evolução legislativa e do aparecimento de filosofias progressistas como o Espiritismo, a humanidade teima em separar as pessoas ao invés de uni-las, desafiando os estudiosos e bem-intencionados seres humanos a vencer muitos obstáculos para a construção de um mundo melhor, socialmente habitado por todos, em condições dignas de vida e convivência.

A mobilização de muitos seria capaz de vencer os empecilhos

e fazer avançar? Exemplos como os de Greta Thunberg[1], Martin Luther king, Gandhi etc., a despeito de sua grande importância, ainda não foram suficientes e precisamos avançar. De que ponto precisamos largar, considerando os degraus já percorridos? O que propor? Como seguir esperançosos e onde buscar entusiasmo?

Neste trabalho, busca-se recordar o significado de alguns conceitos, a compreensão de algumas situações conjunturais e a discussão do panorama atual, sem nenhuma outra pretensão além de despertar o nosso interesse para uma visão expandida que, quem sabe, consiga construir alguns atalhos.

Desde os consagrados pensamentos sistematizados ao longo do tempo, como limites territoriais, prevalência de determinado idioma, regimes políticos, religiões etc., até o nosso gosto insistente pelas conquistas individualistas, há uma infinidade de fatores que pedem análise e reexame, visando eventual mudança de rumo, conforme a clareza que alcançarmos dos resultados deles provenientes ao longo do tempo.

A mim, parece muito claro que o maniqueísmo herdado da cultura judaico-cristã compõe fortemente a situação da humanidade contemporânea. Essa visão de mundo comporta a única religião verdadeira, o único regime político ideal, a única nação evoluída, a melhor forma de comunicação, o belo numa só expressão física etc. São entraves evidentes para uma comunhão de anseios e trabalhos coletivos com vistas a um mundo melhor para todos.

Para além da reflexão sobre conceitos, explorar-se-á a nossa capacidade de desenvolver ações efetivas em busca da superação da condição vigorante na atualidade. Que reste, ao final, alguma contribuição para que as propostas contidas no mencionado manifesto sejam efetivamente implementadas em alguma medida.

Manifesto

Em nosso livro *Espiritismo, ética e moral*, os autores Milton Medran e eu decidimos publicar um manifesto com o propósito

[1] Veja mais sobre "Greta Thunberg" em: https://brasilescola.uol.com.br/biografia/greta-thunberg.htm

de estimular ações voltadas para a renovação da sociedade contemporânea. Em cada proposta enxergamos potencial caminho para aperfeiçoar as relações sociais, mas reconhecemos os desafios impostos pelos limites ou barreiras criados ou mantidos até inconscientemente pela humanidade. Segue o manifesto:

É ESSENCIAL E URGENTE QUE:

1. ***Nos aliemos aos movimentos de defesa dos direitos humanos****, criando ambiente ético a partir do respeito, sem o qual toda verbalização perde sentido, sendo, pois, imperioso colocar na prática diária a moralidade fundada na liberdade;*
2. ***Nos unamos por causas humanistas****, lutando pela implantação de sistemas universais de saúde, melhoramento e permanência de uma rede de saúde pública que atenda bem e igualmente a todos (Art. XXV da DUDH);*
3. ***Desejemos um sistema de justiça capaz de proporcionar segurança****, contribuindo para a criação das condições necessárias ao desenvolvimento intelectual e moral de todas as pessoas, afastando do convívio social apenas quem, de fato, oferece perigo;*
4. *Optemos sempre pela democracia, buscando o amadurecimento das representações políticas para o império da liberdade com responsabilidade;*
5. ***Tenhamos como meta a educação****, e que ela seja abundante e prazerosa; atraente e capaz de formar cidadãos esclarecidos e amantes do conhecimento. E dessa forma, todos tenhamos oportunidade de aprender sempre, educando-nos para a vida;*
6. ***Cultivemos permanente respeito a todo ser humano****, independentemente da sua condição física ou econômica, crença, identidade de gênero, etnia, cor, idioma, opinião política ou de outra natureza;*
7. ***Estejamos abertos às descobertas científicas****, em pleno apoio ao progresso da humanidade, nas mais diversas áreas do conhecimento;*

8. ***Sejamos capazes de ofertar trabalho digno**, em condições humanizadas, recompensado adequadamente e permeado pelo merecido descanso. Que não permitamos mais a exploração do trabalho infantil, ou a escravização de adultos, pelas diversas formas de trabalho indigno em troca do pão de cada dia (Art. XXIV DUDU e Q. 682 OLE[2]).*
9. ***Contribuamos para criar condições capazes de superar a desigualdade social,** buscando debelar a miséria e a pobreza extrema, frutos de um nível de egoísmo incompatível com um processo civilizatório digno.*
10. ***E que, enfim, o amor seja nossa bússola**, incentivando-nos a cultivar a paz para um mundo mais solidário, fraterno e equitativo.*

A cada uma das propostas ressaltadas no manifesto acima, seguir-se-ão considerações.

1 Direitos Humanos

1. ***Nos aliemos aos movimentos de defesa dos direitos humanos**, criando ambiente ético a partir do respeito, sem o qual toda verbalização perde sentido, sendo, pois, imperioso colocar na prática diária a moralidade fundada na liberdade*

Busquemos compreender a expressão direitos humanos como ação, criação, habilidade transformadora; coexistência e produção, convivência com diversidades, **movimento ou processo**.

Embora somente com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, tenha-se construído um sistema universal de garantia dos direitos fundamentais, a sua história, sempre permeada pela luta e defesa de direitos naturais, intrínsecos e inerentes à condição humana, tem seu começo, conforme vários estudiosos, da Idade Média à Moderna. Os mais preciosistas indicam o marco remoto no período denominado "eixo axial", entre os séculos **VIII** e **II** a.C, coincidindo com o nascimento da Filosofia.

[2] Declaração Universal dos Direitos Humanos / O Livro dos Espíritos.

Já no Renascimento, quando a ciência jurídica iniciava a sua laicização, reconhecendo o papel histórico do ser humano e suas relações, torna-se perceptível no Ocidente o abandono do deus antropomórfico, como o ditador e responsável pela ordem social e econômica.

A partir das revoluções geradas no Iluminismo, especialmente do confronto dos movimentos operários e políticos com o capital industrial e seus correlatos interesses, chegou-se às grandes guerras do início do Século XX, que marcaram a história com sangue e tragédia incalculáveis, bem representativos do nazismo e do fascismo, então vigorantes.

Com o trágico esgotamento desse modelo em curso, seriam necessárias profundas alterações; circunstância decisiva para o surgimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada depois da segunda guerra mundial.

Esse brevíssimo resumo sobre as lutas pelo reconhecimento dos direitos humanos fornece elementos para entender o motivo de **remanescerem, inclusive no movimento espírita, pessoas contrárias às causas humanistas**.

Por mais que nos assombre, estão presentes, recorrentemente, graves resistências ao conviver harmonioso entre diferentes etnias; vigoram preconceitos de gênero e orientação sexual; excluem-se classes sociais e prejudicam-se, impiedosamente, deficientes físicos e outras minorias. Essas e outras discriminações imperdoáveis, que resistem e persistem, são grandes desafios atuais.

Apesar da globalização que impõe a forçosa convivência entre desiguais, incrivelmente, a humanidade cede espaço à paradoxal discriminação.

Marcam-se claramente limites e divisórias no comportamento humano, impedindo a vida harmoniosa e pacífica entre todos. Alguns continuam precisando ganhar dos outros, ser melhores, mais inteligentes, mais ricos, mais bonitos, mais poderosos, mais corretos etc. Voltemos à idade média e nos identificaremos

perfeitamente com o desejo de supremacia de uns contra os outros. Ao invés de nos prepararmos para ser e conviver, somos educados para ter e ter mais que os outros, para competir, como se essa fosse a única forma de ser feliz.

A característica humanista da Filosofia Espírita, no entanto, convida a direcionar energias para as relações humanas respeitosas, seu progresso, superação de suas dificuldades, o reconhecimento e a efetiva garantia desses direitos; convida-nos a descobrir a felicidade na satisfação do outro, a alegria no sorriso do outro. Por um silogismo simples chegar-se-ia à conclusão de ser esse o caminho e para tanto bastaria nos lembrarmos de que esta existência é fugaz, passa muito rápido e de que, ainda nela, quando o corpo já não serve mais ao progresso, aniquilado pelo tempo, a lógica revela a necessidade de uma nova existência. Sendo espíritos imortais, em crescimento, todo ser humano deveria desejar ser cada vez melhor, ao invés de ter cada vez mais, pois Espírito não precisa de nada material.

Todas as pessoas merecem o mesmo respeito e têm as mesmas garantias, não se justificando nenhuma discriminação por qualquer diferença, seja ela de que natureza for. Ex. clássico que não tem mais qualquer explicação depois do projeto Genoma, mas que persiste, inexplicavelmente, é o uso da palavra raça, assim como se mostra inaceitável qualquer distinção étnica.

Um dos grandes muros divisórios que alimentam essa infeliz prática está representado pelos limites geográficos, visíveis ou invisíveis, físicos ou imateriais.

A expressão “direitos humanos”, tão verbalizada, para o bem ou para o mal, carrega uma infinidade de pontos de intersecção com todas as vidas humanas. Independentemente do seu lugar de nascimento, de onde vive, da sua condição social, religião, escolaridade, gênero, ou qualquer outra condição, todos os seres humanos são detentores desses direitos.

É muito comum a percepção de que os direitos humanos devem ser reconhecidos sob condições; desde que, a menos que, sempre que etc. **Mas os direitos humanos são aqueles que**

pertencem às pessoas incondicionalmente. Sendo sadio ou doente, religioso ou ateu, jovem ou velho, trabalhador ou vagabundo, correto ou desonesto, todas as pessoas têm direitos inegáveis; ex. a se alimentar. Há quem se arrepie, enoje-se, irrite-se e se indigne, mas, gostemos ou não, há direitos que pertencem ao ser humano independentemente da sua condição no mundo. Essa foi a bandeira de Hugo Grócio[3] no remoto Sec. XVII, a defesa dos direitos naturais.

Cabe à civilização aprimorar os costumes, ajudar a difundir a compreensão da ética e da moralidade para que os **valores se nivelem com a dignidade e a cidadania**. A ignorância e a marginalidade, produzem reações muito ruins. Mas por qual motivo convivemos com a ignorância e a marginalidade naturalmente, sem nos incomodarmos com elas?

Negar alimento a quem age desrespeitosamente, desonestamente, na vadiagem ou no vício, tem sabor de vingança, pode alimentar esse nosso sentimento primitivo, mas não contribui para a construção de um mundo melhor, especialmente porque não ensina, não compartilha o bem, não alimenta bons sentimentos, não distribui generosidade. Essas bases amorosas são percebidas nos ensinos atribuídos a Jesus de Nazareth, mas, estranhamente, são os religiosos os mais impiedosos com os mais necessitados.

A expressão "necessitado" ganha conotação importante quando se fala em respeito aos direitos humanos, pois abrange muitas carências humanas, dentre as quais estão a instrução, a compreensão, a escuta, o lugar de fala, a dignidade, o respeito etc. Por evidente, não se refere apenas a um prato de sopa, ou a uma peça de roupa.

É nosso papel, especialmente de quem se considera humanista, trabalhar para vencer a ignorância e a marginalidade, mas não será negando direitos que conseguiremos algum resultado.

---

[3] Hugo Grotius, Hugo de Groot, Huig de Groot ou Hugo Grócio, foi um jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o fundador, junto com Francisco de Vitória e Alberico Gentili, do Direito internacional, baseando-se no Direito natural.

As principais barreiras para esse avanço consistem na falta de senso crítico, especialmente a ignorância política, na visão estreita de meritocracia, alardeada pelas seitas religiosas, por falta do exercício de sensibilidade humana, empatia, partilha, cujos sentimentos e práticas têm, evidentemente, no nosso egoísmo o carro chefe.

Nascidos em determinados países "são" muito melhores que os nascidos em outros; nascidos em determinados estados ou regiões, "são" melhores e detentores de maiores direitos do que os nascidos noutras regiões e estados, nascidos em algumas cidades ou regiões de um estado são considerados mais dignos do que os nascidos em pequenos povoados, ou cidades longínquas e distantes dos grandes centros e por incrível que possa parecer, nascidos em determinados bairros ou localidades são pessoas muito mais valorizadas do que outras de outros pontos da mesma cidade. Esses limites geográficos e territoriais demonstram o óbvio, quem é discriminado quer discriminar também até chegar nos mais humildes e desprovidos que sofrem todo tipo de preconceito e discriminação.

Essa é a natureza humana, esse é o nível de civilização que alcançamos, mas aos poucos podemos mudar esse *estado da arte*, fazendo mudanças importantes para um futuro melhor. É o sentimento que precisamos nutrir e pelo qual devemos nos apaixonar.

2 Causas Humanistas

2. ***Nos unamos por causas humanistas**, lutando pela implantação de sistemas universais de saúde, melhoramento e permanência de uma rede de saúde pública que atenda bem e igualmente a todos (Art. XXV da DUDH)*

Causas humanistas são aquelas que colocam o ser humano em primeiro lugar. Ainda que houvesse a possibilidade de gerar imensas riquezas sem contemplar as pessoas, isso não faria qualquer sentido, já que a vida é feita de relações humanas.

Torna-se imprescindível, portanto, lutar pela adoção de políticas públicas capazes de contemplar a vigilância sanitária, a prevenção a doenças, a interdisciplinaridade, a construção coletiva em

articulação com a sociedade, o mercado medicamentoso, as tecnologias e as abordagens educativas. Essas medidas giram em torno do valor "humanismo", tendo em conta a qualidade da vida humana.

Quando um país adquire quatro vezes mais vacinas do que a sua população será capaz de consumir, em detrimento de outro que não recebe vacina, algo trafega na contramão. Quando toneladas de alimentos são descartadas enquanto milhões de pessoas passam fome, há desequilíbrio injustificável na sua distribuição. Quando a exploração econômica destrói a natureza, compromete a qualidade do ar e da água, o ser humano perdeu o eixo.

É fato que o egoísmo maneja as principais decisões humanas, de cujo circuito nós fazemos parte, residindo nesse vício, pai de todos os demais, o maior impeditivo para alcançarmos a solidariedade plena, que garantiria saúde mínima para todos. A necessidade de gerar mais riquezas jamais seria condenável se a todos servisse, se fosse compartilhada, promovendo mais bem-estar e mais harmonia no conjunto da obra. Acontece que a nossa necessidade de gerar riqueza é excludente, visando unicamente os nossos próprios interesses, o que se percebe facilmente, por ex. na constatação de que 76% das empregadas domésticas do Brasil não têm registro em carteira.

Poderíamos citar inúmeros exemplos, mas falemos apenas deste. Pagar o fundo de garantia, 13º salário, férias etc. para a empregada doméstica, causaria um abalo inexpressivo ao patrimônio do(a) empregador(a) se comparássemos aos ganhos que os serviços delas representam nas suas vidas. Basta pensar no direito aos benefícios previdenciários que essa(e) profissional teria. Mas o humanismo, como regra, esbarra no egoísmo, o que nos leva a explorar o serviço alheio sem pagar a contrapartida devida e necessária.

Degradar a natureza representa a diminuição da nossa qualidade de vida, mas comprometemos esse valor sem qualquer constrangimento porque o imediatismo não nos permite pensar nas próximas gerações e nem mesmo nós espíritas nos lembramos de que esse planeta deverá ser palco das nossas próximas encarnações.

Que outro sentimento infeliz poderia ter levado a humanidade a justificar a história do tratamento psiquiátrico no Brasil? Vale recordar que nesse grupo estão dependentes químicos e portadores de outros transtornos ou condutas que nem caracterizam doença mental, como revela o livro "Holocausto brasileiro" da jornalista Daniela Arbex. Essa desumanidade persiste ainda, senão como no século passado, no desejo explícito de muitos brasileiros e no imaginário de tantos outros.

A opção pela institucionalização de doentes mentais e dependentes químicos reflete os muros que hipocritamente nós, enquanto sociedade desumana, impomos aos nossos semelhantes, alijando-os do convívio social e familiar, assim negando-lhes o melhor e maior de todos os tratamentos – o cuidado.

Nossas propostas para o tratamento legal aos infratores da lei, são sempre excludentes, retributivas, vingativas e impiedosas. Poderíamos pensar em alternativas humanistas, de inclusão, de educação, de reinclusão, de ressocialização etc., mas preferimos as de cunho meramente higienista, ignorando os parâmetros humanistas do evangelho de Jesus e abundantemente presentes na Filosofia espírita.

Podemos até fingir que desconhecemos os muros, as cercas, os limites que impomos a uma vida mais compartilhada, humanizada e plural, mas esses sinais são muito claros e evidentes para nós. **Estão nas injustiças sociais, na divisão de classes, no preconceito étnico, na misoginia, na atitude sexista, na LGBTQIA+fobia e nas incontáveis razões absurdamente injustificáveis para nos acharmos melhores que os outros**.

3 Segurança e Justiça

3. ***Desejemos um sistema de justiça capaz de proporcionar segurança****, contribuindo para a criação das condições necessárias ao desenvolvimento intelectual e moral de todas as pessoas, afastando do convívio social apenas quem, de fato, oferece perigo*

A imparcialidade e a independência do Judiciário são valores máximos do Estado Democrático de Direito. Por óbvio, sendo representado por seres humanos, o sistema de justiça padece da mesma precariedade que todos os demais. O grande desafio, parece-me, seria reforçar, antes de tudo, os parâmetros norteadores da atuação do Estado.

Quanto mais independentes forem os Poderes, mais garantias de aproximação com o Estado Democrático de Direito, implicando maior respeito pelos direitos dos cidadãos.

Sempre que se constata a situação de insegurança em que está submetida a população do Brasil, surgem as soluções prontas e imediatas: tornar as penas mais severas, adotar regimes prisionais mais duros, diminuir a inimputabilidade penal etc. Há sempre um questionamento sobre a fragilidade das leis, consideradas muito brandas. Não estaria o Estado, por meio do Poder Judiciário, muito conivente com infrações penais?

Convém atentarmos à resposta à Q. 796 de *O Livro dos Espíritos*:

> "*Uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas. Infelizmente, essas leis mais se destinam a punir o mal depois de feito, do que a lhe secar a fonte. Só a educação poderá reformar os homens, que, então, não precisarão mais de leis tão rigorosas.*"

De novo, podemos não querer ver, mas em meados do Século XIX, passados quase duzentos anos, a Filosofia espírita já apontava na direção correta. O que fazer se não queremos trocar as lentes?

Pela vertente da justiça social, níveis ideais de atenção e preocupação com direitos imprescindíveis ao exercício da cidadania são identificados em pequeno grupo de países ocidentais que, de fato, investem em educação, saúde, habitação e oportunidade de trabalho para todos - **principais pilares da dignidade humana**.

Para a promoção de Justiça e Segurança, espera-se dos governantes que promovam, no mínimo:

- Políticas atreladas aos serviços de inteligência, visando ao enfrentamento da violência urbana;

- Revisão do foco na condenação criminal, que deve ser interpretada como oportunidade de ressocialização e não de vingança;
- Investimento em ações educativas desde a primeira infância, artísticas, culturais, esportivas, como atrativos no desabrochar dos talentos imanentes, servindo como antídotos à sedução da criminalidade.

Em livro de minha autoria, inspirado na Q. 761 de *O Livro dos Espíritos* ("*é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento*"), proponho ofertar oportunidade de ressocialização para infratores de delitos com menor potencial ofensivo, lembrando que o castigo pelo castigo não se revela pacificador.

Como imaginar que haveria justiça na condenação criminal da mulher que não viu opção senão praticar o aborto? Por medo, falta de apoio ou de estrutura para enfrentar a "moral vigente", insegurança econômica ou desequilíbrio emocional e/ou outras razões desconhecidas, é possível que o ser humano tome decisões que não tomaria noutras circunstâncias. Além de todo o sofrimento decorrente da própria culpa, pareceria correto colocar essa mulher na prisão?

O que são as leis? Normas e ordenações impostas pelo poder constituído ao seu povo. Como o Poder Legislativo, responsável pela elaboração das leis, é representado por seres humanos, naturalmente não são perfeitas. Todavia, a experiência social deve contribuir para o seu aprimoramento, do qual ainda estamos distantes devido ao nível civilizatório em que nos encontramos.

Teoricamente, deveriam servir a todos e favorecer a vida humana; entretanto nem sempre atingem esse objetivo. Vejamos alguns exemplos:

- ✓ Há regiões do planeta em que a lei restringe e limita absurdamente o direito das mulheres; pune a homoafetividade; mantém a pena de morte etc.
- ✓ Há quem as afronte muitas vezes e escape à responsabilização.

- ✓ Há quem se beneficie indevidamente delas (pessoas se passam por doentes para usufruir incentivos concedidos a PCD – pessoas com deficiência).

Mas disso não se pode extrair a conclusão de que devemos viver num mundo sem leis, pois não atingimos esse patamar civilizatório ainda. É certo que as leis - parte importante da estrutura orgânica de um povo, sustentam minimamente a ordem social. Pensemos no sentido do seguinte texto de Leon Denis:

> *O estudo do ser humano nos leva a reconhecer que as instituições, as leis de um povo, são a reprodução, a imagem fiel de seu estado de espírito e de consciência, e demonstram o grau de civilização ao qual ele chegou. Para melhorar o todo, é preciso melhorar cada célula social, isto é, cada indivíduo*. (Denis, 2022, p. 58)

O espiritismo induz solidariedade, fraternidade, compreensão e, mais que isso, fazer ao outro o que gostaríamos que, em situação idêntica, nos fosse feito. Por mais que as estruturas estejam consolidadas, machismo, racismo, preconceito, injustiças sociais etc. jamais poderemos nos conformar ou desistir de lutar, pois somente de nós mesmos poderemos esperar soluções, como evidência com maestria Léon Denis no texto acima transcrito.

Importa compreender que a prática da Justiça passa, e muito, pelo sentimento de humanidade que nos falta muitas vezes. A ausência de conjugação dos verbos, solidarizar, compreender, ajudar, amar, fortalece a cerca que limita o avanço da Justiça em todas as suas expressões.

4 Democracia

4. ***Optemos sempre pela democracia****, buscando o amadurecimento das representações políticas para o império da liberdade com responsabilidade*

Muito se discute sobre o sistema político vigorante, questionando-se muitas vezes o valor da Democracia, porém, pelo nosso entendimento, mesmo que concluamos pelas limitações desse

regime, haveremos de reconhecer que ainda não conhecemos exemplos melhores, já que a escolha por regimes autocráticos, tiranos e limitantes, que restringem a liberdade humana, ofende a razão e a autonomia.

O filósofo jurista Norberto Bobbio discutiu a democracia em diversas de suas obras, tendo anotado em "*O Futuro da Democracia" que "por regime democrático entende-se primariamente um conjunto de regras de procedimento para a* ***formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados***" – os grifos são meus (Bobbio, 2000, p. 22).

Sendo assim, a todo povo constituído sob o regime democrático dever-se-ia confiar as decisões coletivas. A Constituição Federal brasileira preconiza, no caput do Artigo 1º, que a República Federativa do Brasil se constitui em um Estado Democrático de Direito. Reafirma esse postulado no § único do mesmo artigo, assim redigido: "***Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente***".

Não se sabe por qual motivo esse tema específico não foi tratado por Kardec; porém, na Filosofia Espírita percebe-se a clara presença dos princípios reguladores do regime democrático (liberdade e igualdade, por ex.), não se identificando no seu corpo qualquer indício de totalitarismo, ou aprovação a regimes dessa natureza.

A compreensão do regime democrático abrange a construção de uma nação a partir da presença marcante de cada cidadão, da distribuição de justiça social e da percepção desses seus integrantes como pessoas dotadas de direitos e deveres, não podendo, portanto, ser entendida unicamente pela liberdade de escolher os governantes. O conceito de democracia exige *alargar e aprofundar o campo político em todos os espaços estruturais da interação entre os seus integrantes*.

Por óbvio, implica compromissos maiores dos governantes. Não combina com administrador corrupto, que destina os recursos financeiros do povo a interesses particulares; não admite

sigilos, se o protagonista do regime democrático deve ser o povo, nada lhe pode ser ocultado, sendo seu direito conhecer todos os fundamentos das decisões políticas, especialmente a destinação do erário público. Não pode restringir as liberdades, exige imprensa livre, com vocação e aptidão para levar a todos o conhecimento do que se passa na administração pública. Um governo democrático não pode coibir o direito fundamental do acesso à informação etc[4].

Não é incomum notar governos autoritários e totalmente descomprometidos com os direitos do seu povo, alardeando a defesa da democracia, como se fosse possível pensar nesse regime político ignorando a necessária promoção de justiça social, sem a qual não se pode falar em democracia.

A leitura do inciso III, do artigo 3º, da Constituição Federal, nos impõe a compreensão de que o legislador constituinte indicou como um dos objetivos fundamentais da República "**erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais**". Esse postulado emerge da própria noção de democracia, pois sem justiça social, vigentes a marginalização e a desigualdade, as decisões coletivas não provêm da coletividade, mas apenas de parte dela.

Talvez o pressuposto básico seja compreender que a democracia está atrelada à ideia de liberdade, da qual se extrai a potência humana para resolver seus conflitos, sejam eles de que ordem forem. Não à toa, a Declaração Universal dos Direitos Humanos preconizou, em seus Arts. XIV, XX e XXI, que "*A vontade do povo será a base da autoridade do governo*."

Mas como conferir liberdade a invisibilizados? Democracia pressupõe liberdade, mas liberdade pressupõe justiça social. Quando se busca promover pessoas, tirando-as da marginalidade e integrando-as à dignidade humana, fortalece-se a democracia, na medida em que mais pessoas passam a conhecer seus deveres e direitos, encontrando espaço para efetiva participação nas decisões populares.

[4] Pesquisar comissão interamericana de direitos humanos

Logo se vê que o autoritarismo e o poder ditatorial, são pilastras a sustentar os muros que dificultam a regência firme da democracia plena. Ostentam crença numa hierarquia social natural e no domínio das elites, dando guarida, portanto, às injustiças sociais, ganância, falta de empatia, improbidade e outros comportamentos tais.

5 Educação

> 5. ***Tenhamos como meta a educação**, e que ela seja abundante e prazerosa; atraente e capaz de formar cidadãos esclarecidos e amantes do conhecimento. E dessa forma, todos tenhamos oportunidade de aprender sempre, educando-nos para a vida*

Em tempos de dualidade, divisão entre familiares, integrantes do mesmo grupo social, filosófico, religioso etc., de disputas acirradas em torno de objetivos comuns, parece muito complicado pensar em educação permanente, coletiva e plural para todos os postulantes a um mundo melhor. Entrementes, que outra possibilidade se vislumbra?

A educação, como direito fundamental previsto no Art. XXVI da DUDH, é ferramenta extraordinária a produzir transformação, conhecimento, positividade, aprendizado autêntico. Kardec propôs a transformação moral livre, alicerçada em descobertas, na racionalidade e na vontade espontânea. O fundador do espiritismo, com seu fantástico histórico de educador, reafirmou sua tendência pedagógica na questão 685 de *O Livro dos Espíritos*, ao referir-se ao valor da educação moral[5]:

> *"Há um elemento, que não se ponderou bastante, e sem o qual a ciência econômica não passa de teoria: é a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral, e nem ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar caracteres, aquela que cria os hábitos, porque educação é conjunto de hábitos adquiridos."* (Kardec, O livro dos espíritos, 1995)

[5] Anota-se que Kardec não distinguiu ética e moral, tendo utilizado essa última expressão muitas vezes com o sentido atribuído à palavra ética.

Esse intelectual, pedagogo e filósofo visualizou a possibilidade de educar pela disponibilização de oportunidades para a apreensão de valores, a partir das experiências práticas e cotidianas. Deixou esse legado de reflexão sobre quão interessante e proveitosa pode ser a experiência de vivenciar a ética, inseri-la em nossos hábitos diários, permitindo que os exemplos fluam naturalmente na convivência familiar, nas decisões políticas, nos grupos de convivência, em todos os coletivos como o centro espírita, a escola e o trabalho.

Atingida essa capacidade, tornar-se-ia viável a construção de uma sociedade mais politizada, preocupada com as questões coletivas no curso da vida diária de trabalhadores, pais e professores; faria parte do conjunto de hábitos a serem cultivados e consequentemente compartilhados. Nesse mesmo sentido, ensina a educadora Dora Incontri:

> "*Um dos mais legítimos direitos do ser humano é o de desenvolver e expressar a sua própria individualidade. Esta oportunidade só a Educação, entendida em suas finalidades reais, pode proporcionar.*" (Incontri, 2012, p. 33)

Há um consenso generalizado em toda a gente sobre a importância e a necessidade de desenvolvermos processos pedagógicos eficazes, parecendo não haver dúvida sobre a importância da educação. Não obstante, essa percepção não se traduz em ações efetivas, que de fato promovam educação *abundante e prazerosa; atraente e capaz de formar cidadãos esclarecidos e amantes do conhecimento*.

Considero que a arrogância, o orgulho e o narcisismo, constituem forte obstáculo - **um muro quase intransponível**, para alcançar essa condição civilizatória, já que a educação pelo hábito sugerida por Kardec tem como premissa a necessidade de aprender e o desejo constante de educar-se para a vida, que pressupõe humildade.

6 Respeito

6. ***Cultivemos permanente respeito a todo ser humano,*** *independentemente da sua condição física ou econômica, crença, identidade de gênero, etnia, cor, idioma, opinião política ou de outra natureza*

No manifesto, os autores decidiram destacar em tópico próprio o valor RESPEITO. Não seria necessário se já estivessem compreendidos os outros itens do manifesto e se a humanidade já houvesse absorvido o princípio legal e espírita da igualdade; porém, como estamos bem longe desse avanço, reputou-se oportuno consagrar o RESPEITO como uma meta a ser atingida.

As pessoas não são iguais e por certo não há problema nisso, muito ao contrário, possivelmente o aprendizado cotidiano seria raso se todos estivessem nivelados em gostos, intelectualidade e moralidade. As escolhas, as preferências, as formas de percepção das mesmas coisas, são muito diferentes, pois somos seres únicos. Mas para extrair dessa diversidade toda a sua beleza e a possiblidade de aprender e crescer, há de se colocar como pressuposto o RESPEITO.

Não é necessário concordar e não é proibido divergir ou até conflitar, pois os conflitos também geram entendimentos, lições sublimes e crescimento, porém, se não houver respeito, a oportunidade se desperdiça. Em *Espiritismo, ética e moral*, há um texto que trata da **Diversidade**[6]:

Desde 1948 existe um comando mundial, expresso no Art. VII da DUDH[7] refutando a discriminação. Entrementes, a despeito de tanta diversidade, a sociedade segue separando impiedosamente as minorias[8]. Por viver uma relação homoafetiva, por pertencer a um grupo de refugiados, por ter a pele negra; por ser pobre, ou ter

[6] A expressão "diversidade" foi acolhida neste trabalho com o sentido de diferente, diverso, dessemelhante, de características variadas; multiplicidade (48). Há quem intérprete misoginia, refúgio e, sobretudo, racismo, como pautas identitárias, reservando ao conceito de diversidade apenas as questões de identidade de gênero e de orientação sexual. A despeito da controvérsia, preferi manter a definição canônica.

[7] DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos.

[8] O conceito de minoria social diz respeito, nas ciências sociais, a uma parcela da população que se encontra, de algum modo, marginalizada, ou seja, excluída do processo de socialização. São grupos que, em geral, são compostos por um número grande de pessoas (na maioria das vezes, são a maioria absoluta em números), mas que são excluídos por questões relativas à classe social, ao gênero, à orientação sexual, à origem étnica, ao porte de necessidades especiais, entre outras razões (https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/minorias-sociais.htm).

pouca escolaridade, por ser dependente químico ou portador de determinadas enfermidades, por ser mulher, pessoas pertencentes à mesma irmandade terrena recebem menosprezo, são ignoradas, maltratadas, sofrem preconceito e discriminação.

Mesmo cientes da dificuldade para vivenciarmos o respeito na sua máxima expressão, a bússola nos indica esse caminho para construir a paz no mundo. Mas, irreverentemente, quando parecia que havíamos avançado ao menos no entendimento de que deveríamos desenvolver o respeito a todos os seres humanos, posturas grosseiras, discriminatórias, aviltantes voltaram a ganhar espaço no convívio social. Muitas mulheres têm sido incentivadas a se assumirem como submissas e serviçais dos seus maridos; empregados têm admitido trabalhar em regime análogo ao de escravo; a população LGBTQIA+ recolhe-se amedrontada, em muitas sociedades. De certo modo, valores aparentemente consagrados têm sido desafiados em afrontas constantes resultantes dessa luta incessante pelo retrocesso.

A propósito, em seu "O novo iluminismo", Steven Pinker oferece interessante contribuição a esta discussão. Discorrendo sobre os ideais contrailuministas, que segundo o autor surgiram imediatamente após o iluminismo (*nem bem as pessoas saíram à luz e já vieram lhes dizer que a escuridão não era tão ruim*), refere-se à permanência desses ideais na atualidade:

> *Parece loucura, mas no século XXI esses ideais contrailuministas continuam a ser encontrados em uma surpreendente variedade de movimentos culturais e intelectuais. A noção de que devemos aplicar nosso raciocínio coletivo em prol da prosperidade e da redução do sofrimento é considerada tola, ingênua, débil, tacanha*. (Pinker, 2018, pp. 50-57)

Essencialmente humanista, a Filosofia Espírita propõe um modo distinto de enfrentar essas dificuldades, encarando-as como oportunidades e desafios. Como Filosofia libertária, democrática, solidária e fraterna, tem aptidão para alavancar o crescimento do ser humano, individual e coletivamente, pela crença no seu potencial e pela convicção de que os grupos sociais avançam pela

força do trabalho conjunto. Nesse particular, ensinou Jaci Regis:

> "*A proposta espírita não podia ignorar a realidade social e, tendo por bandeira o combate sistemático ao egoísmo, deveria romper com o isolamento do indivíduo em relação à sociedade*." (Regis, 1984, p. 116)

Pois então, se a vida é plural e coletiva, se é no convívio com o outro que surge a possibilidade do crescimento, a existência humana deve ser sentida na perspectiva do respeito ao outro. Mas obstaculizamos a convivência respeitosa fincando pilastras na **falta de alteridade, presente em nossas vidas e muito comum nos movimentos religiosos**; não enxergamos o outro, verdadeiramente, como detentor dos mesmos direitos que avocamos a nós próprios. Outra vez o maior de todos os vícios desponta como sustentáculo dessa divisa perversa, que nos coloca em lugares opostos, de merecedores ou indignos de respeito.

Vejamos mais um trechinho do que escreveu Steven Pinker no mesmo texto já mencionado: *As religiões também colidem com o humanismo toda vez que elevam algum bem moral acima do bem-estar dos seres humanos*. Muito elucidativo sobre os motivos pelos quais pessoas são tão religiosas, mas não se importam minimamente com o sofrimento humano.

7 Ciência

7. ***Estejamos abertos às descobertas científicas**, em pleno apoio ao progresso da humanidade, nas mais diversas áreas do conhecimento.*

Renegar a ciência implica em assumir a ignorância. Nas infindáveis tentativas de novas descobertas que melhorem a vida dos seres humanos, cientistas trabalham com afinco e coragem, dedicando suas existências ao bem comum. A despeito dessa realidade, há quem finja não respeitar a ciência.

Não é exagero atribuir fingimento aos negacionistas, na medida em que desfrutam de tratamentos avançados de saúde

(para o câncer, os problemas neurológicos, a psiquiatria etc.). Valem-se da informática e da internet diariamente, como recursos indispensáveis às suas vidas. Transportam-se utilizando os melhores avanços tecnológicos, nos aviões, trens, carros, bicicletas, patinetes etc. Suas duchas, seus fornos, seus robôs, prestam-lhes serviços altamente avançados em decorrência dos estudos científicos. Nem é preciso mencionar as descobertas dos planetas, as reações químicas que afetam a vida humana por tantas maneiras, o impacto na educação formal e inúmeras outras descobertas científicas que vão produzindo conhecimento e melhorias para a vida humana.

A recomendação kardequiana foi para nos mantermos ao lado da ciência, sendo sempre válido ressaltar seu texto contido no Livro *A Gênese*:

> "*Caminhando de par com o progresso, o espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto.*" (Kardec, A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo, 1995, p. 44)

A ignorância produz desinformação e impede o bom aproveitamento da existência. Há quem, desconhecendo Kardec, proponha a fé cega nos espíritos, disseminando dúvida acerca de questões já definidas pela ciência humana. Os espíritos nada mais são do que os seres humanos desencarnados, e se há entre os encarnados espíritos sábios e ignorantes, um silogismo básico leva a concluir pela existência de espíritos desencarnados dos mais variados níveis evolutivos.

Mas, de forma arrogante e pretensiosa, há quem supõe a Filosofia Espírita acima da ciência, chegando a afirmar que a ciência ainda chegará ao nível do Espiritismo. Besteira pura, que não deve ser admitida de forma alguma, pois além de fugir à lógica racional e contrariar o próprio Kardec, não contribui para a evolução humana. Conforme afirmou Wilson Garcia, "*A doutrina só pode sobreviver se acompanhar a evolução do pensamento humano e das comprovações científicas*". (Garcia, 2002, p. 77)

É paradoxal o pensamento de que o Espiritismo estaria à frente da ciência, pois a despeito de colocar na "Doutrina" o argumento de autoridade inquestionável, ignora a sua base, já que o seu fundador reconheceu a importância da ciência: "*Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha*." (Kardec, A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo, 1995, p. 89)

Nesse caso específico, os muros, os empecilhos, as barreiras para o progresso necessário, são criados pela ignorância, mas não seria incorreto afirmar que a arrogância e a incapacidade de reconhecer as próprias limitações contribuem sobremaneira.

8 Trabalho Digno

> 8. ***Sejamos capazes de ofertar trabalho digno**, em condições humanizadas, recompensado adequadamente e permeado pelo merecido descanso. Que não permitamos mais a exploração do trabalho infantil, ou a escravização de adultos, pelas diversas formas de trabalho indigno em troca do pão de cada dia (Art. XXIV DUDU e Q. 682 OLE[9]).*

Talvez não haja prova maior e incontestável da inferioridade, do egoísmo, do orgulho e da insensibilidade humana, do que a imposição de trabalho escravo, a remuneração precária dos serviços que nos prestam, a indiferença com o direito do trabalhador que nos serve.

Sem respeito, empatia e solidariedade, pode ocorrer o abuso do poder econômico pelas modernas formas de escravizar, que submetem pessoas a trabalho intenso e análogo ao de escravo. Àquele que se diz espírita cabe se policiar, sondar seu íntimo e averiguar a aplicação dos antídotos abundantes que se encontram nas lições da Filosofia que segue, carregada de inspiração ao respeito e à valorização do semelhante.

[9] Declaração Universal dos Direitos Humanos / O Livro dos Espíritos.

A escravidão é considerada um **abuso da força** pelo *Livro dos Espíritos*[10], assim também considerada pelo Art. IV da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disse Kardec que ela desaparecerá com o progresso, de modo que se não desapareceu ainda, ou se persiste tomando roupagem disfarçada, não podemos dizer que o progresso chegou. Se a escravidão, como forma predominante de trabalho, torna-se indispensável para a dinâmica da economia, vigora um sistema escravagista.

Há um capítulo em *O Livro dos Espíritos* – o de n. III da terceira parte (As leis morais), que dispõe sobre a Lei do Trabalho. A questão foi devidamente tratada, informando os leitores sobre a possibilidade de não existir a oportunidade do trabalho para todos, assim como também alertou para a hipótese de a pessoa não reunir forças para trabalhar, seja pela idade avançada, seja por enfermidade, ou outras limitações físicas.

A análise da questão 685.a de *O Livro dos Espíritos*, permite conhecer um verdadeiro impositivo ético contido em sua resposta, que não absorvemos ainda, ou se entendemos não fizemos questão de aplicar. Vejamos:

> "a) - Mas, que há de fazer o velho que precisa trabalhar para viver e não pode?
>
> "*O forte deve trabalhar para o fraco.* ***Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade***." (Kardec, O livro dos espíritos, 1995) (os grifos são meus).

Mais, não seria necessário, pois o texto, além de muito claro, permitindo facilmente interpretação literal, está albergado nos demais preceitos da Filosofia Espírita e, também, na DUDH.

Especialmente no caso deste tópico, a barreira está no exagerado e escancarado egoísmo humano. Temos de ganhar mais, enriquecer mais, estar no andar de cima, ostentar mais. Qualquer ameaça a esse nosso propósito, um direito a mais garantido ao trabalhador, é motivo de resistência.

[10] Resposta à pergunta 829.

9 Desigualdade Social

9. ***Contribuamos para criar condições capazes de superar a desigualdade social**, buscando debelar a miséria e a pobreza extrema, frutos de um nível de egoísmo incompatível com um processo civilizatório digno.*

O final das ilações sobre o item anterior, assim como quase todas as discussões das propostas anteriores, já aponta para a dificuldade de implementar condições reais para tornar realidade esse propósito de um mundo mais generoso.

Esse tema é por demais sensível, dado o fato de estarmos todos profundamente mergulhados na cultura da distinção por classe. Seus efeitos são tão potentes que a mobilidade social de uma pessoa, tendo sido ajudada ou favorecida por herança ou promovida por esforço próprio, não importa como, faz com que passe imediatamente a pertencer a esse "novo mundo", como se nunca tivesse vivido em outra condição. Felizmente, há exceções, mas como é por demais sabido, a exceção só confirma a regra.

Por certo, há um grande desafio pela frente, pois a condição de sociedade minimamente igualitária permanece à espera de mudanças, transformações, novos jeitos de ver e viver.

Eugênio Lara afirma que "*o espiritismo é essencialmente humano, demasiadamente humano*". (Lara, 2012, p. 92) Cabe ao espírita enxergar-se como tal e alinhar-se às frentes de resistência a movimentos limitantes, retrógrados e autoritários; contribuir para que, de fato, exista essa sociedade plural, coletiva e humanista.

Essa é uma questão especialmente emblemática para a Filosofia Espírita, em cuja moldura há de caber a luta pelo tratamento digno e adequado a todos os seres humanos. Acolher, empoderar, solidarizar-se, são verbos a serem conjugados no contexto da esperança de um mundo sem fome, sem miséria, sem indigência.

Não está pronto e talvez nem se possa afirmar que já tenha se iniciado um modelo de civilização solidária e fraterna. A dor do outro ainda não gera empatia, não provoca indignação

e não nos faz sair do lugar de conforto para enfrentar essa causa essencialmente humana.

A Filosofia Espírita preconiza direitos iguais para todo ser humano e nisso se inclui atenção, apoio, cuidado e tratamento humanizado para toda a gente. A indiferença se mostra incompatível e inconciliável com a proposta espírita, cujos preceitos diferem muito da soberba e do elitismo que têm como principal pano de fundo a questão econômica, em desrespeito profundo aos direitos inerentes à condição humana. Claro que outros fatores como a cor, a origem, o gênero, a orientação sexual, a religião, além de outros, também influenciam.

Antecipando-se à Declaração Universal dos Direitos Humanos que entre tantos outros direitos, garantiu a todas as pessoas, incondicionalmente, no seu Art. XXVII, *o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios*, o Espiritismo já preconizava a igualdade. Nas dez leis morais indicadas na parte terceira de *O Livro dos Espíritos*, concedeu amplo fundamento para a construção de uma sociedade igualitária, plural, solidária e fraterna.

Respondendo à Q. 886, os espíritos revelaram o verdadeiro sentido da caridade:

> Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?
>
> *(...) Ela nos prescreve a indulgência, porque da indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto,* ***quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação****. O homem verdadeiramente bom, procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa*.

Possivelmente nunca tenhamos dado a atenção devida a esse texto, ou, pelo menos, não o lemos com o desejo de absorver o seu

conteúdo, pois é perceptível a nossa dificuldade para interpretá-lo, apesar da clara redação. Ademais, se o tivéssemos absorvido, considerando que foi escrito em 1857, certamente já teríamos avançado um pouco mais em solidariedade.

A grande muralha, ou o maior empecilho para criarmos condições capazes de superar a desigualdade social nos parece ser a ausência da verdadeira caridade, cuja palavra foi mal compreendida e seu sentido distorcido, sendo mais adequado na atualidade usarmos **solidariedade** e falta de solidariedade significa orgulho e egoísmo.

10 Amor

> *10.* ***E que, enfim, o amor seja nossa bússola****, incentivando-nos a cultivar a paz para um mundo mais solidário, fraterno e equitativo.*

Com a sugestão de construir um novo paradigma, mencionei no Livro *Espiritismo, ética e moral*, que ao nos enxergarmos como espíritos imortais, teremos maior motivação para combater as mazelas humanas, a fome, a desigualdade social, os maus tratos aos animais e à natureza, preconceitos e discriminações. Sabendo que poderemos experimentar posições sociais, identidade de gênero, etnias, religiões, e outras condições de vida, diversas em novas *experiências reencarnatórias, o nosso olhar sobre o que nos parece diferente* pode se modificar.

Como discutir tais questões sem alimentar um sentimento fraternal, amoroso, de bondade e esperança? Vamos à mesma parte terceira de *O Livro dos Espíritos* e encontramos no seu Capítulo XI a Lei de Justiça, Amor e Caridade, pela qual se vislumbra inconcebível a convivência com a miséria, a fome, a ausência dos direitos básicos e elementares, conferidores da dignidade humana. A ética que deve nortear o espírita representa o fio condutor ao cuidado humanizado de toda e qualquer pessoa, possibilitando melhor qualidade de vida, menos sofrimento e maior proveito da

existência. Disso se infere um compromisso inarredável com o respeito aos direitos pertencentes naturalmente aos seres humanos, pela sua simples condição de pessoa, em todas as suas dimensões.

Conjugados os Artigos da DUDH, em especial o 1º (Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade), aos preceitos contidos em *O Livro dos Espíritos*, não faltam balizamentos éticos e morais para a construção de uma sociedade solidária, em que o amor sobrepuje o egoísmo.

Seja pela necessidade de aderência a métodos modernos, seja pela mera rejeição a práticas lesivas, desrespeitosas e agressivas, o tratamento de saúde pautado em práticas anacrônicas, conservadoras e desumanas torna-se inaceitável no olhar espírita.

Nesse conceito espírita, voltado para o aproveitamento da encarnação como uma etapa da evolução espiritual, não se mostra suficiente engrossar a corrente dos que creem, dos que se dizem respeitosos (tementes) a Deus e às suas leis, dos que se qualificam como muito estudiosos. O mundo espera por atitudes; cabe-nos a construção de novos paradigmas para o proceder humano, que nos dê esperança, sim, mas que, acima de tudo, nos proporcione a obstinação para **promover** as transformações desejadas.

Todas os nossos vícios somados, mencionados nos itens anteriores, podem ser apresentados como obstáculos ou limites intransponíveis entre a sociedade real - a que juntos formamos, e a da sociedade que desejamos, tendo por paradigma o amor e a solidariedade.

Ainda que nada seja fácil, ainda que esses muros e cercas nos pareçam demasiado vigorantes e difíceis de serem transpostos, a certeza de sermos potencialmente perfectíveis nos anima; as boas ações que conseguimos eventualmente realizar e a mudança de lentes que nos permite ao menos compreender a importância dessas metas propostas em nosso manifesto, revelam-se extremamente encorajadoras.

Mais que isso, a convicção obtida pelo estudo da Filosofia Espírita, de que nós somos os protagonistas da história e que ninguém fará por nós, não aparecerá um salvador da pátria e Deus não decretará uma mudança repentina em nossos corações, impõe-nos o dever de começar a pensar no "como", pois "o que" precisa ser feito nós já sabemos, ou pelo menos estamos começando a enxergar.

Conclusão

Em "*Espiritismo, ética e moral*", os autores Jacira e Milton buscaram destacar a contribuição espírita para um mundo mais justo, menos desigual, mais tolerante, mais solidário, menos opressor, capaz de garantir os direitos humanos para todos. Nessa perspectiva, trabalharam os conceitos universais de ética e moral, de modo a favorecer o entendimento de que os rótulos pouco ou nada contribuem para os avanços desejados na sociedade.

Não são as religiões ou as filosofias peculiares, com suas propostas muitas vezes sectárias, que proporcionarão por si mesmas, caminhos diferenciados, ética própria ou algo que se assemelhe, para transformar o mundo. Este estudo teve a pretensão de trabalhar apenas os tópicos que integraram o manifesto publicado no livro, tendo por objetivo mexer um pouco mais com a nossa reflexão, especialmente sobre o quanto as nossas atitudes, individuais e coletivas, podem ser relevantes e até decisivas em certas situações para amadurecer ou apenas despertar uma postura proativa e produtiva.

Pensar em cada tema trabalhado no manifesto e compreender que na base do obstáculo ao cumprimento de todos eles existe o egoísmo humano, deve servir ao menos para nos lembrar de que esse vício foi tratado como o pai de todos os demais em *O Livro dos Espíritos*, assim como nas outras obras deixadas por Kardec.

A leitura deste trabalho pode servir para despertar em nós a simples discussão sobre os motivos que nos levam a ignorar, diariamente, esses direitos básicos de todos os cidadãos do planeta

terra, que passam desapercebidos, esquecidos, "entram por um ouvido e saem pelo outro", sem nos deter na sua análise.

Não é tão difícil perceber que não conseguimos transformar em práticas aquilo que falamos, mas como resolver essa questão? A verdade é que precisamos descobrir. Já entendemos que as lições de Jesus de Nazareth, os conceitos elementares da Filosofia Espírita e os princípios éticos que regem a vida em sociedade, transformariam o mundo e nos permitiriam uma vida plena de descobertas e realizações.

Não obstante, construímos muros, limites, cercas e entraves que nos seguram e não nos permitem avançar. Fronteiras, religiões, idiomas, leis, ideologias políticas, costumes, arrogância, suposta supremacia etc. nos impedem. Ao fim e ao cabo, todos esses empecilhos nascem em nosso egoísmo, que resiste, insiste e persiste, mesmo diante da constatação óbvia de que precisamos do outro.

Mas, podemos acreditar que somos capazes de minimizar a potência desses muros e limites; compreender que há recursos em nós e na natureza para promover inovações aptas a diminuir a altura dos muros e avançar em civilidade.

A internet poderia ter sido utilizada como um fabuloso canal de união dos povos, tendo alcançado esse objetivo em certa medida, mas como seria capaz de promover um câmbio imediato nos nossos sentimentos, se somos orgulhosos e egoístas?

Em plena preparação de um evento espírita foi possível constatar o preconceito de pessoas europeias contra os latino-americanos. Ao optarmos por um hotel de luxo para realizar um evento espírita, estamos limitando a participação a quem tem dinheiro. Mesmo com essa obviedade, muitas vezes preferimos os locais pomposos.

Diariamente vemos ações excludentes em nossos meios de convivência, inclusive em postagens nos canais de mídias sociais.

Estamos propondo ações muito simples, mas que sejam efetivas. Exemplo, REFLETIR sobre:

- ✓ O que falamos diariamente e de como enxergamos os desvalidos, dependentes químicos, pessoas em situação de rua, desempregados etc.
- ✓ Estruturas consolidadas e cristalizadas, como o machismo, o racismo, o preconceito de toda sorte e especialmente com pessoas LGBTQIA+, a diferença de classes, a intolerância etc.
- ✓ Palavras como:
  a) Meritocracia. Talvez essa seja a maior de todas as desculpas que arranjamos para não enxergar o que nos deveria ser óbvio. Pensar que todas as pessoas partem da mesma oportunidade é, sem dúvida, a maior desumanidade que podemos cometer.
  b) Empatia. Ainda que o homem branco não consiga verdadeiramente sentir-se na pele do homem preto, todos somos capazes de nos sensibilizar pelo sofrimento alheio e se não sentimos dor alguma quando o outro sofre, estamos abaixo dos animais, pois os irracionais protegem-se no sofrimento.
  c) Alteridade. Reconhecer que a nossa verdade não é soberana é também um desafio extraordinário. Considerar que a posição oposta faz sentido para aquela pessoa considerando o seu momento, os seus recursos, a sua situação, seria um passo muito avançado na civilização.
  d) Árvore em pé – preservação dos recursos naturais. Sem as árvores não haverá oxigênio, nem água, nem vida. O sagrado direito à vida contempla a manutenção da natureza, totalmente compatível com a produção de alimentos, sem necessidade de agressões violentas aos recursos naturais.

Fato é, que esse exercício implica pensar em como nós, eu, você e o outro, vivemos; como lidamos com o dinheiro, a fartura, as posses e de como nos sensibilizamos com a falta desse recurso para o outro.

E como exercitamos a escuta? Quanto somos capazes de reconhecer que o outro já aprendeu mais do que nós, ou admitir quanto fomos idiotas em determinadas situações.

A simples resistência ao reconhecimento das nossas fraquezas, já representa um muro quase intransponível para o avanço das relações sociais. Não seria nada demais reconhecer um erro nesse mar de ignorância em que navegamos, mas aí outras cercas brotam, a vaidade, a arrogância, o orgulho, minando qualquer possibilidade de recuar, dar um passo atrás, ou de simplesmente dizer "errei".

Ético seria qualquer exercício de progresso. Tudo o que fizermos para darmos um passo à frente em termos de civilidade é válido, é bom, é pertinente e encontra respaldo na Filosofia Espírita.

Seriam muitas as palavras que poderíamos acrescentar nos itens acima, como educação, cuja abrangência envolveria todos os temas tratados neste discurso; ou saúde, que também está umbilicalmente implicada com as políticas públicas governamentais, mas não só, pois também no setor privado, uma corrupção destinada a camuflar ou normatizar o uso de um agrotóxico prejudicial à saúde, culmina na destruição do sagrado direito à saúde.

São reflexões para os nossos dias futuros. Embora tudo pareça tão simples, é muito comum não conseguirmos sair do lugar em termos práticos. É que, de fato, NADA É FÁCIL. Mas é possível. Se por um lado lemos a carta de uma exilada quilombola, triste, sem enxergar rumos para a sua luta de negra feminista e defensora da natureza, por outro vemos iniciativas corajosas, mais comumente de mulheres, de investimento em educação, empoderamento de pessoas nas periferias, trabalhos excepcionais com crianças etc.

Nós podemos? Ou poderemos?

Só existe uma resposta: Claro que sim. Dizer que não levaria ao fim do mundo, pois não há outra forma.

Referências Bivliográficas:

BOBBIO, N. (2000). *O futuro da democracia*. São Paulo: Paz e Terra.

DENIS, L. (2022). *Socialismo e Espiritismo*. São Paulo: Portal Luz Espírita.

GARCIA, W. (2002). *A imobilidade e a ética no espiritismo*. Em A. diversos, Espiritismo: O pensamento atual da CEPA. Porto Alegre: CCEPA.

INCONTRI, D. (2012). *A educação segundo o espiritismo*. Bragança Paulista: Comenius.

KARDEC, A. (1995). *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. (G. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, A. (1995). *O livro dos espíritos* (76. ed. ed.). (G. Ribeiro, Trad.) Brasilia: FEB.

LARA, E. (2012). *Breve ensaio sobre o humanismo espirita*. Santos: CPDoc.

MICHAELIS. (s.d.). *Diversidade*. Acesso em 24 de 11 de 2020, disponível em Michaelis - Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguesa: http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diversidade/

PINKER, S. (2018). *O novo iluminismo – em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Comapnhia das Letras.

REGIS, J. (1984). *Do homem e do mundo*. Santos: Dicesp.

SANTOS, B. d. (2013). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade*. São Paulo: Cortez.

SILVA, J. J. (2007). *Criminalidade: Educar ou punir?* Santos SP: CPDoc.

O CEAK E O MOVMMESP

O protagonismo feminino no Centro Espírita Allan Kardec (CEAK) e o Movimento Mundial de Mulheres Espíritas pelos Direitos Humanos e das Mulheres (Movmmesp)

Carla Guerra Lourenço Gomes e Sandra Regis

Objetivo Geral:

Contar a história do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos e o Protagonismo Feminino que culminou com a adesão, em 2021, ao MOVMMESP – Movimento Mundial de Mulheres Espíritas pelos Direitos Humanos e das Mulheres.

Objetivos Específicos:

- Apresentar aos participantes a história do CEAK e suas lideranças;
- Demonstrar a evolução do pensamento espírita no CEAK, identificando as fases de transição do caráter religioso para o laico, progressista e livre pensador;
- Apresentar as lideranças femininas e o contexto em que esse protagonismo começou a ser valorizado;
- Apresentar o MOVMMESP e seus objetivos;
- Contar como e porque o CEAK aderiu ao MOVMMESP;
- Apresentar as mulheres que fazem parte deste Movimento;
- Contextualização histórica da cidade de Santos em relação ao Movimento Feminista;
- Relatos de mulheres do CEAK e o conceito de Sororidade.

Resumo:

Este trabalho, realizado pelas autoras, ambas integrantes e trabalhadoras do CEAK e do MOVMMESP, será apresentado em duas partes para contemplar os objetivos acima delineados.

A primeira parte, com um contexto histórico, será apresentado por Sandra Regis, apresentando fatos interessantes que levaram à importante valorização da mulher dentro do CEAK, o que nunca foi e ainda não é uma realidade nas casas espíritas do Brasil.

A segunda parte, com alguns fatos históricos em relação ao movimento feminista na cidade de Santos, Carla Guerra vai demonstrar a importância de dar voz às mulheres, sobre o que é Sororidade e trará também seu relato do quanto foi importante para ela fazer passar a integrar o CEAK e o MOVMMESP.

Introdução

A ideia de fazer este trabalho e apresentar no V Encontro Nacional da CEPABrasil, nasceu após a adesão e participação de muitas mulheres atuantes no CEAK – Centro Espírita Allan Kardec, de Santos/SP, ao MOVMMESP – Movimento Mundial de Mulheres Espírita pelos Direitos Humanos e das Mulheres, criado em agosto de 2021, com o objetivo de agregar mulheres espíritas progressistas em nível mundial, em torno dessas causas humanas e fomentar discussões, ações, manifestações, artigos, dando voz e visibilidade às mulheres espíritas que de alguma forma possuem pensamentos e comportamentos que se contrapõem ao Espiritismo hegemônico.

O movimento foi iniciado por Jacira Jacinto da Silva (SP-BR) e Yolanda Polimeni (PE-BR). Ambas passaram a fazer convites, pelo WhatsApp a algumas mulheres do Brasil, Uruguai, Venezuela, Argentina, Espanha, Portugal, Porto Rico, e a rede foi ampliando e proporcionando uma certa euforia a cada adesão, ao conhecermos tantas mulheres envolvidas com movimentos sociais e com pensamentos similares.

O MOVMMESP ainda é um movimento novo e que está mais se configurando como rede de apoio a essas mulheres e ainda tem um bom caminho pela frente.

E foi justamente por essas conversas e trocas de experiências, vivências e angústias de cada uma das integrantes, que surgiu

a questão da não valorização da mulher nas casas espíritas, da falta de mulheres participando em posições de liderança, de cargos administrativos, executivos ou ainda como produtoras de pensamentos, divulgadoras da doutrina proferindo palestras, cursos ou ainda escrevendo livros ou artigos para periódicos, exposição ou publicação de trabalhos em congressos e simpósios espírita. Que a mulher ainda ocupa as funções mais organizativas e estruturais do funcionamento das casas, nas ações de caridade e assistenciais ou, ainda e sempre, na "evangelização infantil". Não que estes trabalhos não sejam importantes e até fundamentais. A atuação das mulheres nesses campos, ao nosso ver, foi essencial para a subsistência do Espiritismo e das casas que se agregavam em torno dele no Brasil.

Com isso, paramos para revisitar a nossa história e constatamos que essa não é mais uma realidade no CEAK há pelo menos 20 anos, com várias oportunidades e espaços que foram sendo ocupados pelas mulheres desde a década de 70.

Então, por estarmos recebendo amigos, amigas e amigues de todas as partes do Brasil aqui em nossa casa, pensamos que seria interessante contar um pouco da nossa história, das fases e os fatores importantes que levaram a esse protagonismo feminino. E tudo tem a ver com a fundação do CEAK que se mistura totalmente com a criação da Mocidade Espírita Estudantes da Verdade (MEEV). Os jovens da mocidade, dissidentes de uma outra casa espírita, participaram, desde o início, ativamente das decisões do Centro, imprimindo-lhe, assim, o caráter já um tanto quanto questionador, inovador, jovial e dinâmico.

Vale ressaltar que, apesar de termos pesquisado alguns documentos e materiais publicados nas páginas oficiais mantidas na WEB, muito do aqui escrito reflete a memória pessoal dos ceakianos, alguns relatos, depoimentos e também, a memória afetiva das autoras.

Então, este trabalho não se propõe a ser um trabalho acadêmico ou de pesquisa histórica, sociológica, antropológica. Apenas uma visita à nossa história, demonstrando que, no CEAK e

também no Movimento Espírita livre-pensador, laico, progressista e humanista, há muitos espaços plenamente ocupados pelas mulheres e outros tantos que ainda precisam ser ocupados por elas.

Cronologia CEAK

1944 - Fundação – Centro Beneficente Evangélico – em sede alugada.

1946 - Compra da primeira Sede, à Rua Rio de Janeiro, 15

1947 - No Centro Espírita Manoel Gonçalves, foi criada a Juventude Espírita de Santos.

Aqui devemos destacar a vinda da família Regis para Santos, trazendo Ivon, Jaci e Egydio Regis, que passaram a integrar esse movimento de jovens recém-criado. Destacamos esse fato porque Ivon Regis, hoje com 92 anos, Egydio Régis, com 84 anos, trabalharam incessantemente pelo CEAK e pelo Espiritismo e Jaci Regis, principalmente, ocupou papel fundamental na evolução do pensamento e do Movimento Espírita de Santos e do Brasil. Sua contribuição como líder, divulgador, escritor e pensador espírita é amplamente reconhecida, mas também rechaçada por muitos.

1949 - **MEEV – Mocidade Espírita Estudantes da Verdade**

Após divergências com a direção e por sugestão de Ângelo e Isaura Perrone, migram para o Centro Beneficente Evangélico, que estava quase fechando. Quando a Juventude, já então denominada Mocidade Espírita Estudantes da Verdade, mudou-se para o Centro Beneficente Evangélico. Jaci Regis, com apenas 17 anos, assumiu a liderança da mocidade, com a transferência de Alexandre Soares Barbosa, fundador e grande polarizador dos jovens, para a cidade de Araraquara.

Os jovens trouxeram seus pais e assim a casa foi se consolidando.

Os primeiros jovens MEEVIANOS foram: Albertina Ventura, Maria Ventura, Antônio Garófalo, Celso Perrone, Maria Nilce Ventura, Alexandre Barbosa Filho, Joaquim Ventura, Alonso, Ivon Regis e Jaci Regis.

1952 - Jaci Regis lidera o movimento que assumiu a direção do Centro Beneficente
Evangélico. A partir daí esse centro tomaria um rumo diferenciado dos demais. Ainda nesse ano, foi comprado um novo prédio para a Sede, na mesma Rua Rio de Janeiro, no número 31.

1962 - Por sugestão de Jaci Regis, a casa mudou o nome para Centro Espírita Allan Kardec (CEAK).

Objetivos, Atividades e Organização do CEAK (1960)

Os primeiros objetivos do CEAK se concentravam no Estudo do Espiritismo (para crianças, jovens e adultos) e na Mediunidade.

As reuniões, até 1962, eram assim desenvolvidas:

- 2ª. FEIRA. Reuniões de mediunidade para espíritos sofredores
- 3ª. FEIRA Reuniões de desenvolvimento mediúnico
- 4ª. FEIRA Pregação do Evangelho, passes e reuniões de desobsessão
- 5ª. FEIRA Departamento de Beneficência
- 6ª. FEIRA Reuniões de estudo da Doutrina
- Sábado: MEEV
- Domingo: Escola de Evangelho "Jesus Narazareno"
  - Lar Veneranda (1954) – Creche que contou com o corpo de voluntários do CEAK por muitos anos.
  - Movimento de unificação - (adesão à UMES e USE em 1952)

Objetivos, Atividades e Organização do CEAK (1963-1971)

(a importância do líder Jaci Regis)

Com a liderança de Jaci Regis, os objetivos e atividades foram sendo ampliados.

Podemos constatar isso através da distribuição das atividades a seguir:

- 2ª. FEIRA Reuniões de desobsessão
- 3ª. FEIRA Reuniões de desenvolvimento mediúnico
- 4ª. FEIRA Explanação Evangélica e passes
- 5ª. FEIRA Iniciação mediúnica
- 6ª. FEIRACursos de Espiritismo
- Sábado: MEEV
- Domingo: Escola de Evangelho "Jesus Narazareno"
  - Campanha da Fraternidade "Auta de Souza"
  - Biblioteca "André Luiz"
  - Lar Veneranda ———— (tentativa de fusão em 1970)
  - Liderança no movimento de unificação (UMES – UNIMES)
  - DICESP - Editora de Livros Espíritas – Divulgação da Cultura Espírita.
  - Jornal Espiritismo e Unificaçao (Jaci Regis e Jose Rodrigues) – Fundação e lançamento deste periódico.

A Assistência Social e as transformações no jeito de sermos solidários.

- Consultório médico (1946 - ?)
- Campanha da Fraternidade Auta de Souza
- Proposta de criação de creche
- Criação e apoio ao Lar Veneranda (UMES – 1954)
- Sub-sede na Areia Branca (1972)
- Presídio de Samaritá (déc 80)
- ARS e Lar Veneranda

Todo esse caminho até aqui, foi percorrido com bases doutrinárias e práticas nos modelos tradicionais do Espiritismo. Havia um movimento muito forte de Unificação e o CEAK entendia que esse poderia ser um caminho viável.

Esse era o desenho dos objetivos traçados para o Espiritismo no Brasil:

- ✓ **Evangelização**: SALVAR A HUMANIDADE (judaico-cristianismo)
- ✓ **Assistência aos pobres**:
  - Legitimação social
    - "fora da caridade não há salvação"
  - movimento de classe média (formação intelectual)
- ✓ **Prática da mediunidade**:
  - Desobsessão
  - Curas mediúnicas / passe
  - Receitas

As práticas mediúnicas, o passe, a água fluídica, as palestras com teor evangélico, a evangelização das crianças, a disseminação do evangelho no lar, os encontros de casais, encontros de jovens, o dispensário para distribuição de alimentos arrecadados pela Campanha da Fraternidade "Auta de Souza". Muitas dessas práticas são, hoje, consideradas por nós como réplicas do modelo católico, religioso. Mas isso não iria perdurar por muito tempo. Jovens que eram, sempre muito questionadores e contestadores, aos poucos foram percebendo algumas inconsistências em relação aos postulados de Kardec. Através dos cursos e debates, aprofundando o estudo não apenas do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, mas principalmente de *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, e a *Revista Espírita*, tanto os conceitos como as práticas foram mudando.

Podemos destacar três momentos importantes que acabaram por definir o futuro e a evolução do pensamento laico e livre-pensador no CEAK:

1) Movimento de Espiritização:

Liderado por Jaci Regis, que elaborou uma proposta de releitura de Kardec, uma reconceituação das atividades doutrinárias, de modo a adequá-las aos princípios e objetivos do Espiritismo, num movimento criado e difundido a partir de 1978 e que se manifestou contundentemente até 1982.

Esse movimento alcançou grande repercussão no Movimento Espírita. Constituiu-se, sem dúvida, no mais contundente e consistente crítico do Espiritismo evangélico/cristão e do não assumido roustanguismo da Federação Espírita Brasileira.

2) A Questão Religiosa:

- Em 1983, é publicado um artigo de Krishnamurti, analisando o discurso de Kardec de novembro de 1868: "Kardec afirmou que o Espiritismo não é religião".
- Em 1984, realiza-se um fórum para debater religião espírita – na sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo entre Jaci Regis e Heloisa Pires.
- Em 1985, foi apresentada a Chapa "Unificação Hoje", para a diretoria da USE, com a candidatura de Henrique Diegues à presidência.
- Em1986, a discussão sobre o Espiritismo religioso, mobilizou muita gente, pró e contra. Artigos, cartas, editorais, foram publicados em vários jornais e realizados fóruns e debates.
- Em Santos, Centros ligados à UMES pedem definição não religiosa
- A apresentação de uma chapa notoriamente não religiosa, para a diretoria da USE foi o ponto culminante da reação do sistema.
- A situação cresceu quando a UMES de Santos e a 4º UDE, representadas por mim e por Ciro propôs e conseguiu a realização do 7º Congresso Estadual, que foi, afinal, o ponto de ruptura final.
- A direção da UME de Santos foi praticamente destituída pela Diretoria da USE,
- Com o grupo que ficou conhecido como "grupo de Santos", liderado por Jaci Regis e com a colaboração e trabalho de outros espíritas notórios como Ciro Pirondi, Egydio Regis, Marcos Miguel, Krishnamurti C. Dias, consolidou-se a ruptura definitiva com o movimento religioso.

Assim, o CEAK passou a seguir seu caminho autonomamente, sem quase nenhuma interação com outras casas espíritas, apenas com o Centro Espírita Beneficente Ângelo Prado, pela participação ativa no movimento não religioso do Sr. Henrique Diegues, por 10 anos.

3) A aproximação com a CEPA:

Em 1996, alguns jovens da MEEV e membros do CEAK tomaram conhecimento do XVII Congresso Espírita promovido pela CEPA – Confederação Espírita Pan-Americana na cidade de Buenos Aires, Argentina, e resolveram participar. Esse foi o início da aproximação do CEAK e outras casas espíritas do Brasil com a CEPA.

No ano seguinte, 1997, o presidente da CEPA, Jon Aizpúrua, cumprindo sua agenda de divulgação do pensamento da Confederação Espírita Pan-americana e da Doutrina Espírita, retornou ao Brasil e cumpriu um amplo roteiro de visitas, encontros, palestras, entrevistas aos jornais, e participação em programas de rádio e TV nas cidades de São Paulo, Santos, Mogi das Cruzes, Londrina, Porto Alegre e Santa Maria. Dando cumprimento aos objetivos de ampliar a ação da Confederação no Brasil, realizou em São Paulo o I Encontro de Delegados e amigos da CEPA.

Em 1998 – O tema central da nossa comemoração de 54 anos foi "A Mulher e o Espiritismo". Durante toda a semana, somente mulheres espíritas e também da sociedade santista, proferiram palestras e, neste evento, contamos com a participação de Alcione Moreno, Marissol Castello Branco e Eliane Regis fazendo entrevistas com as mulheres do CEAK. Sandra Regis, organizou também uma Oficina só com as mulheres com o objetivo de identificar: "Como era", "Como é" e "Como Deve Ser" a posição e a condição da mulher nas casas espíritas e na sociedade contemporânea.

Em 1999 – A semana de aniversário de 55 anos traz o tema: "O Século XX em revista".

Em 2000 – Atualizar – Como queria Kardec – a maior polêmica após a questão da religião e tema do Congresso da CEPA em Porto Alegre neste mesmo ano.

Em 2001 – Fundamentos para o Livre-Pensar – Krishnamurti de Carvalho Dias – delineando os valores do livre-pensar espírita, em consonância com o pensamento da CEPA.

Tudo o que foi até aqui demonstrado, serve como base de reflexão para entendermos o porquê houve abertura para que mulheres ocupassem os espaços dentro do CEAK. Demonstrar a evolução do pensamento, dos valores e das práticas e que este foi um caminho árduo, praticamente solitário. Quando, enfim, encontramos alguns pares com pensamentos afins, como os da CEPA, entramos em uma nova fase da nossa história.

As Mulheres

No início, até meio da década de 50, homens e mulheres não se sentavam juntos no salão. Mulheres de um lado, homens do outro. Isso, provavelmente, era uma determinação da FEB. Todos os Centros praticavam essa separação. Entretanto, não devia ser nada muito importante para eles pois, ao perguntar a Egydio Regis, quando isso deixou de acontecer, e se houve alguma reunião de Conselho para definir o fim dessa separação, ele respondeu que isso se deu naturalmente. Ninguém se importava com isso, era simplesmente um modelo que se repetia sem nenhum questionamento. Isso perdurou por muito pouco tempo porque os jovens se casavam muito cedo e as mulheres os acompanhavam na mocidade. Mais uma vez, a mocidade vem trazendo seus avanços. E nós pudemos confirmar isso através da busca por fotografias antigas pois já em 1955 vemos fotos no nosso salão com mulheres e homens sentando lado a lado.

As mulheres não podiam entrar no Centro usando calças compridas. Mas, com a modernidade e com o avanço da libertação das mulheres pelas diversas manifestações e causas do movimento

feminista em nossa sociedade, as mulheres assumiram o uso deste vestuário e, naturalmente isso foi acontecendo sem maiores traumas.

Todas as atividades executivas e de liderança, eram ocupadas por homens, assim como os oradores e articulistas de periódicos. Não encontramos nenhum registro de mulheres que tenham submetido artigos ou escrito livros em nosso Movimento Espírita aqui da Baixada Santista.

Em 1975, no Movimento Espírita, Nancy Puhlmann Di Girolamo e Marlene Rossi Severino Nobre, publicam, juntamente com Jaci Regis, o livro "*A Mulher da Dimensão Espírita*". A obra pretendia dar visibilidade e contribuição do Espiritismo sobre a questão da mulher, em decorrência do instituído Ano Internacional da Mulher. Anos mais tarde, Marissol. Castello Branco, publica através do CPDOc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, o livro "*Igualdade de direitos e diferença de funções entre o homem e a mulher*".

Também podemos citar como importante oradora e influenciadora de jovens, Heloísa Pires, filha de Herculano Pires. Em Santos, ela veio falar sobre a questão da virgindade antes do casamento. Não vamos citar aqui, todas as mulheres espíritas que se destacaram no Brasil, para além do status quo. Apenas as que chegaram até nós, que estiveram em Santos.

Como no modelo usado por todos, desde o princípio, pudemos perceber que o CEAK, também destinava às mulheres somente as atividades de evangelização, assistência social, limpeza e organização do centro, de eventos e, também, na mediunidade, como médiuns e não como coordenadores de reuniões mediúnicas.

E, revisitando a nossa história, vendo algumas fotos antigas, pudemos perceber que se não fosse esse suporte, esse apoio, essa corrente que as mulheres formavam, unindo os homens, jovens e crianças, o movimento espirita não iria tão longe. Esse ambiente familiar era proporcionado pelas mulheres. E nós tivemos muitas mulheres excepcionais em nossa família CEAK. Como havia

também muitas mulheres jovens, participando da mocidade e muitas até já com filhos, elas foram aos poucos quebrando tabus, assumindo funções e abrindo portas até chegarmos no cenário atual que se repete desde os anos 90.

A partir deste ponto, vamos identificar e mostrar as características e a evolução do papel da mulher no CEAK, em cada uma das atribuições e quais os momentos críticos do Movimento Espírita em Santos que possibilitaram a construção desse cenário tão favorável às mulheres em nossa casa.

Mulheres Médiuns

A primeira médium foi a Dona Albertina Ventura, totalmente inconsciente no processo de comunicação mediúnica, através do Espírito de um médico que se comunicava por ela, juntos atendiam as pessoas e prescreviam medicamentos. Essa era uma prática aceitável na época, uma vez que as pessoas mais carentes, ou sem empregos regulares, não tinham nenhum acesso a serviços de saúde. Vários Centros Espíritas prestaram esse serviço à sociedade e foi muito importante.

A Dona Albertina era muito querida. Ela participou de inúmeros nascimentos de crianças até a década de 80, acompanhando toda a gestação e as mães na maternidade, na hora do parto.

Mas ela não era "a médium dona do centro". O CEAK não possuía um Guia Espiritual. Os amigos espirituais sempre se apresentaram como uma equipe espiritual e essa é uma característica muito interessando do CEAK. A mediunidade não foi mistificada e os médiuns nunca foram idolatrados.

Após o afastamento da Dona Albertina das atividades mediúnicas, pela questão de sua idade, Maria Nilce Ventura Muniz passou a ser a sua substituta. Entretanto, como a sua mediunidade não era totalmente inconsciente, como Dona Albertina, ela não se sentiu confiante em relação às prescrições médicas. Então, a partir dessa condição, esse serviço deixou de ser oferecido.

Citaremos somente essas duas grandes mulheres, até porque ambas trabalharam incessantemente até os seus desencarnes e a elas somos muito gratos.

Mulheres na condução de Reuniões Mediúnicas e aplicação do Curso de Mediunidade

Na década de 70, como o objetivo de aprofundar os estudos sobre mediunidade, o CEAK traz o material didático elaborado por Alexandre Sechi e outros estudiosos espíritas de Curitiba (PR), o conhecido COEM – Curso de Orientação e Educação Mediúnica. Esse curso tinha duração de 2 anos e através deles, ampliamos bastante o quadro de médiuns, inclusive com mais mulheres.

Este curso, anos mais tarde, passou por uma readequação em nossa casa e passou a ter duração de apenas 1 ano e a ser denominado CEM – Curso de Estudos Mediúnicos.

Porém, com a qualificação para coordenar as reuniões, promover o diálogo com os espíritos desencarnados, a orientação segura aos médiuns, havia poucas mulheres, que são as abaixo citadas:

Maria Alva Coelho Grijó / Eugenia Amorim / Sandra Regis / Regina Celi Pedron / Eliane Cobra (atual)

Mulheres na Infância

No mais tradicional modelo de divisão de tarefas, as mulheres assumiram desde o início do CEAK, a condução dos trabalhos de Evangelização Infantil.

Muito provavelmente, todas as mulheres que passaram pela MEEV, devem ter dado alguma contribuição como evangelizadoras ou monitoras das crianças.

Vamos destacar aqui, dois momentos marcantes para essa atividade:

1) Recurso Visual e o DIJ

O material didático/ilustrativo desenvolvido pelas mulheres

evangelizadoras do CEAK e do DIJ – Departamento de Infância e Juventude da UMES. Em entrevista recente realizada com Myriam De Domênico Rodrigues, hoje com 88 anos, ela explica que realmente o trabalho das mulheres no CEAK era o da evangelização e o da assistência social. E ela desenvolveu, juntamente com outras jovens, uma série de histórias ilustradas para serem contadas através do Flanelógrafo (um recurso que era utilizado em Escolas Públicas). Essas figuras contavam as parábolas de Jesus, as Leis Morais, os 10 mandamentos, a história de Jesus, e também algumas histórias com valores morais. Essas figuras eram separadas por envelopes e as evangelizadoras retiravam e devolviam após a utilização. Havia uma apostila com os temas a serem estudados por ciclos em que as crianças eram agrupadas de acordo com as suas faixas etárias. Myriam quase não se lembrava, mas ela teve um papel importante na nossa formação e na formação de muitas crianças em seu tempo. Atuou não apenas como monitora, mas também como realizadora e dirigente do DIJ por um bom período. Esse trabalho de distribuição dos envelopes, foi disponibilizado no DIJ e as outras casas espíritas podiam retirar para utilização. Myriam conta ainda que elas não davam aulas somente no CEAK. Se deslocavam também para dar aulas em outras casas espíritas que não possuíam condições ou pessoas para desenvolver o trabalho com suas crianças.

Consideramos importante este destaque porque esse foi o primeiro recurso visual utilizado e foi tão marcante, que não há uma criança daquela época (como esta autora), que não os tenha em sua memória afetiva.

2) **Ruptura com a Evangelização:**

Importante momento que marca a alteração do nome de "Evangelização Infantil" para "Infância Espírita", a ruptura com o caráter evangélico e a transição para o estudo da Filosofia Espírita e não apenas do Evangelho. Isso, obviamente, tem relação direta com o movimento de Espiritização,

seguido da Questão Religiosa, já abordadas anteriormente.

A partir de um material que tivemos acesso, elaborado pelo Movimento Espírita e de Educação Espírita para crianças, da cidade de Rafaela, Argentina, traduzimos e adaptamos para a realidade brasileira, um novo programa tirando o foco do Evangelho Segundo o Espiritismo e direcionando para O Livro dos Espíritos. Ou seja, a partir desse ponto, as crianças passaram a receber conteúdo filosófico, passaram a estudar o Espiritismo, seus princípios, seus valores e sua relação com a sociedade, e não apenas as lições morais de Jesus, com aquele caráter da moral judaico/cristã.

Nesse trabalho, mais especificamente, podemos citar Eliane Regis e Vanda Rodrigues, mas, também precisamos destacar a participação de um homem: Alexandre Ventura Regis, que se interessou pela educação espírita e contribuiu bastante com esse movimento.

Na última década do século XX, também houve muitos debates e cursos relacionados à Pedagogia Espirita e foi nesse momento que conhecemos Dora Incontri (SP) e Maria de Fátima C. Benchaya (RS). Esse movimento também alterou bastante as características do estudo da filosofia espirita para crianças. Infelizmente, ainda hoje vemos muitos trabalhos na linha da Evangelização Infantil.

Roseli Regis dos Reis, como Pedagoga, desenvolveu um novo programa de estudos para a Infância Espírita, com muitos e novos conceitos e formas de aprendizagem, fazendo com que as crianças desenvolvessem o pensamento lógico, questionador e curioso em relação aos conteúdos apresentados a elas. Com base nesse seu trabalho com a Infância, ela elaborou e apresentou uma Proposta Pedagógica para a Infância Espírita, e a submeteu no Congresso Espírita da CEPA no ano de 2004. Roseli foi, e ainda é, com certeza, uma das mulheres mais intelectuais da nossa casa. Ela demarcou mais um momento de transição para a formação de crianças e jovens pensantes, progressistas e humanistas.

Abaixo, algumas mulheres que foram Diretoras do Departamento de Infância, até hoje:

Myriam De Domênico Rodrigues / Valéria C. Regis / Vanda Rodrigues / Eliane Regis de Almeida / Sandra Regis / Roseli Regis dos Reis / Regina Celi Pedron

Mulheres na Campanha Auta de Souza x Homens na Infância

Aqui também, no puro estilo: "homens vestem azul e mulheres vestem rosa", o caminho natural dos homens da mocidade era fazer a Campanha da Fraternidade "Auta de Souza" e o das mulheres, o da Evangelização / Infância Espirita.

Entretanto, algumas mulheres e homens, já na década de 70, quebraram essa regra natural. E passamos a ver a contribuição dos homens na Infância e das mulheres no trabalho com a Infância Espírita. Esse cenário já denota a abertura para as mulheres, a relação de igualdade e respeito pelas opções de cada um. Nada, nunca foi proibido ou imposto e o que parecia ser uma separação inútil e sem sentido, foi se rompendo naturalmente.

Mulheres Palestrantes

Década de 80 – Egydio Regis ministra cursos de oratória aos jovens da mocidade e outros frequentadores do CEAK, e passa a compor novo quadro de palestrantes. Desta ação surgem palestrantes como Ademar Arthur, Reinaldo Di Lucia e algumas mulheres também.

Egydio Regis, cita, em sua entrevista, duas mulheres que faziam palestras no CEAK. A primeira foi Isaura Perrone, essa mulher que foi uma das fundadoras do CEAK, naquela época inicial, anos 50 e 60, já proferia palestras.

E a segunda, um pouco mais à frente, foi a Myriam De Domênico Rodrigues, que passou a fazer palestras para acompanhar as reuniões de atendimento espiritual e também às quartas-feiras, nas palestras públicas.

Isaura Perrone / Myriam De Domênico Rodrigues / Maria de Nazareth Coelho / Maria Alva Coelho Grijó / Alfia G. Dicolla / Nelma Beneti / Sandra Regis / Roseli Regis dos Reis / Claudia Regis Machado / Marcia Rahabani Elias / Regina Celi Pedron / Ivone Antunes / Sandra Lia Chioro dos Reis / Carla Guerra Lourenço Gomes.

Mulheres no Conselho Diretor e Diretoria Executiva

1ª Mulher a presidir a Mocidade – Lídia Ventura Regis – década de 70

1ª Mulher a presidir a Diretoria Executiva – Sandra Regis – 2004 a 2007

1ª Mulher a presidir o Conselho Diretor – Maria Alva Coelho Grijó – 2009

Outras mulheres presidentes da MEEV

Claudia Coimbra Regis – década de 80

Roseli Regis dos Reis – início década de 90

Adleia D. Bertazzo – década de 90

Camila Regis e Silva, Juliana Regis Oliveira, Bruna Regis Machado – primeira década do séc. XXI.

Outras mulheres Presidentes do CEAK

Regina Celi Pedron – 2012 a 2015

Roseli Regis dos Reis – 2016 a 2019

Márcia Rahabani Elias – 2020 a 2022

Sandra Lia Chioro dos Reis – 2022 - atual

Mulheres na Produção Intelectual

Participação em Congressos Espíritas, Simpósios, Cursos, CPDOc, Publicação de Livros.

CPDOC

Sandra Regis – trabalho em conjunto com Egydio Regis sobre a Formação de Grupos de Pesquisa Mediúnica.

Alcione Moreno / Maria Cristina Zaina / Marissol Castello Branco / Marina França

Livros Publicados

Claudia Regis Machado publica e lança no Congresso da CEPA /2002, em Porto Alegre, o livro: "Kadu e o Espírito Imortal" – LICESP – ICKS.

Cursos de Aprofundamento no CEAK

Nelma Beneti / Lucy Bertazzo / Carolina Regis Santana / Regina Celi Pedron / Sandra Regis / Roseli Regis dos Reis

Congresso 2000 – Porto Alegre – Deve o Espiritismo Atualizar-se?

Sandra Regis – Formação de Grupos de Pesquisa Mediúnica.

Congresso 2004 – Rafaela – Argentina

Roseli Regis dos Reis – Uma proposta para a Infância Espírita

Sandra Regis – Análise crítica sobre as Obras Mediúnicas

Congresso 2012 – Santos – Brasil

Sandra Regis – O Espiritismo e a participação Cidadã

III Fórum do Livre-Pensar Espírita, que teve como tema central

"Espiritismo, Saúde Mental e Cidadania" - 2009

Sandra Lia Chioro dos Reis – painelista.

Fórum da Baixada Santista – 2018 / 2019

Regina Celi Pedron – O trabalho de desobsessão no CEAK

V Encontro Nacional da CEPABrasil - 2022

Carla Guerra Lourenço Gomes / Cintia Regina de Almeida Galatro / Silvana Cecilia Simões / Sandra Regis

Mulheres na CEPABrasil

1ª Presidente da CEPABrasil – Sandra Regis – 2003/2005

2ª Presidente da CEPA Brasil – Jacira Jacinto da Silva – 2005 / 2009

3ª Presidente da CEPA – Alcione Moreno – 2009 - 2013

Mulheres Presidentes da CEPA – Associação Espirita Internacional

Guillermina de Fermaintt (São João - Porto Rico) 1957/1960
Jacira Jacinto da Silva (São Paulo – Brasil) 2016/2020/2023

Conclusão

Aos 78 anos de existência, o CEAK Santos tem participado de diversos canais virtuais, após a necessária adaptação ao tempo de isolamento causado pela Pandemia nos anos de 2020 / 2021.

Desenvolveu ferramentas para manter palestras e cursos virtuais, conheceu outros grupos espíritas, ampliou sua rede de amigos e de conhecimentos, criou canais para manter palestras gravadas, disponibilizadas para o acesso de todos, sendo isso um importante arquivo e material de estudo da doutrina espírita com o caráter livre-pensador. Nestes vídeos há muitas, mas muitas mulheres palestrantes.

Aproximamo-nos também dos grupos estrangeiros, participamos do 1º Congresso Espírita Internacional, totalmente virtual.

Quando observamos as atividades semanais e comparamos todas, desde a criação do CEAK até hoje, percebemos e admiramos essa evolução que nos trouxe até este momento.

Objetivos, Atividades e Organização do CEAK – Antes da Pandemia

- **2ª. feira**
  - Reuniões mediúnicas (desobesessão)
  - Emissão energética à distância
- **3a. feira**
  - Reuniões mediúnicas (aconselhamento espiritual a encarnados)
  - Emissão energética à distância
  - Terapêutica energética espiritual

- **4ª. feira**
  - Reuniões públicas
  - emissão energética
  - Infância
- **5ª. Feira (tarde)**
  - Reuniões públicas
  - emissão energética
- **5ª. Feira (noite)**
  - CEM
- **6ª. feira**
  - grupo de costura (tarde)
  - Reuniões de estudos
  - Curso Básico de Espiritismo
- **Sábado:**
  - MEEV
  - grupo de infomártica
  - coral

O CEAK pratica o Espiritismo:

• Laico - Humanista - Kardecista - Progressista - Livre-pensador.

Em 2016, por necessidade de adequação à Lei do Código Civil, o Estatuto do CEAK foi atualizado e novos objetivos foram acrescentados.

E são esses objetivos que estaremos praticando até que tenhamos que atualizá-los de novo.

Porque o Espiritismo é assim, é dinâmico, é progressista, progressivo e jamais se estagnará.

E o CEAK também não.

I- O estudo, a pesquisa, a prática e a difusão do Espiritismo;

II- O desenvolvimento de atividades culturais destinadas à promoção do conhecimento espírita;

III- O apoio ao processo de atualização permanente do Espiritismo;

IV- A assistência espiritual aos seres encarnados e desencarnados;

V- O intercâmbio com o Movimento Espírita, com a sociedade e com as diversas áreas do conhecimento humano;

VI- O apoio a iniciativas, movimentos e organizações que trabalhem pela paz, pela melhoria sócio-educacional, cultural, ética, moral e espiritual do homem e pela preservação do planeta;

VII- A assistência e a promoção do ser humano, apoiando atividades de interesse comunitário, desde que estejam de acordo com este Estatuto.

"O CEAK tem sua trajetória de vida pautada no estudo e na divulgação da Doutrina Espírita, fundada por Allan Kardec, e na progressão do pensamento espírita.

Um espaço aberto para o crescimento intelectual e moral de seus participantes, procurando integrá-los ao conhecimento e à cultura, estabelecendo laços de solidariedade e fraternidade, na perspectiva de construir um mundo melhor..."

Fontes:

Sites da CEPA, CEPABrasil e CPDOC

Documentos e publicações do CEAK

Depoimentos e contribuições da memória afetiva de vários integrantes.

Agradecimentos:

Ademar Arthur Chioro dos Reis

Egydio Regis

Myriam De Domênico Rodrigues

Patrícia De Domênico Grijó

A Cidade de Santos, o CEAK e o MOVMMESP

Primeiramente gostaria de contextualizar a política na cidade de Santos-SP. Sempre tivemos um caráter progressista, principalmente pelo grande fluxo da cultura estrangeira em função do trânsito de mercadoria vindas pelo porto. Acabamos ficando com o status de cosmopolitano.

Lembramos também que tivemos um papel importante no Movimento Abolicionista com a formação de dois quilombos (Jabaquara e Vila Mathias), onde foi considerado um marco da organização contra o escravismo. Abrigamos figuras históricas de mulheres santistas como, por exemplo, *Dna Francisca Amália de Assis Faria*, que por volta de 1870, abrigava escravos no seu quintal. Esse movimento feminino santista resultou na fundação da "1ª Sociedade Feminina para alforria de escravas – A Emancipadora" em São Paulo. (*https://www.santos.sp.gov.br*)

"A mulher que não conhece seus direitos não sabe e nem pode se defender" (A.D.)

Ao estimular a autonomia como propósito formativo almejamos uma mulher / cidadã reflexiva, adaptável, com senso crítico e visão integradora. Ela será capaz de articular várias discussões, com mais propriedade de pensar a imbricação, ou seja, sobrepondo com a sua prática.

A revolução é a harmonia da forma e da cor e tudo está e se move sob uma única lei: a vida.

Ninguém se aparta de ninguém. Ninguém luta por si mesmo. Tudo é tudo e um. (Frida Kahlo)

Há um ano fui convidada para participar do MOVMMESP, vou ser sincera que inicialmente não tinha muita noção do que vinha pela frente. Inicialmente achei que seria mais um grupo de mulher, em algumas Lives tentando colocar para fora suas angústias e algumas trocas de saberes. Ledo engano.

Já fui sendo surpreendida pela organização e forma de construção do grupo. Reuniões pelo Zoom para escolha das regras, votação para o regimento, isso foi cada vez mais me fortalecendo a ideia que era um grupo que eu queria e estava orgulhosa de estar fazendo parte.

Inicialmente o grupo do WhatsApp era como posso dizer, efervescente com muitas postagens, afinal cada uma queria mostrar suas produções, suas conquistas, suas angustias etc. Foi nesse momento que eu percebi a força desse grupo. Eu cheguei até comentar em um dos encontros no Zoom, que vendo algumas das postagens eu me sentia uma minhoca (diria até manca). O quanto eu, apesar de a priori fazer algumas atividades, poderia e posso fazer.

Então levei ainda mais a sério as atividades, participando de quase todas. Aceitei ser mediadora da **5ª LIVE – Mães e filhos LGBTQIA+ "Amor Acolhimento e ajuda"** em janeiro de 2022 onde convidei um casal de amigas Daniela Stazack e Flávia Bianco, onde a Flávia pode compartilhar de uma forma brilhante a sua trajetória como uma mulher Trans e pai de uma adolescente (de seu primeiro casamento).

Já tivemos várias trocas de experiências durante esse um ano de formação do grupo (parece ser muito mais, pela quantidade de aprendizado) e praticamente só estamos engatinhando.

Meu deslocamento nas atividades do Centro Espírita Alan Kardec – CEAK, eu posso dizer que também estou engatinhando. E fico feliz que cheguei no centro onde está ocorrendo uma mudança de paradigma, em que apesar de ser Laico Livre Pensador, "os meninos" ainda estão à frente das produções escritas, em grande maioria. Mesmo que o gerenciamento e o direcionamento já esteja há vários anos nas mãos das mulheres de forma natural e em concordância com os objetivos de uma casa que sempre se destacou por ser de vanguarda. Algumas mulheres já se lançaram em produções intelectuais, como apresentado anteriormente, mas em pequena escala. Esse ainda é um espaço

a ser também ocupado pelas mulheres do CEAK e de todo o Movimento Espírita progressista.

Por ser essa uma casa de vanguarda e pelo passado progressista, abolicionista e feminista da cidade de Santos, fica fácil de compreender a adesão natural e rápida dessas mulheres do CEAK ao Movimento Mundial de Mulheres Espíritas Progressistas.

Talvez o fato de as mulheres não ocuparem determinados espaços, seja justamente pela falta de sororidade. Uma mulher que se destaca, não recebe apoio de outra mulher, mas muitas críticas. Sororidade é algo que as mulheres ainda estão aprendendo a entender e a praticar, porque nós não fomos educadas para nos ajudarmos e sim para competirmos umas com as outras.

No MOVMMESP posso dizer que comecei a compreender um pouco mais o que é sororidade, que é dar esse total apoio à outra mulher, sem sentir-se ameaçada por ela.

Eu só tenho a agradecer pela oportunidade e por fazer parte desse grupo de mulheres:

Carla Guerra, Cynthia Locatelli, Elizabete Monson, Ivone Antunes, Luciana Cruz, Maira Bastos, Marcia Rahabani, Regina Celi Pedron, Rita de Cássia Fernández, Sandra Lia Chioro dos Reis, Sandra Regis, Sirléia Chioro dos Reis.

Que venham outras!



*"**A sororidade tem como objetivo redefinir o relacionamento entre mulheres através do respeito mútuo e da empatia.** Falar em sororidade é falar em união, e transmitir a ideia de que juntas somos mais fortes."*

Núcleos Espíritas Populares: uma proposta de Renovação

Sergio Mauricio Costa da Silva Pinto

Prólogo

As bacantes mostram mesmo a origem da tragédia grega,
que veio de uma poesia lírica celebrada nos festejos
dedicados a Baco, o deus do vinho.
Só muito mais tarde assumiria a forma teatral
com Eurípedes, Ésquilo e Sófocles.
Assis Brasil, prefaciando *As bacantes*, de Eurípedes.

Esse discurso pretende apresentar uma proposta de renovação do movimento espírita e, mesmo que diminuta, da sociedade em que ele se insere. E esse propósito é buscado por meio do uso da beleza teatral do texto de Eurípedes, servindo ao mesmo tempo como forma, desenhando um cenário de fundo para a discussão, e como conteúdo reflexivo, pois a tragédia bacante conduz o seu leitor a uma paráfrase possível da realidade espírita por meio do drama vivido por suas personagens. Se Eurípedes, em sua maturidade encanecida e ao escrever sua última e impactante obra, foi capaz de refletir sobre os deuses gregos e questionar a religião, a condição social das mulheres e o poder do estado sobre a vida privada, é também possível que o movimento espírita brasileiro, após seus mais de cento e cinquenta anos, seja capaz de refletir sobre seu caminho, seus méritos, seus desvios e atalhos e propor saídas para os problemas que tem enfrentado na realidade em que atualmente se encontra. Com esse propósito e esse pano de fundo, parte-se das reflexões e práticas históricas de Paulo Freire e das Comunidades Eclesiais de Base para propor uma nova forma de atuação do movimento espírita, voltada para um trabalho popular de conscientização e de promoção da transformação social. Esse novo caminho é nomeado nesse discurso de Núcleo Espírita Popular (NEP). Não sendo mais possível pensar

num movimento espírita que, por meio da atividade alienante e da caridade esmoler, contribui para manter os graves problemas sociais, contrariando tudo o que está proposto nos ensinos de Jesus e dos espíritos que auxiliaram Kardec, faz-se necessário ultrapassar esse estágio de fideísmo inócuo, focado exclusivamente na escatologia idealista e na soteriologia subjetiva, para avançar sobre a ideia central do Reino apresentada por Jesus quando se propôs a trazer para mulheres e homens a possibilidade da construção duma nova sociedade justa e fraterna, uma sociedade que não é desse mundo de opressão e indignidade. Para isso, faz-se também necessário pensar não apenas no objetivo principal, que é a continuidade da luta pela construção do Reino, mas refletir e propor caminhos objetivos para esse movimento ao mesmo tempo profundo e arriscado, haja vista a enorme resistência que será contraposta, como penteus contemporâneos, por todos os que se conservam em seus privilégios sociais, mormente dentro do próprio movimento espírita. Entretanto, essa é a tragédia a que está destinado o espiritismo, como um mensageiro de Dioniso, resgatar a originalidade revolucionária daquilo que foi trazido pelo homem nazareno, atuando como um educador das propostas dessa nova sociedade, conscientizando mulheres e homens do povo de seu papel histórico, social e político.

Párodo

Cadmo:
– De toda a cidade, só nós dançamos por Baco?
Tirésias:
– Só a nós o bom senso possui, aos outros não.
Os anciãos Cadmo e Tirésias se propõem a seguir as bacantes.

Que se dance, pois, como bacantes, ao som da música que entorpece a alma daqueles que anseiam por um mundo fraterno e se engajam na luta por essa utopia que pervaga por séculos as mentes dos que anteviram esse momento de profundo deleite material e espiritual.

E aqui se inicia esse breve discurso sobre uma proposta de ação transformadora do movimento espírita e da sua contribuição, mesmo que diminuta, para a transformação da sociedade em que está inserido.

Material e espiritual são aspectos da mesma realidade, não se os podendo apartar sem prejuízos à melhor compreensão da realidade. Não há mundos opostos ou separados, mas condições específicas e momentâneas que se sucedem e se interconectam de forma constante, não sendo possível, portanto, compreender um sem o outro e colocá-los de forma estanque num modo de ver o mundo que não traduz a complexidade do real.

A dualidade espírito e matéria é artificial e intenta, num discurso interessado, separar uma única realidade para dela extrair dos indivíduos uma subserviência incompatível com a libertação, objetiva e subjetiva, proposta pelo espiritismo. Não há um lugar no além e não há vida após a morte que se possam separar da concretude da vida material e mundana. Espíritos e indivíduos são a mesma e única realidade e vivem essa realidade de forma integrada e contínua, relacionando-se dialeticamente numa construção de caráter coletivo e individual, cujos momentos não se sucedem cronologicamente, mas se completam e se imbricam numa rede que move conjuntamente todo o real.

Essa premissa é fundamental para se compreender as propostas escatológicas espíritas, que não se confundem com um além imaterial, angelical ou divino, mas são, em verdade, um brado de reconstrução desse mundo concreto tão injusto e desigual, tal qual o anúncio dum reino feito por Jesus há mais de dois mil anos. Portanto, a proposta espírita, e como corolário a de Jesus, é um chamado àqueles que se alinham à utopia do Reino para se engajarem na luta por essa nova sociedade anunciada.

Muitas utopias foram antevistas e escritas ao longo da história, prenunciando um mundo diverso desse que se conhece. Utopias que falam dum mundo onde todos vivem em paz, com justiça e

dignidade, um mundo que não conhece a fome nem a guerra, não sabe o que é a pobreza nem a riqueza materiais e que a todos oferece os serviços essenciais, como educação, saúde e moradia, para a melhor experiência espiritual sobre o planeta. Esse mundo ainda é uma fantasia, pois jamais foi vivido de forma plena, nem mesmo naqueles territórios ou períodos que ousaram melhorar a vida de seus pares. Esse mundo onírico, por enquanto, só existe nas mentes e nos sonhos daqueles que não se permitiram enterrar sua indignação e sua dor diante da cruel experiência humana, vivida pela maior parte dos indivíduos presentes nesse vale de lágrimas.

Jesus é um desses visionários que propuseram um mundo mais humano, e o espiritismo é o eco que reverberou na modernidade essa esperança. Jesus e o espiritismo, nesse aspecto, são uma única coisa: o anúncio duma sociedade que não é desse mundo injusto, cruel e desigual. Portanto, não há a possibilidade de haver um espiritismo apartado das propostas revolucionárias de Jesus sobre esse novo mundo, um reino, como costumava a ele se referir para um público pobre e oprimido, onde haveria justiça e igualdade, onde não haveria fome nem sofrimento material, por fim, onde a vida seria plena e digna para todos, sem exceção; vida e dignidade em abundância.

Portanto, a ação social e espiritual espírita deve ser fundamentada sempre nessa unidade de espírito e matéria por meio de propostas objetivas que auxiliem não apenas a anunciar essa nova sociedade, o novo Reino de Jesus, mas também para se engajar na luta pela implantação dessa utopia revolucionária.

1º episódio: a contrarreação

De algumas me assenhoreei, agrilhoadas as mãos;
a essas, meus servos nos cárceres vigiam;
as outras, que estão longe, das montanhas farei sair, e,
prendendo-as em férreas cadeias,
os nocivos mistérios báquicos depressa cercearei.
Penteu, apresentando-se irado com as bacantes.

Há aqueles que objetivam, sob sombrias intenções, como *penteus* modernos, calar e agrilhoar os que apontam o caminho da beleza das propostas espíritas e que apenas pretendem a transformação do mundo e dos espíritos que com ele se relacionam, porque, afinal, "*aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música*"[1].

Veem-se, como uma debacle final, os reacionários se contorcendo em discursos indignados contra aqueles que pretendem, e farão, uma profunda mudança nos caminhos do movimento espírita, conduzindo-o aos trilhos necessários do engajamento dos espíritas no processo de anúncio e construção da nova sociedade utópica.

Eles reagirão. E, tal qual Penteu, terão vitórias pontuais aqui e ali, mas a alegria bacante será tão intensa e tão envolvente, que não serão capazes de barrar a mudança que se dará no movimento espírita. Eles serão como aqueles espíritos que trazem embaraços à marcha do progresso, mas jamais conseguirão contê-lo, pois a evolução é uma lei inexorável, ou, parafraseando Heráclito, a mudança é a única permanência. E aqueles que se colocarem contra a vaga irremissível da transformação serão por ela levados e terminarão exilados em suas próprias e entorpecidas subjetividades, apartados do mundo real.

O discurso mavioso de parte desse modorrento movimento espírita reacionário e conservador quer fazer parecer que sua postura sobre as questões sociais e políticas é neutra e sem vinculação ideológica. Essa argumentação, além de uma farsa teórica, por sua impossibilidade, é ardilosa pois escamoteia algo evidente para confundir e disseminar suas ideias contrárias ao progresso, trazendo para seu lado os incautos despreparados que se deixam emocionar por apelos irracionais, tocados em seus corações amargurados pelo peso nada leve das dores do mundo.

Não sem surpresa, mas com um horror imenso, constata-se a forma como esse ardil ocorre dentro desse movimento

[1] Essa frase de autoria anônima é erroneamente atribuída a Friedrich Nietzsche.

espírita acrisolado na jactância de si e alheio à realidade da vida do povo oprimido. Dum lado, médiuns, que vivem de suas produções bibliográficas de qualidade duvidosa e de recursos do estado e da sociedade civil, fazem discursos abjetos em eventos de autopromoção, eivados de inconsistências teóricas e práticas sobre questões sociais e políticas e de loas a figuras públicas de caráter dúbio, tratando-as como venerandas ou outras adjetivações burlescas. Doutro lado, instituições, inclusive algumas vinculadas ao triste movimento federativo, que fazem campanha aberta a favor de ideologias que propalam mentiras, negacionismos diversos, caos e morte. E são justamente os que falam absurdos como esses que são os primeiros a se abespinhar contra o movimento progressista transformador que vem trazer ares refrescantes ao fétido ambiente desse espiritismo inconsequente.

Portanto, é muito importante realçar que justamente aqueles que clamam por um movimento espírita social e politicamente neutro são os que levam em seu discurso a opção ideológica que mantém na sociedade todas as condições de opressão que causam a desigualdade e as injustiças diversas. Suas pretensões de neutralidade não passam de hipocrisia, pois, e eles sabem, logo intencional, falam de neutralidade na forma, mas o mérito é prenhe de ideologia subserviente. Não há neutralidade possível e todo discurso é político.

2º episódio: a denúncia

Já de Penteu a mansão se desmantela e desaba!
Dioniso está no palácio!
Venerai-o! – Venerado é!
– A pétrea arquitrave viste, sobre as colunasdeslocar-se?
É Brômio que brada sob esse teto!
O Coro bacante, saudando Dioniso.

Mas a alegria dionisíaca da renovação espírita brada sob os escombros morais e cognitivos dos palácios e instituições que ultrajaram por tanto tempo as propostas espíritas revolucionárias, pois não seriam mesmo capazes de conter o furor transformador da mensa-

gem que emana da utopia de justiça e fraternidade contida nas mensagens de Jesus e dos espíritos que auxiliaram Kardec. Os novos ares dessa alegria transformadora se espalham rapidamente sobre o movimento espírita, rompendo os lúgubres miasmas da infame proposta reacionária que dele se apoderou, fazendo ressurgir a luz e renovando as esperanças dessa proposta duma nova sociedade.

Uma nova leitura, uma hermenêutica mais atenta ao contexto completo das propostas, que não usa fragmentos de textos como arma retórica para justificativas vis, vem sendo elaborada por todos aqueles que abrem, pouco a pouco, seus olhos para aquilo que não se escondia por si, mas intencionalmente pela erística dogmática espírita. Havia ali, o tempo todo, nas respostas dos espíritos e no anúncio de Jesus, a mensagem de liberdade e de amor. Mas não um amor subjetivo, inoperante e vazio, e sim o amor que é capaz de mudar a realidade à sua volta, que é capaz de construir uma nova relação entre os indivíduos, uma relação de reciprocidade, respeito e justiça.

Não se pode falar de espiritismo sem se falar duma proposta de sociedade em que ninguém tenha fome, pois enquanto houver uma pessoa com fome, o espiritismo, e os espíritas, falharam objetivamente em sua ação social. Não é possível pensar um espiritismo que não esteja profundamente engajado na completa transformação desse mundo de fome e de miséria. Não há espiritismo presente quando se naturaliza essa situação opressiva. E não há espiritismo possível quando não se aponta explicitamente que o objetivo primacial da vida nesse mundo é "*instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais*"[2].

Portanto, falar em espiritismo progressista ou num Jesus revolucionário é apenas um recurso discursivo para evidenciar, redundantemente, aquilo que não se pode mais calar. E não haverá Penteu capaz de silenciar essa evidência utópica, sem que enfrente a reação maiêutica da alegria bacante do reanúncio desse novo mundo.

[2] KARDEC. O *livro dos espíritos*. Resposta à questão 573.

Que o espiritismo progressista siga então o seu caminho, sem olhar para aqueles que o pretendem parar, produzindo e elaborando ações pedagógicas e sociais, na direção única capaz de contribuir para uma revolução social dentro do próprio movimento espírita e da sociedade em que se insere. Essa é a sua finalidade precípua, sua única razão de existir, pois se esse espiritismo revolucionário não for capaz de agir no real, não de forma esmoler, mas de forma transformadora, já estará natimorto e vazio por dentro. Não se pode, portanto, sem o risco de anulá-lo desde o início, fazer desse espiritismo progressista uma reunião de pessoas progressistas dentro das mesmas bases históricas do movimento espírita federativo reacionário. A ação espiritual e material desse movimento deve estar pautada em bases radicalmente novas para alcançar a velha utopia, pois o que foi feito até então já mostrou à mancheia seu absoluto desserviço à sociedade.

O que aqui se pretende é apresentar uma proposta revolucionária de ação espírita que possa, mesmo de forma inexpressiva diante do monumental quadro de desgraça social em que se vive, contribuir para reanunciar o Reino e para lutar por sua implantação.

3º episódio: a fé

Ó mulheres bárbaras, que pânico imenso vos tomou,
para que estejais prostradas por terra?
Ao que parece, sentíeis que Baco
abalava o palácio de Penteu.
Vamos! Erguei vosso corpo e repeli de vossa carne
o pavor, tende confiança!
Dioniso, motivando as bacantes.

"*Tende confiança!*", diriam Dioniso e Jesus aos espíritas progressistas e bacantes, pois devem dançar sob os acordes dessa música divina que é o anúncio dum novo mundo. Não se prostem derrotados sob o horror das desgraças sociais que vigem nesse mundo de dor e sofrimento, governado por *penteus* indiferentes e insensatos. Um novo movimento abala as estruturas do velho,

que se desfaz a olhos vistos, mas que seu brado agonizante ainda incomoda e destrói. Planejem e façam as coisas acontecerem. Transformem desejo em fé e esse novo mundo será possível.

Como já dito, não existe uma experiência concreta, a não ser em casos bem limitados territorial e temporalmente, duma sociedade plenamente justa e fraterna. Isso ainda é, e será por um bom tempo, apenas uma vívida utopia na mente dos sonhadores que seguem anunciando essa ideia radical. E o espírita progressista, ouvindo os ecos de suas experiências pretéritas, sente-se intimamente chamado para desempenhar o papel histórico de também contribuir para anunciar e construir esse Reino com todos os espíritos, pois não passará essa geração de espíritos vivendo essa longa jornada terrena, de muitas vidas, sem que o Reino esteja implantado, como anunciou Jesus.

E isso é fé, não uma fé transcendente e subjetiva, ciosa dum mundo fora do mundo, mas fé concreta que se transmuta em deliberada ação de transformação do real, que atua no sentido de mudar as situações e condições que impedem o advento do Reino, uma fé que é mundana porque real. O espírita progressista acima de tudo crê que é possível modificar o mundo, e é a essa fé que Jesus se referiu ao dizer que ela é capaz de deslocar as montanhas que obstaculizam esse projeto de sociedade fraterna. Mas não basta apenas acreditar que um dia esse mundo onírico estará presente na Terra, pois isso não é fé, é desejo. Fé atua, age, transforma e realiza.

Como Dioniso a pedir confiança às bacantes, pois compreendia o vagar dos fatos, Jesus nos instiga a exercitar essa fé que, mesmo ainda incipiente, mesmo que do tamanho dum grão de mostarda, já traz consigo uma força propulsora de transformação indescritível. É preciso, pois, propor e fazer, sem expectativas grandiosas, as mudanças nas ações do movimento espírita, para que ele possa expressar plenamente a potência revolucionária nele contida e tão reprimida até então.

4º episódio: o anúncio

Coro
Que há? Das bacantes algo de novo anuncias?
Mensageiro
Morto é Penteu, o descendente de Equíon.
O Mensageiro anunciando a morte de Penteu.

Morto é aquele que pretende, como Penteu, impedir a vaga inexorável da mudança, pois a inviabilidade teórica e prática da ação conservadora traz em si o germe da sua superação. Dessarte, todo aquele que se coloca contra o porvir anunciado responsabiliza-se pelo impedimento sempre provisório, mesmo que duradouro, da alegria bacante, da felicidade do Reino, da nova sociedade justa e fraterna. É um morto diante da abundância da vida possível e prenhe de sentidos mundano e espiritual.

Para colaborar no anúncio e na implantação do Reino são necessários uma mulher e um homem novos, que compreendam criticamente a realidade à sua volta e sejam capazes, a partir dessa plena compreensão, de agir sobre ela, transformando-a para cumprir a utopia proposta por Jesus. É impraticável falar em implantação dessa nova sociedade sonhada sem que seus sujeitos estejam prontos para essa ação-reflexão crítica do mundo. E sujeitos de ação são sujeitos transformados, não por uma tola transformação íntima, subjetiva, incapaz de mudar paradigmas individuais e coletivos, portanto inexequível e inútil, mas transformados a partir da vivência concreta da experiência do espírito imortal na sua multivivência mundana, base fundante das experiências pedagógicas encarnatórias, haja vista não ser mais possível pensar o espírito imortal por meio de haveres e deveres vindicativos, mas por longos processos pedagógicos, logo dialéticos, que fornecem ao ser as múltiplas oportunidades que o formam e o completam.

O novo ser crítico e atuante, o bom samaritano, entende que não é possível transformar-se sem que seja por uma ação transformadora do mundo, porque também dialético, tal qual proposto por Jesus e pelos espíritos, e entende, por conseguinte, que

sua mudança se dará concomitante à mudança do mundo por ele promovida. Dessa nova compreensão humana, portanto espiritual, nasce a reflexão sobre a melhor forma do agir revolucionário no real, que transforma o mundo e autotransforma o sujeito, e não do agir conservador que mantém estruturas e sistemas e que causa, como consequência óbvia, a paralisia da reforma do indivíduo. Noutras palavras, a ação conservadora aliena o sujeito da sua realidade por não possibilitar sua transformação, agrilhoando-o numa situação passiva diante das necessidades evolutivas impostergáveis que o levarão "*de roldão*", ou, como diz Kardec, o progresso "*é uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada*"[3].

Necessário se faz, portanto, pensar e agir para que esse novo ser surja, a partir de suas relações dialéticas, transformando-se e transformando o mundo ao seu redor. E o movimento espírita precisa alinhar-se a esse projeto.

5º episódio: a pedagogia

Deve a cidade aprender, ainda que não queira,
nos báquicos mistérios não sendo iniciada,
que a Sêmele, minha mãe, defendo, e eu
aos mortais surjo como deus, por ela de Zeus concebido.
Dioniso, anunciando-se como deus a Tebas.

Tebas precisava aprender, no dizer de Dioniso, um deus, mesmo que ainda sem a exata compreensão daquilo que se propunha por meio da alegria transformadora das bacantes, os mistérios que a libertariam da alienada submissão aos caprichos dos opressores. Por isso, a ação proposta para a transformação do movimento espírita e para a sua contribuição à transformação da realidade à sua volta é necessariamente pedagógica, porque não será possível, jamais, a libertação social sem os recursos revolucionários da ação educativa. Mas, diferente de Dioniso, que por sua condição divina impôs o aprendizado transformador, ao novo movimento espírita caberá a atuação participativa com todos os envolvidos nesse processo pedagógico.

[3] KARDEC. *O livro dos espíritos*. Resposta à questão 781.

Ao dizerem, os espíritos que auxiliaram Kardec, que é preciso "instruir os homens" para lhes auxiliar o progresso e melhorar as instituições e que "*necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação*"[4], encontra-se aqui a afirmação da base evidente da atividade pedagógica para as mudanças sociais requeridas. E aqui não trata de educação subjetiva, moralizante no sentido íntimo, como inocentemente propõe Denis[5] como premissa para a solução dos problemas sociais, mas de caráter coletivo, que visa a um objetivo específico que é a transformação da sociedade numa nova experiência de convivência fraterna e sem oprimidos e opressores.

Não se trata, portanto, duma educação que pretenda apenas dar condições e técnicas para a inserção de indivíduos no sistema de exploração do trabalho, garantindo, minimamente, uma renda, mesmo que miserável, para sua subsistência. Definitivamente não é essa a proposta, porque ela não seria, como nunca foi, capaz de mudar as condições objetivas de vida da sociedade, mas apenas a de promover a reposição de peças descartáveis das engrenagens triturantes do sistema de opressão do trabalhador.

A educação proposta tem que ser capaz de despertar no grupo social, em que se encontra o novo movimento espírita, a possibilidade de compreensão plena da realidade e de sua ação objetiva na busca de sua transformação, pois uma educação incapaz de promover a autolibertação e a autoconscientização de todos os envolvidos não passa de recurso ideológico para a manutenção das condições de exploração do povo oprimido.

A autolibertação e a autoconscientização são as palavras-chave que definem os objetivos principais da proposta pedagógica a ser implantada pelo novo movimento espírita. E essa proposta só é original para o movimento espírita, não para a sociedade, pois outras experiências similares já foram executadas com sucesso, mostrando

[4] KARDEC. *O livro dos espíritos*. Resposta à questão 914.
[5] DENIS. *Socialismo e espiritismo*. p.63.

não apenas que esse caminho é possível, mas que é um caminho com resultados promissores e evidentes. E não se trata apenas de simples bons resultados, mas resultados que evidenciaram a capacidade de essa pedagogia revolucionar a realidade à sua volta, contribuindo para a construção de comunidades ativas social e politicamente e para a formação de atores sociais importantes para essas comunidades e para a sociedade como um todo.

Caberá, portanto, ao movimento espírita renovado a apropriação desse conhecimento prático e teórico para ser utilizado em suas atividades cotidianas, contribuindo assim, de forma eficaz, para o reanúncio e a implantação da proposta do Reino na sociedade, que é o fim precípuo do espiritismo.

6º episódio: a reflexão

"Conduz-me para lá, ó Brômio, Brômio,
o deus Evoé, das bacanais o arauto!
Lá estão as graças!
Lá está o desejo! Lá, às bacantes
as orgias é dado celebrar!"
O Coro bacante, ansiando por Dioniso.

E quem são esses anunciadores do novo cuja reflexão e prática serão capazes de conduzir a mudança que se insinua em suas utopias? Porque o anúncio não se basta sem a ação que a tudo transforma. Panos novos não reparam roupas velhas, é preciso, pois, denunciar e anunciar, destruir para reconstruir, e isso já vem advertido há muito, e não só pelas comparações de Jesus, também pela ironia socrática que, antes de propor a verdade, a tudo destrói sem, entretanto, esquecer de deixar a boia que resgatará a essência na forma já em ruínas. Tal qual o arauto Dioniso que, mesmo ciente da tragédia que se avizinha, sabe-a inevitável e entende sua função renovadora, anunciando a graça e a celebração bacantes que daí resultarão.

Há experiências pedagógicas marcantes na história contemporânea latino-americana e africana que obtiveram resultados

significativos de construção coletiva de autoconsciência e de formação de atores sociais e políticos, podendo-se citar duas mais lembradas: os Círculos de Cultura, coordenados por Paulo Freire e sua equipe no Brasil e na África, e as Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, coordenadas pela parcela progressista da Igreja Católica em quase toda a América Latina. E esses exemplos de movimentos sociais pedagógicos de promoção da dignidade humana devem ser estudados e compreendidos profundamente pelo movimento espírita a fim de capacitá-lo para a ação transformadora da realidade, servindo como material primeiro para a construção de nova experiência de ação espírita alinhada ao momento social e econômico atual.

Os círculos freireanos trazem, além da experiência na ação concreta no Brasil até 1964, no Chile na segunda metade dos anos 1960 e no continente africano nos anos 1970, uma base teórica importante a ser compreendida pelo espírita, pois, a partir de reflexões dessa proposta, será possível construir um cabedal teórico fundamental, porque os círculos eram

> *"grupos compostos por trabalhadores populares, que se reuniam sob a coordenação de um educador, com o objetivo de debater assuntos temáticos, do interesse dos próprios trabalhadores, cabendo ao educador-coordenador tratar a temática trazida pelo grupo. Surgem no âmbito das experiências de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte e Pernambuco e do Movimento de Cultura Popular. Não tinham a alfabetização como objetivo central, mas a perspectiva de contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade como seres humanos e se percebessem detentores de sua história e de sua cultura, promovendo a ampliação do olhar sobre a realidade. Nesse contexto, propõem uma práxis pedagógica que se compromete com a emancipação de homens e mulheres ressaltando a importância do aspecto metodológico no fazer pedagógico, sem desvalorizar, no entanto, o conteúdo específico que mediatiza esta ação, possibilitando a tomada de consciência do educando, mediante o diálogo e o desvelamento da realidade com suas interligações, culturais, sociais e político-econômicas."*[6]

[6] DANTAS; LINHARES. *Círculos de cultura*. p.73.

Para essa proposta renovadora de ação-reflexão é necessário o aprofundamento teórico para o melhor entendimento do método capaz de produzir libertação e extensiva participação democrática, além de superar o trágico silenciamento social e político das camadas populares, o que Freire chamou de "*cultura do silêncio*"[7]. Importa também observar que o método freireano aplicado nos círculos de cultura, apesar de muito conhecido como método específico para alfabetização de adultos a partir da sua gênese epistêmica em Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963, é, antes de tudo, um instrumento de infinitas potencialidades de formação do sujeito social, servindo "*como instrumento metodológico de construção do conhecimento e mesmo de investigação científica*"[8] e podendo, portanto, aplicar-se a quaisquer situações que objetivam a formação crítica do indivíduo em seu contexto político e social, inclusive espiritual, pois

> "*no círculo de cultura, o processo educacional se amplia de tal forma que, pelo diálogo, há um crescendo criativo de novas descobertas, individuais e coletivas, que não educa o sujeito apenas para um determinado saber ou fazer. Nesse círculo se prepara para a vida crítica em sociedade e para a redescoberta do próprio ser humano como tal e como ser social, que vive em permanente contato com os seus próprios limites e com as suas potencialidades no encontro e no confronto com o outro, com quem disputa poder, mas que ao mesmo tempo, reconhecendo-se diferente, ao se relacionar, se reconhece melhor no outro e, com a ajuda dele, enxerga melhor a si mesmo e pode, por conseguinte, intervir crítica e radicalmente no contexto, no mundo em que vive.*"[9]

Esse método é bem apresentado e discutido nas obras fundamentais de Paulo Freire, como *Pedagogia da esperança*, *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia do oprimido*, *Conscientização, Educação e mudança*, *Ação cultural para a liberdade*, *Cartas a Guiné-Bissau*, além de muitas outras.

---

[7] FREIRE. *Conscientização.* p.62.

[8] MARINHO. *Círculo de cultura*. p.74.

[9] FREIRE. *Pedagogia da autonomia*. p.171.

A condução freireana não é a única necessária nesse caminho de mudança, deve-se também pautar, para reflexão e ação, as contribuições teóricas da teologia da libertação, que, à revelia de sua imbricação com a doutrina católica dogmática, traz o mesmo anseio, ora anunciado, por um indivíduo renovado e atuante no mundo, e as contribuições práticas das CEBs, consequências imediatas da reflexão teológica de libertação.

Não se poderia apartar, sem prejuízos teóricos e práticos, a proposta metódica freireana da proposta de ação desse pensamento progressista católico, uma vez que as CEBs foram fortemente influenciadas pelo método freireano e, por outro lado, as reflexões freireanas também ecoam as propostas metódicas da teologia libertária católica, mormente seu método "ver-julgar-agir" que traduz também as influências marxistas dessas ideias. Apesar de a teologia da libertação ter surgido formalmente no início dos anos 1970, com o lançamento em 1971 dos livros *Teologia de libertação: perspectivas*, do sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez, e *Jesus Cristo libertador*, do sacerdote brasileiro Leonardo Boff[10], sua reflexão sobre método surgiu bem antes no seio católico, nos anos 1920, a partir das intervenções do padre Josef-Léon Cardijn junto à Juventude Operária Católica (JOC) belga. Em seus textos sobre o "ver-julgar-agir", Cardijn propõe etapas similares ao método freireano dos círculos de cultura: inquéritos sobre a realidade vivida pela juventude operária ("ver'), reflexões conjuntas entre clérigos e operários a partir dessas informações ("julgar") e planejamento e ações propostas ("agir")[11]. Evidente que há diferenças na práxis de Freire e de Cardijn, mas há também muitas semelhanças e a mesma influência do método dialético marxista, em que a concretude da vida humana se impõe como fonte primeira para qualquer ação-reflexão intentada.

A teologia da libertação, surgida no contexto de opressão e miséria da América Latina a partir de reflexões promovidas pelos Concílio Vaticano II e Conferência de Medellín e perseguida e calada pelo clero conservador e reacionário católico durante os

[10] BOFF. *Quarenta anos da teologia da libertação*.
[11] AUBERT. *Cardijn, o apóstolo da juventude trabalhadora*. p.63.

papados de João Paulo II e Bento XVI, é um grito de promoção do anúncio do Reino, é um apelo aos católicos ao entendimento do que é profundo e fundamental nos ensinos de Jesus, porque Jesus fez a justa e exclusiva opção pelos miseráveis de seu tempo, mostrando que não seria possível pensar a fé sem a devida práxis que promova a superação das diferenças sociais. No dizer de Leonardo Boff e Clodovis Boff,

> *"A grande pergunta que se colocaram nos inícios e que vale nos dias de hoje, pois trata-se da questão que vai julgar o cristianismo de nosso tempo, era e é: como ser cristão num mundo de miseráveis e injustiçados? A resposta não podia ser outra: só seremos seguidores de Jesus e verdadeiros cristãos se formos solidários com os pobres e vivermos o evangelho da libertação. De dentro das lutas sindicais, na defesa das terras e dos territórios indígenas, na luta pelos direitos humanos e em outras formas de compromisso surgia sempre a questão: que colaboração traz o cristianismo na prática e nas motivações pela libertação dos oprimidos?"*[12]

A única resposta possível à questão colocada foi o engajamento pragmático dos católicos, adeptos dessa proposta libertadora, na luta social por meio de projetos de autoconscientização e autolibertação que marcaram a história social e política brasileira durante os anos 1950 a 1980: as pastorais sociais e as comunidades eclesiais de base, que são a expressão prática da reflexão libertadora dessa hermenêutica teológica.

A CEBs, dentro do universo católico e com alcance que facilmente superou os milhões de fiéis, foi a maior experiência concreta a partir das reflexões de Paulo Freire e da teologia da libertação, uma expressão viva da proposta libertadora de Jesus, uma prática capaz de mostrar que não é apenas possível usar a fé como móvel de ruptura, mas como é possível o fazer. Frei Betto inicia seu texto sobre as CEBs com o seguinte desafio:

> *"A Igreja na América Latina está ante um sério desafio: sua pastoral é apenas um remendo progressista, mas historicamente*

[12] BOFF; BOFF. *Como fazer teologia da libertação*. p.18.

> *inconsequente que a liga aos sofrimentos do povo ou de fato visa a 'anunciar a boa nova aos pobres; aos cativos, a libertação; aos cegos, a restauração da vista; dar liberdade aos oprimidos e proclamar o tempo de justiça do Senhor'? (Lc 4, 18-19).*"[13]

E, afinal, o que pretende o movimento espírita? Continuar a ser um encontro de amigos de classe média que discutem reencarnação, mediunidade e corpos espirituais ou ser um projeto revolucionário em direção ao Reino anunciado? E o que fez Jesus, o modelo indicado? Ensinou sobre um reino de justiça e paz, semeou práticas libertadoras, alimentou famintos, vestiu desamparados e curou doentes ou apenas se reuniu em grupos de estudos para uma exegese profunda e dogmática do texto veterotestamentário? Essa escolha está colocada como um ponto de inflexão ao movimento espírita e dirá o que mulheres e homens fizeram dessa utopia que embala visões e sonhos revolucionários daqueles que não querem simplesmente mitigar e sustentar, mas transformar, seguindo o modelo proposto pelos espíritos.

Reflexões e práticas efetuadas pela teologia da libertação e pelas CEBs são materiais imprescindíveis para uma nova proposta espírita, à revelia de seu evidente caráter católico. Há muitas obras e artigos que apresentam o método "ver-julgar-agir", a concepção libertária da nova teologia católica e a práxis das CEBs, mas se indicam como introdutórias e fundamentais as seguintes obras: *Jesus Cristo libertador* (Boff), *Teologia de libertação: perspectivas* (Gutiérrez), *Como fazer teologia da libertação* (Boff e Boff), *Teologias da libertação para nossos dias* (Barros), *Cristianismo e marxismo* (Betto) e *O que é comunidade eclesial de base* (Betto).

Não se poderia deixar de referenciar os esforços de espíritas progressistas que, durante o séc. XX, buscaram pensar um espiritismo social e político, aproximando-o, mesmo com alguns problemas teóricos, da ideia do Reino anunciada por Jesus. Assim o fizeram nomes como Léon Denis, Cosme Mariño, Humberto Mariotti,

[13] BETTO. *O que é comunidade eclesial de base*. Prefácio.
[14] KARDEC. *O livro dos espíritos*. Resposta à questão 625.

Manuel Porteiro, Eusínio Gaston Lavigne, José Herculano Pires, Jacob Holzmann Netto, Cleusa Beraldi Colombo e diversos outros desconhecidos da maioria do reacionário movimento espírita. Faz-se urgente e necessário um estudo aprofundado dessas obras que introduzem o tema para uma prática libertadora do espiritismo.

Como prelúdio desse episódio, ressalta-se que todas as indicações feitas foram produzidas em determinados contextos que não podem ser negligenciados, contextos históricos, culturais e religiosos que determinaram a forma e o mérito das abordagens propostas. Portanto, é mister ao movimento espírita renovado um estudo crítico desses autores, haja vista a nova realidade vivida pela sociedade do séc. XXI e suas implicações culturais radicalmente diferentes, pois se a Dioniso coube a condução das bacantes, são elas efetivamente que pisam o chão que conduz à mudança, e todos os textos indicados são como luzes que iluminam o caminho, mas a caminhada ainda está por ser feita.

7º episódio: a ação

"Ah! Se lá estiveras, ao deus que ultrajas
havias de dirigir preces, depois de veres tais prodígios!
Boieiros e pastores nos reunimos,
discutindo uns e outros nosso parecer
sobre os prodígios praticados, tão dignos de admiração."
O Mensageiro advertindo Penteu.

Diante de prodígios e possibilidades histórico-sociais de práticas tão revolucionárias e dignas de admiração, continuar em ação estéril, como uma figueira sem frutos, afirmaria um ultraje do movimento espírita, mesmo progressista, ao que foi proposto por Jesus e pelos espíritos que inspiraram as obras kardecistas. Levantemos, pois, nossas preces, traduzidas em agir insubmisso, ao utópico Reino, reunindo-nos como trabalhadores da última hora na semeadura desse sonho, anunciando-o e construindo-o na única forma possível: libertando-nos todos a partir da nossa consciência plena do mundo e das relações humanas.

O movimento espírita precisa levar o discurso potente e transformador do espiritismo aos mais vulneráveis socialmente, mudando seu foco dos problemas superficiais e quase pueris dos abastados para a complexa realidade da indigência material e social dos desvalidos. Precisa conversar com os pobres, dialogar com os deserdados, ouvir e falar com os abandonados pela sociedade, e não apenas lhes dar eventualmente o alimento que sacia a fome de sentido de vida dos exploradores. O espiritismo precisa tornar-se popular, falar a linguagem do povo, para que não continue a ser essa tolice diletante que hoje cheira a naftalina nas casas e instituições espíritas sem um real objetivo transformador.

Um novo movimento espírita, reinventado, repensado a partir daquilo que hoje é apenas latente dentro das obras kardecistas, precisa ser libertado das amarras que intentam conservá-lo impotente dentro duma ortodoxia vã para que alcance seu propósito precípuo: a transformação do sujeito e da sociedade em que se vive, porque, afinal, o espiritismo é uma ferramenta poderosa de libertação e conscientização.

E como as propostas espíritas já trazem consigo esse poder transformador revolucionário, o que se precisa é colocá-las em ação. Essas propostas, que foram trazidas há mais de cento e sessenta anos por uma miríade de espíritos, são como ferramentas de auxílio nesse processo que, como se sabe pela lei do progresso, ocorrerá de qualquer forma, "*conosco, sem nós ou contra nós*"[15]. E o que aqui, pois, propõe-se é que se coloque o movimento espírita a favor desse processo, mudando o triste rumo em que hoje se encontra.

> *"A filosofia espírita só estará definitivamente arraigada no mundo no dia em que se dedicar à consideração filosófica, social e religiosa da chamada luta de classes. O problema desta luta absorve quase toda a atenção do homem contemporâneo. Seria um erro não reconhecer que todo pensamento espiritualista dos novos tempos só avançará se souber enfrentar esse*

[15] Frei Inocêncio Engelke, em carta pastoral à pequenina cidade mineira de Campanha, em 1950, mostrando sua preocupação sobre a ausência da Igreja Católica no processo de libertação do povo camponês. In: ALVES. *O cristo do povo*. p.47.

> *tremendo conflito, que se desenvolve entre as classes sociais. Não olvidemos que todo progresso da cultura só é possível no plano da consideração histórico-social. A filosofia espírita, se não tomar uma orientação desse caráter, realmente definida, tal como se deduz do kardecismo, ver-se-á diminuída e reduzida em sua ação, frente ao problema transcendental das questões sociais."*[16]

Assim, o argentino Mariotti corrobora o caminho necessário à condução das propostas espíritas por um renovado movimento espírita. O baiano Lavigne também segue por esse caminho, sugerindo pautas e uma agenda reformadora para o movimento espírita[17]. Em convergência com esses e outros espíritas progressistas, urge implantar uma agenda revolucionária de práxis pedagógica, partindo-se do conhecimento de reflexões e práticas que conduzam o indivíduo e a sociedade à sua nova condição anunciada.

Contudo, não se pretende propor apenas reformar o movimento espírita, arejando-o com ideias sociais e interpretações políticas, mantendo sua estrutura e suas instituições carunchosas[18], pois isso seria apenas remendar a roupa velha. Mas, a partir da compreensão espiritual e material das relações humanas contida nas obras kardecistas, auxiliar na transformação da sociedade, das relações de classes e da exploração do trabalho.

É preciso um novo movimento espírita que se apresente firme e claramente à luta contra todo tipo de exploração, contra todo tipo de discriminação e contra a precarização das condições materiais de vida. Isso significa que novas instituições, com novas práticas, precisam assumir esse papel essencial para a consecução daquilo que foi proposto como transformação da realidade por Jesus e pelos espíritos, porque não será possível fazer isso a partir das instituições que hoje, infelizmente, representam esse movimento espírita inócuo e sem serventia.

---

[16] MARIOTTI. O homem e a sociedade numa nova civilização. p.104.

[17] LAVIGNE. Os espiritualistas perante a paz e o marxismo. p.167.

[18] KARDEC. O livro dos espíritos. Comentários do autor à questão 783.

Portanto, a primeira proposta colocada a partir dessas reflexões é a organização de novos grupos e instituições que se pautem por uma visão transformadora. Mas não aquela transformação puramente individual, que ignora as relações humanas dialéticas, e sim a visão que compreenda que toda transformação humana passa necessariamente pela mudança radical nas relações sociais, porque, afinal, ninguém é capaz de se autotransformar ignorando as condições do contexto em que se situa.

Esses novos grupos e instituições devem ter como objetivo primacial a construção da estratégia de sua inserção na luta pela superação da cruel realidade social existente. Suas reuniões, estudos, conferências e ação social devem ter esse maior propósito colocado como horizonte, como meta à sua atuação, exemplificando o poder revolucionário da filosofia espírita. Afinal, de que adianta decorar perguntas e respostas de livros e não ser capaz de usar esse tipo de conhecimento para transformar o mundo ao seu redor? E transformar não é apenas dar o pão no momento de fome, o que é importante, mas construir uma sociedade em que mulheres e homens não tenham mais que sentir fome.

Muito se ouve e se lê de espíritas progressistas sobre a necessidade de se ocupar espaços espíritas existentes, numa luta inglória e ineficaz para levar seu discurso aos ouvintes de determinada instituição. Entende-se que essa estratégia não traz os resultados necessários por dois motivos principais: a) o público dessas casas espíritas não interessa ao movimento espírita progressista, pois seu foco deve ser o povo, a classe trabalhadora que precisa, além de justas condições materiais de vida, de consciência social e política e de educação; e b) as instituições espíritas conservadoras –pois intentam conservar o *status quo* da sociedade– são como roupas velhas, carcomidas, nas quais um remendo qualquer só será capaz de fazê-las rasgar, sem entretanto se as fazer transformar. Seus odres estão velhos e o vinho novo ofertado não terá o condão de os melhorar.

E, indo um pouco além, deve-se abandonar definitivamente tolos escrúpulos e cuidados com as propostas de união ou unificação do movimento espírita. Não interessa a nenhum espírita progressista unificar-se ou unir-se a ninguém para uma luta inconsequente e que não tenha como objetivo claro a transformação da realidade social. Pois se não houver explícito interesse nessa transformação, a omissão pusilânime atuará como resistência a essa proposição, ou seja, "*aquele que não está comigo está contra mim; e aquele que comigo não ajunta espalha*"[19].

Afinal, não interessa e não basta aos espíritas progressistas apenas compreender a realidade, incluindo-se a condição da imortalidade, mas ser capaz de agir coletivamente para a transformação dessa mesma realidade[20].

A partir do claro entendimento do objetivo transformador das propostas espíritas, não no sentido individual, mas coletivo, porque não é possível transformar-se sem a transformação de toda a sociedade, o que se propõe é a mudança da atuação do movimento espírita no sentido de se tornar instrumento na busca das mudanças da sociedade desigual e injusta em que se vive.

E isso é radical e revolucionário, pois não se parte da proposta de evangelização, no sentido clássico, apartada do contexto vivido por todos, que pretende apenas formar prosélitos de classe média e experienciar a prática da caridade como simples entrega de fardos e itens aos pobres, como se esses fizessem parte duma outra realidade, dum outro mundo.

Os ensinos de Jesus e dos espíritos são recursos valiosos que podem, e devem, compor um mosaico de ações que promovam a construção da autoconsciência transformadora do povo, pois um povo alheio à sua realidade social, econômica e ambiental e à sua identidade jamais conseguirá dar passos no sentido da

[19] Jesus, em E*vangelho segundo Mateus*, 12, 30.

[20] Referência à décima-primeira tese sobre Feuerbach, de Karl Marx. In: MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*. p.14.

superação de suas mazelas e dificuldades. Portanto, se se pretende verdadeiramente promover a transformação proposta nos ensinos evangélicos e espíritas, é preciso antes de tudo atuar no sentido de possibilitar ao povo a elaboração de sua autoconsciência, ou seja, o foco do novo movimento espírita dever ser o trabalho de conscientização.

E não deve haver pretensão de protagonismo nessa tarefa, pois a conscientização é uma conquista de determinado grupo ou de toda a sociedade. Ela não é algo dado por um terceiro, mas construída a partir da própria realidade em que se vive, pois só quem a vive é capaz de dela tomar consciência. Caberá, portanto, ao novo movimento espírita entender seu papel de ferramenta, de meio, de instrumento, de mero auxiliar que facilita a conquista dessa consciência social.

Os núcleos espíritas desse novo movimento, nomeados nesse discurso de Núcleos Espíritas Populares (NEPs), devem, preferencialmente, estar vinculados a comunidades populares, de trabalhadores, para, junto com eles –e jamais para eles–, promover atividades e reflexões, com o apoio indispensável dos ensinos evangélicos e espíritas, que contribuam para a construção da consciência crítica de todos os envolvidos.

Portanto, não haveria espaço nessa nova proposta de ação-reflexão para palestras evangélicas alienantes ou reuniões de estudos de caráter dogmático e ortodoxo. Isso porque não há uma doutrina a ser ensinada, não há um fiel a ser conquistado, mas uma tarefa de construção de consciência coletiva a ser feita por meio das transformadoras propostas espíritas, já que o que se objetiva não é um profitente espírita, mas um sujeito liberto e consciente. Ou, como diz Freire, "*quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores*"[21], e o que se pretende é o contrário da dominação: é a libertação.

[21] FREIRE. *Pedagogia do oprimido.* p.67.

Reuniões, estudos, eventos devem então se pautar pelo diálogo e pela participação intensiva de todos. E qualquer reflexão de caráter espiritual e evangélico deve partir da realidade concreta em que vive a comunidade que se insere o núcleo espírita popular. Muitas reflexões, diálogos e estudos espíritas podem ser feitos a partir das condições concretas da vida do povo, como as dificuldades das relações de trabalho, as condições objetivas do bairro em que se vive, a moradia, as dificuldades enfrentadas pelas famílias trabalhadoras no acesso à educação e à saúde, os problemas enfrentados por negros, mulheres e LGBTs da comunidade, a violência urbana, as drogas etc. E, a partir da análise desse contexto socioeconômico e da reflexão dos textos espíritas, usando os métodos já citados, será possível encontrar não só o consolo proposto por esses textos, mas a força para transformar a situação concreta, que é o valor maior dos ensinos evangélicos.

Esses novos núcleos espíritas devem também promover incansavelmente a auto-organização em todos os sentidos. Primeiro, a auto-organização do trabalho, motivando o trabalhador a participar de cooperativas, movimentos sociais, organizações de bairro e sindicatos profissionais, mostrando que é por meio da luta coletiva que se conseguirá transformar a realidade, jogando por terra o discurso hegemônico e falacioso da meritocracia individual. Segundo, é preciso também fazer com que o próprio núcleo espírita seja auto-organizado, que a própria comunidade dirija e decida os rumos desse novo movimento espírita. A classe média, maioria dentro do movimento espírita conservador, precisa abdicar de seu protagonismo e ser mero instrumento da promoção da participação popular na organização desses novos núcleos.

Por fim, as atividades de caridade material, necessárias dentro das comunidades populares onde vive o povo trabalhador, devem-se nortear pela reflexão e decisão conjuntas e pelo auxílio mútuo. Ou seja, é a leitura da realidade concreta, feita com a participação de todos, que deverá pautar as ações a serem tomadas por todos, incluindo obrigatoriamente a própria comunidade. Não

há simplesmente doação de cestas básicas, roupas ou que tais sem que toda a comunidade participe da definição de suas necessidades e da própria atividade de auxílio mútuo. Portanto, não é apenas um doar alienante, mas uma ação que constrói relações coletivas e promove a consciência libertadora.

Os espíritas e suas instituições precisam mover-se nessa direção, única possibilidade de dar sentido ao próprio espiritismo enquanto anunciador e promotor do Reino. Mas as propostas de ação popular acima colocadas não passam de orientações, "*porque o trabalho popular é mais uma arte do que uma ciência*"[22], e todo processo pedagógico transformador e revolucionário é um aprendizado dialético, que se vai forjando na própria prática libertadora.

Êxodo: a conclusão

"O povo todo, sem demora, dançará em sua honra,
–quem quer que dirija os tíasos, outro Brômio é–
dançará rumo à montanha, à montanha."
O Coro anunciando que a mudança é certa.

Todos que se dispuserem a anunciar o novo Reino de fraternidade e a dançar as suas alegrias serão como novos mensageiros dionisíacos a iluminar o caminho que conduzirá às montanhas de justiça e bem-aventuranças, dirigindo tíasos cristãos e transformando-os em seguidores da mensagem de Jesus.

Se há sincera pretensão de o movimento espírita ser mais do que um remendo progressista, que não auxilia o processo de transformação da sociedade, mas, ao contrário, sustém a injustiça e a desigualdade sociais, será necessário, com a urgência que a situação atual exige, alinhar-se efetivamente às propostas libertadoras de Jesus, assumindo finalmente o papel proposto pelos espíritos, e engajar-se num projeto pedagógico de cooperação na libertação e na conscientização dos oprimidos, pois apenas esse tipo de ação será capaz de anunciar o Reino entre mulheres e homens e de lutar por sua efetiva implantação.

[22] BOFF. *Como trabalhar com o povo e com os excluídos*. p.9.

Não há outro caminho possível, e essa é a mensagem profunda e libertadora de Jesus, para a transformação humana que não seja por meio do trabalho, ao mesmo tempo miúdo e extenso, na luta pela conscientização do oprimido. Não, não há outro caminho, e é apenas nele que os espíritas e suas instituições deveriam atuar como seguidores dessa mensagem, preparando-se da melhor forma para essa tarefa libertadora.

Um espiritismo insosso e inócuo, que se propõe apenas a discutir temas fúteis e comportamentais, não tem valor para a transformação em direção ao Reino. E a construção desse Reino demanda verdadeiros espíritas que se proponham à ação-reflexão para promover a autolibertação e a autoconscientização do povo oprimido, conforme a explícita escolha de Jesus. E isso só será possível com um novo movimento espírita construído a partir do conhecimento de reflexões e práticas acima apresentadas, que mediarão a análise e o agir sobre o mundo contemporâneo. Sem esse conhecimento básico, não será possível, ao espírita renovado, a adequada formação para o servir.

Há muito a fazer. Há um novo movimento espírita justo e fraterno a ser construído e uma sociedade a ser transformada. À ação, espíritas!

Créditos: a bibliografia

ALVES, Márcio Moreira. *O Cristo do povo.* Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

AUBERT, Roger. *Cardijn, o apóstolo da juventude trabalhadora: a mensagem da JOC para os jovens do mundo operário*. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra, 1999.

BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o povo e com os excluídos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. *Quarenta anos da teologia da libertação*. Comissão Pastoral da Terra, Goiânia, 11 de ago. de 2011. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/artigos/751-quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao>.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Angela Maria Bessa. *Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular*. II Caderno de Educação Popular em Saúde, Brasília, p. 73-76, 2014.

DENIS, Léon. *Socialismo e espiritismo*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2022.

EURÍPEDES. *Medeia, as bacantes e as troianas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28. ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2003.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 93. ed. Brasília: FEB, 2019.

LAVIGNE, Eusínio Gaston. *Os espiritualistas perante a paz e o marxismo*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2022.

MARINHO, Andrea Rodrigues Barbosa. *Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.125. 2009.

MARIOTTI, Humberto. *O homem e a sociedade numa nova civilização*. São Paulo: Edicel, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 3. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

Contribuições para um pensar espirita decolonial

Lidia Valesca Pimentel[1]

Introdução:

O tema da decolonialidade espírita surgiu de um desassossego entre as muitas questões trazidas no cenário do movimento espírita contemporâneo no Brasil, as produções recentes das ciências humanas a partir de uma reflexão decolonial e dos diálogos possíveis no lastro dos debates sobre o racismo, as questões sobre igualde de gênero, a desigualdade social, a justiça entre outros trazidos pelo movimento espirita progressista da atualidade.

Trata-se de uma reflexão epistemológica tecida num diálogo de dentro para fora, entre a pensamento espírita e as ciências sociais contemporâneas numa perspectiva decolonial, livre de dogmatismos conceituais ou religiosos. A discussão perpassa o entendimento que a filosofia espírita, escrita por Kardec e pelos espíritos, nascida sob influência moderna, com forte influência iluminista, tratou diversas questões com olhar afeito ao seu tempo e, portanto, com uma vertente colonial típica da ciência do sec. XIX.

Mesmo tendo trilhado vários elementos da ciência e da filosofia do seu tempo, Kardec inovou e rompeu em certos aspectos com as bases cientificas para produzir uma "epistemologia do espírito". Superou o materialismo da ciência, propiciou um debate moral com as questões modernas, rompeu com os tradicionalismos religiosos, mas operou com a mentalidade de um europeu e não esteve isento dos valores coloniais.

---

[1] Cientista Social, mestre e doutora em Sociologia pela UFC. Membro do Coletivo Girassóis - Espiritas pelo Bem Comum, de Fortaleza/CE. Integrante do Movimento Mundial de Mulheres Espiritas pelos Direitos Humanos. Associada a CEPA e ao Cpdoc.

A ideia de escalonar a moral humana em evoluídos e primitivos, realizada pela nascente Antropologia, já foi superada por seus autores há bastante tempo, desde que que passaram a investigara a cultura com o método etnográfico, que ousaram sair de seus gabinetes para ver e sentir as culturas pelas lenes dos próprios "nativos".

A literatura espírita influenciada pela visão de seu tempo, também poderá fazer a mudança da mentalidade colonial? Essa é a questão chave do debate proposto por essa pesquisa ainda em curso, levando em consideração a importância ética da autodeterminação, emancipação das culturas e a recusa de toda forma de opressão. Desse modo, pretendemos adentrar ao pensamento espírita com proposito de contribuir com uma crítica epistemológica, capaz de produzir um pensamento livre de qualquer traço de racismo, nacionalismos, superioridade religiosa etc.

As perguntas de partida são as seguintes: Como as noções de progresso e evolução refletidas nas obras de Alan Kardec, notadamente no *Livro dos Espíritos*, tratou as culturas não europeias? De que modo os valores coloniais de "superior" e "inferior" podem ser repensados a partir de traços não discriminatórios e racistas?

Como os objetivos de Compreender como os elementos racionalistas da modernidade corroborou para o conceito espírita de evolução e progresso, notadamente as que foram descritas em *O Livro dos Espíritos*; Dialogar com os pressupostos decoloniais, sistematizando os elementos para uma prática multiculturalista, humanista e pluralista com as cultuas e as diversidades humana. .

A metodologia utilizada foi bibliográfica e exploratória, o trabalho realizou o exame de trechos de *O Livro dos Espiritos*, notadamente na parte terceira, "Das Leis Morais", numa perspectiva critica, com uma interface com a epistemológica decolonial, especificamente o capítulo VIII Da Lei de Progresso. A dialogicidade com o pensamento decolonial é decorrente das análises de autores não espiritas, com fundamento humanista.

1. A influência colonial no pensamento espírita do século XIX

O pensamento colonial, que se deu de modo diferenciado entre os Sec. XVI, com a expansão de mercados nas américas e o imperialismo na segunda metade no sec. XIX, com as dominações dos territórios de África, Oceania, Asia que trouxe efeitos nefastos, como a usurpação de seus recursos naturais, dominação política, violências religiosa, racismo, dizimação de povos e suas culturas.

O projeto colonial foi um empreendimento que teve sua base ideológica no entendimento universal de homem à imagem e semelhança do europeu, com padrão de civilidade típicos da cultura ocidental, legitimados a partir de conceitos evolucionistas, em escalas de evolução social e moral, elaboradas pelos próprios colonizadores, legitimadas pelas ciências para a manutenção das ideias eurocêntricas de inferiorização das culturas com as teorias fundamentadas no darwinismo social. A Sociologia e a Antropologia, nascentes nesse período, seguiam os rumos das ciências naturais, que lhe forneceram os parâmetros, em especial a biologia. Na Filosofia, o humano visto como o ser universal desconsiderou as diversas formas de racionalidades e saberes locais. A noção de homem foi tomada a imagem e semelhança do europeu.

Desumanizar e inferiorizar os povos colonizados, tratando-os como bárbaros, selvagem e grosseiros foi a estratégia utilizada para a dominação e extermínio dos povos não europeus, num empreendimento que Quijano (2005) chama de poder colonial. Para os propósitos desse artigo, importante diferenciar a colonização e o poder colonial. O primeiro diz respeito ao processo de colonização territorial e o segundo numa perspectiva epistêmica, capaz de produzir um poder sobre o pensamento do outro e destituindo de suas verdades fundamentais. Mesmo diferente, esses dois processos foram complementares na produção de um conhecimento hegemônico que serviu de base para o poder do ocidente.

Decorrente da modernidade, o novo processo civilizador no ocidente, baseado na razão cientifica, no desenvolvimento do

capitalismo gerou o que Max Weber (1995) chamou de "desencantamento do mundo". O cerceamento da magia, da intuição, da imaginação e do sonho que deu lugar a racionalização e dessacralização do mundo, dando a ciência o poder e controle sobre a natureza, sobre o corpo e sobre a moral.

A física moderna seguiu os parâmetros de René Descartes e Isac Newton que elaborou a ideia de que o universo é como uma máquina, movido por leis gerais e imutáveis na qual o homem é parte integrante. CAPRA (1995 p. 61) nos diz que "*A concepção mecanicista da natureza está, pois, relacionada com um rigoroso determinismo cósmico, em que a gigantesca máquina é completamente causal e determinada*". O mecanicismo newtoniano aprimorou o modelo de pensamento cartesiano que separou corpo e alma, assim como separou o conhecimento entre as ciências físicas e as ciências humanas, tendo a física como mãe de todas as ciências.

É nesse contexto que viveu Alan Kardec numa sociedade que se secularizava rapidamente, com um grande apelo a ciência. Sua atuação como pesquisador foi capaz de juntar filosofia, ciência e religião, criou um conjunto de ideias que reverberou entre os intelectuais do seu tempo, obtendo adeptos e críticos no novo sistema de conhecimento. Em *O Livro dos Espíritos* faz, no primeiro momento, uma distinção entre as ciências positivas e uma outra forma de conhecimento necessária para estudar o Espírito. A ciência que investiga os fenômenos espirituais é de uma outra alçada, já que não tem por objeto a matéria:

> *Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter (...) Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a encontra, debaixo do seu escalpelo, como encontra um nervo, ou porque não a vê evolar-se como um gás, conclui que ela não existe, colocado num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se que tenha razão contra a opinião universal? Não. Vedes, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência*. (KARDEC, Alan, p. 31)

Apesar de construir um caminho próprio de investigação cientifica, numa perspectiva do "paradigma do espirito", Alan Kardec desejou estabelecer uma conexão e complementaridade com a ciência, deixando para a própria ciência a refutação dos critérios de verdade, eliminando o que não deve ser aceito pela doutrina dos espíritos:

> *O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação*. (Kardec, 2013 p. 28)

De que ciência fala Kardec? Do que existia em seu tempo e que já vinha se fazendo antes. O conhecimento dos magnetizadores, alquímicos que buscavam explicações acerca da sobrevivência da alma, realizavam experiencia com médiuns, com métodos de observação originais, buscando, sobretudo, a comprovação da existência do espírito, a existência do fluido cósmico universal, etc. como fez Mesmer, no final do sec. XVIII.

O codificador do espiritismo lançou seus esforços para produzir um conhecimento entre as realidades material, do corpo físico e as espirituais, na imanência do ser, abrindo campo para as questões ético-morais. Estudar as mesas girantes e os mecanismos que possibilitavam a comunicação entre os mundos dos vivos e dos mortos, ultrapassaram a mera curiosidade fenomênica para adentrar às questões de natureza filosóficas e sociais, que produziram uma proposta de rota para a humanidade.

Kardec fornece uma pista sobre a mentalidade dos espíritos que responderam as questões que deram origem ao *Livro dos Espíritos*: "*... seres que não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição* (KARDEC, 2013 p. 47)". Nos prolegômenos do LE, assinam espíritos que trouxeram a herança grega e cristã para obra.

Já os médiuns, duas jovens foram as principais atuantes:

> *Todas as terças-feiras, Rivail freqüentava a casa da senhora Boudin. Julie, a moça de 14 anos, e sua irmã Caroline, de 16,*

> *psicografaram quase todas as questões do Livro dos Espíritos. Como a identidade das duas foi mantida em segredo por muitos anos, sabe-se pouco sobre elas. O que se sabe é que Julie era uma médium passiva, inconsciente do que escrevia.* (FONSECA, 2017 online)

Desse modo, as linhas gerais que perpassam O Livro dos Espíritos apontam para uma concepção universal de homem, com uma visão jusnaturalista e uma cosmologia que tem Deus como artífice de leis naturais e perfeitas, retirando o véu do "misticismo religioso" típico das tradições judaicos-cristãs, se aproximando das ciências metafisica. É um conjunto de ensinamentos sobre a vida além da vida, a pré-existência da alma, a vida em sociedade e a jornada evolutiva do homem a partir de lições éticos-morais inspiradas no Cristianismo.

2. Noção de progresso e civilização moderna, o contraponto ético do Espiritismo.

A modernidade que teve seu cume com o iluminismo, significou a ruptura com a tradição de mais de mil anos dos valores medievais. As luzes que iluminaram o novo tempo trouxeram consigo a ideia de progresso, um sentimento de otimismo com a modernidade e as transformações que desmantelaram as estruturas feudais. A formação dos Estados nação, a ampliação do capitalismo, o desenvolvimento tecnológico, a autonomia individual, a urbanização e os novos costumes davam ares de um novo tempo que encerrava em definitivo a idade média. Um novo mundo nascia e uma "civilidade" se tornava referência para humanidade, como projeto de poder e dominação econômica e social.

Segundo Norbert Elias (1990) o conceito de civilização foi construído no ocidente para o homem ocidental pudesse dar sentido a si mesmo. Na França, em especial, adquiriu o sentido de oposição a barbárie e os bons modos da corte. Significava também o nível de sua tecnologia e o desenvolvimento de sua cultura cientifica ou visão de mundo.

No tempo de Kardec um intenso debate se fazia entre os intelectuais, políticos, pensadores que se dividiam entre os progressistas e os conservadores. Uns viam na nova realidade um grande impacto de transformação nos costumes, outros, viam com otimismo o capitalismo industrial. O contexto na segunda metade do século XIX era desafiado pelas contradições, como o desemprego, a fome, as epidemias, aumento das violências, do suicídio, da criminalidade etc.

No *Livro dos Espíritos*, na parte terceira, intitulada Das Leis Morais, Kardec organiza um conjunto de questões sobre a vida humana no âmbito da vida social, com as leis de igualdade, sociedade, de destruição, de trabalho etc. Tais leis estão submetidas ás leis divinas, que são eternas e imutáveis. Nessa ideia há uma correlação entre a vontade divina e a vontade humana. É a partir das leis divinas que deve ser guiada a vida material e moral.

> *Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar suas leis, por imperfeitas. As de Deus, essas são perfeitas. A harmonia que reina no universo material, como no universo moral, se funda em leis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade*. (KARDEC, 2013 p. 295)

Kardec inicia a questão, a partir das respostas dos espíritos, fazendo uma distinção natureza e sociedade, mesmo a despeito do que foi dito acima, acerca da necessidade de uma conjunção entre a leis divinas e as leis humanas, sendo a leis divinas naturais e a civilização corresponde a uma oposição a natureza. Os espíritos esclarecem que o estado de natureza é uma coisa e as leis naturais, outra. As leis naturais, como já dissemos, são as divinas.

Serão coisas idênticas o estado de natureza e a lei natural?

> "*Não, o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, ao passo que a lei natural contribui para o progresso da Humanidade.*" *O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo perfectível e trazendo em si o gérmen do seu aperfeiçoamento, o homem não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza,*

> *como não o foi a viver eternamente na infância. Aquele estado é transitório para o homem, que dele sai por virtude do progresso e da civilização. A lei natural, ao contrário, rege a Humanidade inteira e o homem se melhora à medida que melhor a compreende e pratica*. (KARDEC, 2013 p. 358)

A respostas dos espíritos a Kardec concorre para um entendimento contratualista de sociedade já preconizado pela filosofia de Hobbes, Locke e Rousseau, sendo esse último contrário a ideia de o estado de natureza como inferior[2]. A filosofia contratualista, interessada em compreender a formação dos Estados modernos, também adquiriu traços evolucionista, é através do contrato social os homens deixam o estado de natureza para fundar o estado civil.

Immanuel Kant, como pensador contratualista, também trabalha com a dicotomia entre estado de natureza X estado civil. Para ele o estado de natureza é uma formulação abstrata, provisória e pré-civilizatória e a lei natural é resultado da razão humana que guia através do imperativo categórico a consciência ética, a mesma razão que iguala todos os seres humanos. Esse é mais um ponto de convergência da Filosofia política contratualista com o pensamento Espírita.

A civilização é no pensamento dos espíritos um estado de adiantamento, quando indagados sobre a felicidade de viver em estado de natureza, aos moldes que pensava Rousseau, os espíritos respondem:

> "Que queres! é a felicidade do bruto. Há pessoas que não compreendem outra. É ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes do que os homens feitos." (KARDEC, 2013 p. 356)

Nesse modo de pensar, os povos colonizados eram os estavam na "infância da humanidade", considerados "selvagens" que viviam uma cultura de integração com a natureza, agrarias,

[2] O pensamento de Rousseau torna-se ainda mais importante nessa discussão porque tem uma visão critica da sociedade. Rousseau está numa citação de Kardec na Revista Espirita, em uma comunicação na Sociedade Espirita de Paris dando um depoimento pessoal sobre seu isolamento nos últimos anos de vida.

politeístas, matrilineares, míticas. Os colonizadores chamaram os habitantes da África de "fósseis vivos" (COSTA, 2010), pois não imaginavam que uma sociedades aos moldes antigos ainda se mantivesse cristalizada em pleno século XIX. Tratava-se de uma concepção linear da história, permeada de discriminação advinda de seu sentimento de superioridade.

Nas respostas dos espíritos, a lei de progresso é a consequência do processo de evolução humana em que as culturas mais avançadas auxiliam as menos adiantadas. Os europeus levando civilidade aos povos colonizados. Essa é a questão chave para a elaboração de uma crítica do processo de transmigração dos espíritos para outros mundos mais adiantados ou atrasados.

Uma perspectiva nova aparece a partir da questão 780 com novo rumo ao entendimento de progresso. Kardec pergunta:

> - O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?
> "*Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente.*"
>
> - Como pode o progresso intelectual engendrar progresso moral?
> "*Fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.*"
>
> - Como é, nesse caso, que, muitas vezes, sucede serem os povos mais instruídos os mais pervertidos também?
> "*O progresso completo constitui o objetivo. Os povos, porém, como os indivíduos, só passo a passo o atingem. Enquanto não se lhes haja desenvolvido o senso moral, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. O moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se.*"

A partir da questão 781 o progresso é apresentado num viés ético, podendo existir uma civilização incompleta. Podemos inferir com isso que a civilidade e progresso só existirão com a prevalecimento do bem e uma sociedade justa e fraterna. Marcelo Gulão Pimentel (2019) em sua tese de doutorado nos elucida que

o Espiritismo nascente se deu em meio a outros pensamentos, como a palingenesia e a metempsicose já divulgado por pensadores que criaram na França iluminista um ambiente de difusão das ideias de imortalidade da alma e progresso entre os revolucionários republicanos, assim como na literatura romântica. Havia nessa visão, o entendimento que o progresso seria indultou de reforma social e um ideal de humanidade. Essa pode ser a chave que pode abrir para um valor humanístico do Espiritismo a despeito de sua marcada influência colonialista.

A ideia de marcha do progresso na humanidade e o consequente aperfeiçoamento humano que tem nas revoluções o germe da mudança até a chegada de um novo tempo:

> Segue sempre marcha progressiva e lenta o aperfeiçoamento da Humanidade?
>
> "*Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto devera, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.*" *O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinalou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações.*

A guiança ética capaz de mudar os rumos da cultura humana deu ao Espiritismo um caráter progressista, um horizonte animador de ação no bem e no justo que quando não são conquistados, a civilização estará incompleta, como diz os espíritos a Kardec:

> *A civilização tem os seus graus, como todas as coisas. Uma civilização incompleta é um estado de transição que engendra males especiais, desconhecidos no estado primitivo, mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que leva consigo mesmo o remédio para aqueles males. A medida que a civilização se aperfeiçoa, vai fazendo cessar alguns dos males que engendrou, e esses males desaparecerão com o progresso moral.* (*O livro dos Espíritos* questão 793)

E continua Kardec:

> *De dois povos que tenham chegado ao ápice da escala social, só poderá dizer-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele em que se encontre menos egoísmo, cupidez e orgulho; em que os costumes sejam mais intelectuais e morais do que materiais; em que a inteligência possa desenvolver-se com mais liberdade; em que exista mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; em que os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos enraizados, porque esses pré-juízos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; em que as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para o último como para o primeiro; em que a justiça se exerça com o mínimo de parcialidade; em que o fraco sempre encontre apoio contra o forte; em que a vida do homem, suas crenças e suas opiniões sejam melhor respeitadas; em que haja menos desgraçados; e, por fim, em que todos os homens de boa vontade estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário*.

Ainda na mesma questão, uma nota de Herculano Pires, tradutor dessa edição dá um passo atrás quando diz que o cristianismo é a única religião, caminho universal para a humanidade, em detrimento de outras formas de manifestações do divino:

> *Será essa a civilização cristã que o Espiritismo estabelecerá na Terra. Como se vê pelas explicações dos Espíritos e os comentários de Kardec, a civilização incompleta em que vivemos é apenas uma fase de transição entre o mundo pagão da Antiguidade e o mundo cristão do Futuro. Nos costumes, na legislação, na religião, na prática dos cultos religiosos vemos a mistura constante dos elementos do paganismo com os princípios renovadores do Cristianismo. Cabe ao Espiritismo a missão de remover esses elementos pagãos para fazer brilhar o espírito cristão em toda a sua pureza*.

O que deduzir do significado de "costumes mais intelectuais do que materiais"? Como interpretar os dizeres de Herculano Pires? O que significa remover os elementos do paganismo? Que elementos são esses? O pensamento de Pires soa flagrantemente colonialista, de uma visão de cristianismo como religião superior. Isso deve ser assim?

Admitir a influência de uma visão colonialista nessa interpretação é fundamental para poder ultrapassá-la, encontrar

uma brecha para pensar a civilização como concepção moral, como acervo de toda a humanidade que progride, estabelecendo leis, costumes, regimes políticos com padrões éticos que se alinhem a solidariedade, ao amor e a paz num diálogo intercultural.

Se considerarmos que a ideia de costume e leis são próprias de cada cultura e tem manifestações históricas próprias, tem o seu próprio processo de transformação, que não é linear para a toda a humanidade, que é diversa. A ética é a capacidade de refletir, a partir de uma interpelação com o outro, elaborar um juízo moral individual e coletivo, pactuar sobre as leis que regem a convivência social.

Por isso é urgente problematizar a ideia de uma escala civilizatória para a humanidade e ultrapassar o orgulho do ocidente. Enfrentar as contradições decorrentes da modernidade capitalista e o modo como produziu a exploração do trabalho, a pobreza, a devastação da natureza, a dizimação de povos originários. Realizar a crítica a racionalidade cientifica que colaborou com lógica utilitarista de quantificação dos resultados e desvalorização da vida. Olhar para traz e para frente, no horizonte do planeta terra, nossa casa comum, para encontrar as saídas para o futuro.

3. Elementos para um pensar decolonial no pensamento espírita

O pensamento decolonial é uma tendencia epistemológicas nas ciências sociais desde a emancipação das colônias africanas, na décadas de 80 e 90 que propõe uma reflexão crítica que propicia uma alternativa aos imperialismos numa "consciência colonial". O decolonial, por sua vez, *É um termo que se opõe ao colonial, que nomeia a lógica subjacente da fundação da civilização ocidental desde o renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos em sido uma dimensão constituinte, embora minimizada*. (Mignolo, 2017 P. 02)

A proposta decolonial é epistemológica, baseada na emancipação, na autodeterminação étnico-racial, na igualdade de gênero, na equidade; contribui para superar o apagamento histó-

rico e cultual de povos originários e milenares que a modernidade tratou como inferior e incivilizado com o seu projeto de poder colonial. Como nova episteme, realiza um corte crítico no colonialismo que ainda se mantém no olhar do cientista e no espírita. É um jeito de ver o outro, sem colocá-lo como objeto de sua produção de saber, podendo dialogar com as alteridades em termos interculturais. Estabelece um esforço crítico de superação do eurocentrismo e o imperialismo capitalista que mantém as desigualdade nas relações regionais e entre as nações.

Como é um viés epistemológico, cria um campo que influencia para vários ramos do conhecimento, seja na filosofia, nas ciências humanas, na teologia, da educação e nesse caminho, também pode influenciar o conhecimento e a prática espirita.

Para conceber a decolonialidade no Espiritismo, se faz necessário aceitar a humanidade em seu sentido amplo, como experiencias reencarnatórias plurais, em contextos diversos, vividos sem a hierarquização de culturas ou pessoas. O conceito de "evolução espiritual" se utilizado para subjugar e oprimir, faz ruir a aliança ética com as propostas de igualdade em Deus presente em todas as religiões. Para isso, é preciso problematizar e rejeitar a ideia de que os evoluídos "herdarão a terra" e o mundo se tornará regerado e espírita, numa espécie de hegemonia doutrinária cristã.

Uma chave para adentrar a decolonialidade é compreender o pressuposto universal de Deus como "pai da humanidade" em suas plurais manifestações. Leon Denis nos diz:

> "*Da paternidade de Deus decorre a fraternidade humana; todas as relações que nos ligam unem-se a esse fato. Deus, pai das Almas, deve ser considerado o Ser consciente por excelência e nunca em grau de abstração. Aqueles que possuem reta consciência e são esclarecidos com o raio do Alto, reconhece Deus e o servem na Humanidade, que é sua filha e sua criação*." (DENIS, Leon p. 43)

Podemos a partir desse pensamento, construir interculturalidade, sem o apagamento das diversas formas de manifestação divina

por meio da solidariedade entre os povos, aceitando o modo como cada um no seu imaginário, relaciona com Deus e com os espíritos.

Os povos originários, por exemplo, têm muito a ensinar aos povos ocidentais sobre a sua relação com a natureza e com o divino, numa integração sagrada uns com os outros seres da criação. Não há na episteme dos povos indígenas uma visão utilitarista de desenvolvimento, mas de usufruto dos bens dado por gaia, a mãe terra, que é um organismo vivo e não uma máquina. Krenak (2020), em suas obras "A vida não é útil" e "Ideias para adiar o fim do mundo" nos alerta para os malefícios da modernidade e sua capacidade de destruição da humanidade.

Uma outra questão que a decolonialidade nos dá é o entendimento que os espíritos se manifestam em várias culturas, em línguas diferentes, com um universo simbólico diferentes. Os espíritos são seres humanos desencarnados ou seres celestiais, para algumas tradições espirituais, que falam a uma cultua, com os elementos do seu imaginário. O *Il Ching*, o *Alcorão*, o *Vedas*, o *Livro dos Mormos*, possuem uma racionalidade própria, um imaginário sobre o homem, Deus e a intervenção dos espíritos. O que *o Livro dos Espíritos* traz é uma aproximação com o imaginário moderno de homem, de Deus e de civilidade. Estabelece uma verdade a partir da ciência e da filosofia com os espíritos comunicantes de seu tempo ou vividos em tempos passados, mas falando para aquele tempo.

Passados mais de cento e sessenta e cinco anos de sua publicação, podemos perguntar se estamos vivendo o momento histórico propicio para fazer novas perguntas que tenham sentido para o século XXI? Se as ideologias racistas própria da colonização estão nos textos de Kardec, o que fazer com essas informações? Aceitamos como válidas, mesmo sem nenhuma legitimidade para os cientistas da atualidade? Passamos a vista direto, sem lhes dá destaque? Como tratá-las?

A atualização das obras ditadas pelos espíritos parece ser um ponto sem consenso no movimento espirita, e é ainda mais

dolorosa para adeptos com uma visão sagrada e dogmática do *Livro dos Espíritos*, sem poder jamais ultrapassar. Muito recentemente, a produção literária no movimento espirita, fora do eixo da Federação Espirita Brasileira – FEB, tem trazido importantes contribuições. São os olhares para as questões sociais atuais e que poderiam ser pensadas por Kardec se ele estive vivendo no tempo presente.

A decolonialidade pode lançar luz as práticas espiritas a partir do pressuposto que a ação e o pensamento perfazem o sentido do fazer espírita conjuntamente. A ação espírita deve ser manifestada com as bases ética do bem comum, do respeito as diferenças dos povos, da democracia, da tolerância e da cultura de paz entre as nações, sem superioridade econômica e ou cultural, estabelecendo a cooperação mútua.

Um fazer espírita que propõe uma pedagogia, ao invés de uma evangelização que cria a caricatura do "evangelizando", depositário de um conhecimento e do "evangelizador" que vem conduzir a uma doutrinação. Os sujeitos participe dos centros espiritas devem ser sujeitos ativos da aprendizagem, com sua bagagem cultura local. Uma pedagogia da autonomia, como ensina Paulo Freire, com os valores da emancipação, da troca de saberes e uma construção partilhada do mundo.

Uma ação fraterna e solidária que supere as práticas assistencialistas que objetifica as pessoas. Perceber o outro não como um "necessitado" ou "assistido", mas como um sujeito de direitos a partir de uma cidadania ativa, transformadora da sociedade rumo a justiça social e a equidade.

Uma espiritualidade viva que integre o sentir, o pensar e o fazer com as bases éticas do cuidado, superando o cartesianismo e as dualidades que delegaram o corpo apenas como depositário do espírito. A possibilidade de uma vivência transcendente que promova o refinamento dos sentidos e integração com a arte e outras expressões da humanidade.

A superação das ideias de meritocracia e capacitismo, muito comum no senso comum espírita, que, de um lado valoriza

o esforço individual, negando o peso da estrutura social sobre o indivíduo que sofre e de outro estagna o sofrimento, como possibilidade de evolução espiritual. Esse debate é complexo, merecedor de uma análise mais profunda, tem sua gênese nas concepções de evolução espiritual.

Por fim, é preciso esclarecer que o pensamento decolonial não nos dá um roteiro pronto para os estudos espiritas, mas aponta para as bases epistemológicas, um jeito de pensar que supere o poder de um conhecimento sobre o outro, a supremacia religiosa, filosófica ou cientifica como dominação. Não é um ponto de chegada, é um ponta pé para outros estudos.

Referências Bibliográficaa:

CAPRA F., **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. 1° edição, Editora Cultrix (1982)

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução ás Ciência da Sociedade**. São Paulo: Moderna, 2010.

DENIS, Leon. **O Grande Enigma**. Rio de Janeiro: FEB, 2019.

FONSECA, Arthur. **O Bastidores dos Livros dos Espíritos.** Revista Superinteressante Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/os-bastidores-do-livro-dos-espiritos/.

KARDEC, Alan. **O livro dos Espiritos**. Tradução de JoséHerculano Pires. Lake: São Paulo, 2013.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. SANTOS.

MINOLO, Walter D. **Colonialidade o lado mais obscuro da modernidade**. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 32 n° 94 –Tradução de Marco Oliveira. 2017.

IMENTEL, Marcelo Gulão. **Entre o Púlpito e o Altar:** Alan Kardec e o debate entre os espiritismo, ciência e religião na França do ´século XIX (1858-1869)

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **As ciências encantadas da macumba**. Mórula: Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Edições Elmedina, Coimbra, 2009.

WEBER, M. **A ciência como vocação**: In: Ensaios de sociologia. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 154-183.

Lei de Progresso: ainda temos o mundo (reino) a ganhar?

Arivaldo Telles Montalvão

Resumo

O presente artigo tem por objetivo relacionar a Lei de Progresso e a possibilidade da construção do Reino que, segundo Herculano Pires, é uma tarefa que não se restringe a apenas a um grupo social seja ele espiritualista ou materialista. Para fazer esse discussão utilizaremos dois braços do Iluminismo. O primeiro deles a doutrina espírita, que, segundo Kardec, entende o progresso como a nossa busca pela perfeição e que só estará completa quando conseguirmos eliminar toda a forma de egoísmo que nos prende a matéria. O segundo desses braços é a teoria crítica da Escola de Frankfurt que analisa o progresso com uma forte desconfiança e que, segundo Adorno, nos prende a ilusão, pois não nos deixa perceber a distinção entre o progresso tecnológico e o progresso humano, já que o primeiro tem sido instrumentalizado para o domínio destrutivo da natureza, como também para a dominação dos povos. Portanto, para a construção do Reino é fundamental que possamos compreender o lado negativo do progresso e que assim possamos nos tonar cada vez mais autônomos e esclarecidos nos livrando de toda a forma de misticismo que insiste em penetrar no movimento espirita federativo.

Palavras Chaves: Progresso, Reino, Kardec, Leon Denis e Adorno.

Introdução

O que é o Iluminismo? Segundo Jorge Grespan (2017), é um repúdio a qualquer forma de sistema rigido e acabado de pensamento, por isso não se pode exigir dele caracteristicas identicas à de outros movimentos intelectuais. Apesar da metáfora da luz ou clareza das ideias, esta aberto e tem sucistado as mais variadas

definições até o tempo presente, pois tem como ponto fundante a atitude crítica o que garante a própria dinâmica das ideias.

O Iluminismo não é considerado a rigor uma escola filosófica, mas uma corrente de pensamento que acredita na capacidade da razão na solução dos problemas. A sua importância significativa não se resume as questões políticas e sociais, mas sobretudo pela sua herança intelectual, tendo como caracteriscitas funadamentais: a capacidade racional e o conhecimento científico; a recusa da tradição: religiosa e do absolutismo; a igualdade e liberdade; e o progresso e civilização universal.

A razão é o elemento que faz a atrticulação entre o progresso entendido como a superação das supertições e a civilização o momento da emancipação humana. Dessa forma, a razão da automnomia da vontade ao homem, o libertando das casualidades da nartureza, ou seja, segundo Kant, o homem atinge a sua mariori-dade, tornando-se um homem esclarecido, ou seja, um homem que não pode ser intimidado e aceitar passivamente as ideias que provem de uma autoridade reconhecida e por ter total idepêndencia diante de toda forma de conhecimento que se julge e apresente como definitiva, portanto, o despertar do sonho dogmiático.

> "No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber." (Adorno/Horkheimer, 1985, p. 17)

A razão se definie como o direito de colocar tudo submeter tudo ao seu exame, ou seja, ao "crivo da razão". É por excelência a radicalização da atitute da supeita diante do dogmatismo que era otimista quanto à possibilidade do homem poder conhecer tudo que o cerca. Isso foi possível graças a ambiguidade do conjunto de ideias que fazia parte desse movimento, o que resultou em tensões responsaveis por essa dinâmica na formulação das ideias, ou seja,

na superação dialética da concepção da unidade das ideias e de uma coerência absoluta.

Portanto, o moviumento Iluminista nasce de um contexto revolucionário, que lhe garantiu o aspecto crítico pelo qual se constituiu e que produziu a primeira grande contestação e recusa ao Absolutismo como forma de governo, que estava associado a usrpação dos direitos tradicionais do povo. Os Iluministas revolucionários consideravam os direitos como sendo próprios e naturais do homem e não como algo cedido por uma autoridade superior. A sua filosofia surge como guardiam desses ditreitos, ou seja, a Revolução Francesa é a própria realização do seu projeto fiulosófico. Ou como diria Bauman, a construção de um sólido mais forte e eficiente que o anterior e que tem como exito fundante a razão e a ciência como construtores do progresso humano.

Razão Iluminista e a Escola de Frankfurt

A ideologia do progresso tem em Hegel a sua grande sintese filosófica da era moderna, que interpretava os acontecimentos históricos como umsa marcha da humanidade em direção a liberdade, ou seja, haveria uma razão unversal astuciosa que garantiria que cada etapa da história das civilizações fosse mais racional que a anterior. A razão e a ciência como partes integrantes das forças produtivas garantiria aos homens um dominio cada vez maior sobre a natureza, portanto, a produção de uma ricaza social cada vez maior que garantiria o bem estar de todos.

Ao longo do século XIX, sobretudo com os positivistas, foi desenvolvida a ideia de um carater neutro doi porgresso, livre de valores e, portanto, estremamente vinculado a peculiar ideia da sociedade industrial de produtividade, em que o valor humano esta ligado aos bens materias em si mesmos. Mas a pergunta que nos cabe fazer, segundo Heberte Marcuse (1955), é produtividade para que? Para o fim em si mesmo, ou seja, para certos tipos de coisas como alimentos, abiotações e etc., que ao invés de favorecer os indivíduos favorecem a "racionalidade instrumental".

> A união de produtividade crescente e destrutiva crescente, o perigo da aniquilação, a capitulação do pensamento e da esperança e temor ante as decisões dos poderes existentes, a preservação da miséria em face a riqueza sem precedentes constituem a mais imparcial acusação [...] sua (da sociedade) impetuosa racionalidade, que impede a eficiência e o crescimento, é irracional em si mesma." (Marcuse, 2015, p.34)

O desenvolvimento técnico e tecnológico é uma fato dado, o que muda segundo Horkheimer, é o direcionamento político dado a utilização desse progresso técnico. No seu texto "Observações sobre ciência e crise", de 1932, vai afirmar que a crise da ciência esta ligada diretamente a crise econômica e que, portanto, se as conquistas tecnológicas não estão voltadas para atender as necessidades humanas é porque a economia não deixa, nesse momento para o autor a ciência e a tecnologia aparecem determinadas pela economia.

Já nos anos 1940, na Dialética do Esclarecimento, vais questionar o sentido da propria ciência, afirmando que a humanidade está se afundando em uma nova espécie de barbárie, o que leva a acreditar que a razão é iseparavél da dominação em um sentido mais amplo, tanta da natureza, quanto do homem sobre o homem. E que o progresso tecxnológico desenvolve formas mais sofiticadas do dominação sem utilização de meios violentes de controle social: A Industria Cultural. Esse insdustria retira do homem a capacidade de crítica e de consciência da realidade social, além de transformar a arte e a cultura em consumo de massa, ou seja, orienta a capacidade tecnica para o consumo e não para a promoção humana.

Aqui podemos fazer uma distinção, segundo Marcuse, entre o progresso técnico e o progresso humano, onde o primeiro é uma condição para o desenrolar do segundo, ou seja, há uma interdependencia entre eles, mas não implica que de fato essa passagem aconteça. Essa pré-condição encontra-se na esfera do devir, como algo que ainda não se deserolou, o que determina uma existância humana administrada e controlada socialmente. Essa sociedade administrada tem como caracteristica principal um

> "novo modo de pensamento e comportamento de respressão a todos os valores aspirações e ideias que não podem ser definidos em termos de operações e atitudes validadas pelas formas dominantes de racionalidade. A consequencia é o enfraquecimento e mesmo o desaparecimento de toda crítica genuinamente racidal, a integração de toda a oposição no sistema estabelecido." (Marcuse, 2015)

Para que o progresso humano deixe de ser uma possibilidade histórica e ganhe materialidade é fundamental que as necessidade humanas sejam desviculadas da esfera do consumo e se voltem para as necessidades do indivíduo, garantindo assim a emancipação humana do dominio do capital. Esse apsecto positivo da filosofia de Marcuse, o permite a pensar na possibilidade de uma sociedade mais justa, anunciada pelo projeto da filosofia iluminista. Libertando o homem do trabalho alienado e a utilização de suas energias para o desenvolviemento criativa das potencialidades humanas.

> "A tese de Marcuse de que o progresso provém de uma determinada organização histórica da dominação que se desenvolve em ciclos, aponta para uma superação do ciclo repressivo do princípio de progresso, uma vez que a modificação repressiva das pulsões que forma o conteúdo essencial do conceito de progresso não é natural, nem historicamente inalterável. Tal modificação possui em si seu limite, se esta é histórica, depois de cumprir sua função e superado a impotência humana e escassez de bens uma sociedade livre se torna uma possibilidade real." (Santos, 2022, p.112)

Segundo Adorno, não podemos confundir esses dois elementos do progresso: o técnico e o humano, mas compreendelos a partir da dialética do progresso, para assim nos livrarmos das possíveis ilusões do mesmo. Isto implica em uma permanente crítica da ideia de progresso sem retira-lo do horizonte histórico, ou seja, o progresso nem sempre é o progresso da própria humanidade. Essa dialética do progresso nos permite ficar atentos ao seu duplo aspecto: ao seu lado negativo, que seria a exiestência de um potencia der desumanização, ou seja, a transformação da alma do homem em coisa, e o seu aspecto positivo, de esperança que as coisas podem ser melhores.

Dessa forma, é preciso recusar toda ilusão retrograda e reacionário de um retorno ao passado e ao mesmo tempo salvar a promessa e o potencial emancipadore do progresso, ou seja, a luta contra toda a injustiça contra a qual o progresso se insurgiu. Portanto, segundo Adorno, é preciso a rejeição de toda a filosofia positiva da história, que implique em um fim pré-estabelecido, recuperando assim o aspecto de crítica iluminista a toda forma de impsição de uma ideia vinda de uma autoridade.

O Espiritismo: Lei de Progresso e a Cosntrução do Reino

A doutrina espírita entende a vida social como sendo parte da natureza humana, pois é nela que desenvolvemos as nossas virtudes, ou seja, todas as faculdades que recebemos da inteligencia suprema e causa primária de todas as coisas. Sendo assim, o isolamento ou reclusão absoluta do mundo é uma fonte poderosa de egoismo, por isso a reforma intima deve sempre está associada a reforma da propria estrutura social que produz e reproduz a desigualde entre os homens.

> "A vida isolada é a vida egoísta, a vida selvagem; a vida em comum é a vida moral, que faz nascer o direito e o dever, a única para a qual o homem foi criado, na qual pode desenvolver suas faculdades, descobrir as leis de justiça que regem as sociedades e os mundos." (Denis, Leon. O Progresso, 2016)

Kardec nos coloca que a superação dessas desigualdade a copanha a marcha do progresso da humanidade e que esta é lenta e gradual, chamando a atenção que não ocorre na mesma velicidade para todos, ou seja, que o progresso completo é horizonte histórico a ser alcançado por toda a humanidade, e que isso será alcançado passo a passo, pois ainda se encontra como uma possibilidade do devir humano.

> "790. A civilização é um progresso, ou, segundo alguns filósofos, uma decadência da Humanidade? Progresso incompleto, pois o homem não passa subitamente da infância à maturidade. 790-a. É razoável condenar-se a civilização?

> Condenai antes os que abusam dela e não a obra de Deus. 791. A civilização se depurará um dia, fazendo desaparecer os males que tenha produzido? Sim, quando a moral estiver tão desenvolvida quanto a inteligência. O fruto não pode vir antes da flor. 792. Porque a civilização não realiza imediatamente todo o bem que ela poderia produzir? Porque os homens ainda não se encontram em condições, nem dispostos a obter esse bem." (Kardec, 2016, p. 297/298)

Dessa forma, segundo Leon Denis (2016), em seu livro "O Progresso", "o progesso é como o oceano, tem seus fluxos e seus refluxos, suas mares altas e baixas, as quias abrangem períodos às vezes seculares". Portanto, não é como muitos homens consideram uma lei fatal e inevital, pois isso feriria a nossa liberdade de escolha, ou seja, a nossa responsabilidade por nossos atos.

O que seria o progresso? Segundo Denis (2016), é a aspiração pelo belo e pelo bem da nossa exitência e isso indicaria que existe em nós um princípio supeior, que nos levaria a destinos mais alto. E seria essa força intima que nos distinguiria dos animais. Já que em termos sociais é a nossa caminhada para estarmnos cada vez mais emn sintonia com a Justiça e a Razão.

É justamente a partir do momento em que passamos a primazia da razão, com o questionamento a toda tipo de supertição e preconceito vindo de uma autoridade externa ao indivíduo, que o homem passa a assumir as redias da sua propria vida e adquire a sua maioridade, tornando assim as suas atitudes cada vez autonomas. Portanto, é desse princípio do livre exame das atitudes e ideias que o livre pensar da modernidade ganha força.

> "A Revolução põe as bases da nova ordem social sobre leis imutáveis da Natureza e sobre os eternos ensinamentos da Razão. Nada de milagres, nem revelações. É na consciência humana que se encontram os princípios que darão autoridade para todos, quando forem proclamados pela vontade nacional e convertidos em leis pelos eleitos do povo." (Denis, Leon. O Progresso, 2016)

É inaugurado nesse momento, segundo Denis (2016), os princípios da igualdade, solidariedade e fraternidade em torno

do qual todos os povos um dia irão se unir como uma grande familia universal, e que por conta disso demarcará um abismo entre duas épocas: a da infância da humanidade, e a sua idade adultal. Pois é neste segundo momento, que a humanidade toma "posse do governo de si mesma", que torna-se possível pensarmos e construirmos uma sociedade democrática cada vez mais racional e livre, ou seja, uma sociedade que garanta verdadeiramente a igualdade entre os homens, já que, segundo Kardec, enquanto houver fome estaremos distante da sociedade baseadas nas leis divinas.

Para isso não basta o combate o depotismo, ou seja, afastar toda forma de tirania e servidão. Mas é de fundamental importâcia, segundo Denis (2016), que cada um der nós trabalhe sem descansar, para um mundo justo e virtuoso, que deve nascer em nós e ganhar vida em uma nova ordem social, para que possa ganhar corações e mentes, possibilitando a construição de consciência honestas e que possam seguir em frente sem fraquejar.

> "Diante das largas perspectivas da imortalidade, diante do espetáculo dos progressos e das ascensões que nos aguardam na escala dos mundos, o que se tornam para nós as misérias da vida atual, as vicissitudes do tempo presente?" (Denis, Leon. O Grande Enigma)

A Doutrina Espírita entende, portanto, a imortalidade como uma cadeia sem fim, que se desenrola de diferentes maneiras para cada um de nós, e que tem por função a conecção entre as nossas diferentes existências, grantindo assim uma solidariedade entre todas as nossas exitências, o que permite que possamos desenvolver todas as nossas faculdades que já possuimos em potencialidade desde as formas mais rudimentares de vida, e que eclodiram no decorrer dos tempos por nossos esforços e lutas.

Dessa forma, passado e presente estão interligados e conectados, e somos nós que devemos preparar o futuro, revelando assim uma lei de solidariedade eterna que une todos os tempos e todos os povos. Mosntrando que tudo se encadeia na vida dos seres e no progresso histórico dos mundos, onde cada geração têm um

papel a cumprir. Assim chegara o momento em que todos os nossos erros que provocam flagelos, guerras e supertições desaparecerão, e um novo saber regenerará o mundo, onde os ideiais de justiça e solidariedade se constituirão como uma grande lei da vida.

O que impede que essa grande lei da vida possa se desenvolver de forma pela é justamente o maior de todos os vícios: o egoismo, já que este é incompatível, segundo Kardec, com a justiça, o amor e a caridade. Destacando que todos os nossos esforços devem ser justamente para a sua erradicação, ou seja, para que possamos nos esclarecer cada vez mais sobre as questões espirituais e darmos menos valor às materias, para que assim também possamos modificar as instituições sociais e as leis que regem a vida em sociedade.

> "916. *Longe de diminuir, o egoísmo cresce com a civilização, que até mesmo, parece, o excita e mantém. Como poderá a causa destruir o efeito?* Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. Era preciso que o egoísmo produzisse muito mal, para que compreensível se fizesse a necessidade de extirpá-lo. Quando se houverem despojado do egoísmo que os domina, os homens viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mútuo da *solidariedade*. Então o forte será o amparo e não o opressor do fraco, e não mais serão vistos homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça. Esse o reinado do bem, que os Espíritos estão incumbidos de preparar." (Kardec, 2016, p. 336)

É de fundamental importância, ou seja, é imperativo para que isto acontece que se ataque o problema de frente e o instrumento decisivo que temos para tal, é a educação, mas não apenas a educação no sentido da instrução, mas sobretudo a educação como chave para o progresso social, uma educação para a emancipação e a construção de sujeitos autônomos no uso do livre pensar e agir em sociedade. Fica claro, portanto, que o egoísmo é o principal empecilho para o progresso humano, pois nos prende aos prazeres efêmeros que os bens terrenos podem nos proporcionar, ou seja, impede que possamos realizar e usufruir de todo aquilo que a civilização possa nos proporcionar.

Dai surge a segunte pergunta:

> "1019- Poderá algum dia implantar-se na Terra o reinado do bem?
>
> O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os Espíritos bons e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo. [...]Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com coragem e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! Preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias." (Kardec, 2016, p. 380/81)

Segundo Herculano Pires, em sua obra *O Reino* (1946), o chamado a construção de uma nova ordem social mais justa e solidaria clama no coração do mundo, e que nós não podemos deixar de atender a tal clamor, pois este faz parte do imperativo do progresso terreno, e é a expressão da própria vontade de Deus. E que a Doutrina Espírita, por conta de sua própria natureza acolhe esse chamado para reconstrução e restruturação da ordem social. E que os espíritas que já superaram toda sorte de preconceitos e hipocrisias do mundo em que vivemos, deve encarar como uma necessidade a transformação das estruturas sociais.

Portanto, a pergunta que surge: Como fazê-lo, entretanto, sem tomarmos o caminho escuso das competições políticas? Em primeiro lugar, opondo-se de forma radical a toda forma de caudilhismo político e messianismo religioso; em segundo lugar, ser o mais amplo, dinâmico e concreto possível, ou seja, agir sobre as causas imediatas que afetem a realidade material dos indivíduos. Portanto, o que leva a uma posição de não apoiar projetos políticos

que contrariem os princípios de um mundo de justiça, amor e caridade que devem nortear a construção do Reino.

> "Urge, portanto, que os espiritas procurem compreender o momento presente, colocando-se à altura das tarefas históricas que lhes pesam sobre os ombros.
>
> Sempre, porém, num espirito da mais ampla fraternidade cristã, sem qualquer espécie de rnessianismo sectário, prontos a colaborar com todos e a aceitar a colaboração de todos." (Pires, Herculano. 1946, pág. 33)

A construção do Reino, dessa forma, é um projeto coletivo e que deve ser assumido por todos os homens de boa vontade, que devem compreender que é uma tarefa árdua e que não ocorrerá do dia para a noite, e que será obra nossa e não se dará por um decreto divino. Portanto, não podem ser usados de qualquer tipo de subterfúgios para tal, e sim a mais profunda franqueza e sinceridade para com todos os problemas sociais e da dificuldade para soluciona-los.

Conclusões

Partindo desse alerta sobre a ideologia do progresso deixada pela Escola de Franckfurt, sobretudo pela sua primeira geração, e da afirmativa de Kardec de que o espiritismo deve andar junto com os avanços da ciência (naquilo que é pertinente a mesma), os franckfurtianos podem nos ajudar a compreender melhor a lei de progresso e retirar esse ideia de um progresso inevitável e que independeria das nossas ações, bastando uma reforma intima desvinculado do mundo social que domina o movimento espírita federativo e evitar que isso contamine o movimento espírita progressita.

Para fazer a aproximação dessas duas correntes filosófica do pensamento e do seu entendimento sobre o progresso, gostaria de partir de um fato concreto recente que é a pandemia da covid-19. Até onde podemos afirmar, o virus entrou em contato com o homem a aprtir de um habito cultural chines de comercialização de animais silvestres para o consumo humano.

Vimos que os franckfurtianos dividem o porgresso em dois momento: tecnológico e humano. Dessa forma, mesmo com todo o avanço tecnológico conquistado pela humandiade, o que nos possibilitou a produção de uma vacina em menos de um ano, isso não garantiou a distribuição igualitaria dessa vacina em todos os continentes, ou seja, o progresso tecnológico estve associado somente a produção e ao lucro, não chegado a todos da mesmo forma e de maneira agil. Nesse caso fica a evidente distorção entrte o progresso tecnológico e a melhora das condições de vida para toda a humanidade, ficando restrita essa melhora a um grupo reduzido de indivíduos.

Essa dicotomia entre os duas etapas do progresso fica evidente quando as pessoas queriam a volta da normalidade, sem compreender que foi justamente essa normalidade que nos levou a pandemia, e poderá nos levar a outras catastrofes ambientais se não mudarmos a nossa relação predatória com a natureza. Qual foi a postura de muitos espíritas frente a isso? Que a humanidade estaria passando por isso para pagar por erros cometidos no passado, ou seja, fazendo uma leitura mecanica da lei de causa e efeito, e que quem morreu é prque precisva desencarnar nesse momento, quase como se fosse a limpeza para a chegada do mundo de provas e espiações.

Portanto, a crença em um progresso inevital a todo custo, não permitiu que pudessem compreender que estão presos a uma ideologia do progresso e não eschergar que muitas vezes esse aparente progresso tecnológico não garante o progresso humano, ou seja, a construção de uma sociedade justa e solidária. E por Kardec ser uma grande desconhecido, não conseguem compreender a lei de progresso em toda a sua profundidade, e quão fundamental é que nos colequemos acima dos nossos interesses pessoais para que a marcha para o progresso possa o correr em toda a sua plenitude, ou seja, que o progresso tecmnológico possa proporcinar o progresso de toda a humanidade, garantindo assim a emancipação humana.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido Antônio de Almeida – 3ª edição – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DENIS, Leon. **O Progresso**. Rio de Janeiro: CELD, 2016.

GRESPAN, Jorge. **Revolução Francesa e Iluminismo**. São Paulo: Contexto, 2017.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. São Paulo: Edicel, 2016.

MARCUSE, H. **Eros e civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud (1955)**. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional: estudo da ideologia da sociedade industrial avançada**. São Paulo: Edipro, 2015)

PIRES, J. Herculano Pires. **O Reino**. São Paulo, 1946.

SANTOS. Carlos Ferreira dos. **Noção de progresso na sociedade moderna, segundo Marcuse**. Tabulæ - Revista de Philosophia. Disponível: https://www.faculdadevicentina.com.br/intranet/revista-tabulae/category/10-revista-tabulae-ano-8-n-15-jul-dez-de-2013 Acesso em 2022.